

XVI

Ao outro dia Amaro, vendo no relógio que tinha à cabeceira que ia chegando a hora da missa, saltou alegremente da cama. E, enfiando o velho paletot que lhe servia de robe-de-chambre, pensava nessa outra manhã em Feirão em que acordara aterrado por ter na véspera, pela primeira vez depois de padre, pecado brutalmente sobre a palha da estrebaria da residência com a Joana Vaqueira. E não se atrevera a dizer missa com aquele crime na alma, que o abafava com um peso de penedo. Considerara-se contaminado, imundo, maduro para o Inferno, segundo todos os santos padres e o seráfico Concílio de Trento. Três vezes chegara à porta da igreja, três vezes recuara assombrado. Tinha a certeza de que, se ousasse tocar na Eucaristia com aquelas mãos com que repanhara os saíotes da Vaqueira, a capela se aluiria sobre ele, ou ficaria paralisado vendo erguer-se diante do sacrário, de espada alta, a figura rutilante de S. Miguel Vingador! Montara a cavalo e trotara duas horas, pelos barreiros de D. João, para ir à Gralheira confessar-se ao bom abade Sequeira... Ah! Era nos seus tempos de inocência, de exagerações piedosas e de terrores noviços! Agora tinha aberto os olhos em redor à realidade humana. Abades, cónegos, cardeais e monsenhores não pecavam sobre a palha da estrebaria, não — era em alcovas cómodas, com a ceia ao lado. E as igrejas não se alufam, e S. Miguel Vingador não abandonava por tão pouco os confortos do Céu!

Não era isso o que o inquietava — o que o inquietava era a Dionísia, que ele ouvia na cozinha, arrumando e tossicando, sem se atrever a pedir-lhe água para a barba. Desagradava-lhe sentir aquela matrona introduzida, instalada no seu segredo. Não duvidava decerto da sua dis-

2: E.] E

4: aterrado] aterrado,

17: Agora] Agora,

do e quando ela pela manhã veio, com os seus modos meigos e misteriosos, nas pontas dos pés, trazer-lhe água para a barba, Amaro olhava-a de revés e esperava que ela falasse. Mas Dionísia parou no meio do quarto e com o seu sorriso doce:

— Oh! meu rico filho, disse, olhe que isto assim não tem jeito. Ontem iam vendo sair daqui a pequena!

O padre Amaro ficou corado, embaraçado e disse vagamente:

— Viram?

— Iam vendo, não viram. Era uma malta com uma guitarra. Isto não pode ser, menino!

— É verdade, é! disse o padre.

Mas de repente encheu-se de coragem e de resolução, abriu-se com a Dionísia e pediu-lhe conselhos: queria ver Amélia todos os dias, porque estava doído por ela! E dizia a sua paixão a Dionísia, exaltava-se; não receava o escândalo: que o suspendessem! Fugiria com ela! E passeava pelo quarto em mangas de camisa, com grandes gestos e a toalha na mão.

— Mas valha-o Deus, homem... Que criatura! Oiça cá. Tudo se faz com modos. A gente fala, fala, mas lá vem um dia em que se arrepende. As coisas fazem-se pelo calado.

E citava exemplos, datas, nomes, falando nas suas desgraças e a todo o momento tocava no braço do padre, chamava-lhe *menino!*

— Mas olhe então, tia Dionísia, arranje isso... Que diabo! Você deve saber!

E Amaro, indo à gaveta, rebuscou e meteu-lhe meia libra na mão:

— É para umas botas para a sua pequena.

— Seja pelo amor de Deus, filho... murmurou Dionísia levando o

44-59: a pequena! [...] rebuscou e meteu-lhe

59-60: mão: // — É para umas botas para a sua pequena. // — Seja

60-93: filho... [...] É um poço!

crição, era o seu *ofício*; e algumas meias libras manteriam a sua fidelidade. Mas repugnava ao seu pudor de padre saber que aquela velha concubina de autoridades civis e militares, que rolara a sua massa de gordura por todas as torpezas seculares da cidade, conhecia as suas fragilidades, as concupiscências que lhe ardiam sob a batina de pároco. Preferiria que fosse o Silvério ou Natário que o tivesse visto na véspera, todo inflamado: era entre sacerdotes, ao menos!... E o que o incomodava era a ideia de ser observado por aqueles olhinhos cínicos, que não se impressionavam nem com a austeridade das batinas nem com a respeitabilidade dos uniformes, porque sabiam que por baixo estava igualmente a mesma miséria bestial da carne...

— Acabou-se, pensou, dou-lhe uma libra e imponho-a.

Nós de dedos bateram discretamente à porta do quarto.

— Entre! disse Amaro sentando-se logo, curvando-se vivamente sobre a mesa, como absorvido, abismado nos seus papéis.

A Dionísia entrou, pousou o púcaro da água sobre o lavatório, tossiu, e falando sobre as costas de Amaro:

— Ó senhor pároco, olhe que isto assim não tem jeito. Ontem iam vendo sair daqui a pequena. É muito sério, menino... Para bem de todos é necessário segredo!

Não, não a podia impor! A mulher estabelecia-se, à força, na sua confiança. Aquelas palavras mesmo, murmuradas com medo das paredes, revelando uma prudência de ofício, mostravam-lhe a vantagem duma cumplicidade tão experiente.

Voltou-se na cadeira, muito vermelho.

— Iam vendo, hem?

— Iam vendo. Eram dois bêbedos... Mas podiam ser dois cavalheiros.

— É verdade.

— E na sua posição, senhor pároco, na posição da pequena!... Tudo se deve fazer pelo calado... Nem os móveis do quarto devem saber! Em coisas que eu protejo, exijo tanta cautela como se se tratasse de morte!

Amaro então decidiu-se bruscamente a aceitar a *protecção* da Dionísia. Rebuscou num canto da gaveta, meteu-lhe meia libra na mão.

— Seja pelo amor de Deus, filho, murmurou ela.

52: Eram dois] Eram dous / ser dois] ser dous

56-7: Em coisas] Em cousas

avental aos olhos — gesto patético que fazia sempre que lhe davam dinheiro. Mas sorrindo logo, baixo, com os olhos maliciosos: — A mim lembrava-me uma coisa, não sei se digo alguma tolice...

— Então?

— Podia ser em casa do sineiro.

— Ah! disse o padre Amaro batendo na testa, tem razão! É verdade!

E recordavam, combinando, a disposição dos lugares: o quarto das vestimentas, ao pé da sacristia, tinha uma porta que dava para uma espécie de pátio onde havia madeiras, pedras e um barracão em construção; e do outro lado eram justamente as traseiras da casa do sineiro. A porta da cozinha dele abria também para esse pátio.

— O menino, dizia a Dionísia, entra para a sacristia, passa pelo quarto das vestimentas, atravessa o pátio, abre a porta da cozinha do sineiro e zás... Está no ninho!

— Mas ela, tia Dionísia?

— Ela vai rezar à Sé, entrando pela porta principal, está um momento, sai pela porta do coro em cima e vai de volta pelo adro entrar em casa do sineiro. Ali não há casas, não passa ninguém, é um ermo.

A casa do sineiro, com efeito, era encostada às construções da Sé e a porta abria sobre uns terrenos vagos onde havia alguns olmeiros.

Amaro hesitava:

— Mas o sineiro?

— Quem? O tio Esguelhas? disse a Dionísia. Pode confiar-lhe o maior segredo. É um poço!

Logo nessa tarde, com efeito, Amaro encontrou o sineiro no adro e falou-lhe.

— Bem; e agora, Dionísia, que lhe parece? perguntou ele recostado na cadeira, esperando os conselhos da matrona.

Ela disse muito naturalmente, sem afectação de mistério ou de malícia:

65 — A mim parece-me que para ver a pequena não há como a casa do sineiro!

— A casa do sineiro!?

Ela recordou-lhe, muito tranquilamente, a excelente disposição do sítio. Um dos quartos ao pé da sacristia, como ele sabia, dava para um
70 pátio onde se tinha feito um barracão no tempo das obras. Pois bem, justamente do outro lado eram as traseiras da casa do sineiro... A porta da cozinha do tio Esguelhas abria para o pátio: era sair da sacristia, atravessá-lo, e o senhor pároco estava no ninho!

— E ela?

75 — Ela entra pela porta do sineiro, pela porta da rua que dá para o adro. Não passa vivalma, é um ermo. E se alguém visse, nada mais natural, era a menina Amélia que ia dar um recado ao sineiro... Isto, já se vê, é ainda pelo alto, que o plano pode-se aperfeiçoar...

80 — Sim, compreendo, é um esboço, disse Amaro que passeava pelo quarto reflectindo.

— Eu conheço bem o sítio, senhor pároco, e creia o que lhe digo: para um senhor eclesiástico que tem o seu arranjinho, não há melhor que a casa do sineiro!

Amaro parou diante dela, rindo, familiarizando-se:

85 — Ó tia Dionísia, diga lá com franqueza: não é a primeira vez que você aconselha a casa do sineiro, hem?

Ela então negou, muito decisivamente. Era homem que nem conhecia, o tio Esguelhas! Mas tinha-lhe vindo aquela ideia de noite, a malucara na cama. Pela manhã cedo fora examinar o sítio, e reconhecera que estava
90 a calhar.

Tossicou, foi-se aproximando sem ruído da porta; e voltando-se ainda, com um último conselho:

— Tudo está em que Vossa Senhoria se entenda bem com o sineiro.

Era isso agora o que preocupava o padre Amaro.

61: ele] ele,

63: disse] disse,

75: — Ela entra] — Ela entre

79: Amaro] Amaro,

O tio Esguelhas tinha quase cinquenta anos; uma bala levara-lhe uma perna andando à caça, em novo. Era extremamente folgazão e frequentava as tavernas. Todos se riam com os seus gracejos, as suas cantigas, a gesticulação violenta da sua muleta. Mas não se riam a mal, porque o tio Esguelhas era um homem de palavras violentas e de pancadas prontas. No entanto era sensível e condoído; às vezes recolhia crianças miseráveis que pediam; um dia chegou a ter três em casa. Chamava-lhes *os seus ratos*. Quase nunca tinha dinheiro e quando não podia beber repicava os sinos. — O tio Esguelhas está em jejum — di-

95 O tio Esguelhas passava na Sé, entre os serventes e os sacristães, por um *macambúzio*. Tinha uma perna cortada e usava muleta; e alguns sacerdotes, que desejariam o emprego para os seus protegidos, sustentavam mesmo que aquele defeito o tornava, segundo a Regra, impróprio para o serviço da Igreja. Mas o antigo pároco José Miguéis, em obediência ao senhor bispo, conservara-o na Sé, argumentando que o trambolhão desastroso que motivara a amputação fora na torre, numa ocasião de festa, colaborando no culto: *ergo* estava claramente indicada a intenção de Nosso Senhor em não prescindir do tio Esguelhas. E quando Amaro tomara conta da paróquia, o coxo valera-se da influência da S. Joaneira e de Amélia para conservar, como ele dizia, a *corda do sino*. Era além disso (e fora a opinião da Rua da Misericórdia) uma obra de caridade. O tio Esguelhas, viúvo, tinha uma filha de quinze anos parálitica, desde pequena, das pernas. «O Diabo embirrou com as pernas da família», costumava dizer o tio Esguelhas. Era decerto esta desgraça que lhe dava uma tristeza taciturna. Contava-se que a rapariga (cujo nome era Antónia, e que o pai chamava Totó) o torturava com perrices, frenesis, caprichos abomináveis. O doutor Gouveia declarara-a *histérica*: mas era uma certeza, para as pessoas de bons princípios, que a Totó estava *possuída do Demónio*. Houvera mesmo o plano de a exorcismar: o senhor vigário-geral, porém, sempre assustado com a imprensa, hesitara em conceder a permissão ritual, e tinham-lhe feito apenas, sem resultado, as aspersões simples de água benta. De resto não se sabia a natureza do *endemoninhamento* da parálitica: a sr.^a D. Maria da Assunção ouvira dizer que consistia em uivar como um lobo; a Gansosinho, em outra versão, assegurava que a desgraçada se dilacerava com as unhas... O tio Esguelhas, esse, quando lhe perguntavam pela rapariga, respondia secamente:

— Lá está.

Os intervalos do seu serviço da igreja passava-os todos com a filha no casebre. Só atravessava o largo para ir à botica por algum remédio, ou comprar bolos à confeitaria da Teresa. Todo o dia aquele recanto da Sé, o pátio, o barracão, o alto muro ao lado coberto de parietárias, a casa ao fundo com a sua janela de portada negra numa parede lazeirenta, permaneciam num silêncio, numa sombra húmida: e os meninos do coro, que às vezes se arriscavam a ir pé ante pé, pelo pátio, espreitar o tio Esguelhas, viam-no invariavelmente curvado à lareira, com o cachimbo na mão, cuspilhando tristemente para as cinzas.

Costumava todos os dias respeitosamente ouvir a missa do senhor pároco. E Amaro, nessa manhã, ao revestir-se, sentindo-lhe nas lájeas do

zia-se então no bairro, quando nos dias alegres e claros do Inverno se ouviam os sinos lançarem grandes *tlins-tlins* joviais e sacudidos. O seu amigo íntimo era o coveiro. Às vezes ia ao casebre dele, à beira do cemitério, fazer merendas. À noite, à candeia, lia as *Aventuras de Carlos Magno* e dos *Doze pares de França*. Tinha tomado uma grande afeição a Amaro e dizia sempre: — Por ele era capaz de perder a outra perna!

135 pátio a muleta, ia já ruminando a sua história — porque não podia pedir
ao tio Esguelhas o uso do seu casebre sem explicar, de algum modo, que
o desejava para um serviço religioso... E que serviço, a não ser preparar,
em segredo e longe das oposições mundanas, alguma alma terna para o
convento e para a santidade?

Ao vê-lo entrar na sacristia, deu-lhe logo uns «bons-dias» amáveis.
140 Achou-lhe uma bela cara de saúde! Também não admirava — porque,
segundo todos os santos padres, a frequência dos sinos, pela virtude
particular que lhes comunica a consagração, dão uma alegria e um bem-
-estar especiais. Contou então com bonomia ao tio Esguelhas e aos dois
sacristães que, quando era pequeno, em casa da senhora marquesa de
145 Alegros, o seu grande desejo era ser um dia sineiro...

Riram muito, extasiando-se com a pilhéria de Sua Senhoria.

— Não se riam, é verdade. E não me ficava mal... Noutros tempos
eram clérigos de ordens menores que tocavam os sinos. Os nossos santos
padres consideram-nos um dos meios mais eficazes da piedade. Lá disse
150 a glosa pondo o verso na boca do sino:

*Laudo Deum, populum voco, congrego clerum,
Defunctum ploro, pestem fugo, festa decoro...*

O que quer dizer, como sabem: *Louvo a Deus, chamo o povo, congrego
o clero, choro os mortos, afugento as pestes, alegre as festas.*

155 Citava a glosa com respeito, já revestido de amicto e alva, no meio
da sacristia; e o tio Esguelhas empertigava-se sobre a sua muleta àquelas
palavras que lhe davam uma autoridade e uma importância imprevista.

O sacristão tinha-se aproximado com a casula roxa. Mas Amaro não
terminara a glorificação dos sinos; — explicou ainda a sua grande virtu-
160 de em dissipar as tempestades (apesar do que dizem alguns sábios pre-
-sunçosos), não só porque comunicam ao ar a unção que recebem da
bênção, mas porque dispersam os demónios que erram entre os vendavais
e os trovões. O santo Concílio de Milão recomenda que se toquem os
sinos sempre que haja tormenta...

165 — Em todo o caso, tio Esguelhas, acrescentou sorrindo com solici-
tude pelo sineiro, aconselho-lhe que nesses casos é melhor não se arriscar.
Sempre é estar no alto, e perto da trovoada... Vamos a isso, tio Matias.

143: aos dois] aos dois

147: tempos] tempos,

150: glosa] glosa,

O padre Amaro viera ter com ele, sorrindo, com aspecto afável.

— Cobre-te, cobre-te. Vinha aqui falar contigo para uma coisa.

— Pronto, meu senhor!

E o tio Esguelhas agitava-se sobre a muleta.

— Ouve. Há aí uma pessoa que quer ir para freira, lá para o estrangeiro.

— Bem tola! murmurou o sineiro.

— Ouve lá!

E então Amaro, baixo, explicava-lhe que aquilo era proibido; que os padres que atraíam as mulheres àquela profissão tinham um crime.

— Cáspite! disse o tio Esguelhas.

E Amaro ajuntou que andava a educar uma menina para ela professor em França; que o não podia fazer em casa dela porque os pais opunham-se; que o não queria fazer na igreja, onde havia publicidade...

E recebeu sobre os ombros a casula, murmurando com muita compostura:

170 — *Domine, quis dixisti jugum meum...* Aperte mais os cordões por trás, tio Matias. *Suave est, et onus meum leve...*

Fez uma cortesia à imagem e entrou na igreja, na atitude da rubrica, de olhos baixos e corpo direito; enquanto o Matias, depois de ter também saudado com um raspão de pé o Cristo da sacristia, se apressava com as galhetas, tossindo forte para clarear a garganta.

180 Durante toda a missa, ao voltar-se para a nave, no *Ofertório* e ao *Orate fratres*, o padre Amaro dirigia-se sempre (por uma benevolência que o ritual permite) para o sineiro, como se o Sacrifício fosse por sua intenção particular; — e o tio Esguelhas com a sua muleta pousada ao lado, abismava-se então numa devoção mais respeitosa. Mesmo ao *Benedicat*, depois de ter começado a bênção voltado para o altar para recolher do Deus vivo o depósito da Misericórdia, terminou-a, virando-se devagar para o tio Esguelhas especialmente, como para lhe dar a ele só as Graças e Dons de Nosso Senhor!

185 — E agora, tio Esguelhas, disse-lhe baixo ao entrar na sacristia, vá-me esperar ao pátio que temos que conversar.

Não tardou a vir ter com ele, com uma face grave que impressionou o sineiro.

190 — Cubra-se, cubra-se, tio Esguelhas. Pois eu venho falar-lhe dum caso sério... Verdadeiramente pedir-lhe um favor...

— Oh, senhor pároco!

195 Não, não era um favor... Porque, quando se tratava do serviço de Deus, todos tinham o dever de concorrer na proporção das suas forças... Tratava-se duma menina que se queria fazer freira. Enfim, para lhe provar a confiança que tinha nele, ia-lhe dizer o nome...

— É a Ameliuzinha da S. Joaneira!

— Que me diz, senhor pároco?!

— Uma vocação, tio Esguelhas! Vê-se o dedo de Deus! É extraordinário...

200 Contou-lhe então uma história difusa que ia forjando laboriosamente, segundo as sensações que imaginava ver na face pasmada do sineiro. A rapariga desgostara-se da vida, com as desavenças que tivera com o noivo. Mas a mãe, que estava velha, que a necessitava para o governo da casa, não queria consentir, supondo que era uma veleidade... Mas não, era

200: difusa] difusa,

- Está visto, disse o sineiro.
- Ora se tu deixasses eu levava-a lá para a tua casa, ninguém a via. Percebes?
- Oh! sr. pároco, eu, a casa, está tudo às suas ordens.
- Bem vês, é no interesse da religião!
- Já se deixa ver!
- A rapariga tem vocação. Parece que é Deus que...
- Está claro, é andar!

205 vocação... Ele sabia-o... Infelizmente, quando havia oposição, a conduta do sacerdote era muito delicada... Todos os dias os jornais ímpios (e infelizmente era a maioria!) gritavam contra as influências do clero... As autoridades, mais ímpias que os jornais, punham obstáculos... Havia leis terríveis... Se soubessem que ele andava a instruir a menina para profes-
 210 sar, ferravam-no na cadeia! Que queria o tio Esguelhas?... Impiedade, ateísmo do tempo! Ora, ele necessitava ter com a pequena muitas e muitas conferências: para a experimentar, para conhecer as suas disposições, ver bem se é para a Solidão que ela tem jeito, ou para a Penitência, ou para o serviço dos enfermos, ou para a Adoração Perpétua, ou para o ensino...
 215 Enfim, estudá-la por dentro e por fora.

— Mas onde? exclamou, abrindo os braços como na desolação dum santo dever contrariado. Onde? Em casa da mãe não pode ser, já andam desconfiados. Na igreja impossível, era o mesmo que na rua. Em minha casa, já vê, menina nova...

220 — Está claro.

— De modo que, tio Esguelhas... E estou certo que você mo há-de agradecer... Pensei na sua casa...

— Oh, senhor pároco, acudiu o sineiro, eu, a casa, os trastes, está tudo às ordens!

225 — Bem vê, é no interesse daquela alma, é um regozijo para Nosso Senhor...

— E pra mim, senhor pároco, e pra mim!

O que o tio Esguelhas receava é que a casa não fosse decente e não tivesse as comodidades...

230 — Ora! fez o padre sorrindo, num renunciamento de todos os confortos humanos. Contanto que haja duas cadeiras e uma mesa para pôr o livro da oração...

De resto, por outro lado, dizia o sineiro, lá como sítio retirado e casa sossegada estava a preceito. Ficavam ali, ele e a menina, como os monges no deserto. Nos dias em que o senhor pároco viesse, ele saía a dar o seu giro. Na cozinha não poderiam acomodar-se, porque o quartito da pobre Totó era ao pé... Mas tinham o quarto dele, em cima.

O padre Amaro bateu com a mão na testa. Não se lembrara da parálitica!

240 — Isso estraga-nos o arranjinho, tio Esguelhas! exclamou.

231: mesa para] mesa pra

E tinham então combinado: o sineiro sairia, deixaria a porta da cozinha cerrada e a porta que abria para os terrenos vagos na aldrava...

— Há-de-se fazer a coisa bem, disse o sineiro.

— E disto... murmurou o padre fechando os lábios com os dedos!

— Mau! exclamou o sineiro com um grande gesto de fidelidade. Isso nem se recomenda, sr. pároco!

E foi assim que o padre Amaro e Amélia se viram livremente.

Mas o sineiro tranquilizou-o, vivamente. Estava agora todo interessado naquela conquista duma noiva para Nosso Senhor; queria por força que o seu telhado abrigasse a santa preparação da alma da menina... Talvez lhe atraísse a ele a piedade de Deus! Mostrou com calor as vantagens, as facilidades da casa. A Totó não embaraçava. Não se mexia da cama. O senhor pároco entrava pela cozinha do lado da sacristia, a menina vinha pela porta da rua: subiam, fechavam-se no quarto...

— E ela que faz, a Totó? perguntou o padre Amaro, hesitando ainda.

Coitadita, para ali estava... Tinha manias: ora fazia bonecas e apaixonava-se por elas a ponto de ter febre; outros dias passava-os num silêncio medonho com os olhos cravados na parede. Mas às vezes estava alegre, palrava, chalaceava... Uma desgraça!

— Devia-se entreter, devia ler, disse o padre Amaro para mostrar interesse.

O sineiro suspirou. Não sabia ler, a pequena, nunca quisera aprender. Era o que ele lhe dizia — se pudesses ler já te não pesava tanto a vida! Mas então? Tinha horror a aplicar-se... O senhor padre Amaro devia ter a caridade de a persuadir, quando viesse a casa...

Mas o pároco não o escutava, todo abismado numa ideia que lhe alumiar a face dum sorriso. Achara subitamente a explicação natural a dar à S. Joaneira e às amigas das visitas de Amélia a casa do sineiro: era a ensinar a ler a paralítica! A educá-la! A abrir-lhe a alma às belezas dos livros santos, da história dos mártires e da oração!...

— Está decidido, tio Esguelhas, exclamou, esfregando as mãos de júbilo. É em sua casa que se há-de fazer da rapariga uma santa. E disto — e a sua voz deu um grave profundo — um segredo inviolável!

— Oh, senhor pároco! fez o sineiro, quase ofendido.

— Conto consigo! disse Amaro.

Veio logo à sacristia escrever um bilhete, que devia passar em segredo a Amélia, em que lhe explicava detalhadamente «o arranjinho que fizera para gozarem novas e divinas felicidades». Prevenia-a que o pretexto para ela vir todas as semanas a casa do sineiro devia ser a educação da paralítica: ele mesmo o proporia à noite em casa da mamã. «Que nisto», dizia, «há alguma verdade, pois seria grato a Deus que se alumiasse com uma boa instrução religiosa as trevas daquela alma. E matamos assim, querido anjo, dois coelhos com uma só cacheirada!»

251: medonho] medonho.

273: noite] noite.

276: anjo, dois] anjo, dois

Depois entrou em casa. Como se sentou regaladamente à mesa do almoço, com um contentamento pleno de si, da vida e das doces facilidades que nela encontrava! Ciúmes, dúvidas, torturas do desejo, solidão da carne, tudo o que o consumira meses e meses, além na Rua da Misericórdia e ali na Rua das Sousas, passara. Estava enfim instalado à larga na felicidade! E recordava, abismado num gozo mudo, com o garfo esquecido na mão, toda aquela meia hora da véspera, prazer por prazer, ressaboreando-os mentalmente um a um, saturando-se da deliciosa certeza da posse — como o lavrador que percorre a leira de terra adquirida que os seus olhos invejaram muitos anos. Ah, não tomaria a olhar de lado, com azedume, os cavalheiros que passeavam na Alameda com as suas mulheres pelo braço! Também ele agora tinha uma, toda sua, alma e carne, linda, que o adorava, que usava boas roupas brancas, e trazia no peito um cheirinho de água-de-colónia! Era padre, é verdade... Mas para isso tinha o seu grande argumento: é que o comportamento do padre, logo que não dê escândalo entre os fiéis, em nada prejudica a eficácia, a utilidade, a grandeza da religião. Todos os teólogos ensinam que a ordem dos sacerdotes foi instituída para administrar os sacramentos; o essencial é que os homens recebam a santidade interior e sobrenatural que os sacramentos contêm; e contanto que eles sejam dispensados segundo as fórmulas consagradas, que importa que o sacerdote seja santo ou pecador? O sacramento comunica a mesma virtude. Não é pelos méritos do sacerdote que eles operam, mas pelos méritos de Jesus Cristo. O que é baptizado ou ungido, ou seja por mãos puras ou por mãos torpes, fica igualmente bem lavado da mácula original, ou bem preparado para a vida eterna. Isto lê-se em todos os santos padres, estabeleceu-o o seráfico Concílio de Trento. Os fiéis nada perdem, na sua alma e na sua salvação, com a indignidade do pároco. E se o pároco se arrepende à hora extrema, também se lhe não fecham as portas do Céu. Logo em definitiva tudo acaba bem, e em paz geral... — E o padre Amaro, raciocinando assim, sorvia com prazer o seu café.

A Dionísia, ao fim do almoço, veio saber, muito risonha, se o senhor pároco falara ao tio Esguelhas...

— Falei por alto, disse ele ambiguamente. Não há nada decidido... Roma não se construiu num dia.

— Ah! fez ela.

277: Depois] Depois,

305: [em definitiva: conforme 1889 e também 1890]

E recolheu-se à cozinha, pensando que o senhor pároco mentia como um herege. Também, não se importava... Nunca gostara de arranjos com os senhores eclesiásticos; pagavam mal, e suspeitavam sempre...

E mesmo ouvindo Amaro que saía, correu à escada a dizer-lhe — que enfim, ela tinha a olhar pela sua casa, e quando o senhor pároco tivesse arranjado criada...

— A sr.^a D. Josefa Dias anda-me a tratar disso, Dionísia. Espero ter alguém amanhã. Mas você apareça... Agora que somos amigos...

— Quando o senhor pároco quiser é chamar-me da janela para o quintal, disse ela do alto da escada. Para tudo que precisar. De tudo sei um bocadinho, até de desarranjos e de partos... E neste ponto posso até dizer...

Mas o padre não a escutava: atirara com a porta de repelão, fugindo, indignado daquela utilidade torpe assim brutalmente oferecida.

Foi daí a dias que ele falou em casa da S. Joaneira da filha do sineiro.

Na véspera dera o bilhete a Amélia; e nessa noite, enquanto na sala se galrava alto, aproximara-se do piano, onde Amélia, com os dedos preguiçosos, corria escalas, e abaixando-se para acender o cigarro à vela, murmurara:

— Leu?

— Ótimo!

Amaro recolheu logo ao grupo das senhoras, onde a Gansoso estava contando uma catástrofe que lera num jornal, sucedida em Inglaterra: uma mina de carvão que desabara, sepultando cento e vinte trabalhadores. As velhas arrepiavam-se horrorizadas. A Gansoso então, gozando o efeito, acumulou loquazmente os detalhes: a gente que estava fora esforçara-se por desatulhar os infelizes; ouviam-se-lhes em baixo os gemidos e os *ais*; era ao lusco-fusco; havia uma tormenta de neve...

— Desagradável! rosnou o cônego, aconchegando-se na sua poltrona, gozando o calor da sala e a segurança dos tectos.

A sr.^a D. Maria da Assunção declarou que todas essas minas, essas máquinas estrangeiras lhe causavam medo. Vira uma fábrica ao pé de Alcobaça, e parecera-lhe uma imagem do Inferno. Estava certa que Nosso Senhor não as via com bons olhos...

— É como os caminhos de ferro, disse D. Josefa. Tenho a certeza que foram inspirados pelo Demónio! Não o digo a rir. Mas vejam aqueles uivos, aquele fogaracho, aquele fragor! Ai, arrepia!

350 O padre Amaro galhofou, assegurando à sr.^a D. Josefa que eram ricamente cómodos para andar depressa! Mas, tornando-se logo sério, acrescentou:

— Em todo o caso é incontestável, que há nessas invenções da ciência moderna muito do Demónio. E é por isso que a nossa Santa Igreja
355 as abençoa, primeiro com orações e depois com água benta. Hão-de saber que é o costume. Com água benta para lhes fazer o exorcismo, expulsar o Espírito Inimigo: e com orações para as resgatar do pecado original que não só existe no homem, mas nas coisas que ele constrói. É por isso que se benzem e se purificam as locomotivas... Para que o Demónio não se
360 possa servir delas para seu uso.

D. Maria da Assunção quis imediatamente uma explicação. Como era a maneira usual de o Inimigo se servir dos caminhos de ferro?

O padre Amaro esclareceu-a, com bondade. O Inimigo tinha muitas maneiras, mas a habitual era esta: fazia descarrilar um trem de modo que
365 morressem passageiros, e como essas almas não estavam preparadas pela extrema-unção, o Demónio ali mesmo, zás, apoderava-se delas!

— É de velhaco! rosnou o cônego, com uma admiração secreta por aquela manha tão hábil do Inimigo.

370 Mas D. Maria da Assunção abanou-se langorosamente, com o rosto banhado num sorriso de beatitude:

— Ai, filhas! dizia pausadamente para os lados, a nós é que não nos sucedia isso... Que não nos pilhava desprevenidas!

Era verdade; e todas gozaram um momento aquela certeza deliciosa de estarem preparadas, de poderem lograr a malícia do Tentador!

375 O padre Amaro então tossiu como para preparar as vias, e apoiando as duas mãos sobre a mesa, num tom de prática:

— É necessário muita vigilância para conservar de longe o Demónio. Ainda hoje eu estava a pensar nisso (foi mesmo a minha meditação) a respeito de um caso bem triste que tenho lá ao pé da Sé... É a filha
380 do sincero.

356: benta] benta.

358: nas coisas] nas cousas

As senhoras tinham chegado as cadeiras, bebendo-lhe as palavras, numa curiosidade subitamente excitada, esperando ouvir a história picante de alguma façanha de Satanás. E o pároco continuou com uma voz a que o silêncio em redor dava solenidade:

385 — Ali está aquela rapariga, todo o santo dia, pregada na cama! Não sabe ler, não tem devoções habituais, não tem o costume da meditação; é por consequência, para empregar a expressão de S. Clemente — *uma alma sem defesa*. O que sucede? Que o Demónio, que ronda constantemente e não perde dentada, estabelece-se ali como em sua casa! Por isso,
390 como me dizia hoje o pobre tio Esguelhas, são frenesis, desesperos, furores sem razão... Enfim o pobre homem tem a vida estragada.

— E a dois passos da igreja do Senhor! exclamou D. Maria da Assunção, indignada daquela impudência de Satanás, instalando-se num corpo, num leito, que apenas a estreiteza do pátio separava dos contra-
395 fortes da Sé.

Amaro acudiu:

— Tem a D. Maria razão. O escândalo é enorme. Mas então? Se a rapariga não sabe ler! Se não sabe uma oração, se não tem quem a instrua, quem lhe leve a palavra de Deus, quem a fortifique, quem lhe en-
400 sine o segredo de frustrar o Inimigo!...

Ergueu-se animado, deu alguns passos pela sala, de ombros vergados, numa mágoa de pastor a quem uma força desproporcional arrebatava uma ovelha amada. E, exaltado pelas suas palavras, sentia, com efeito, uma piedade que o invadia, uma compaixão verdadeira por aquela pobre criatura, a quem a falta de consolações devia tornar mais intensa a agonia da imobilidade...
405

As senhoras olhavam-se, magoadas com aquele caso triste de abandono de alma, — sobretudo pela dor que ele parecia trazer ao senhor pároco.

A sr.^a D. Maria da Assunção, que percorria em imaginação o abundante arsenal da devoção, lembrara logo que se lhe pusessem alguns santos à cabeceira, como S. Vicente, Nossa Senhora das Sete Chagas... Mas o silêncio das amigas exprimiu bem a insuficiência daquela galeria devota.
410

— As senhoras dir-me-ão talvez, disse o padre Amaro sentando-se de novo, que se trata apenas da filha do sineiro. Mas é uma alma! É uma
415 alma como as nossas!

— Todos têm direito à graça do Senhor, disse o cónego gravemente, num sentimento de imparcialidade, admitindo a igualdade das classes logo que não se tratava de bens materiais e apenas dos confortos do Céu.

— Pra Deus não há pobre nem rico, suspirou a S. Joaneira. Antes pobre, que dos pobres é o Reino do Céu!

— Não, antes rico, acudiu o cónego, estendendo a mão para deter aquela falsa interpretação da lei divina. Que o Céu também é para os ricos. A senhora não compreende o preceito. *Beati pauperes*, benditos os pobres, quer dizer que os pobres devem-se achar felizes na pobreza; não desejarem os bens dos ricos; não quererem mais que o bocado de pão que têm; não aspirarem a participar das riquezas dos outros, sob pena de não serem benditos. É por isso, saiba a senhora, que essa canalha que prega que os trabalhadores e as classes baixas devem viver melhor do que vivem, vai de encontro à expressa vontade da Igreja e de Nosso Senhor, e não merece senão chicote, como excomungados que são! Uf!

E estirou-se, extenuado de ter falado tanto. O padre Amaro, esse, permanecia calado, com o cotovelo sobre a mesa, esfregando devagar a testa. Ia lançar a sua ideia, como vinda duma inspiração divina, propor que fosse Amélia levar uma educação devota à triste paralítica... E hesitava supersticiosamente diante do seu motivo todo carnal, todo de concupiscência. A filha do sineiro aparecia-lhe agora, exageradamente, abismada numa treva de agonia. Sentia toda a caridade que haveria em consolá-la, entretê-la, fazer-lhe os dias menos amargos... Esta acção redimiria decerto muitas culpas, encantaria Deus, se fosse feita num puro espírito de fraternidade cristã! Vinha-lhe uma compaixão sentimental de bom rapaz por aquele miserável corpo pregado numa cama, sem nunca ver o sol nem a rua... E ali estava embaraçado, naquela piedade que o invadia, sem se decidir, coçando a nuca, arrependido quase de ter falado às senhoras da Totó...

Mas D. Joaquina Gansoso tivera uma ideia:

— Ó senhor padre Amaro, se se lhe mandasse aquele livro com pinturas de vidas dos santos? Eram pinturas que edificavam. A mim tocavam-me a alma... Não és tu que o tens, Amélia?

— Não, disse ela, sem erguer os olhos da costura.

Amaro então olhou-a. Tinha-a quase esquecido. Estava agora do outro lado da mesa, abainhando um esfregão: a risca muito fina desaparecia na abundância espessa do cabelo, onde a luz do candeeiro ao lado punha um traço lustroso; as pestanas pareciam mais longas, mais negras sobre a pele da face, dum trigueiro cálido, que uma tinta rosada aquecia; o vestido

455 justo, que se franzia numa prega sobre o ombro, elevava-se amplamente sobre a forma dos peitos, que ele via arfar no ritmo da respiração igual... Era aquela a beleza que mais apetecia nela; imaginava-os duma cor de neve, redondos e cheios; tivera-a nos braços, sim, mas vestida, e as suas mãos sôfregas tinham encontrado só a seda fria... Mas na casa do sinei-
460 ro seriam dele, sem obstáculo, sem vestidos, à disposição dos seus lábios. Por Deus! E nada impedia que ao mesmo tempo consolassem a alma da Totó! Não hesitou mais. E erguendo a voz, no meio do palratório das velhas que discutiam agora a desapareição da *Vida dos Santos*:

— Não, minhas senhoras, não é com livros que se vale à rapariga...
465 Sabem a ideia que me veio? Era um de nós, o que estiver menos ocupado, levar-lhe a palavra de Deus e educar aquela alma! — E acrescentou, sorrindo: — É a falar a verdade, a pessoa mais desocupada aqui de todos nós é a menina Amélia...

Então foi uma surpresa! Pareceu a mesma vontade de Nosso Senhor vinda numa revelação. Os olhos de todas acenderam-se numa excitação devota, à ideia daquela missão de caridade, que partia ali delas, da Rua da Misericórdia... Extasiavam-se, no antegosto guloso dos elogios do senhor chantre e do cabido! Cada uma dava o seu conselho, numa assiduidade de participar da santa obra, de partilharem as recompensas que o Céu
475 certamente prodigalizaria. D. Joaquina Gansoso declarou com calor que invejava Amélia; e chocou-se muito vendo-a de repente rir.

— Imaginas que não o faria com a mesma devoção? Já estás com o orgulho da boa acção... Olha que assim não te aproveita!

480 Mas Amélia continuava tomada dum riso nervoso, deitada para as costas da cadeira, sufocando-se para se conter.

Os olhinhos de D. Joaquina chamejavam.

— É indecente, é indecente! gritava.

Calmaram-na: Amélia teve de lhe jurar sob os Santos Evangelhos que fora uma ideia extravagante que tivera, que era nervoso...

485 — Ai, disse D. Maria da Assunção, ela tem razão em se orgulhar. Que é uma honra prà casa! Em se sabendo...

O pároco interrompeu com severidade:

— Mas não se deve saber, sr.^a D. Maria da Assunção! De que serve, aos olhos do Senhor, uma boa obra de que se tire alarde e vanglória?

490 D. Maria vergou os ombros, humilhando-se à repreensão. E Amaro, com gravidade:

— Isto não deve sair daqui. É entre Deus e nós. Queremos salvar uma alma, consolar uma enferma, e não ter elogios nos periódicos. Pois não é assim, padre-mestre?

Encontravam-se duas, três vezes por semana, pela manhã. Na véspera o padre Amaro prevenia o sineiro. E às nove horas ordinariamente Amélia saía de casa; às vezes levantava-se logo às sete para engomar uma saia branca, dar uma passagem; e bem penteada, alegre, palpitando de desejos, cantarolava pela casa. Tinha dito à mãe em segredo que o pároco lhe dera por penitência da sua antiga afeição ao escrevente a obrigação de ir, em certos dias da semana, rezar três estações a Nossa Senhora das Dores. E como a casa era nas vizinhanças da Sé ia só.

Ia devagar, assustada, contendo-se para não correr; se encontrava algum pobre dava-lhe sempre esmola; entrava na igreja com o pé direito e ia ajoelhar junto do altar de Nossa Senhora das Dores. Quase sempre àquela hora a igreja estava deserta. Começava então a querer rezar, mas

495 O cônego ergueu-se pesadamente:

— Você esta noite tem falado com a língua de ouro de S. Crisóstomo. Eu estou edificado; e não se me dava agora de ver aparecer as torradas.

Foi então, enquanto a *Ruça* não trazia o chá, que se decidiu que Amélia, todas as semanas, uma ou duas vezes segundo fosse a sua devoção, iria em segredo, para que a acção fosse mais valiosa aos olhos de Deus, passar uma hora à cabeceira da paralítica, ler-lhe a *Vida dos Santos*, ensinar-lhe rezas e insuflar-lhe a virtude.

— Enfim, resumiu a sr.^a D. Maria da Assunção voltando-se para Amélia, não te digo senão uma coisa: abichaste!

505 A *Ruça* entrou com o tabuleiro, no meio dos risos que provocara a «tolice de D. Maria», como disse Amélia, que se fizera escarlate. — E foi assim que ela e o padre Amaro se puderam ver livremente, para glória do Senhor e humilhação do Inimigo.

Encontravam-se todas as semanas, ora uma ora duas vezes, de modo que as suas visitas caridosas à paralítica perfizessem ao fim do mês o número simbólico de sete, que devia corresponder, na ideia das devotas, às *Sete lições de Maria*. Na véspera o padre Amaro tinha prevenido o tio Esguelhas, que deixava a porta da rua apenas cerrada, depois de ter varrido toda a casa e preparado o quarto para a prática do senhor pároco. Amélia nesses dias erguia-se cedo: tinha sempre alguma saia branca a engomar, algum laçarote a compor; a mãe estranhava-lhe aqueles arrebiques, o desperdício de água-de-colónia de que ela se inundava; mas Amélia explicava que «era para inspirar à Totó ideias de asseio e de frescura». E depois de vestida sentava-se, esperando as onze horas, muito séria, respondendo distraidamente às conversas da mãe, com uma cor nas faces, os olhos cravados nos ponteiros do relógio: enfim a velha matraca gemia cavamente as onze horas, e ela, depois duma olhadela ao espelho, saía, dando uma beijoca à mamã.

525 Ia sempre receosa, numa inquietação de ser espreitada. Todas as manhãs pedia a Nossa Senhora da Boa Viagem que a livrasse de maus encontros; e se via um pobre dava-lhe invariavelmente esmola, para lisonjear os gostos de Nosso Senhor, amigo dos mendigos e vagabundos. O que a assustava era o largo da Sé, sobre o qual a Amparo da Botica,

504: uma coisa:] uma cousa:

515: cedo:] cedo;

vinham-lhe distrações; a cada momento se voltava para a porta para ver entrar Amaro; queria afastar certas ideias; recitava padre-nossos, salve-rainhas, mas era maquinalmente, à flor dos lábios. Às vezes Amaro tardava. Amélia então pedia a Nossa Senhora que ele viesse depressa e que a amasse muito!

E quando o via entrar devagar, fechando o seu guarda-sol, o sangue vivo inflamava-lhe a pele. Amaro atravessava a nave pausadamente, curvava-se um momento diante do Santíssimo persignando-se, e entrava na sacristia com a cabeça baixa, a sua comprida capa pendente. Amélia então, fazendo um sinal da cruz apressado sobre o peito com as pontas dos dedos, erguia-se, subia a igreja, saía pela porta do coro e, dando volta à Sé, ia entrar, ao fundo do adro, pela pequena porta verde com uma chapa de ferro, num recinto impercebível, que era a porta do sino. Ia logo abrir a porta da cozinha e via o padre Amaro sair defronte, da sacristia, que fechava sobre si pesadamente. Encontravam-se no pátio que era cercado de altos muros; ninguém os podia ver; e logo ali abraçavam-se, calados, pálidos, ardentemente.

530 costurando por trás da janela, exercia uma vigilância incessante. Fazia-se então pequenina no seu mantelete, e abaixando o guarda-sol sobre o rosto, entrava enfim na Sé, sempre com o pé direito.

535 Mas a mudez da igreja, deserta e adormecida numa luz fusca, amedrontava-a; parecia-lhe sentir, na taciturnidade dos santos e das cruzes, uma repreensão ao seu pecado; imaginava que os olhos de vidro das imagens, as pupilas pintadas dos painéis se fixavam nela, com uma insistência cruel, e percebiam o arfar que ao seu seio dava a esperança do prazer. Às vezes mesmo, atravessada duma superstição, para dissipar o descontentamento dos santos, prometia dar-se nessa manhã toda à Totó, ocupar-se caridosamente só dela, e não se deixar tocar sequer no vestido
540 pelo senhor padre Amaro. Mas se ao entrar na casa do sineiro o não encontrava, ia logo, sem se deter ao pé da cama da Totó, postar-se à janela da cozinha, vigiando a porta maciça da sacristia de que ela conhecia uma por uma as chapas negras de ferro.

545 Ele aparecia, enfim. Era então nos começos de Março; já tinham chegado as andorinhas; ouviam-nas chilrear, naquele silêncio melancólico, esvoaçando entre os contrafortes da Sé. Aqui e além, plantas dos lugares húmidos cobriam os cantos duma verdura escura. Amaro, às vezes muito galante, ia procurar uma florzinha. Amélia impacientava-se, rufava na vidraça da cozinha. Ele apressava-se; ficavam um momento à porta, apertando-se as mãos, com olhos brilhantes que se devoravam; e iam enfim
550 ver a Totó — e dar-lhe os bolos que o pároco lhe trazia no bolso da batina.

555 A cama da Totó era na alcova, ao lado da cozinha; o seu corpinho de tísica quase não fazia saliência enterrado na cova da enxerga, sob os cobertores enxovalhados que ela se entretinha a esfiar. Nesses dias tinha vestido um chambre branco, os cabelos reluziam-lhe de óleo; porque ultimamente, desde as visitas de Amaro, viera-lhe «uma birra de parecer alguém», como dizia encantado o tio Esguelhas, a ponto de se não querer separar dum espelho e dum pente que escondia debaixo do travesseiro e
560 obrigar o pai a encafuar sob a cama, entre a roupa suja, as bonecas que agora desprezava.

Amélia sentava-se um instante, aos pés do catre, perguntando-lhe se estudara o A B C, obrigando-a a dizer aqui e além o nome duma letra. Depois queria que ela repetisse sem a errar a oração que lhe andava

540: Mas] Mas, / sineiro] sineiro.

Os dias então estavam claros e secos; vinha Março; alguns pássaros voavam chilreando e entre as velhas pedras do pátio, ao som dos passos, os lagartos que estavam ao sol fugiam.

Entravam quase a correr na cozinha do sineiro. Era um espaço baixo, escuro, com um borralho ao canto debaixo da chaminé fuliginosa e negra; sobre os tições apagados, cobertos de cinza, havia sempre uma panela de ferro. As paredes sujas tinham prateleiras vazias onde a espaços destacava um prato de loiça ou uma malga vidrada; troços de hortaliça, carqueja, cascas juncavam o chão; do tecto pendiam de ganchos réstias de alhos e de cebolas; velhos farrapos pardos arrastavam. Havia sempre um cheiro de caldo requentado e de ossos esburgados. Amélia tapava logo o nariz com a manta.

Amaro subia adiante para o quarto do sineiro fazendo ranger a escada. O quarto tinha uma janela sem vidraça, com um pequeno para-peito de pedra onde, numa panela rachada cheia de terra, florescia um pé de salsa. O tecto era de traves chegadas ao telhado. Ao pé da cama que era uma enxerga de palha, com velhas mantas esburacadas e enegrecidas, uma candeia pendia de um prego e por cima pela parede estendia-se, como um penacho escuro e direito, um longo sulco de fumo. O grande desgosto daqueles momentos era encontrarem ordinariamente ali um porco que o sineiro tinha de criação havia um ano. Amaro enxotava-o e o animal, grunhindo, pesado, com a cauda enroscada num *s*, fugia, metia-se debaixo da cama, tropeçava, foçava, ia de encontro às paredes. Amélia ria e o padre desesperado atirava-lhe pontapés; até que o porco aos gritos rolava pela escada. O padre então fechava a porta que era perra, firmando o joelho na ombreira, e vinha para Amélia com um

565 ensinando; — enquanto o padre, sem passar da porta, esperava, com as
mãos nos bolsos, enfasiado, embaraçado com os olhos reluzentes da
paralítica que o não deixavam, penetrando-o, percorrendo-lhe o corpo com
pasma e com ardor, e que pareciam maiores e mais brilhantes no seu rosto
trigueiro tão chupado que se lhe via a saliência das maxilas. Não sentia
570 agora nem compaixão nem caridade pela Totó; detestava aquela demora;
achava a rapariga selvagem e embirrenta. A Amélia também pesavam
aqueles momentos em que, para não escandalizar muito Nosso Senhor, se
resignava a falar à paralítica. A Totó parecia odiá-la; respondia-lhe muito
carrancuda; outras vezes persistia num silêncio rancoroso, voltada para a
575 parede; um dia despedaçara o alfabeto; e encolhia-se toda encruada se
Amélia lhe queria compor o xale sobre os ombros ou conchegar-lhe a
roupa...

Enfim Amaro, impaciente, fazia um sinal a Amélia; ela punha logo
diante da Totó o livro com estampas da *Vida dos Santos*.

580 — Vá, ficas agora a ver as figuras... Olha, este é S. Mateus, esta
Santa Virgínia... Adeus, eu vou lá acima com o senhor pároco rezarmos
para que Deus te dê saúde e te deixe ir passear... Não estragues o livro,
que é pecado.

E subiam a escada, enquanto a paralítica, estendendo o pescoço so-
585 fregamente, os seguia, escutando o ranger dos degraus, com olhos cha-
mejantes que lágrimas de raiva enevoavam. O quarto, em cima, era muito
baixo, sem forro, com um tecto de vigas negras sobre que assentavam as
telhas. Ao lado da cama pendia a candeia que pusera sobre a parede um
penacho negro do fumo. E Amaro ria sempre dos preparativos que fizera
590 o tio Esguelhas — a mesa ao canto com o Novo Testamento, uma caneca
de água, e duas cadeiras dispostas ao lado...

— É prà nossa conferência, para te ensinar os deveres de freira, dizia
ele, galhofando.

595 — Ensina, então! murmurava ela de braços abertos, pondo-se diante
do padre, com um sorriso cálido onde brilhava um branquinho dos dentes,
num abandono que se oferecia.

Ele atirava-lhe beijos vorazes pelo pescoço, pelos cabelos; às vezes
mordia-lhe a orelha; ela dava um gritinho; e ficavam então muito quedos,
escutando, com medo da paralítica em baixo. O pároco depois fechava as
600 portadas da janela e a porta muito perra que tinha de empurrar com o

592: conferência, para] conferência, pra

594: — Ensina,] — Ensina / ela] ela,

sorriso sôfrego e ardente, os braços abertos. Amélia ia fechar a portada da janela, o quarto ficava todo escuro — e os seus dedos, desapertando o atacante do colete, tinham impaciências febris.

Assim passavam uma hora, hora e meia... E depois cansados, os braços frouxos, num torpor, ficavam todos chegados um ao outro, numa imobilidade feliz.

O tecto era baixo e através das traves separadas e das telhas mal juntas viam finas fendas de luz; às vezes sentiam um gato, com as suas passadas fofas, passar miando, fazendo bulir alguma telha solta; ou um pássaro poisando chilreava e sentiam-lhe o frémito das asas. Falavam pouco. Sentiam-se num sossego, numa frescura de sentidos que lhes parecia doce como o contacto do linho fresco, sonolenta como um banho quente.

— Que horas serão? perguntava enfim Amélia.

Amaro não sabia. Ela então erguia-se, ia abrir um pouco a portada da janela, via-se ao bocado de espelho do tio Esguelhas, sorria à sua figura fatigada; vinha sentar-se à beira da cama outra vez, ao pé de Amaro, espreguiçava-se — e tomando o queixo do padre sacudia-lho, dizendo-lhe a sorrir, com os olhos cheios de amor:

— Feio, mau homem...

Amaro saía sempre primeiro. Amélia ainda ficava arranjando-se, penteando o cabelo com um pente que trazia na algibeira. Depois descia, abria a porta verde, espreitava e, ligeira, cosida com o alto muro da Sé, ia entrar pela porta do coro, descia a larga igreja cheia de luz e de eco, ia ajoelhar um momento diante do altar de Nossa Senhora — e com a manta pela cabeça, os olhos baixos, a atitude piedosa, o corpo um pouco curvado, ia enfim para casa.

615: fofas, passar miando, fazendo

615-6: pássaro poisando chilreava e sentiam-lhe

616-65: asas. [...] aquecer-se ao sol.

joelho. Amélia ia-se despindo devagar; e com as saias caídas aos pés ficava um momento imóvel, como uma forma branca na escuridão do quarto. Em redor o padre, preparando-se, respirava forte. Ela então persignava-se depressa, e sempre ao subir para o leito dava um suspirozinho triste.

Amélia só podia demorar-se até ao meio-dia. O padre Amaro por isso pendurava o seu *cebolão* no prego da candeia. Mas quando não ouviam as badaladas da torre, Amélia conhecia a hora pelo cantar dum galo vizinho.

— Devo ir, filho, murmurava toda cansada.

— Deixa lá... Estás sempre com a pressa...

Ficavam ainda um momento calados, numa lassidão doce, muito chegados um ao outro. Pelas vigas separadas do telhado mal junto viam aqui e além fendas de luz: às vezes sentiam um gato, com as suas passadas fofas, vadiar, fazendo bulir alguma telha solta; ou um pássaro, pousando, chilreava e ouviam-lhe o frémito das asas.

— Ai, são horas, dizia Amélia.

O padre queria detê-la; não se fartava de lhe beijar a orelhinha.

— Lambão! murmurava ela. Deixa-me!

Vestia-se à pressa no escuro do quarto; depois ia abrir a janela, vinha ainda abraçar o pescoço de Amaro, que ficara estatelado sobre o leito; e ia enfim arrastar a mesa e as cadeiras, para a parálitica sentir em baixo, saber que tinha acabado a conferência.

Amaro não findava ainda de a beijocar: ela então, para acabar, fugia-lhe, ia escancarar a porta do quarto; o padre descia, atravessava em duas passadas a cozinha sem olhar para a Totó, e entrava na sacristia.

Amélia, essa, antes de sair, vinha ver a parálitica, saber se gostara das estampas. Encontrava-a às vezes com a cabeça debaixo dos cobertores, que entalava e prendia com as mãos para se esconder; outras vezes, sentada na cama, examinava Amélia com olhos em que se acendia uma curiosidade viciosa; chegava o rosto para ela, com as narinas dilatadas que pareciam cheirá-la; Amélia recuava, inquieta, corando também; queixava-se então de ser tarde, recolhia a *Vida dos Santos*, — e saía, amaldiçoando aquela criatura tão maliciosa na sua mudez.

Ao passar no largo, àquela hora, via sempre a Amparo à janela. Ultimamente mesmo julgara prudente contar-lhe em segredo a sua caridade com a Totó. A Amparo, mal a via, chamava-a; e debruçando-se toda na varanda:

— Então como vai a Totó?

A botica do Carlos era defronte da Sé. Ele às vezes chamava-a.

— Vem das suas rezas, hem? dizia com o busto direito e impo-
nente, as mãos nas algibeiras, o barrete sobre a orelha e o seu casaco
do laboratório todo cheio de nódoas.

— Fui ali ao Santíssimo. Como está cá a família?

— Menos mal. E lá por casa?

— Vamos andando, graças a Deus.

— Ora vá, minha flor, vá! Recados à mãe! — E voltando-se para os
praticantes: — Isto é a jóia da terra! Quem a levar leva mulher de juízo!

E vinha para a porta, assobiando, esperar os fregueses, aquecer-se
ao sol.

- 640 — Lá vai.
— Já lê?
— Já soletra.
— E a oração a Nossa Senhora?
— Já a diz.

645 — Ai, que devoção a tua, filha!

Amélia baixava os olhos, modesta. E o Carlos, que estava também no segredo, deixava o balcão para vir à porta admirar Amélia.

— Vem da sua grande missão de caridade, hem? dizia, de olho arregalado, balanceando-se na ponta das chinelas.

650 — Estive um bocado com a pequena, a entretê-la...

— Grandioso! murmurava o Carlos. Um apostolado! Pois vá, minha santa menina, recados à mamã.

Voltava-se então para dentro, para o praticante:

655 — Veja o sr. Augusto aquilo... Em lugar de passar o seu tempo, como as outras, em namoros, faz-se anjo da guarda! Passa a flor dos anos com uma entrevada! Veja o senhor se a filosofia, o materialismo, e essas porcarias são capazes de inspirar acções deste jaez... Só a religião, meu caro senhor! Eu queria que os Renans e essa cambada de filósofos vissem isto! Que eu, tenha o senhor em vista, admiro a filosofia, mas quando ela,
660 por assim dizer, vai de mãos dadas com a religião... Sou homem de ciência e admiro um Newton, um Guizot... Mas (e grave o senhor estas palavras) se a filosofia se afasta da religião... (grave bem estas palavras) dentro de dez anos, sr. Augusto, está a filosofia enterrada!

665 E continuava a mexer-se pela farmácia a passos lentos, de mãos atrás das costas, ruminando o fim da filosofia.

662: religião... (grave) religião... Grave / palavras] palavras:

XVII

Viviam no egoísmo daquela paixão.

Amaro estava tão absorvido que não dera mesmo grande atenção à desgraça de que tanto se falava sucedida ao padre Natário: o excelente homem caíra da égua e quebrara uma perna. Amaro fora vê-lo apenas uma vez e depois esquecerá-o, não voltara.

XVII

Foi aquele o período mais feliz da vida de Amaro.

«Ando na graça de Deus», pensava ele às vezes à noite, ao despir-se, quando por um hábito eclesiástico, fazendo o exame dos seus dias, via que eles se seguiam fáceis, tão confortáveis, tão regularmente gozados. Não houvera, nos últimos dois meses, nem atritos nem dificuldades no serviço da paróquia; todo o mundo, como dizia o padre Saldanha, andava dum humor de santo. D. Josefa Dias arranjará-lhe muito barata uma cozinheira excelente, e que se chamava Escolástica. Na Rua da Misericórdia tinha a sua corte admiradora e devota; cada semana, uma ou duas vezes, vinha aquela hora deliciosa e celeste na casa do tio Esguelhas; e para completar a harmonia até a estação ia tão linda, que já no Morenal começavam a abrir as rosas.

Mas o que o encantava era que nem as velhas, nem os padres, ninguém da sacristia suspeitava os seus *rendez-vous* com Amélia. Aquelas visitas à Totó tinham entrado nos costumes da casa; chamavam-lhe «as devoções da pequena»; e não a interrogavam com particularidades, pelo princípio beato que as devoções são um segredo que se tem com Nosso Senhor. Só às vezes alguma das senhoras perguntava a Amélia — como ia a doente; ela assegurava que estava muito mudada, que começava a abrir os olhos à lei de Deus; então, muito discretamente, falavam de coisas diferentes. Havia apenas o plano vago de irem um dia, mais tarde, quando a Totó soubesse bem o seu catecismo e pela eficácia da oração se tivesse tornado boa, admirar em romaria a obra santa de Amélia e a humilhação do Inimigo.

Amélia mesmo, perante esta confiança tão larga na sua virtude, propusera um dia a Amaro, como muito hábil — dizer às amigas que o

Eram novos e desde os primeiros tempos o padre começara a dominar absolutamente Amélia. Ela achava-o cada dia mais belo e mais irresistível. Dizia-lho, gostava de se humilhar, de se mostrar bem apaixonada, bem presa, toda dele, toda escrava.

Amaro sentia-se orgulhoso; ele, padre, sempre dependente e prostrado — na vida diante das hierarquias eclesiásticas, na religião diante das impassíveis imagens — tinha ali junto dela o seu momento de glória e de tirania. Tinha então pequenas vaidades piegas de seminarista: perguntava-lhe se já vira algum padre que dissesse a missa melhor.

— Não, não, só tu!

Quando Amaro sorria os seus dentes brancos, pequenos, tinham um esmalte luzídio.

— Tens os dentes tão bonitos! dizia-lhe ela sempre.

E Amaro gostava de lhe aparecer assim superior e perfeito; necessitava aquela alma admiradora, como um espelho, em que ele pequeno, humilde e obscuro, se visse forte, altivo e glorioso.

senhor pároco às vezes vinha assistir à prática piedosa que ela fazia à Totó...

— Assim, se alguém te surpreendesse a entrar para a casa do tio Esguelhas, já não havia suspeitas.

— Não me parece necessário, disse ele. Deus está connosco, filha, é claro. Não queiramos intrrometer-nos nos Seus planos. Ele vê mais longe que nós...

Ela concordou logo — como em tudo que safa dos seus lábios. Desde a primeira manhã, na casa do tio Esguelhas, ela abandonara-se-lhe absolutamente, toda inteira, corpo, alma, vontade e sentimento: não havia na sua pele um cabelinho, não corria no seu cérebro uma ideia a mais pequenina, que não pertencesse ao senhor pároco. Aquela possessão de todo o seu ser não a invadira gradualmente; fora completa, no momento que os seus fortes braços se tinham fechado sobre ela. Parecia que os beijos dele lhe tinham sorvido, esgotado a alma: agora era como uma dependência inerte da sua pessoa. E não lho ocultava; gozava em se humilhar, oferecer-se sempre, sentir-se toda dele, toda escrava; queria que ele pensasse por ela e vivesse por ela; descarregara-se nele, com satisfação, daquele fardo da responsabilidade que sempre lhe pesara na vida; os seus juízos agora vinham-lhe formados do cérebro do pároco, tão naturalmente como se sáísse do coração dele o sangue que lhe corria nas veias. «O senhor pároco queria ou o senhor pároco dizia» era para ela uma razão toda suficiente e toda poderosa. Vivia com os olhos nele, numa obediência animal: tinha só a curvar-se quando ele falava, e quando vinha o momento a despertar o vestido.

Amaro gozava prodigiosamente esta dominação; ela desferrava-o de todo um passado de dependências — a casa do tio, o seminário, a sala branca do senhor conde de Ribamar... A sua existência de padre era uma curvatura humilde que lhe fatigava a alma; vivia da obediência ao senhor bispo, à câmara eclesiástica, aos cânones, à Regra que nem lhe permitia ter uma vontade própria nas suas relações com o sacristão. E agora, enfim, tinha ali aos seus pés aquele corpo, aquela alma, aquele ser vivo sobre quem reinava com despotismo. Se passava os seus dias, por profissão, louvando, adorando e incensando Deus, — era ele também agora o Deus duma criatura que o temia e lhe dava uma devoção pontual. Para ela ao menos, era belo, superior aos condes e aos duques, tão digno da mitra

50: obediência animal:] obediência de animal:

Mas muitas vezes desconfiava de si, tinha vagos ciúmes; vinha-lhe à ideia que ela não podia amar um homem sempre vestido com uma batina escura e com uma coroa aberta na cabeça; e odiava todos os homens que na cidade eram felizes com os seus casacos de cor, com os cabelos compridos, a barba penteada. Dizia a Amélia que os desprezasse, que eram fúteis, estúpidos, votados aos castigos de Deus. Se Amélia falava de algum rapaz da cidade, vinha-lhe uma cólera ridícula, um ciúme irascível.

— Gostas dele, gostas? dizia agarrando-lhe os pulsos, fitando-a.

— Gosto lá dele! Mal o conheço!

Mas ele exaltava-se; não queria que ela reparasse em ninguém, que falasse nos outros. Não a deixava ter opinião, individualidade. *Ela* devia ser *ele*, pensar, sentir, sofrer ou alegrar-se com ele — o mais era uma revolta, uma traição ao amor! Gostava assim de dominar e fazer vergar a independência da sua pequenina alma feminina, como dobrava e enlaçava a sua estatura.

Amélia às vezes contava-lhe uma coisa que lera por acaso no jornal ou nalgum livro dos que a mãe tinha, a *Biblioteca das damas* ou o *Panorama*. Mas Amaro censurava-a. Para que lia ela?

— Queres fazer-te agora doutora! dizia-lhe.

Não devia ler mais que os livros que ele lhe dava, nem ter outras curiosidades alheias ao seu amor.

Não queria quase que ela tivesse comunicação com a cidade, com tudo que não era a Igreja. O seu desejo seria tê-la fechada, como num cárcere, no fundo de uma capela. Tinha um ciúme pungente de todo o vago mundo civil, leigo, secular — que para além da Igreja a poderia atrair, seduzir e levar.

Ao princípio gostava de a ver vestida com o vestido de lã verde claro ou, em certos domingos, com o vestido novo de seda azul. Mas depois impusera-lhe as cores escuras, o preto. Porque não lhe perdoava ser ela uma mulher sem votos, podendo vestir-se de cor, entrar nos teatros, rir, casar, dançar e fazer alegres *pic-nics*. Se ela falava de um teatro, de uma *soirée* que houvera em casa do morgado Basílio, eram cóleras sem fim. E sem motivo às vezes carregava o rosto, repelia-a.

— Mas porquê? Porquê? dizia Amélia suplicante.

Amaro então fazia-lhe toda a sorte de acusações — que era vaidosa, garrida, tinha desejos de agradar, ria para os homens.

— Mas mato-te! Percebes?

Ela começava a soluçar, caíam-lhe lágrimas vagarosas. E então vi-nham as efusões de amor, os beijos sôfregos, os suspiros soluçados.

como os mais sábios. Ela mesmo, um dia, dissera-lhe, depois de ter estado um momento pensativa:

65 — Tu podias chegar a Papa!

— Desta massa se fazem, respondeu ele com seriedade.

Ela acreditava-o — com um receio, todavia, que as altas dignidades o afastassem dela, o levassem para longe de Leiria. Aquela paixão, em que estava abismada e que a saturava, tornara-a estúpida e obtusa a tudo o que não respeitava ao senhor pároco ou ao seu amor. Amaro de resto não lhe consentia interesses, curiosidades alheias à sua pessoa. Proibia-lhe até que lesse romances e poesias. Para que se havia de fazer doutora? Que lhe importava o que ia no mundo? Um dia que ela falara, com algum apetite, dum baile que iam dar os Vias-Claros, ofendeu-se como duma traição. Fez-lhe em casa do tio Esguelhas acusações tremendas: era uma vaidosa, uma perdida, uma filha de Satanás!...

75 — Mas mato-te! Percebes? Mato-te! — exclamou agarrando-lhe os pulsos, fulminando-a com o olhar aceso.

Tinha um medo, que o pungia, de a ver subtrair-se ao seu império, perder-lhe a adoração muda e absoluta. Pensava às vezes que ela se fatigaria, com o tempo, dum homem que não lhe satisfazia as vaidades e os gostos de mulher, sempre metido na sua batina negra, com a cara rapada e a coroa aberta. Imaginava que as gravatas de cores, os bigodes bem torcidos, um cavalo que trota, um uniforme de lanceiros exercem sobre as mulheres uma fascinação decisiva. E se a ouvia falar de algum oficial do destacamento, de algum cavalheiro da cidade, eram ciúmes desabridos...

80 — Gostas dele? Hem? É pelos trapos, pelo bigode?...

— Gosto dele! Oh, filho, eu nunca vi o homem!

90 Mas escusava de falar da criatura, então! Era ter curiosidade, pôr o pensamento noutra! Dessas faltas de vigilância sobre a alma e a vontade é que se aproveitava o Demónio!...

Viera assim a ter um ódio a todo o mundo secular — que a poderia atrair, arrastar para fora da sombra da sua batina. Impedia-lhe, com pretextos complicados, toda a comunicação com a cidade. Convenceu mesmo a mãe que a não deixasse ir só à Arcada e às lojas. E não cessava de lhe representar os homens como monstros de impiedade, cobertos de pecados como duma crosta, estúpidos e falsos, votados ao Inferno! Conta-

89: Oh.] Oh

91: vontade] vontade.

Amaro às vezes ia a casa dela pela manhã. Encontrava-a só, cosendo e cantarolando.

— Sempre a cantar! dizia ele com um tom amargo.

— Oh! filho, querias que estivesse para aí amuada?

Amaro então lembrava-lhe a obrigação de se recolher, de se humilhar a Deus, sempre, sempre...

Até que um dia ela tinha-lhe dito:

— Parece-me que gostavas mais de mim se eu fosse freira...

— Tens razão, disse o padre, adorava-te! Ah! Se fosses freira, num convento, tão separada do mundo como eu... Tens razão, então é que eu te adorava!

Acostumava-a em tudo, sempre, a confundir a religião com o amor. Um dia que a Sé estava deserta tinham entrado no quarto das vestimentas; ela quis ver certos paramentos, as alfaias dos andores e admirou muito uma capa grande de Nossa Senhora, de cetim azul, toda recamada de ouro.

— Havia de te ficar bem, disse Amaro sorrindo.

Ela riu e o padre pôs-lha aos ombros. Amélia ficou um pouco assustada como por uma profanação, mas comovida como numa glória; tímida e radiosa, conservava-se imóvel, com um sorriso vago — e a capa envolvia-a, toda doirada, cintilando, magnífica. Ia tirá-la com respeito, mas Amaro deteve-a, extático.

— Que linda! murmurava. És mais linda que Nossa Senhora! Deixa-te estar assim!

E admirava-a, andando em torno dela; ajoelhou, abraçou-a pela cinta; e o sentir o contacto áspero dos bordados naquele manto sagrado dava-lhe uma voluptuosidade estranha. Ela sorria enlevada, com as narinas palpitantes; parecia-lhe ser uma santa, estar num andor, ou mais alto, no Céu.

— Dá-me um beijo, disse Amaro.

Os seus lábios colaram-se. A profanação dava-lhes um singular delírio. Amaro tomara-lhe a cabeça entre as mãos, os seus lábios erravam convulsos por todo o rosto dela: parecia-lhe que estava morto, no Paraíso, e que uma santa o amava e lhe abria os braços e o seio para uma eternidade de Graça e de Amor!

— Vem! disse de repente Amaro e ia-a arrastando para casa do sineiro.

va-lhe horrores de quase todos os rapazes de Leiria. Ela perguntava-lhe aterrada, mas curiosa:

— Como sabes tu?

— Não te posso dizer, respondia com uma reticência, indicando que lhe fechava os lábios o segredo da confissão.

E ao mesmo tempo martelava-lhe os ouvidos com a glorificação do sacerdócio. Desenrolava-lhe com pompa a erudição dos seus antigos compêndios, fazendo-lhe o elogio das funções, da superioridade do padre. No Egipto, grande nação da Antiguidade, o homem só podia ser rei se era sacerdote! Na Pérsia, na Etiópia, um simples padre tinha o privilégio de destronar os reis, dispor das coroas! Onde havia uma autoridade igual à sua? Nem mesmo na Corte do Céu. O padre era superior aos anjos e aos serafins — porque a eles não fora dado como ao padre o poder maravilhoso de perdoar os pecados! Mesmo a Virgem Maria, tinha ela um poder maior que ele, padre Amaro? Não: com todo o respeito devido à majestade de Nossa Senhora, ele podia dizer com S. Bernardino de Sena: «O sacerdote excede-te, ó mãe amada!» — porque, se a Virgem tinha incarnado Deus no seu castíssimo seio, fora só uma vez, e o padre, no santo sacrifício da missa, incarnava Deus todos os dias! E isto não era argúcia dele, todos os santos padres o admitiam...

— Hem, que te parece?

— Oh, filho! murmurava ela pasmada, desfalecida de voluptuosidade.

Então deslumbrava-a com citações venerandas: S. Clemente, que chamou ao padre «o Deus da terra»; o eloquente S. Crisóstomo, que disse «que o padre é o embaixador que vem dar as ordens de Deus». E Santo Ambrósio que escreveu: «Entre a dignidade do rei e a dignidade do padre há maior diferença que a que existe entre o chumbo e o ouro!»

— E o ouro é cá o menino, dizia Amaro com palmadinhas no peito. Que te parece?

Ela atirava-se-lhe aos braços, com beijos vorazes, como para tocar, possuir nele o «ouro de Santo Ambrósio», o «embaixador de Deus», tudo o que na terra havia mais alto e mais nobre, o ser que excede em graça os arcanjos!

Era este poder divino do padre, esta familiaridade com Deus, tanto ou mais que a influência da sua voz — que a faziam crer na promessa que ele lhe repetia sempre: que ser amada por um padre chamaria sobre ela o interesse, a amizade de Deus; que depois de morta dois anjos viriam

115: ó mãe] ó Mãe

120: — Oh,] — Oh

135: morta dois] morta dois

Mas veio-lhes um terror, ficaram calados, a olharem-se.

E então rapidamente ela tirou a capa, ajudou-o a dobrá-la e a metê-la no lençol branco na gaveta, dizendo baixo:

— Deus me perdoe! Deus me perdoe!

Amélia cada dia o adorava mais. Desejava-o pela sua bonita figura, pelo esplendor dos seus paramentos nas festas, pelo misterioso pitoresco daqueles encontros, porque era padre e pelos seus olhos negros. No entanto às vezes desejava que ele tivesse uma profissão civil, não fosse padre, porque lhe devia ficar bem o bigode. Fatigava-a aquela atitude sacerdotal, as longas pregas da batina, e detestava sobretudo o seu grande capote de cabeção e fechos de metal que lhe dava um aspecto paternal e caturra.

Mas no fundo amava-o mais como padre. Quantas superioridades! Ele dirigia as almas pela confissão, remia pela absolvição, purificava baptizando; e por vezes parecia-lhe que o ser escolhida e eleita de um padre devia chamar sobre ela as atenções do Céu. Ele, de resto, dissera-lhe que os anjos a tomariam pela mão, que as santas lhe dariam lugar na hierarquia do Paraíso. E acreditava, quase desejava então morrer.

Pensava assim quando estava só, no seu quarto; e aquelas ideias mais excitavam a sua paixão; recordava então as suas palavras, os seus beijos, fartava-se do encanto de o desejar!

Algumas vezes sentia que pudesse haver um pecado naquelas relações e então amava-o mais: o sacrificar o Céu por ele exaltava-a. Tinha um orgulho estranho, julgava-se heróica e superior às outras mulheres em sofrer, penar e gemer por ele; e ao mesmo tempo o sacrilégio, o horror, o crime daqueles encontros davam-lhe um sabor delicioso e pungente, sublime e irritante.

Assim aquela paixão envolvia-a estreitamente como um vestido de malha. Dera-lhe quase uma outra natureza; tinha certas audácias de pensamento; muitas vezes na profundidade do seu sentir lamentava raparigas que conhecia que se conservavam brancas e castas na sua fria virgindade, que ignoravam as alegrias da paixão; e rindo chamava-lhes *imbecis*. Tornara-se preguiçosa e toda dada ao cuidado da sua pessoa. Fizera-se gulosa de doces e copinhos de vinho. Se havia luar ia para a janela, tomava atitudes sentimentais. Ficava às vezes longo tempo a olhar vagamente, numa imobilidade feliz! E sem saber porquê tomavam-na grandes tristezas e como um desejo de prazeres maiores, de delírios mais profundos. Tinha engordado. Estava de uma beleza ampla e toda igual.

tomá-la pela mão para a acompanhar e desfazer todas as dúvidas que pudesse ter S. Pedro, chaveiro do Céu; e que na sua sepultura, como sucedera em França a uma rapariga amada por um cura, nasceriam espontaneamente rosas brancas, como prova celeste de que a virgindade não se estraga nos abraços santos dum padre...

Isto encantava-a. Àquela ideia da sua cova perfumada de rosas brancas, ficava toda pensativa, num antegosto de felicidades místicas, com suspirinhos de gozo. Afirmava, fazendo beicinho, que queria morrer. Amaro galhofava.

— A falar da morte, com essas carnezinhas...

Engordara com efeito. Estava agora duma beleza ampla e toda igual. Perdera aquela expressão inquieta que lhe punha nos lábios uma segura e lhe afilava o nariz. Nos seus beiços havia um vermelho quente e húmido; o seu olhar tinha risos sob um fluido sereno; toda a sua pessoa uma aparência madura de fecundidade. Fizera-se preguiçosa: em casa, a cada momento suspendia o seu trabalho, ficava a olhar longamente com um sorriso mudo e fixo; e tudo parecia ficar adormecido um momento, a agulha, o pano que ela costurava, toda a sua pessoa... Estava revendo o quarto do sineiro, o catre, o senhor pároco em mangas de camisa.

Passava os seus dias esperando as oito horas, em que ele aparecia regularmente com o cônego. Mas os serões agora pesavam-lhe. Ele recomendara-lhe muita reserva; ela exagerava-a, por um excesso de obediência, a ponto de nunca se sentar ao pé dele ao chá, e de nem mesmo lhe oferecer bolos. Odiava então a presença das velhas, a gralhada das vozes, as pachorras do *quino*: tudo lhe parecia intolerável no mundo, excepto estar só com ele... Mas depois, em casa do sineiro, que desforra! Aquele rosto todo alterado, aquelas sufocações de delírio, aqueles *ais* agonizantes, depois a imobilidade da morte, assustavam às vezes o padre. Erguia-se no cotovelo, inquieto:

— Estás incomodada?

Ela abria os olhos espantados, como ressurgindo de muito longe; e era realmente bela, cruzando os braços nus sobre o peito descoberto, dizendo lentamente com a cabeça que não...

Amaro sentia-se bem naquele amor. Tinha-lhe vindo um grande entusiasmo pela sua profissão de padre. Gostava de confessar e de torturar as confessadas, de as fazer chorar; olhava-as de certo modo; tinha-se feito vaidoso, supunha que as mulheres deviam gostar da sua voz, de toda a sua pessoa. Mas não procurava outras relações: todo o seu encanto, a sua felicidade, o fim da sua vida era a posse daquela bela rapariga viva e nova, que tinha veemências de plebeia e humildades de gata.

Não pensava nunca, como padre, no pecado daquela ligação; além disso não temia o Inferno e o que se diz das suas chamas: não acreditava. E como era homem todo de sensibilidade carnal, não o aterravam os castigos da outra vida que só se dirigissem à alma. Depois arrepende-se-ia! Abrandaria Deus mais tarde com a força das suas penitências! E para se tranquilizar lembrava o que se conta da vida dos padres, dos que vivem nas aldeias ignoradas e dos que vivem nas aristocracias de Roma!

Estava sossegado, seguro. Abandonava-se abundantemente à vida dos apetites. Comia bem, começava a engordar. Em casa fumava charuto. Tinha começado a ler um romance e mandara fazer roupa branca. Tivera mesmo algumas despesas excessivas e dificuldades de dinheiro. Mas tinha o seu recurso que era a sr.^a D. Maria da Assunção. Ele confessava-a todas as semanas e impunha-lhe como penitência grande número de missas, com intenções misteriosas. Ela pagava-lhas bem: tornara-se generosa para ele, fazia-lhe presentes valiosos. E até por certos olhares, certos suspiros, Amaro desconfiava que a velha o amava em segredo. Tinha mesmo contado a Amélia. Ela fingira-se ciosa e amuada. Tinham rido muito.

A força daquela paixão isolava-os de tudo. Além disso sucedia que os amigos da S. Joaneira e as suas relações habituais estavam um pouco dispersas. Natário continuava de cama, com um aparelho na perna, praguejando, fumando imenso, todo amimado pelas sobrinhas. As sr.^{as} Gansosos tinham ido desde o começo do Verão para a quinta de uma tia velhíssima, com quem iam passar alguns meses, que detestavam, mas que acarinhavam, serviam, adulavam na esperança vaga de uma vaga herança. O padre Brito fora mudado para uma freguesia ao pé de Ourém: a acusação do artigo de João Eduardo apontando-o como o *Adónis da esposa do sr. regedor*, segundo a graciosa expressão do chantre, fora muito directa, muito pública e muito exacta, para que o vigário-geral o conservasse na mesma freguesia, tranquilo e imperturbado no seu escândalo.

Libaninho, sempre tão assíduo, desaparecera das reuniões da S. Joaneira e as poucas vezes que o tinham visto na cidade era na singular companhia de um tenente do regimento, chamado, ninguém sabia porquê, o *Pilha Eiroso*. Aquela inexplicável intimidade surpreendera. Um dia que o padre Amaro falava com o cônego a este respeito diante da Dionísia, ela disse sorrindo:

— Ai! Não admira que andem agora sempre juntos, estão na lua-de-mel.

Os dois padres não tinham compreendido, a Dionísia não se quizera explicar — e o incidente foi esquecido.

Assim a casa da S. Joaneira estava deserta. Amélia e o pároco achavam-se bem assim; todos aqueles amigos ausentes eram curiosidades afastadas. O isolamento dava-lhes uma grande segurança. E viviam tão tranquilos, tão confiados no seu segredo, tão certos do mistério — como se aquela paixão se passasse numa caverna desconhecida, fora do alcance dos homens e das suspeitas da imaginação!

XVIII

Uma circunstância inesperada veio estragar aquelas manhãs da casa do sineiro. Foi a extravagância da Totó. Como disse o padre Amaro, «a rapariga safa-lhes um monstro!»

5 Tinha agora por Amélia uma aversão desabrida. Apenas ela se aproximava da cama, atirava a cabeça para debaixo dos cobertores, torcendo-se com frenesi se lhe sentia a mão ou a voz. Amélia fugia, impressionada com a ideia de que o Diabo que habitava a Totó, recebendo o cheiro que ela trazia da igreja nos vestidos, impregnados de incenso e salpicados de água benta, se espolinhava de terror dentro do corpo da rapariga...

10 Amaro quis repreender a Totó, fazer-lhe sentir, em palavras tremendas, a sua ingratidão demoníaca para com a menina Amélia que vinha entretê-la, ensiná-la a conversar com Nosso Senhor... Mas a parálitica rompeu num choro histérico; depois, de repente, ficou imóvel, hirta, esbugalhando os olhos em alvo, com uma espuma branca na boca. Foi um grande susto; inundaram-lhe a cama de água; Amaro, por prudência, recitou os exorcismos... E Amélia desde então resolveu «deixar a fera em paz». Não tentou mais ensinar-lhe o alfabeto, nem orações a Santa Ana.

15 Mas, por escrúpulo, iam sempre ao entrar vê-la um instante. Não passavam da porta da alcova, perguntando-lhe de alto «como ia». Nunca respondia. E eles retiravam-se logo aterrados com aqueles olhos selvagens e brilhantes, que os devoravam, indo dum a outro, percorrendo-lhes o corpo, fixando-se com uma faiscação metálica nos vestidos de Amélia e na batina do padre, como para lhe adivinhar o que estava por baixo, numa curiosidade ávida que lhe dilatava desesperadamente as narinas e lhe arreganhava os beiços lívidos. Mas era a mudez, obstinada e rancorosa, que os incomodava sobretudo. Amaro, que não acreditava muito em possessos e endemoninhados, via ali os sintomas de *loucura furiosa*. Os sustos de Amélia aumentaram. — Felizmente que as pernas inertes cra-

vavam a Totó ali na enxerga! Senão, Jesus, era capaz de lhes entrar no
30 quarto e mordê-los num acesso!

Declarou a Amaro que nem lhe sabia bem o prazer da manhã,
«depois daquele espectáculo»; e decidiu então, daí por diante, subir para
o quarto sem falar à Totó.

35 Foi pior. Quando a via atravessar da porta da rua para a escada, a
Totó debruçava-se para fora do leito, agarrada às bordas da enxerga, num
esforço ansioso para a seguir, para a ver, com a face toda descomposta
do desespero da sua imobilidade. E Amélia ao entrar no quarto sentia vir
de baixo uma risadinha seca, ou um *ui!* prolongado e uivado que a ge-
lava...

40 Andava agora aterrada: viera-lhe a ideia que Deus estabelecera ali,
ao lado do seu amor com o pároco, um demónio implacável para a es-
carnecer e apupar. Amaro, querendo-a tranquilizar, dizia-lhe que o nosso
Santo Padre Pio IX, ultimamente, declarara pecado crer em *peessoas pos-
sessas*...

45 — Mas para que há rezas, então, e exorcismos?

— Isso é da religião velha. Agora vai-se mudar tudo isso... Enfim
a ciência é a ciência...

Ela pressentia que Amaro a enganava — e a Totó estragava a sua
felicidade. Enfim Amaro achou o meio de escaparem «à maldita rapari-
50 ga»: era entrarem ambos pela sacristia: tinham apenas a atravessar a
cozinha para subir a escada, e a posição da cama da Totó, na alcova, não
lhe permitia vê-los, quando eles cautelosamente passassem pé ante pé. Era
fácil, de resto, porque à hora do *rendez-vous*, entre as onze e o meio-dia,
nos dias de semana, a sacristia estava deserta.

55 Mas sucedia que, quando eles entravam em pontas de pés e morden-
do a respiração, os seus passos, por mais subtis, faziam ranger os velhos
degraus da escada. E então a voz da Totó saía da alcova, uma voz rou-
ca e áspera, berrando:

— Passa fora cão! Passa fora cão!

60 Amaro tinha um desejo furioso de estrangular a paralítica. Amélia tre-
mia, toda branca.

E a criatura uivava de dentro:

— Lá vão os cães! Lá vão os cães!

30: quarto] quarto.

33: quarto] quarto.

59: fora cão! Passa fora] fora, cão! Passa fora.

65 Eles refugiavam-se no quarto, aferrolhando-se por dentro. Mas aquela voz dum desolamento lígubre, que lhes parecia vir dos Infernos, chegava-lhes ainda, perseguia-os:

— Estão a pegar-se os cães! Estão a pegar-se os cães!

Amélia caía sobre o catre, quase desmaiada de terror. Jurava não voltar àquela casa maldita...

70 — Mas que diabo queres tu? dizia-lhe o padre furioso. Onde nos havemos de ver então? Queres que nos deitemos nos bancos da sacristia?

— Mas que lhe fiz eu? Que lhe fiz eu? exclamava Amélia, apertando as mãos.

— Nada! É doida... E o pobre tio Esguelhas tem tido um desgosto...

75 Enfim, que queres que lhe faça?

Ela não respondia. Mas em casa, quando se ia aproximando o dia de *rendez-vous*, começava a tremer à ideia daquela voz que lhe atroava sempre nos ouvidos e que sentia em sonhos. E este terror ia-a despertando lentamente do adormecimento de todo o ser, em que caíra nos braços do pároco. Interrogava-se agora: não andaria cometendo um pecado irremissível? As afirmações de Amaro, assegurando-lhe o perdão do Senhor, já não a tranquilizavam. Ela bem via, quando a Totó uivava, uma palidez cobrir o rosto do pároco, como correr-lhe no corpo um calefrio do Inferno entrevisto. E se Deus os desculpava — porque deixava assim 80 o Demónio atirar-lhes, pela voz da paralítica, a injúria e o escárnio?

Ajoelhava então aos pés da cama, arremessava orações sem fim para Nossa Senhora das Dores, pedindo-lhe que a alumiasse, que lhe dissesse o que era aquela perseguição da Totó, e se era sua intenção divina mandar-lhe assim um aviso medonho. Mas Nossa Senhora não lhe respondia.

90 Não a sentia como outrora descer do Céu às suas orações, entrar-lhe na alma aquela tranquilidade suave como uma onda de leite que era uma visitação da Senhora. Ficava toda murcha, torcendo as mãos, abandonada da graça. Prometia então não voltar a casa do sineiro; — mas quando o dia chegava, à ideia de Amaro, do leite, daqueles beijos que lhe levavam a alma, daquele fogo que a penetrava, sentia-se toda fraca contra a tentação; vestia-se, jurando que era a última vez; e ao toque das onze partia, com as orelhas a arder, o coração tremendo da voz da Totó que ia ouvir, as entranhas abrasando-se no desejo do homem que a ia atirar para cima da enxerga.

74: É doida... É doida...

75-7: dia de| dia do

83: corpo um| corpo o

100 Ao entrar na igreja não rezava, com medo dos santos.

Corria para a sacristia para se refugiar em Amaro, abrigar-se à autoridade sagrada da sua batina. Ele então, vendo-a chegar tão pálida e tão transtornada, galhofava para a tranquilizar. Não, era uma tolice, se iam agora estragar o regalozinho daquelas manhãs, porque havia uma doida
105 na casa! Prometera-lhe de resto procurar outro sítio para se verem: e mesmo com o fim de a distrair, aproveitando a solidão da sacristia, mostrava-lhe às vezes os paramentos, os cálices, as vestimentas, procurando interessá-la por um frontal novo ou por uma antiga renda de sobrepeliz, provando-lhe, pela familiaridade com que tocava nas relíquias,
110 que era ainda o senhor pároco e não perdera o seu crédito no Céu.

Foi assim que uma manhã lhe fez ver uma capa de Nossa Senhora, que havia dias chegara de presente duma devota rica de Ourém. Amélia admirou-a muito. Era de cetim azul, representando um firmamento, com estrelas bordadas, e um centro, de lavor rico, onde flamejava um coração
115 de ouro cercado de rosas de ouro. Amaro desdobrara-a, fazendo cintilar junto da janela os bordados espessos.

— Rica obra, hem? Centos de mil réis... Experimentámo-la ontem na imagem... Vai-lhe como um brinco. Um bocadito comprida, talvez...
— E olhando Amélia, numa comparação da sua alta estatura com a figura atarracada da imagem da Senhora: — A ti é que te havia de ficar
120 bem. Deixa ver...

Ela recuou:

— Não, credo, que pecado!

— Tolice! disse ele adiantando-se com a capa aberta, mostrando o forro de cetim branco, duma alvura de nuvem matutina. Não está
125 benzida... É como se viesse da modista.

— Não, não, dizia ela frouxamente, com os olhos já luzidios de desejo.

Ele então zangou-se. Queria talvez saber melhor do que ele o que era pecado, não? Vinha agora a menina ensinar-lhe o respeito que se deve
130 aos vestuários dos santos?

— Ora não seja tola. Deixe ver.

Pôs-lha nos ombros, apertou-lhe sobre o peito o fecho de prata lavrada. E afastou-se para a contemplar toda envolvida no manto, assustada e imóvel, com um sorriso cáldo de gozo devoto.
135

104: uma doida] uma doida

133: Pôs-lha nos] Pôs-lha aos

— Oh filhinha, que linda que ficas!

Ela então, movendo-se com uma cautela solene, chegou-se ao espelho da sacristia — um antigo espelho de reflexo esverdeado com um caixilho negro de carvalho lavrado, tendo no topo uma cruz. Mirou-se um momento, naquela seda azul-celeste que a envolvia toda, picada do brilho agudo das estrelas, com uma magnificência sideral. Sentia-lhe o peso rico. A santidade que o manto adquirira no contacto com os ombros da imagem penetrava-a duma voluptuosidade beata. Um fluido mais doce que o ar da terra envolvia-a, fazia-lhe passar no corpo a carícia do éter do Paraíso. Parecia-lhe ser uma santa no andor, ou mais alto, no Céu...

Amaro babava-se para ela:

— Oh filhinha, és mais linda que Nossa Senhora!

Ela deu uma olhadela viva ao espelho. Era, decerto, linda. Não tanto como Nossa Senhora... Mas com o seu rosto trigueiro, de lábios rubros, alumiado por aquele rebrilho dos olhos negros, se estivesse sobre o altar, com cantos ao órgão e um culto sussurrando em redor, faria palpar bem forte o coração dos fiéis...

Amaro então chegou-se por detrás dela, cruzou-lhe os braços sobre o seio, apertou-a toda — e estendendo os lábios por sobre os dela, deu-lhe um beijo mudo, muito longo... Os olhos de Amélia cerravam-se, a cabeça inclinava-se-lhe para trás, pesada de desejo. Os beijos do padre não se desprendiam, ávidos, sorvendo-lhe a alma. A respiração dela apressava-se, os joelhos tremiam-lhe: e com um gemido desfaleceu sobre o ombro do padre, descorada e morta de gozo.

Mas endireitou-se de repente, fixou Amaro batendo as pálpebras como acordada de muito longe; uma onda de sangue escaudou-lhe o rosto:

— Oh Amaro, que horror, que pecado!...

— Tolice! disse ele.

Mas ela desprendia-se do manto, toda aflita:

— Tira-mo, tira-mo! gritava, como se a seda a queimasse.

Então Amaro fez-se muito sério. Realmente não se devia brincar com coisas sagradas...

— Mas não está benzida... Não tem dúvida...

Dobrou o manto cuidadosamente, envolveu-o no lençol branco, colocou-o no gavetão, sem uma palavra. Amélia olhava-o petrificada; e só os seus lábios pálidos se moviam numa oração.

138: esverdeado] esverdeado.

167-8: com coisas] com cousas

XVIII

Todavia a S. Joaneira começava a estranhar a filha, a achar o *quer que fosse* na sua fisionomia. Quando ela voltava da igreja via-a sempre um pouco pálida, com um ligeiro rosado sanguíneo nas maçãs do rosto, o olhar lânguido.

— Tens alguma coisa?

— Não, mamã, fraqueza! Vou tomar um caldo. Há?

A S. Joaneira reparava nas suas distrações. Notava certos suspiros quando costurava, rubores repentinos. Falara nestas particularidades ao cónego:

Quando ele lhe disse, enfim, que eram horas de irem a casa do sineiro — recuou, como diante do Demónio que a chamasse.

175 — Hoje não! exclamou, implorando-o.

Ele insistiu. Era levar realmente muito longe a pieguice... Ela bem sabia que não era pecado, quando as coisas não estavam benzidas... Era ser muito pobre de espírito... Que demónio, só meia hora, ou um quarto de hora!

180 Ela, sem responder, ia-se aproximando da porta.

— Então não queres?

Ela voltou-se, e com uns olhos suplicantes:

— Hoje não!

185 Amaro encolheu os ombros. E Amélia atravessou rapidamente a igreja, de cabeça baixa e olhos nas lajes, como se passasse entre as ameaças cruzadas dos santos indignados.

No dia seguinte de manhã, a S. Joaneira, que estava na sala de jantar, sentindo o senhor cônego subir soprando forte, veio encontrá-lo à escada e fechou-se com ele na saleta.

190 Queria contar-lhe a aflição que tivera de madrugada. A Amélia acordara de repente aos gritos, que Nossa Senhora lhe estava a pousar o pé no pescoço! Que sufocava! Que a Totó a queimava por detrás! E que as labaredas do Inferno subiam mais alto que as torres da Sé!... Enfim um horror!... Viera encontrá-la em camisa a correr pelo quarto, como doida.

195 Daí a pouco caíra para o lado com um ataque de nervos. Toda a casa estivera em alvoroço... A pobre pequena lá estava de cama, e em toda a manhã apenas tocara numa colher de caldo.

— Pesadelos, disse o cônego. Indigestão!

200 — Ai, senhor cônego, não! exclamou a S. Joaneira, que parecia acobrunhada, sentada diante dele na borda duma cadeira. É outra coisa: são aquelas desgraçadas visitas à filha do sineiro!

205 E então desabafou, com a efusão labial de quem abre os diques a um descontentamento acumulado. Nunca quisera dizer nada, porque enfim reconhecia que era uma grande obra de caridade. Mas, desde que aquilo começara, a rapariga parecia transtornada. Ultimamente, então, andava de todo. Ora

177: as coisas] as coisas

180: Ela,] Ela

194: como doida.] como doida.

195: pouco] pouco,

200: outra coisa:] outra coisa:

— Parece-me que a rapariga está apaixonada por não casar com o João Eduardo.

— Ora! Deixe lá! disse o cónego sorrindo.

— Digo-lhe isto.

— Eu vejo-a sempre contente como um cuco, observava o cónego.

— Lá contente anda ela. Mas parece-me assim a modo estonteada. Tem olhos de doida. Tem-se feito preguiçosa. Enfim, eu não sei, mas ali há coisa!

alegrias sem razão, ora umas trombas de dar melancolia aos móveis. De noite sentia-a passear pela casa até tarde, abrir as janelas.... Às vezes tinha até medo de lhe ver o olhar tão esquisito: quando vinha de casa do sineiro era sempre branca como a cal, a cair de fraqueza. Tinha de tomar logo um
 210 caldo... Enfim, dizia-se que a Totó tinha o Demónio no corpo. E o senhor chantre, o outro que tinha morrido (Deus lhe fale na alma), costumava dizer que neste mundo as duas coisas que se pegavam mais às mulheres eram tísicas e Demónio no corpo. Parecia-lhe, pois, que não devia consentir que a pequena fosse a casa do sineiro, sem estar certa que aquilo nem lhe prejudi-
 215 cava a saúde nem lhe prejudicava a alma. Enfim, queria que uma pessoa de juízo, de experiência, fosse examinar a Totó...

— Numa palavra, disse o cônego que escutara de olhos cerrados aquela verbosidade repassada de lamúria, o que a senhora quer é que eu vá ver a parálitica e saber à justa o que se passa...

220 — Era um alívio para mim, riquinho!

Aquela palavra, que a S. Joaneira, na sua gravidade de matrona, reservava para a intimidade das sestas, enterneceu o cônego. Fez uma carícia ao pescoço gordo da sua velhota, prometeu com bondade ir estudar o caso...

225 — Amanhã, que a Totó está só, lembrou logo a S. Joaneira.

Mas o cônego preferia que Amélia estivesse presente. Podia assim ver como as duas se davam, se havia influência do Espírito Maligno...

— Que isto que eu faço é de agradecer... É por ser pra quem é... Que bem me bastam os meus achaques, sem me ocupar dos negócios de
 230 Satanás.

A S. Joaneira recompensou-o com uma beijoca sonora.

— Ah, sereias, sereias!... murmurou o cônego filosoficamente.

No fundo aquele encargo desagradava-lhe: era uma perturbação nos seus hábitos, toda uma manhã desarranjada; ia decerto fatigar-se, tendo de
 235 exercitar a sua sagacidade; além disso odiava o espectáculo de doenças e de todas as circunstâncias humanas relacionadas com a morte. Mas, enfim, fiel à sua promessa, daí a dias, na manhã em que fora prevenido que Amélia ia à Totó, arrastou-se contrariado para a botica do Carlos; e

212: que neste mundo as duas coisas] que, neste mundo, as duas cousas

215: saúde] saúde,

217: cônego] cônego,

218: lamúria,] lamúria;

219: parálitica] parálitica,

223: velhota, prometeu] velhota, e prometeu

— Deixe-se disso, senhora! Isso é cisma!

Um dia a S. Joaneira tinha-a encontrado no quarto, chorando sobre a cama. Tinha-a interrogado, assustada:

— É nervoso, minha mãe; não é nada.

Noutra ocasião tinha voltado da igreja, trémula, — Amaro tinha faltado — com o rosto ardente, com o génio excitado, e logo desde a escada gritou com a criada, atirou com a porta, não quis jantar e à noite apareceu com os olhos todos vermelhos de lágrimas escondidas.

— Tu que tens, rapariga? disse-lhe a mãe quase zangada.

— Nervoso, minha mãe; não é nada.

instalou-se, com um olho no *Popular* e outro na porta, à espera que a
 240 rapariga atravessasse para a Sé. O amigo Carlos estava ausente; o
 sr. Augusto ocupava os seus vagares sentado à escrivaninha, de testa sobre
 o punho, relendo o seu Soares de Passos; fora, o sol já quente dos fins
 de Abril fazia rebrilhar o lajeado do largo; não passava ninguém; e só
 quebravam o silêncio as marteladas nas obras do doutor Pereira. Amélia
 245 tardava. E o cônego, depois de ter considerado longo tempo, com o
Popular caído nos joelhos, o medonho sacrificio que fazia pela sua velhota,
 ia cerrando as pálpebras, já tomado da quebreira, naquele repouso calado
 do meio-dia próximo — quando entrou na botica um eclesiástico.

— Oh, abade Ferrão, você pela cidade! exclamou o cônego Dias des-
 250 pertando do seu quebranto.

— De fugida, colega, de fugida, disse o outro colocando cuidadosa-
 mente sobre uma cadeira dois grossos volumes que trazia, amarrados num
 barbante.

Depois voltou-se e tirou com respeito o seu chapéu ao praticante.

255 Tinha o cabelo todo branco; devia passar já dos sessenta anos; mas
 era robusto, uma alegria bailava sempre nos seus olhinhos vivos, e tinha
 dentes magníficos a que uma saúde de granito conservava o esmalte; o
 que o desfigurava era um nariz enorme.

Informou-se logo com bondade se o amigo Dias estava ali de visita
 260 ou infelizmente por motivo de doença.

— Não, estou aqui à espera... Uma embaixada de truz, amigo Fer-
 rão!

— Ah, fez o velho discretamente. — E enquanto tirava com método
 265 duma carteira atulhada de papéis a receita para o praticante, deu ao cônego
 notícias da freguesia. Era lá, nos Poiais, que o cônego tinha a fazenda, a
 Ricoça. O abade Ferrão passara de manhã diante da casa e ficara surpreen-
 dido vendo que lhe andavam a pintar a fachada. O amigo Dias tinha al-
 gumas ideias de ir lá passar o Verão?

270 Não, não tinha. Mas como trouxera obras dentro e a fachada estava
 uma vergonha, mandara-lhe dar uma mão de oca. Enfim era necessário

243: o lajeado] o lajedo

249: — Oh,] — Oh

251: outro] outro,

252: cadeira dois] cadeira dous

254: voltou-se e tirou com respeito] voltou-se, e tirou, com respeito,

266: casa] casa,

270: Enfim] Enfim,

A S. Joaneira ia então para o cónego contar-lhe as suas desconfianças. Via-a inquieta, com um olhar *esquisito*, sempre cheia de cheiros, muito aborrecida nos dias em que não ia à Sé.

— A rapariga está pelo beijo, digo-lho eu!

— Oh! senhora! exclamava o cónego, mas então quem a mandou romper com o homem?! Foi por vontade dela, creio eu...

— É verdade. Mas então que quer? A rapariga, assim no primeiro momento, ouviu tais coisas do rapaz... E depois os conselhos que lhe

alguma aparência, sobretudo numa casa que estava à beira da estrada, onde passava todos os dias o morgadelho dos Poiais, um parlapatão que imaginava que só ele tinha um palacete decente em dez léguas à roda... Só para meter ferro àquele ateu! Pois não lhe parecia, amigo Ferrão?

275 O abade estava justamente lamentando consigo aquele sentimento de vaidade num sacerdote; mas, por caridade cristã, para não contrariar o colega, apressou-se a dizer:

— Está claro, está claro. A limpeza é a alegria das coisas...

280 O cónego então, vendo passar no largo uma saia e um mantelete, foi à porta afirmar-se se era Amélia. Não era. E voltando, retomado agora da sua preocupação, vendo que o praticante fora dentro ao laboratório, disse ao ouvido do Ferrão:

— Uma embaixada da fortuna! Vou ver uma endemoninhada!

— Ah, fez o abade, todo sério à ideia daquela responsabilidade.

285 — Quer você vir comigo, abade? É aqui perto...

O abade desculpou-se polidamente. Viera falar ao senhor vigário-geral, fora depois ao Silvério para lhe pedir aqueles dois volumes, vinha ali aviar uma receita para um velho da freguesia, e tinha de estar de volta aos Poiais ao toque das duas horas.

290 O cónego insistiu; era um instante, e o caso parecia curioso...

O abade então confessou ao caro colega que eram coisas que não gostava de examinar. Aproximava-se sempre delas com um espírito rebelde à crença, com desconfianças e suspeitas que lhe diminuíam a imparcialidade.

295 — Mas enfim há prodígios! disse o cónego. — Apesar das suas próprias dúvidas, não gostava daquela hesitação do abade, a propósito dum fenómeno sobrenatural, em que ele, cónego Dias, estava interessado. Repetiu com segurança: — Tenho alguma experiência, e sei que há prodígios.

300 — Decerto, decerto há prodígios, disse o abade. Negar que Deus ou a Rainha do Céu possa aparecer a uma criatura é contra a doutrina da Igreja... Negar que o Demónio possa habitar o corpo de um homem, seria estabelecer um erro funesto... Aconteceu a Job, sem ir mais longe, e à família de Sara. Está claro, há prodígios. Mas que raríssimos que são, cónego Dias!

278: das coisas...] das cousas...

287: aqueles dois] aqueles dous

291: eram coisas] eram cousas

300: criatura] criatura,

deram e aquele escândalo do cemitério... Tudo isso. Mas lá no fundo a rapariga morre por ele. Pois olhe, nunca tal supus!

Chegava mesmo a desconfiar que eles se entendessem ocultamente. Mas como? Ela não saía, não aparecia à janela; só certos dias na semana ia rezar à Sé meia hora, três quartos de hora. E a S. Joaneira contou em segredo ao cônego as penitências que Amaro impusera a Amélia.

— Que me está a senhora a dizer? Ir três vezes por semana rezar três estações a Nossa Senhora! O Amaro impôs-lhe essa penitência? E indefinidamente?

305 Calou-se um momento olhando o cônego, que tapava o nariz com rapé em silêncio — e continuou mais baixo, com o olho brilhante e fino:

— E depois não tem o colega notado que é uma coisa que só sucede às mulheres? É só a elas, cuja malícia é tão grande que o próprio Salomão não lhes pôde resistir, cujo temperamento é tão nervoso, tão contraditório que os médicos não as compreendem. É só a elas que sucedem prodígios!... O colega já ouviu de ter aparecido a nossa Santa Virgem a um respeitável tabelião? Já ouviu dum digno juiz de direito possuído do Espírito Maligno? Não. Isto faz reflectir... E eu concluo que é malícia nelas, ilusão, imaginação, doença, etc... Não lhe parece? A minha regra nesses casos é ver tudo isso de alto e com muita indiferença.

315 Mas o cônego, que vigiava a porta, brandiu subitamente o guarda-sol, fazendo para o largo:

— Pst, pst! Eh lá!

320 Era Amélia que passava. Parou logo, contrariada daquele encontro que a ia ainda retardar mais. E já o senhor pároco devia estar desesperado...

— De modo que, disse o cônego à porta abrindo o seu guarda-sol, você, abade, em lhe cheirando a prodígio...

— Suspeito logo escândalo.

325 O cônego contemplou-o um momento, com respeito:

— Você, Ferrão, é capaz de dar quinaus a Salomão em prudência!

— Oh, colega! Oh, colega! exclamou o abade, ofendido com aquela injustiça feita à incomparável sabedoria de Salomão.

— Ao próprio Salomão! afirmou ainda o cônego da rua.

330 Tinha preparado uma história hábil para justificar a sua visita à paraltica; mas durante a sua conversação com o abade ela escapara-lhe, como tudo o que deixava um momento nos reservatórios da memória; e foi sem transição que disse simplesmente a Amélia:

— Vamos lá, também quero ir ver essa Totó!

335 Amélia ficou petrificada. E o senhor pároco, naturalmente, já lá estava! Mas sua madrinha Nossa Senhora das Dores, que ela invocou logo naquela aflição, não a deixou enleada no embaraço. — E o cônego, que caminhava ao lado dela, ficou surpreendido ouvindo-lhe dizer com um risinho:

340 — Viva, hoje é o dia das visitas à Totó! O senhor pároco disse-me que também talvez hoje aparecesse por lá... Talvez lá esteja até.

307: uma coisa] uma coisa

309-10: contraditório] contraditório.

327: — Oh, colega! Oh.] — Oh colega, oh

— Ela assim o diz e a rapariga lá isso não mente. Em penitência de ter tido amizade com João Eduardo.

— A senhora está certa disso?

— Ora essa, sr. cónego!

— Pois senhores, acho esquisito! rosnou ele.

— Pois não lhe parece? A rapariga vem sempre amarela, cheia de fraqueza, às vezes precisa logo tomar um caldo. Coisa assim!

E o cónego Dias começou a ter certas suspeitas: — *Havia coisa.* —

— Ah! O amigo pároco também? Está bom, está bom. Faremos uma consulta à Totó!

Amélia então, contente da sua malícia, tagarelou sobre a Totó. O
 345 senhor cónego ia ver... Era uma criatura incompreensível... Ultimamente,
 ela não tinha querido contar em casa, mas a Totó tomara-lhe birra... E
 dizia coisas, tinha um modo de falar de cães e de animais, de arrepiar!...
 Ai, era um encargo que já lhe pesava... Que a rapariga não lhe escutava
 as lições, nem as orações, nem os conselhos... Era uma fera!

350 — O cheiro é desagradável! rosnou o cónego entrando.

Que queria! A rapariga era uma porca, não havia tê-la arranjada. O
 pai, esse, um desleixado também...

— É aqui, senhor cónego, disse, abrindo a porta da alcova — que
 agora, em obediência às ordens do senhor pároco, o tio Esguelhas deixa-
 355 va sempre fechada.

Encontraram a Totó meio erguida sobre a cama, com a face acesa
 numa curiosidade, àquela voz do cónego que não conhecia.

— Ora viva lá a sr.^a Totó! disse ele da porta, sem se aproximar.

— Vá, cumprimenta o senhor cónego, disse Amélia, começando logo,
 360 com uma caridade desacostumada, a compor a roupa da cama, a arrumar
 a alcova. Dize-lhe como estás... Não te faças amuada!

Mas a Totó permaneceu tão muda como a imagem de S. Bento que
 tinha à cabeceira, examinando muito aquele sacerdote tão gordo, tão gri-
 salho, tão diferente do senhor pároco... E os seus olhos, mais brilhantes
 365 todos os dias à medida que se lhe cavavam as faces, iam, como de
 costume, do homem para Amélia, numa ansiedade de perceber porque o
 trazia ela ali, aquele velho obeso, e se ia também subir com ele para o
 quarto.

Amélia agora tremia. Se o senhor pároco entrasse, e ali, diante do
 370 cónego, a Totó, tomada do seu frenesi, rompesse aos gritos, tratando-os
 de cães!... Com o pretexto de dar uma arrumadela foi à cozinha vigiar o
 pátio. Faria um sinal da janela, apenas Amaro aparecesse.

E o cónego, só na alcova da Totó, preparando-se para começar as
 suas observações, ia perguntar-lhe quantas eram as pessoas da Santíssima
 375 Trindade, — quando ela, adiantando a face, lhe disse numa voz subtil
 como um sopro:

— E o outro?

347: dizia coisas,] dizia cousas,

350: cónego] conego,

371: arrumadela] arrumadela,

E se era algum segredo amoroso, deveria ser naquela hora que ia à igreja com o pretexto da penitência. Começou logo a vigiá-la. Um dia soube que ela estava na Sé rezando. Entrou e não a viu.

— Bom, disse ele, temos obra!

Procurou-a no altar-mor, na sacristia, interrogou uma velha quase tonta que murmurava e dormitava à esquina de um altar; não averiguou. Saiu, foi conversar para defronte para a botica do Carlos, leu o jornal que estava no balcão, palestrou e daí a pouco viu-a descer da Sé,

O cónego não compreendeu. Que falasse alto! Que era?

— O outro, o que vem com ela!

380 O cónego chegou-se, com a orelha dilatada de curiosidade:

— Que outro?

— O bonito. O que vai com ela prò quarto. O que a belisca...

Mas Amélia entrava: e a parálitica calou-se logo, repousada, com os
olhos cerrados e respirando regaladamente, como num alívio repentino de
385 todo o seu sofrimento. O cónego, esse, imobilizado de assombro, permanecia na mesma postura, dobrado sobre a cama como para auscultar a Totó. Ergueu-se por fim, soprou como numa calma de Agosto, sorveu de espaço uma pitada forte; e ficou com a caixa aberta entre os dedos, os olhos muito vermelhos cravados na colcha da Totó.

390 — Então, senhor cónego, que lhe parece cá a minha doente? perguntou Amélia.

Ele respondeu, sem a olhar:

— Sim senhor, muito bem... Vai bem... É esquisita... Pois é andar, é andar... Adeus...

395 Saiu, resmungando que tinha negócios, — e voltou imediatamente à botica.

— Um copo de água! exclamou, caindo em cheio sobre a cadeira.

O Carlos, que voltara, apressou-se, oferecendo flor de laranja, perguntando se Sua Excelência estava incomodado...

400 — Cansadote, disse.

Tomou o *Popular* de sobre a mesa, e ali ficou, sem se mexer, abismado nas colunas do periódico. O Carlos tentou falar da política do país, depois dos negócios de Espanha, depois dos perigos revolucionários que ameaçavam a Sociedade, depois da deficiência da administração do concelho de que era agora um adversário feroz... Debalde. Sua Excelência grunhia apenas monossílabos soturnos. E o Carlos, enfim, recolheu-se a um silêncio chocado, comparando, num desdém interior que lhe vincava de sarcasmo os cantos dos beiços, a obtusidade soturna daquele sacerdote à palavra inspirada dum Lacordaire e dum Malhão! Por isso o Materialismo em Leiria, em todo o Portugal erguia a sua cabeça de hidra...

410 Batia uma hora na torre quando o cónego, que vigiava a Praça pelo canto do olho, vendo passar Amélia, arremessou o jornal, saiu da botica

379: ela!] ela?

411: torre] torre,

toda séria. Calou-se, não revelou nada à irmã nem à S. Joaneira. Tornou a espreitar, a rondar e um dia viu-a entrar de novo na Sé. Seguiu logo atrás dela devagarinho e ainda a pôde avistar dirigindo-se para a ala direita para sair pela porta do coro. Esperou um momento, deu-lhe tempo, saiu também pela porta do coro e viu-a dobrar, toda rente com o muro, para o casebre do sineiro.

— Oh! Que velhaca! murmurava ele. Que diabo vai ela fazer a casa do sineiro?

sem dizer uma palavra e estugou o seu passo de obeso para casa do tio Esguelhas. A Totó estremeceu de medo ao ver de novo aquela figura
 415 bojuda aparecer à porta da alcova. Mas o cónego riu-se para ela, chamou-lhe Totozinha, prometeu-lhe um pinto para bolos; e mesmo sentou-se aos pés da cama com um *ah!* regalado, dizendo:

— Ora vamos nós agora conversar, amiguinha... Esta é que é a
 420 pernita doente, hem? Coitadita! Deixa que te hás-de curar... Hei-de pedir a Deus... Fica por minha conta.

Ela fazia-se ora toda branca ora toda vermelha, olhando aqui e além, inquieta, na perturbação que lhe dava aquele homem a sós com ela tão perto que lhe sentia o hálito forte.

— Então, ouve cá, disse ele chegando-se mais para ela, fazendo
 425 ranger o catre com o seu peso. Ouve cá, quem é o outro? Quem é que vem com a Amélia?

Ela respondeu logo, atirando as palavras dum fôlego:

— É o bonito, é o magro, vêm ambos, sobem prò quarto, fecham-se por dentro, são como cães!

430 Os olhos do cónego injectaram-se para fora das órbitas:

— Mas quem é ele, como se chama? O teu pai que te disse?

— É o outro, é o pároco, o Amaro! fez ela impaciente.

— E vão prò quarto, hem? Lá pra cima? E tu que ouves, tu que
 435 ouves? Dize tudo, pequena, dize tudo!

A parálitica então contou, com um furor que dava tons sibilantes à sua voz de tísica, — como ambos entravam, e a vinham ver, e se roçavam um pelo outro, e abalavam para o quarto em cima, e estavam lá uma hora fechados...

440 Mas o cónego, com uma curiosidade lúbrica que lhe punha uma chama nos olhos mortiços, queria saber os detalhes torpes:

— E ouve lá, Totozinha, tu que ouves? Ouves ranger a cama?

Ela respondeu com a cabeça afirmativamente, toda pálida, os dentes cerrados.

445 — E olha, Totozinha, já os viste beijarem-se, abraçarem-se? Anda, dize, que te dou dois pintos.

Ela não descerrava os lábios; e a sua face transtornada parecia ao cónego selvagem.

— Tu embirras com ela, não é verdade?

433: vão prò] vão pra o

445: dou dois] dou dois

Entrou na sacristia, sentou-se e esperou. Uma hora depois o padre Amaro abriu a porta, vindo do pátio que comunicava com a cozinha do tio Esguelhas.

— Fui ver se achava ali o sineiro, disse ele corando muito, todo surpreendido de encontrar ali o cónego.

O cónego estava tão assombrado que não respondeu logo; e daí a pouco falou do tempo com palavras vagas e saiu. Tinha percebido que o pároco também *ia a casa do sineiro!*

No dia seguinte encontrou na Sé o padre Amaro que descia a nave. Era à hora do coro.

— Olhe lá, quero-lhe falar. Vamos para a sacristia.

Amaro ficou surpreendido.

— Então que é? disse ele fechando a porta.

— Homem! disse o cónego, eu não sou de meias palavras, você sabe. Você anda a fazer uma grande maroteira.

O padre Amaro teve um movimento, empalideceu, ia falar...

— Você desencaminhou aquela pobre rapariga. Ora isso é uma canalhice!

O padre Amaro que se viu descoberto quis dizer naturalmente:

— Mas que rapariga? Que é isso?

Mas a sua voz era trémula e tinha os beiços brancos.

— Homem! Eu vi! disse o cónego resumindo. Escusa de estar a negar.

— Mas...

— Oiça homem de Deus! continuou o cónego com um tom impaciente. Eu já andava desconfiado. A S. Joaneira falou-me na tal penitência. Fiquei de pé atrás. Duas vezes que eu soube que a rapariga estava

Ela fez que sim numa afirmação feroz de cabeça.

450 — E viste-los beliscarem-se?

— São como cães! soltou ela por entre os dentes.

O cónego então endireitou-se, bufou outra vez com o seu grande sopro de encalmado, e coçou vivamente a coroa.

455 — Bem, disse, erguendo-se. Adeus, pequena... Agasalha-te. Não te constipes...

Saiu; e ao fechar com força a porta exclamou alto:

— Isto é a infâmia das infâmias! Eu mato-o! Eu perco-me!

Esteve um momento considerando e partiu para a Rua das Sousas, de guarda-sol em riste, apressando a sua obesidade, com a face apopléctica
460 de furor. No largo da Sé, porém, parou a reflectir ainda; e rodando sobre os tacões, entrou na igreja. Ia tão levado que, esquecendo um hábito de quarenta anos, não dobrou o joelho ao Santíssimo. E arremessou-se para a sacristia — justamente quando o padre Amaro saía, calçando cuidadosamente as luvas pretas que usava agora sempre para agradar à Amelinha.
465 zinha.

O aspecto descomposto do cónego assombrou-o.

— Que é isso, padre-mestre?

— O que é? exclamou o cónego de golpe, é a maroteira das maroteiras! É a sua infâmia! É a sua infâmia!...

470 E emudeceu, sufocado de cólera.

Amaro, que se fizera muito pálido, balbuciou:

— Que está você a dizer, padre-mestre?

O cónego tomara fôlego:

475 — Não há padre-mestre! O senhor desencaminhou a rapariga! Isso é que é uma canalhice mestra!

O padre Amaro, então, franziu a testa como descontente dum gracejo:

— Que rapariga!? O senhor está a brincar...

Sorriu mesmo, affectando segurança; e os seus beiços brancos tremiam.

480 — Homem, eu vi! berrou o cónego.

O pároco, subitamente aterrado, recuou:

— Viu!?

458: considerando] considerando,

478: rapariga!]? rapariga? / brincar...] brincar?

na igreja não a vi cá. Pus-me à espreita. Daí a pouco vejo-a entrar em casa do sineiro e uma hora depois você sair de lá. Ora aí tem! Pois meu amigo, isto é a maroteira das maroteiras!

O padre Amaro estava calado, mordida os lábios e por fim:

— Diga-me uma coisa. O que é que o senhor tem com isso?

O cônego teve um gesto indignado.

— O que tenho? O que tenho? Então o senhor ainda me fala nesse tom? O que tenho?! O que tenho é que vou daqui imediatamente dar parte disto ao sr. vigário-geral.

O padre Amaro fez-se lívido e com voz cerrada, baixo:

— Ah! seu... — E fitou-o.

— Que é lá? Que é lá? exclamou o cônego com o aspecto indignado, a face afogueada, fechando os punhos.

O padre Amaro tinha-se dominado.

— Oiça lá, sr. cônego. Olhe que eu vi-o ao senhor uma vez em casa da S. Joaneira...

— Mente! exclamou o cônego.

— Vi, vi e vi! disse o outro com a voz crescida. — E atirando a capa para cima do armário, com gestos irritados: — Vi-o no quarto dela. O senhor estava em mangas de camisa e ela estava a vestir-se, a apertar o atacador, por sinal. E até o senhor me perguntou «*Quem está aí?*» Ora aí tem! Vi eu como estou a vê-lo. O senhor a dizer ao chantre e eu a provar-lhe que o senhor... Portanto, bico!

O cônego tinha-o fitado:

— Que grande traste que você é!

Mas o padre Amaro que se possuía inteiramente e não queria provocar escândalos:

— Traste porquê? — E a sua voz era branda, quase amiga: — Sim, diga-me lá! Traste porquê? Temos ambos culpas no cartório, meu caro. E olhe que eu não andei a espreitar, foi por acaso. — E chegando-se mais

491: cônego teve um gesto indignado.

492: tenho? / tenho? Então

493: tom? O que tenho?! O

493-4: parte disto ao sr. vigário-geral.

495-6: Amaro fez-se lívido e com voz cerrada, baixo: // — Ah! seu... — E fitou-o.

497-502: cônego com o aspecto indignado, a face afogueada, fechando os punhos. // O padre Amaro tinha-se dominado. // — Oiça lá, sr. cônego. Olhe

503-6: vez em casa da S. Joaneira... // — Mente! exclamou o cônego. // — Vi, vi e vi! disse o outro com a voz crescida. — E atirando a capa para cima do armário, com gestos irritados: — Vi-o no quarto dela. O

506-7: camisa e ela estava a vestir-se, a apertar o atacador, por sinal. E até

507-8: perguntou «*Quem está aí?*» Ora aí tem! Vi eu como estou a vê-lo.

508: dizer ao chantre e

509-17: senhor... [...] Sim, diga-me lá!

518: cartório, meu caro.

518-9: não andei a espreitar, foi por acaso. — E chegando-se mais para ele, baixo: — Porque se me vem lá com

Imaginara num relance uma traição, o cónego escondido num recanto da casa do tio Esguelhas...

485 — Não vi, mas é como se visse! — continuou o cónego num tom tremendo. Sei tudo. Venho de lá. Disse-mo a Totó. Fecham-se no quarto horas e horas! Até se ouve em baixo ranger a cama! É uma ignomínia!

O pároco, vendo-se pilhado, teve, como um animal acossado e entalado a um canto, uma resistência de desespero.

490 — Diga-me uma coisa. O que é que o senhor tem com isso?

O cónego pulou.

— O que tenho!? O que tenho!? Pois o senhor ainda me fala nesse tom!? O que tenho é que vou daqui imediatamente dar parte de tudo ao senhor vigário-geral!

495 O padre Amaro, lívido, foi para ele com o punho fechado:

— Ah, seu maroto!

— Que é lá? Que é lá? exclamou o cónego de guarda-sol erguido. Você quer-me pôr as mãos?

500 O padre Amaro conteve-se; passou a mão sobre a testa em suor, com os olhos cerrados; e depois de um momento, falando com uma serenidade forçada:

— Ouça lá, senhor cónego Dias. Olhe que eu vi-o ao senhor uma vez na cama com a S. Joaneira...

— Mente! mugiou o cónego.

505 — Vi, vi, vi! afirmou o outro com furor. Uma noite ao entrar em casa... O senhor estava em mangas de camisa, ela tinha-se erguido, estava a apertar o colete. Até o senhor me perguntou «*Quem está aí?*» Vi, como estou a vê-lo agora. O senhor a dizer uma palavra, e eu a provar-lhe que o senhor vive há dez anos amigado com a S. Joaneira, à face de todo o clero! Ora af tem!

O cónego, já antes esfaldado dos excessos do seu furor, ficou agora, àquelas palavras, como um boi atordoado. Só pôde dizer daí a pouco, muito murcho:

— Que traste que você me sai!

515 O padre Amaro então, quase tranquilo, certo do silêncio do cónego, disse com bonomia:

— Traste porquê? Diga-me lá! Traste porquê? Temos ambos culpas no cartório, eis aí está. E olhe que eu não fui perguntar, nem peitar a

483: Imaginara num relance] Imaginara, num relance.

490: uma coisa.] uma coisa.

492: tenho!?! O que tenho!?! tenho? O que tenho?

500: depois de um] depois dum

para ele, baixo: — Porque se me vem lá com coisas de moral, isso não pega. Eu faço isto, o senhor faz aquilo, os outros fazem o que podem. Por consequência, é fazermos costas, é o que é.

O cónego, com o seu carácter fraco, passivo, estava abrandado e vencido. Pôs-se a olhar para Amaro e mesmo com um certo sorriso:

— Mas você, homem, no começo da carreira!

— E você, padre-mestre, no fim da carreira!

Puseram-se ambos a rir. A harmonia reapareceu. Conversaram demoradamente. Amaro contou particularidades. Passeavam ambos ao comprido da sacristia; e às vezes Amaro encostava-se a uma cómoda que havia no fundo, onde estava um Cristo de marfim.

— Que maganão! Que maganão! dizia o cónego.

— E disto à mãe, bico! Porque se disser à mãe alguma coisa, você comigo se há-de haver, padre-mestre. Tão certo como estar aqui, pelas chagas de Cristo, que ali está naquela cruz, — ponho-me aí pela cidade a dizer a torto e a direito que o vi com a S. Joaneira.

Mas começou a tocar para o coro. Eram três horas. E o cónego ao sair, batendo nas costas de Amaro:

— Pois seu velhaco, tem dedo!

— Que quer você! Que diabo! A gente vai, vai...

— Homem! disse o cónego sentenciosamente, é o que a gente leva de melhor deste mundo!

520-1: isso não pega. Eu faço

522-8: podem. [...] com um certo sorriso:

531-48: Puseram-se ambos a rir. [...] E o cónego ao sair,

548-9: Amaro:

551: você! Que diabo! A gente vai, vai...

Totó... Foi muito naturalmente ao entrar em casa. E se me vem agora com
520 coisas de moral, isso faz-me rir. A moral é para a escola e para o ser-
mão. Cá na vida eu faço isto, o senhor faz aquilo, os outros fazem o que
podem. O padre-mestre que já tem idade agarra-se à velha, eu que sou
novo arranjo-me com a pequena. É triste, mas que quer? É a natureza que
525 manda. Somos homens. E como sacerdotes, para honra da classe, o que
temos é fazer costas!

O cónego escutava-o, bamboleando a cabeça, na aceitação muda da-
quelas verdades. Tinha-se deixado cair numa cadeira, a descansar de tanta
cólera inútil; e erguendo os olhos para Amaro:

— Mas você, homem, no começo da carreira!

530 — E você, padre-mestre, no fim da carreira!

Então riram ambos. Imediatamente cada um declarou retirar as pa-
lavras ofensivas que tinha dito; e apertaram-se gravemente a mão. Depois
conversaram.

O cónego, o que o tinha enfurecido era ser lá com a pequena de
535 casa. Se fosse com outra... Até estimava! Mas a Ameliazinha!... Se a
pobre mãe viesse a saber estourava de desgosto.

— Mas a mãe escusa de saber! exclamou Amaro. Isto é entre nós,
padre-mestre! Isto é segredo de morte! Nem a mãe sabe de nada, nem eu
mesmo digo à pequena o que se passou hoje entre nós. As coisas ficam
540 como estavam, e o mundo continua a rolar... Mas você, padre-mestre,
tenha cuidado!... Nem uma palavra à S. Joaneira... Que não haja agora
traição!

O cónego, com a mão sobre o peito, deu gravemente a sua palavra
de honra de cavalheiro e de sacerdote que aquele segredo ficava para
545 sempre sepultado no seu coração.

Então apertaram ainda uma outra vez afectuosamente a mão.

Mas a torre gemeu as três badaladas. Era a hora de jantar do cónego.

E ao sair, batendo nas costas de Amaro, fazendo luzir um olho de
entendedor:

550 — Pois seu velhaco, tem dedo!

— Que quer você? Que diabo... Começa-se por brincadeira...

— Homem! disse o cónego sentenciosamente, é o que a gente leva
de melhor deste mundo.

519-20: com coisas] com cousas

539: As coisas] As cousas

553: mundo.] mundo!

— É verdade, padre-mestre, é verdade! É o que a gente leva de melhor deste mundo, disse Amaro.

Amaro ficou inteiramente tranquilo. De certo modo estimou aquela explicação. O cônego era um auxílio, um amigo, uma força, um obstáculo às iras da mãe, uma garantia de impunidade. E ao outro dia disse a Amélia que o cônego sabia tudo e a espreitara. Ela ficou aterrada.

— Mas vai dizer tudo a minha mãe!

— Qual! Não diz nada. — E sorrindo, batendo-lhe no ombro: — É que ele não é um santo! — E depois de um instante: — Nem tua mãe!

Amélia tinha ficado um momento calada, as mãos caídas no regaço.

— É que às vezes tenho um medo! Nem tu imaginas. Há dias em que tenho o coração negro como a morte. Parece que adivinho desgraça.

— Tolices!

555: mundo, disse Amaro.

556-749: Amaro ficou inteiramente tranquilo. [...] — Pois sim.

— É verdade, padre-mestre, é verdade! É o que a gente leva de me-
555 lhor deste mundo.

Desde esse dia Amaro gozou uma completa tranquilidade de alma. Até aí incomodava-o, por vezes, a ideia de que correspondera ingratamente à confiança, aos carinhos que lhe tinham prodigalizado na Rua da Misericórdia. Mas a tácita aprovação do cônego viera tirar-lhe, como ele dizia,
560 aquele espinho da consciência. Porque enfim, o chefe de família, o cavalheiro respeitável, o cabeça — era o cônego. A S. Joaneira era apenas uma concubina... E Amaro mesmo, às vezes agora, em tom de galhofa, tratava o Dias de *seu caro sogro*.

Outra circunstância viera alegrá-lo: a Totó adoecera de repente: o dia
565 seguinte ao da visita do cônego, passara-o soltando golfadas de sangue: o doutor Cardoso, chamado à pressa, falara de tísica galopante, questão de semanas, caso decidido...

— É destas, meu amigo, tinha ele dito, que é trás... trás... — Era a sua maneira de pintar a morte, que, quando tem pressa, conclui o seu
570 trabalho com uma fouçada aqui, outra além.

As manhãs na casa do tio Esguelhas eram agora tranquilas. Amélia e o pároco já não entravam em pontas de pés, tentando esgueirar-se para o prazer, despercebidos da Totó. Batiam com as portas, palravam forte, certos que a Totó estava bem prostrada de febre, sob os lençóis húmidos
575 dos suores constantes. Mas Amélia, por escrúpulo, não deixava de rezar todas as noites uma salve-rainha pelas melhores da Totó. Às vezes mesmo ao despir-se, no quarto do sineiro, parava de repente, e fazendo um rostinho triste:

— Ai, filho! Até me parece pecado, nós aqui a gozarmos, e a pobre
580 pequena lá em baixo a lutar com a morte...

Amaro encolhia os ombros. Que lhe haviam eles de fazer, se era a vontade de Deus?...

E Amélia, resignando-se à vontade de Deus em tudo, ia deixando cair as saias.

585 Tinha agora daquelas pieguices frequentes que impacientavam o padre Amaro. Em certos dias aparecia muito murcha; trazia sempre algum sonho

560-1: cavalheiro respeitável.] cavalheiro responsável.

570: aqui.] aqui

573: prazer, despercebidos] prazer, desapercibidos

576: salve-rainha] salve-rainha,

577: repente.] repente

Ela teve um olhar de melancolia, suspirou e cheia de ideias de catástrofe e de morte:

— Tinhas muita pena se eu morresse?

— Que tolice! Estás lúgubre. Deixa lá a morte, disse-lhe Amaro. — E consolava-a com grandes beijos.

Amélia, com efeito, havia duas semanas sentia-se *esquisita* e extremamente nervosa; às vezes o mais pequeno rumor a assustava, outras vezes o silêncio da casa dava-lhe uma impaciência e sentia um medo vago. Tinha uma espécie de tremor nos dedos, uma sede constante. Ora espaçava voluntariamente os encontros com Amaro, ora vinha-lhe um desejo agudo de o ver de repente, de o devorar de beijos.

Um dia ao almoço, de repente, depois de beber um copo de leite, teve um enjoo e uma ânsia; foi para o quarto aflita, com vômitos que a sacudiam e desmaiou. No dia seguinte se bebia leite, se bebia chá verde, voltavam as aflições. A S. Joaneira quis mandar chamar o doutor. Amélia recusou, disse que não era nada, que era do estômago... E desde esse momento começou a esperar o dia *vinte e oito* do mês.

lúgubre a contar, que a torturara toda a noite, e em que ela pretendia descobrir avisos de desgraças...

Perguntava-lhe às vezes:

590 — Se eu morresse, tinhas muita pena?

Amaro enfurecia-se. Realmente era estúpido! Tinham apenas uma hora para se verem, e haviam de estar a estragá-la com lamúrias?

— É que não imaginas, dizia ela, trago o coração negro como a noite.

595 Com efeito as amigas da mãe estranhavam-na. Às vezes durante serões inteiros não descerrava os lábios, pendida sobre a sua costura, picando molemente a agulha; ou então, muito cansada mesmo para trabalhar, ficava junto da mesa fazendo girar devagar o *abat-jour* verde do candeeiro, com o olhar vazio e a alma muito longe.

600 — Ó rapariga, deixa esse *abat-jour* em paz! diziam-lhe as senhoras nervosas.

Ela sorria, dava um suspiro fatigado, e retomava muito lentamente a saia branca que havia semanas andava abainhando. A mãe, vendo-a sempre tão pálida, pensara em chamar o doutor Gouveia.

605 — Não é nada, minha mãe, é nervoso, passa...

O que provava a todos que era nervoso eram os sustos súbitos que a tomavam — a ponto de dar um grito, quase desmaiar, se de repente uma porta batia. Certas noites mesmo, exigia que a mãe viesse dormir ao pé dela, com medo de pesadelos e de visões.

610 — É o que diz sempre o senhor doutor Gouveia, observava a mãe ao cônego, é uma rapariga que necessita casar...

O cônego pigarreava grosso.

— Não lhe falta nada, resmungava. Tem tudo o que precisa. Tem de mais, ao que parece...

615 Era com efeito a ideia do cônego, que a rapariga (como ele dizia só consigo) «andava-se a arrasar de felicidade». Nos dias em que sabia que ela fora ver a Totó, não se fartava de a estudar, cocando-a do fundo da poltrona com o olho pesado e lúbrico. Prodigalizava-lhe agora as familiaridades paternas. Nunca a encontrava na escada sem a deter, com coceguinhas aqui e ali, palmadinhas na face muito prolongadas. Queria-a em casa repetidas vezes pela manhã; e enquanto Amélia palrava com D. Josefa, o cônego não cessava de rondar em torno dela, arrastando as chinelas com um ar de velho galo. E eram entre Amélia e a mãe conver-

— Mas que tens tu com o dia vinte e oito? perguntou-lhe Amaro, a quem ela dera a perceber esta preocupação.

— É cá uma coisa.

O dia *vinte e oito* chegou e nos oito dias seguintes Amélia não voltou à Sé. O padre Amaro foi a casa da S. Joaneira, receando encontrá-la doente. Viu-a a pé, muito amarela, toda despenteada, os olhos pisados, costurando ao pé da mãe.

Logo que ele saiu Amélia fechou-se no seu quarto, num choro histérico que não podia dominar. E a cada momento ia ao espelho, sofregamente, examinar umas vagas manchas imperceptíveis que lhe tinham vindo ao rosto.

No dia seguinte devia encontrar-se com Amaro em casa do sineiro. Amaro esperava-a um pouco impaciente, quando ela entrou quase correndo, fechou a porta e com o rosto descomposto, os olhos estonteados:

— Estou grávida! Sabes? Estou grávida!

Ele sentiu como uma pancada brutal no peito.

— Oh! Com os diabos! exclamou. — Mas sorrindo: — Estás a mangar.

625 sas sem fim sobre esta amizade do senhor cónego, que decerto lhe deixaria um bom dote.

— Seu maganão, tem dedo! — dizia sempre o cónego quando estava só com Amaro, arregalando os olhos redondos. Aquilo é um bocado de rei!

Amaro entufava-se:

630 — Não é mau bocado, padre-mestre, é um bom bocado.

Era este um dos grandes gozos de Amaro — ouvir gabar aos colegas a beleza de Amélia, que era chamada entre o clero «a flor das devotas». Todos lhe invejavam aquela confessada. Por isso insistia muito com ela em que se ajanotasse nos domingos, à missa; zangara-se mesmo ultimamente de a ver quase sempre entrouxada num vestido de merino escuro, que lhe dava um ar de velha penitente.

Mas Amélia, agora, já não tinha aquela necessidade amorosa de contentar em tudo o senhor pároco. Acordara quase inteiramente daquele adormecimento estúpido de alma e do corpo, em que a lançara o primeiro abraço de Amaro. Vinha-lhe aparecendo distintamente a consciência pungente da sua culpa. Naqueles negrumes dum espírito beato e escravo, fazia-se um amanhecimento de razão. — O que era ela no fim? A concubina do senhor pároco. E esta ideia, posta assim descarnadamente, parecia-lhe terrível. Não que lamentasse a sua virgindade, a sua honra, o seu bom nome perdido. Sacrificaria mais ainda por ele, pelos delírios que ele lhe dava. Mas havia alguma coisa pior a temer que as reprovações do mundo: eram as vinganças de Nosso Senhor. Era da perda possível do Paraíso que ela gemia baixo; ou de mais medonho ainda, de algum castigo de Deus, não das punições transcendentais que acabrunham a alma além da tumba, mas dos tormentos que vêm durante a vida, que a feririam na sua saúde, no seu bem-estar e no seu corpo. Eram vagos medos de doenças, de lepras, de paralisias ou de pobreza, de dias de fome — de todas essas penalidades de que ela supunha pródigo o Deus do seu catecismo. Como em pequena, nos dias em que se esquecia de pagar à Virgem o seu tributo regular de salve-rainhas, temia que ela a fizesse cair na escada ou levar palmatoadas na mestra, arrefecia de medo agora, à ideia de que Deus, em castigo de ela se deitar na cama com um padre, lhe mandasse um mal que a desfigurasse ou a reduzisse a pedir esmola

626: cónego] cónego,

639: e do] e de

646: alguma coisa] alguma coisa

652: paralisias] paralisias,

— Estou! disse ela com um tom seco e cavo. Estou mesmo a mangar!

E deu-lhe todas as provas: era certo, tinha já falado com a Dionísia...

— Não vês? dizia mostrando-lhe as pequenas malhas do rosto. E aqui! — E mostrava-lhe no peito uma ligeira nódoa. — Estou grávida!

Amaro tinha ficado sentado à beira da enxerga, hirto, fulminado. Ela contava-lhe o que sentia, dizia os seus terrores. Estava perdida! Queria morrer!

— Que hei-de eu fazer? Que hei-de eu fazer? dizia.

Mas o padre Amaro estava sem resolução, sem ideia, sem coragem.

— Que desgraça! Que desgraça! murmurava.

E então Amélia começou a falar do escândalo, da vergonha...

Amaro empalidecia; a verdade terrível apertava-o; tinha os músculos contraídos, sentia-se tonto.

— Eu fujo, vou-me, não quero saber disso! gritou.

Ela ergueu-se, agarrou-o violentamente, com uma força febril, pelos ombros, com os dedos crispados e fitando-o, baixo:

— Vais-te? E eu?

660 pelas vielas. Estas ideias não a deixavam, desde o dia em que na sacris-
tia pecara de concupiscência dentro do manto de Nossa Senhora. Tinha
a certeza que a Santa Virgem a odiava, e que não cessava de reclamar
contra ela; debalde procurava abrandá-la, com um fluxo incessante de
orações humilhadas; sentia bem Nossa Senhora, inacessível e desdenhosa,
665 de costas voltadas. Nunca mais aquele divino rosto lhe sorria; nunca mais
aquelas mãos se tinham aberto para receber com agrado as suas orações,
como ramos congratulatórios. Era um silêncio seco, uma hostilidade ge-
lada de divindade ofendida. Ela conhecia o crédito que Nossa Senhora tem
nos concílios do Céu; desde pequena lho tinham ensinado; tudo o que ela
deseja o obtém, como uma recompensa devida aos seus prantos no
670 Calvário; seu Filho sorri-lhe à sua direita, o Deus-Padre fala-lhe à esquer-
da... E compreendia bem que para ela não havia esperança — e que al-
guma coisa medonha se preparava lá em cima, no Paraíso, que lhe cairia
um dia sobre o corpo e sobre a alma, esmagando-a com um desabamen-
to de catástrofe. Que seria?

675 Cessaria as suas relações com Amaro, se o ousasse: mas receava qua-
se tanto a sua cólera como a de Deus. Que seria dela, se tivesse contra
si Nossa Senhora e o senhor pároco? Além disso, amava-o. Nos seus bra-
ços, todo o terror do Céu, a mesma ideia do Céu desaparecia; refugiada
ali, contra o seu peito, não tinha medo das iras divinas; o desejo, o fu-
680 ror da carne, como um vinho muito alcoólico, davam-lhe uma coragem
colérica; era com um brutal desafio ao Céu que se enroscava furiosamente
ao seu corpo. — Os terrores vinham depois, só no seu quarto. Era esta
luta que a empalidecia, lhe punha pregas de envelhecimento ao canto dos
lábios secos e ardidados, lhe dava aquele ar murcho de fadiga que irritava
685 o padre Amaro.

— Mas que tens tu, que parece te espremeram o suco? perguntava-
-lhe ele quando aos primeiros beijos a sentia toda fria, toda inerte.

— Passei mal a noite... Nervoso.

— Maldito nervoso! rosnava o padre Amaro impaciente.

690 Depois vinham perguntas singulares que o desesperavam, repetidas
agora todos os dias. Se tinha dito a missa com fervor? Se tinha lido o
Breviário? Se tinha feito a oração mental?...

— Sabes tu que mais? dizia ele furioso. Sebo! E esta! Tu pensas que
eu sou ainda seminarista, e que tu és o padre examinador, que verifica
695 se cumpri a Regra? Ora a tolice!

671-2: alguma coisa] alguma coisa

690: singulares] singulares.

— Queres que eu seja suspenso? Que fique para aí a morrer de fome? Que vá parar a uma cadeia?

Ela olhou-o um momento e atirando-se de braços sobre a enxerga rompeu num choro violento, com ais agudos e grandes soluços que a sacudiam.

— Cala-te! mulher, podem ouvir da rua! dizia Amaro.

— Meu Deus! Meu Deus!

— Mas cala-te, com os diabos!

E ergueu-a por debaixo dos braços rudemente. Ela ficou a gemer com palavras miseráveis e desoladas.

— Eu morro! Nossa Senhora me valha! Morro! Morro!

Amaro tinha-se apiedado e tomando-a pela cintura:

— Não! Ouve. Não te deixo, não! Ouve. Estou tonto, não sei o que digo! Sossega! Ouve.

Mas ela não respondia, soluçava baixo.

— É que é necessário estar bem com Deus, murmurava ela.

Era com efeito a sua preocupação, agora, que Amaro *fosse um bom padre*. Contava, para se salvar e para se livrar da cólera de Nossa Senhora, com a influência do pároco na corte de Deus: e temia que ele por negligência de devoção a perdesse, e que, diminuindo o seu fervor, diminuíssem os seus méritos aos olhos do Senhor. Queria-o conservar santo e favorito do Céu, para colher os proveitos da sua protecção mística.

Amaro chamava a isto «caturrices de freira velha». Detestava-as, por as achar frívolas — e porque tomavam um tempo precioso, naquelas manhãs da casa do sineiro...

— Nós não viemos aqui para lamúrias, dizia ele, muito secamente. Fecha a porta, se queres.

Ela obedecia, — e então aos primeiros beijos na penumbra da janela cerrada, ele reconhecia enfim a sua Amélia, a Amélia dos primeiros dias, o delicioso corpo que lhe tremia todo nos braços, em espasmos de paixão.

E cada dia a desejava mais, dum desejo contínuo e tirânico, que aquelas horas escassas não satisfaziam. Ah! Positivamente, como mulher não havia outra!... Desafiava a que houvesse outra, mesmo em Lisboa, mesmo nas fidalgas!... Tinha pieguices, sim, mas era não as tomar a sério, e gozar enquanto era novo!

E gozava. A sua vida por todos os lados tinha confortos e doçuras — como uma destas salas onde tudo é acolchoado, não há móveis duros nem ângulos, e o corpo, onde quer que pouse, encontra a elasticidade mole duma almofada.

Decerto, o melhor eram as suas manhãs em casa do tio Esguelhas. Mas tinha outros regalos. Comia bem: fumava caro numa boquilha de espuma: toda a sua roupa branca era nova e de linho: comprara alguma mobília: e não tinha, como outrora, embaraços de dinheiro, porque a sr.^a D. Maria da Assunção, a sua melhor confessada, lá estava com a bolsa pronta. Sobretudo, ultimamente, tivera uma pechincha: uma noite em casa da S. Joaneira, a excelente senhora, a propósito duma família de ingleses que vira passar num *char-à-banc* para ir visitar a Batalha, exprimira a opinião que os Ingleses eram hereges.

— São baptizados como nós, observara D. Joaquina Gansoso.

706: aqui para] aqui pra

728: [*char-à-banc*: conforme 1889, a exemplo do que ocorre em subsequentes passos do texto]

— E tua mãe percebeu alguma coisa?

— Não! disse ela limpando os olhos, com grandes soluços. Não! Por ora não se conhece!

Ficaram ambos calados, um defronte do outro, longo tempo.

— Mas estás tu certa?

Ela sorriu, encolheu os ombros.

— Se estou certa!...

Tornaram a ficar calados, ela com o lenço na mão, os olhos rubros, fitos no chão; ele passeando febrilmente pelo pequeno quarto do sineiro, com as mãos nos bolsos.

— Adeus! disse ela, a mãe está à minha espera.

— Adeus!

E separaram-se, lugubrememente, sem um beijo, sem se darem a mão. Mas Amélia tornou a subir.

— Venho amanhã às oito horas.

— Pois sim.

— Pois sim, filha, mas é um baptismo para rir. Não é o nosso rico baptismo, não lhes vale.

735 O cônego então, que gostava de a torturar, declarou pausadamente que a sr.^a D. Maria dissera uma blasfémia. O santo Concílio de Trento, no seu cânon IV, sessão VII, lá determinara «que aquele que disser que o baptismo dado aos hereges, em nome do Padre, do Filho e do Espírito, não é o verdadeiro baptismo, seja excomungado!» E a D. Maria, segundo o santo concílio, estava desde esse momento excomungada!...

740 A excelente senhora teve um flato. Ao outro dia foi lançar-se aos pés de Amaro, que em penitência da sua injúria feita ao cânon IV, sessão VII do santo Concílio de Trento, lhe ordenou trezentas missas de intenção pelas almas do Purgatório — que D. Maria lhe estava pagando a cinco tostões cada uma.

745 Assim, ele podia às vezes entrar na casa do tio Esguelhas com um ar de satisfação misteriosa e um embrulhozinho na mão. Era algum presente para Amélia, um lenço de seda, uma gravatinha de cores, um par de luvas. Ela extasiava-se com aquelas provas da afeição do senhor pároco; e era então no quarto escuro um delírio de amor, enquanto em baixo a tísica, sobre a Totó, ia fazendo «trás... atrás...»

731: baptismo para] baptismo pra

- Amaro saiu da Sé e correu a casa do cónego Dias.
- Sabe você uma coisa? disse ele abruptamente, fechando a porta, com a respiração ofegante. A rapariga está grávida!
- O cónego ergueu-se de salto com o rosto esbugalhado.
- Grávida!
- Veja você que desgraça!
- E passeava a largos passos pelo quarto.
- Está meia doida, não faz senão chorar! Que hei-de eu fazer, padre-mestre?
- Olha que espiga! ponderou o cónego.
- Imagine você o escândalo, padre-mestre! Eu nem sei. Eu fujo, mato-me! Eu faço alguma doidice.
- O cónego estava calado.
- Mas que imagina você? Diga alguma coisa! Eu não tenho ideia nenhuma, estou idiota, estou de todo.

1-18: Amaro saiu da Sé [...] senão chorar! Que hei-de

19: cónego.

20-120: escândalo, [...] a botina de padre.

XIX

— O senhor cónego? Quero-lhe falar. Depressa!

A criada dos Dias indicou ao padre Amaro o escritório, e correu acima contar a D. Josefa que o senhor pároco viera procurar o senhor cónego, e com uma cara tão transtornada que decerto tinha sucedido alguma desgraça!

Amaro abriu abruptamente a porta do escritório, fechou-a de repente, e sem mesmo dar os bons-dias ao colega, exclamou:

— A rapariga está grávida!

O cónego, que estava escrevendo, caiu como uma massa fulminada para as costas da cadeira:

— Que me diz você!?

— Grávida!

E no silêncio que se fez o soalho gemia sob os passeios furiosos do pároco da janela para a estante.

— Está você certo disso? perguntou enfim o cónego com pavor.

— Certíssimo! A mulher já há dias andava desconfiada. Já não fazia senão chorar... Mas agora é certo... As mulheres conhecem, não se enganam. Há todas as provas... Que hei-de eu fazer, padre-mestre?

— Olha que espiga! ponderou o cónego atordoado.

— Imagine você o escândalo! A mãe, a vizinhança... E se suspeitam de mim?... Estou perdido... Eu não quero saber, eu fujo!

O cónego coçava estupidamente o cachaço, com o beijo caído como uma tromba. Representavam-se-lhe já os gritos em casa, a noite do parto, a S. Joaneira eternamente em lágrimas, toda a sua tranquilidade extinta para sempre...

— Mas diga alguma coisa! gritou-lhe Amaro desesperado. Que pensa você? Veja se tem alguma ideia... Eu não sei, eu estou idiota, estou de todo!

11: você!?) você?

26: alguma coisa!) alguma coisa!

O cónego oscilava pesadamente com a cabeça.

— Aí estão os resultados, meu amigo...

— Vá para o inferno, homem! Não se trata agora de moral. Está claro que foi uma asneira. Mas adeus, está feita.

O cónego pensou um momento.

— Pois menino, disse ele sentenciosamente, não há outro remédio, é casá-la com o João Eduardo.

O padre Amaro estacou, absorto.

— Casá-la com o escrevente!

— E já! disse o cónego. — E com a voz solene: — Antes de tudo salve-se esta coisa! — E apontava para a batina de padre.

— Aí estão as consequências, meu caro colega.

30 — Vá prò inferno, homem! Não se trata de moral... Está claro que foi uma asneira... Adeus, está feita!

— Mas então que quer você? disse o cónego. Não quer decerto que se dê uma droga à rapariga, que a arrase...

Amaro encolheu os ombros, impaciente com aquela ideia insensata.
35 O padre-mestre, positivamente, estava divagando...

— Mas então que quer você? repetia o cónego num tom cavo, arrancando as palavras do abismo do tórax.

— Que quero!? Quero que não haja escândalo! Que hei-de eu querer?

40 — De quantos meses está ela?

— De quantos meses? Está de agora, está dum mês...

— Então é casá-la! exclamou o cónego com explosão. Então é casá-la com o escrevente!

O padre Amaro deu um pulo:

45 — Cos diabos, tem você razão! É de mestre!

O cónego afirmou gravemente com a cabeça que era «de mestre».

— Casá-la já! Enquanto é tempo! *Pater est quem nuptiae demonstrant...* Quem é marido é que é pai.

50 Mas a porta abriu-se, e apareceram os óculos azuis, a touca negra de D. Josefa. Não se pudera conter em cima, na cozinha, tomada dum frenesi agudo de curiosidade; descera na ponta das chinelas e colara o ouvido à fechadura do escritório; mas o grosso reposteiro de bactão estava cerrado por dentro, um ruído de lenha que se descarregava na rua abafava as vozes. A boa senhora então decidiu-se a entrar, «a dar os bons-
55 -dias ao senhor pároco».

Mas de balde, por detrás dos vidros defumados, os seus olhinhos agudos esquadriharam ansiosamente o carão espesso do mano e a face pálida de Amaro. Os dois sacerdotes estavam impenetráveis como
60 duas janelas fechadas. O pároco mesmo falou ligeiramente do reumático do senhor chantre, da notícia que corria sobre o casamento do senhor secretário-geral... Ao fim duma pausa ergueu-se, contou que tinha nesse dia uma famosa orelheira para o jantar — e a sr.^a D. Josefa, roen-

31: feita['] feita.

38: quero!?! quero?

41: [dura: conforme 1889]

59: Os dois] Os dois

do-se, viu-o abalar depois de ter dito já por detrás do reposteiro ao cónego:

— Então até à noite em casa da S. Joaneira, padre-mestre, hem?

— Até à noite.

E o cónego, muito grave, continuou a escrever. D. Josefa então não se conteve; e depois de arrastar um momento as chinelas em torno da banca do mano:

— Há novidade?

— Grande novidade, mana! disse-lhe o cónego, sacudindo os bicos da pena. Morreu o senhor D. João VI!

— Malcriado! rugiu ela rodando sobre os sapatões, cruelmente perseguida por uma risadinha do mano.

Foi à noite, em baixo, na saleta da S. Joaneira, enquanto Amélia em cima, com a morte na alma, martelava a *Valsa dos dois mundos*, que os dois padres, muito chegados no canapé, de cigarro nos dentes, por debaixo do tenebroso painel onde a vaga mão do cenobita se estendia em garra sobre a caveira, cochicharam o seu plano: — antes de tudo era necessário achar João Eduardo, que desaparecera de Leiria; a Dionísia, mulher de faro, ia bater todos os recantos da cidade para descobrir a toca em que a fera se acoutava; depois, imediatamente, porque o tempo urgia, Amélia escrever-lhe-ia... Só quatro palavras simples: que soubera que ele fora vítima duma intriga; que nunca perdera nada da amizade que lhe tinha; que lhe devia uma reparação; e que viesse vê-la... Se o rapaz hesitasse agora, o que não era provável (o cónego afirmava-o), fazia-se-lhe reluzir a esperança do emprego no Governo Civil, fácil de obter pelo Godinho, inteiramente governado pela mulher, que era uma escravazinha do padre Silvério...

— Mas o Natário, disse Amaro, o Natário que detesta o escrevente, que dirá ele a esta revolução?

— Homem, exclamou o cónego com uma grande palmada na coxa, que me tinha esquecido! Pois você não sabe o que aconteceu ao pobre Natário?...

Amaro não sabia.

— Quebrou uma perna! Caiu da égua!

— Quando?

74: ela] ela,

77: *dos dois] dos dois*

77-8: os dois] os dois

XIX

Ao outro dia havia grande chuva. Amélia tinha chegado à Sé, molhada, com as suas botinas de duraque todas enlameadas. Amaro esperava-a numa grande agitação. Como aceitaria ela a ideia de casar com João Eduardo? Decerto recusaria, choraria, preferiria a vergonha; e Amaro sentia um indefinido orgulho em a ver já, de joelhos, apaixonada e sacrificando-se, preferir a perdição *com ele* à reabilitação com o *outro*. Mas então reconhecia a inexorável necessidade; e ruminava as palavras que lhe diria, as consolações, as súplicas com que a impeliria àquele sacrifício infeliz.

Quando ela entrou tomou-lhe as mãos, olhando-a com uma ternura piedosa, como se já se estivesse compadecendo das lágrimas aflitas que ela ia chorar, sentou-a carinhosamente na cama e falando devagar, baixo, triste...

— Escuta, minha filha. Não te aflijas com o que te vou dizer. Mas é necessário. É a nossa salvação!

E disse então a ideia do cônego, o casamento com João Eduardo; explicou-lhe que era a única solução; que ele decerto aceitaria logo; que tudo se limitaria a um parto prematuro. E Amaro, admirando-se um pouco de ver os seus olhos secos e os seus lábios mudos, insistia: que acabariam para eles os tormentos; que demais a mais poderiam ver-se depois, estimarem-se... O cônego encarregava-se de arranjar a João Eduardo o emprego no Governo Civil...

121-9: Ao outro dia [...] — Escuta, minha

129: dizer.

130: necessário. / salvação!

131-508: E disse então [...] dispersa no vago.

— Esta manhã. Eu soube-o agora à noitinha. Eu sempre lho disse:
 100 homem, esse animal ferra-lhe alguma! Pois senhores, ferrou-lha. E tesa!
 Tem pra pêras... E eu que me tinha esquecido! Nem as senhoras lá em
 cima sabem nada.

Foi uma desolação, em cima, quando souberam. Amélia fechou o
 piano. Todos lembraram logo remédios que se lhe devia mandar, foi uma
 105 gralhada de oferecimentos — ligaduras, fios, um unguento das freiras de
 Alcobaça, meia garrafinha dum licor dos monges do deserto de ao pé de
 Córdova... Era necessário também assegurar a intervenção do Céu: e cada
 uma se prontificou a usar do seu valimento com os santos da sua intimi-
 dade: D. Maria da Assunção, que ultimamente praticava com Santo
 110 Eleutério, ofereceu a sua influência; D. Josefa Dias encarregava-se de
 interessar Nossa Senhora da Visitação; D. Joaquina Gansoso afiançou
 S. Joaquim...

— E lá a menina? perguntou o cônego a Amélia.

— Eu?...

115 E fez-se pálida, numa tristeza de toda a sua alma, pensando que ela,
 com os seus pecados e os seus delírios, perdera a útil amizade de Nossa
 Senhora das Dores. — E não poder ela também concorrer com a sua in-
 fluência no Céu para restabelecer a perna de Natário, foi uma das amar-
 guras maiores, talvez a punição mais viva que sentira desde que amava
 120 o padre Amaro.

Foi em casa do sineiro, daí a dias, que Amaro participou a Amélia
 o plano do padre-mestre. Preparou-a, revelando-lhe primeiro que o cônego
 sabia tudo...

— Sabe tudo em segredo de confissão, acrescentou para a sossegar.
 125 Além disso ele e tua mãe têm culpas em cartório... Tudo fica em fa-
 mília...

Depois tomou-lhe a mão, e olhando-a com ternura, como compade-
 cendo-se já das lágrimas aflitas que ela ia chorar:

— E agora escuta, filha. Não te aflijas com o que te vou dizer, mas
 130 é necessário, é a nossa salvação...

Às primeiras palavras, porém, do casamento com o escrevente,
 Amélia indignou-se com espalhafato.

— Nunca, antes morrer!

104: piano. Todos] piano. Todas

— Mas que faz ele? Onde está ele? perguntou tranquilamente Amélia. Amaro mordeu os beiços.

— Não sei. Parece que vive lá para os lados do quartel.

Ficaram calados um momento. Amélia tinha os olhos no chão, estava como longe, muito longe dali.

— Então que dizes? perguntou Amaro.

— Que sim! Que remédio! disse ela com a voz calma.

Amaro sentiu como um raio na alma e com uma voz em que a cólera sibilava:

— Até te agrada, hem?

— Pois que hei-de eu fazer?

Amaro riu-se nervosamente.

— Não. Achas bom até? Sempre é outro! É variar.

Ela fez um gesto de desdém àquelas palavras.

E o padre Amaro repetiu:

— Sempre é outro! Sempre é outro!

— Pelo menos, disse ela, sempre é um marido!

Amaro ergueu a mão e com uma cólera bruta deu-lhe uma bofetada! Ela caiu sobre a cama.

— Não me batas! gritou toda encolhida, com as mãos diante da cabeça, quase desmaiada.

Amaro susteve-se e, todo trémulo, disse-lhe com a voz abafada:

— És uma... — E pronunciou a palavra.

Ela ergueu-se devagar, abateu as saias um pouco desmanchadas, vestiu o casabeque, calada, hirta, conchegou a manta em redor da cabeça e ia sair.

Amaro olhava-a, sentado aos pés da cama.

— Amélia! disse-lhe ele simplesmente.

Ela tinha a mão no fecho da porta, mas voltou-se rapidamente como um cão que sente a voz do dono; e, de um ímpeto, correu, atirou-se ao peito dele, com os braços convulsivos e beijos frenéticos. E as suas palavras saíam como borbotões de água, soluçadas, sacudidas, impetuosas:

— Não! Adoro-te! O que pensavas tu? Estás doido! Mas eu posso lá viver sem ti! Nem tu sabes. Isto é um feitiço! Tu não podes saber. Beijar-te, abraçar-te, qual! Queria mais, não sei o quê! Comer-te aos bocadinhos, matar-te! Tu imaginas lá! Ouve-me. Abraça-me!

135 O quê? Ele punha-a naquele estado e agora queria descartar-se dela e passá-la a outro? Era ela porventura um trapo que se usa e que se atira a um pobre? Depois de ter posto fora de casa o homem, havia de humilhar-se, chamá-lo e cair-lhe nos braços?... Ah, não! Também ela tinha o seu brio! Os escravos trocavam-se, vendiam-se, mas era no Brasil!

140 Enterneceu-se então. Ah, ele já não a amava, estava farto dela! Ah, que desgraçada, que desgraçada que era! — Atirou-se de bruços para a cama e rompeu num choro estridente.

— Cala-te, mulher, que te podem ouvir na rua! dizia Amaro desesperado, sacudindo-a pelo braço.

145 — Não me importa! Que ouçam! Prà rua vou eu gritar que estou neste estado, que foi o senhor padre Amaro, e que me quer agora deixar!...

Amaro fazia-se lívido de raiva, com um desejo furioso de lhe bater. Mas conteve-se; e com uma voz que tremia sob a sua serenidade:

150 — Tu estás fora de ti, filha... Dize lá, posso eu casar contigo? Não! Bem, então que queres? Se se percebe que estás assim, se tens o filho em casa, vê o escândalo!... Por ti, estás perdida, perdida pra sempre! E eu, se se souber, que me sucede? Perdido também, suspenso, metido em processo talvez... De que queres tu que eu viva? Queres que morra de fome?

155 Enterneceu-se também àquela ideia das privações e das misérias do padre interdito. — Ah, era ela, era ela que o não amava, e que depois de ele ter sido tão carinhoso e tão delicado, lhe queria pagar com o escândalo e com a desgraça...

— Não, não! exclamou Amélia em soluços, lançando-se-lhe ao pescoço.

160 E ficaram abraçados, tremendo no mesmo enternecimento, — ela molhando de pranto o ombro do pároco, ele mordendo o beijo com os olhos todos turvos de água.

Desprendeu-se brandamente, enfim, e limpando as lágrimas:

165 — Não, filha, é uma desgraça que nos sucede, mas tem de ser. Se tu sofres, imagina eu! Ver-te casada, a viver com outro... Nem falemos nisso... Mas então, é a fatalidade, é Deus que a manda!

Ela ficara aniquilada, à beira do leito, tomada ainda de grandes soluços. Tinha chegado enfim o castigo, a vingança de Nossa Senhora, que

134: estado] estado,

144: eu] eu,

155: tão delicado,] tão dedicado,

158: Amélia] Amélia,

Tinha-se deixado escorregar aos pés dele e beijava-lhe as mãos, a batina, abraçava-o pelos joelhos, louca.

— Ouve, Amaro. Bate-me! Mata-me!

E fazendo-se muito pálida começou a rolar docemente com a cabeça, os olhos cerrados, os lábios lívidos — e caiu para o lado pesadamente, desmaiada.

Amaro ergueu-a impetuosamente, atirou-a para cima da cama, deitou-lhe água pela cabeça, chamando-a, implorando-a.

Ela abriu os olhos e com uma voz expirante, mortal:

— Vem! Aqui! Ao pé de mim!

E procurava-lhe a mão, atraía-o, erguendo-se devagarinho, olhando-o com uma fixidez histérica.

— Vem!

E cingiu-lhe o pescoço subitamente, puxou-o para si com uma violência em que havia a febre e todos os delírios da loucura!

E durante as semanas seguintes o seu amor por Amaro teve uma exageração insensata. Desprezou as cautelas. Entrava brutalmente para casa do sineiro, com uma simplicidade impudente. Ficava a esperá-lo arfando, com os olhos fixos, sentada aos pés da cama, fitando a porta, roendo vagamente as unhas. E quando ele entrava, era um grito, uma explosão de beijos, uma ânsia! Às vezes afastava-se dele, levava as mãos à cabeça, passando violentamente os dedos entre os seus cabelos espessos e dizia:

— Sinto uma coisa aqui dentro, Amaro!

A bofetada que lhe dera o padre aumentara-lhe o amor até à monomania!

Amaro andava assustado. Tinha medo que num daqueles momentos ela, de repente, endoidecesse. Tinha ganho também um pouco do seu delírio. Às vezes, só ao lembrar-se dela, parava-lhe o coração. A vida ardia-lhe. Nos dias que a não via caía num idiotismo vago, adormecido. Mas que abrasada vitalidade — quando ela chegava com as suas precipitações de loba amorosa!

ela sentia preparar-se há tempos no fundo dos Céus, como uma tormenta complicada. Aí estava, agora, pior que os fogos do Purgatório! Tinha de se separar de Amaro que imaginava amar mais, e ir viver com o outro, com o excomungado! Como poderia ela nunca reentrar na graça de Deus, depois de ter dormido e vivido com um homem que os cânones, o Papa, toda a terra, todo o Céu consideravam maldito?... E devia ser esse seu marido, talvez o pai de outros filhos... Ah, Nossa Senhora vingava-se de mais!

— E como posso eu casar com ele, Amaro, se o homem está excomungado?!

Amaro então apressou-se a tranquilizá-la, prodigalizando os argumentos. Era necessário não exagerar... O rapaz, verdadeiramente, excomungado não estava... Natário e o cônego tinham interpretado mal os cânones e as bulas... Bater num sacerdote que não estava revestido não era motivo de excomunhão *ipso facto*, segundo certos autores... Ele, Amaro, era dessa opinião... Demais a mais podiam levantar-lhe a excomunhão.

— Tu compreendes... Como disse o santo Concílio de Trento, e como sabes, *nós atamos e desatamos*. O moço foi excomungado?... Bem, levantamos-lhe a excomunhão... Fica tão limpo como dantes. Não, isso não te dê cuidado.

— Mas de que havemos de viver, se ele perdeu o emprego?

— Tu não me deixaste dizer... Arranja-se-lhe o emprego. Arranja-lho o padre-mestre. Está tudo combinadinho, filha!

Ela não respondeu, muito quebrada e muito triste, com duas lágrimas persistentes ao comprido das faces.

— Dize cá, tua mãe não desconfia de nada?

— Não, por ora não se percebe, respondeu ela com um grande *ai*.

Ficaram calados: ela limpando as lágrimas, serenando para sair; ele de cabeça baixa, trilhando lugubrememente o soalho do quarto, pensando nas boas manhãs de outrora, quando só havia ali beijos e risadinhas abafadas; tudo mudara agora, até o tempo que estava todo nublado, um dia de fim de Verão, ameaçando chuva.

— Percebe-se que estive a chorar? perguntou ela, compondo ao espelho o cabelo.

— Não. Vais-te?

184: a mais] a mais.

A paixão dava a Amélia uma audácia, uma coragem como a que a aguardente dá aos covardes. Não receava mostrar-se, passar pela Arcada, entrar na botica do Carlos. Só às vezes temia encontrar de repente, ao voltar de alguma rua, João Eduardo.

— Que será feito dele? pensava.

Ninguém sabia: a S. Joaneira ouvira dizer que depois do caso do cemitério deixara Leiria e fora para Ourém.

Além disso a gravidez não era ainda visível; estava apenas mais cheia, mais ampla de formas. O cônego, porém, afirmava *que se percebia a uma légua*. Amaro achava *que não*. Amélia terminara por usar um casabeque largo, de cintura solta, à cautela.

Mas ia fazer visitas à irmã do cônego, que saía pouco ultimamente, por causa de um catarro persistente, e à sr.^a D. Maria da Assunção.

Tinha mesmo um dia ficado muito alegre quando a sr.^a D. Maria a convidou para uma merenda na quinta do Olival — sobretudo quando soube que iria também Amaro. A quinta do Olival era a que tinha comunicação com a propriedade da S. Joaneira, onde uma dia, no Inverno, Amaro lhe tinha dado o primeiro beijo — beijo roubado, assustado, pequenino beijo, que em tão pouco tempo se tornara Amor, Paixão, Posse, Martírio — como uma semente imperceptível que mal se sente entre os dedos e que se torna, com um pouco de sol e uma pouca de humidade, árvore enorme onde os pássaros cantam e os ventos rugem.

Amélia e o pároco muitas vezes tinham pensado em voltar àquela quinta, como numa peregrinação grata, ver o lugar onde o seu amor dera o primeiro grito.

— Como eu fiquei quando tu me beijaste! dizia-lhe ela às vezes. Tremia como varas verdes.

— E eu! Imaginei que te tinhas escandalizado e que ias contar tudo!

— Doidice! Se eu já andava tonta por ti!

— Eu podia lá saber! Tu olhavas para mim, é verdade! Mas eu duvidava. Que noites eu passei!

— E eu!

— A mamã está à minha espera...
 Deram um beijo triste, e ela saiu.

205

No entanto a Dionísia farejava pela cidade na pista de João Eduardo. A sua actividade desenvolvera-se, sobretudo, mal soubera que o cónego Dias, o ricoço, estava interessado na «pesquisa». E todos os dias, à noitinha, esgueirava-se cautelosamente pelo portão de Amaro a dar-lhe as novidades: já sabia que o escrevente estivera ao princípio em Alcobaça com um primo boticário; depois fora para Lisboa; aí, com uma carta de recomendação do doutor Gouveia, empregara-se no cartório dum procurador; mas o procurador, passados dias, por uma fatalidade, morrera de apoplexia; e desde então o rasto de João Eduardo perdia-se no vago, no caos da capital. Havia, sim, uma pessoa que lhe devia saber a morada e os passos: era o tipógrafo, o Gustavo. Mas infelizmente o Gustavo, depois duma questão com o Agostinho, deixara o *Distrito* e desaparecera. Ninguém sabia para onde fora; por desgraça, a mãe do tipógrafo não a podia informar — porque morrera também.

215

— Oh, senhores! dizia o cónego quando o padre Amaro lhe ia levar estes fios de informação. Oh, senhores! Mas então nessa história toda a gente morre! Isso é uma hecatombe!

220

— Você graceja, padre-mestre, mas é sério. Olhe que um homem em Lisboa é agulha em palheiro. É uma fatalidade!

225

Então, aflito já, vendo passar os dias, escreveu à tia, pedindo-lhe que esquadrinhasse por toda a Lisboa, a ver se por lá aparecera «um tal João Eduardo Barbosa...» Recebeu uma carta da tia em garatujas de três páginas, queixando-se do Joãozinho, do seu Joãozinho, que lhe fizera a vida um inferno, embebedando-se com genebra a ponto que não lhe paravam hóspedes em casa. Mas estava agora mais tranquila: o pobre Joãozinho havia dias jurara-lhe pela alma da mamã que daí por diante não beberia senão gasosa. Enquanto ao tal João Eduardo perguntara na vizinhança e ao sr. Palma do Ministério das Obras Públicas, que conhecia toda a gente, mas nada averiguara. Havia, sim, um Joaquim Eduardo que tinha uma loja de quinquilharias no bairro... E se fosse o negócio com ele bem ia, que era um homem de bem...

230

235

204: espera...] espera.

208: ricoço.] ricoço

216: passos:] passos:

221: Oh,] Oh

230: tranquila:] tranquila:

232: Eduardo] Eduardo,

Encontraram-se às três horas na quinta com a D. Maria da Assunção e daí a pouco ficaram surpreendidos vendo chegar o Libaninho.

Havia muito que o não viam. Estava gordo e nédio; a sua calva reluzia e os seus encontros saídos como os de uma mulher pareciam ainda mais salientes com o casaco preto abotoado, muito justo na cinta; na sua cara mole, barbeada, os olhos pequeninos tinham uma malícia turva e a boca armava-se-lhe constantemente num sorriso devoto e afectado.

— Mas por onde tens tu andado, Libaninho? disse Amélia.

— Ai! filha, nem imaginas! — E a sua voz era ainda mais esganiçada que de costume. — Tenho tido uma vida perfeita. Quase não tenho saído da Igreja da Encarnação.

Censuraram-lhe então ter abandonado a Sé e a Rua da Misericórdia.

— E que amizade é essa agora com o tenente Lousada, Libaninho?

— Ai! filha, já não é de agora, mas estávamos arrufados. Ai! Nem imaginas! Rapaz mais temente a Deus, mais bom! Eu até pasmo! Olha que edifica, filha, olha que edifica! E então, sendo militar! Que isso sempre vai uma impiedade pelo regimento!

— E então o sr. Libano agora intenta a conversão do batalhão? perguntou-lhe Amaro, que lhe falava sempre com um desdém mordente e a quem os ademanos e os feitos de Libaninho davam a repugnância instintiva que a mão limpa tem pela mão viscosa.

— Ai! sr. pároco, não é para as minhas forças, que se eu pudesse! Que eu faço o que posso! Ainda ontem comprei bentinhos para um anspeçada da quarta companhia. Até lhos ajudei a deitar ao pescoço, por baixo da camisa. Tinha-os feito benzer pelo padre Teodoro. Estavam mesmo cheinhos de virtude!

— O sr. Libano devia deixar esses cuidados pelo batalhão ao coronel, disse Amaro fitando-o com tédio.

— O coronel! Olha o ímpio! Safa! Se o deixassem desbaptizava o regimento!

— Lérias! Lérias! interrompeu o cónego impaciente.

Resolveu-se ele então a escrever. E instado pelo padre Amaro (que não cessava de lhe representar o que a S. Joaneira e ele mesmo, cónego Dias, sofreria com o escândalo) chegou a autorizar ao seu amigo da capital as despesas necessárias para empregar a polícia. A resposta demorou-se, mas veio enfim, prometedora e magnífica! O hábil polícia Mendes descobrira João Eduardo! Somente não lhe sabia ainda a morada, avistara-o apenas num café; mas em dois ou três dias o amigo Mendes prometia informações precisas.

O desespero dos dois sacerdotes, porém, foi grande quando, daí a dias, o amigo do cónego escreveu que o indivíduo, que o hábil polícia Mendes tomara por João Eduardo, num café da Baixa, sobre sinais incompletos, era um moço de Santo Tirso que estava na capital a fazer concurso para delegado... E havia três libras e dezassete tostões de despesa.

— Dezassete demónios! rugiu o cónego, voltando para Amaro furioso. E no fim de contas foi o senhor que gozou, que se refocilou, e sou eu que estou aqui a arrasar a minha saúde com estas andadas, e a fazer desembolsos desta ordem!

Amaro, dependente do padre-mestre, vergou os ombros à injúria. Mas não estava nada perdido, graças a Deus. Dionísia lá andava no faro!

Amélia recebia estas notícias com desconolação. Depois das primeiras lágrimas, a irremediável necessidade impusera-se-lhe, muito forte. Por fim que lhe restava? Daí a dois ou três meses, com aquele seu desgraçado corpo de cinta fina e quadris estreitos, não poderia esconder o seu estado. E que faria então? Fugir de casa, ir como a filha do *Tio Cegonha* para Lisboa, ser espancada no Bairro Alto pelos marujos ingleses, ou como a Joanhinha Gomes, que fora a amiga do padre Abílio, levar pela cara os ratos mortos que lhe atiravam os soldados? Não. Então, tinha de casar...

Depois vir-lhe-ia um menino ao fim dos sete meses (era tão frequente!), legitimado pelo sacramento, pela lei e por Deus Nosso Senhor... E o seu filho teria um papá, receberia uma educação, não seria um enjeitado...

Desde que o senhor pároco lhe afirmara, em juramento, que o escrevente *não estava realmente excomungado*, que com algumas orações

244: em dois] em dois

246: dos dois] dos deus

260: a dois] a deus

No entanto a merenda alegrava-os. Era no pomar, em cima de uma mesa de pedra, coberta com uma toalha, — e as boas frutas da quinta acastelavam-se em pratos das Caldas. Em redor o laranjal espessurava a sua folhagem luzidia e escura; a relva estava toda fresca com pequeninas flores brancas; os regueiros estavam cheios da água de regas e exalavam uma suave frescura; as roseiras que cresciam junto ao muro aromatizavam subtilmente; havia um silêncio fresco dos arvoredos tranquilos e bem regados; pássaros chilreavam, ouvia-se chiar uma nora; e para além do muro baixo do pomar, entre as árvores, entrevia-se, sentia-se a vasta extensão das culturas, os prados, as medas, a exalação dos fenos.

Amélia estava radiosa.

— Estás uma flor, filha, dizia-lhe o Libaninho. Quem te levava ao altar bem eu sei!

As duas mulheres riam-se, e o Libaninho continuava os seus gracejos, servindo-a com exagero, chamando-lhe *meu bem*, metendo-lhe cerejas na boca.

— Por que não te casas, Libaninho? perguntava-lhe ela.

— Não mo perguntes outra vez, filha, — e revirava os olhos, fingindo um sentimento ardente — olha que te peço já!

— Ai, pede, pede, Libaninho!

E acudindo-lhe alguma ideia grotesca sobre a sua união com Libaninho, dava risadas, que a faziam escarlate.

Libaninho então fez o elogio do casamento. O que lhe agradava mais era a ideia de irem *ambos* ouvir a missinha logo pela manhã, e *pedir perdão a Nossa Senhora...*

— Pedir perdão de quê? perguntou Amélia, que se divertia extraordinariamente.

E então, tendo a mesma ideia, as duas mulheres e o Libaninho riam, apertavam as ilhargas. A sr.^a D. Maria sufocava-se: aquelas alusões equívocas, *o perdão a Nossa Senhora*, eram para a velha celibatária malícias, que lhe davam a alegria assustada e nervosa de quem abre uma carta alheia.

Ao fim da merenda o cônego apareceu, e foram todos dar um grande passeio pela quinta.

Foi uma hora deliciosa para Amélia. A tarde caía, com tons rosados no céu, e uma grande placidez. Não havia uma aragem; as árvores, as folhagens pareciam descansar, adormecer devagar, fatigadas do sol do dia como de uma carícia muito forte. Aquele repouso dava a Amélia uma moleza suave e discreta. A merenda alegrara-a. Respirava bem, com

se lhe levantaria a excomunhão, os seus escrúpulos devotos esmoreciam como brasas que se apagam. No fim, em todos os erros do escrevente, ela só podia descobrir a incitação do ciúme e do amor: fora num despeito de namorado que escrevera o *Comunicado*, fora num furor de paixão
 275 traída que espancara o senhor pároco... Ah! Não lhe perdoava esta brutalidade! Mas que castigado fora! Sem emprego, sem casa, sem mulher, tão perdido na miséria anónima de Lisboa que nem a polícia o achava! E tudo por ela. Pobre rapaz! No fim não era feio... Falavam da sua impiedade; mas vira-o sempre muito atento à missa, rezava todas as noites
 280 uma oração especial a S. João que ela lhe dera impressa num cartão bordado...

Com o emprego no Governo Civil podiam ter uma casinha e uma criada... Porque não seria feliz, por fim? Ele não era rapaz de botequins, nem de vadiagem. Tinha a certeza de o dominar, de lhe impor os seus
 285 gostos e as suas devoções. E seria agradável sair aos domingos de manhã para a missa, arranjada, de marido ao lado, cumprimentada de todos, podendo, à face da cidade, passear o seu filho muito vistoso na sua touca de rendas e na sua grande capa franjada! Quem sabe se, então, pelos carinhos que desse ao pequerrucho e pelos confortos de que cercasse o
 290 homem, o Céu e Nossa Senhora se não abrandariam! Ah! Para isso faria tudo, para ter outra vez no Céu aquela amiga, a sua querida Nossa Senhora, amável e confidente, sempre pronta a curar-lhe as dores, a livrá-la de infortúnios, ocupada a preparar-lhe no Paraíso um luminoso conchego!

Pensava assim horas inteiras, sobre a sua costura; pensava assim,
 295 mesmo no caminho para casa do sineiro; e depois de ter estado um momento com a Totó, muito quieta agora, extenuada da febre lenta, quando subia ao quarto, a primeira pergunta a Amaro era:

— Então, há alguma novidade?

Ele franzia a testa, rosnava:

300 — A Dionísia lá anda... Porquê, tens muita pressa?

— Tenho muita pressa, tenho, respondia ela muito séria, que a vergonha é para mim.

Ele calava-se; e havia tanto ódio como amor nos beijos que lhe dava —
 305 àquela mulher que se resignava assim tão facilmente a ir dormir com outro!

286: missa, arranjada,] missa, bem arranjada.

302: é para] é pra

felicidade. E ao pé de si via ali, ignorado de todos e presente só para ela, o seu amor, o seu amante — aquele padre, sério na sua batina negra — que as mulheres achavam bonito, de quem conheciam apenas as palavras comedidas, e de quem só ela sabia os ardores apaixonados. E enquanto adiante a sr.^a D. Maria, e o cônego conversavam sobre o cebolinho e a ameixa, — ela atrás, entre Amaro calado e o Libaninho jovial, caminhava devagar, as mãos cruzadas sobre a sua manta de lã, um sorriso nos beiços cheios e vermelhos, a carne contente, feliz — como se em redor dela o ar, a luz, a exalação quente dos prados, o cheiro dos fenos, o chilrear dos pássaros, a limpidez da tarde, a claridade pálida da água, toda a larga natureza fosse um banho tépido e untuoso, que lhe envolvesse o corpo com a húmida carícia de um beijo absoluto.

Passearam devagar em redor de toda a quinta, e já a tarde ia findando quando se vieram sentar junto da casa, nos bancos de pedra, defronte da longa alameda de olmeiros.

Vinham um pouco fatigados, e estavam calados.

Amélia sentira calor, e tirara o seu casebeque: tinha colhido um grande ramo de rosas, apertava-o com as longas e agudas folhas de cana da Índia, que se parecem com uma fita verde e branca — e de pé, defronte dos outros, olhava sorrindo para o telhado da casa, para um bando de pombas, que esvoaçava, poisava, vinha debruçar-se à beira das telhas, beijando-se com os bicos confundidos e todos aqueles movimentos amorosos e convulsos, que têm as suas cabeças finas.

— Ó pequena, disse de repente o Libaninho, estou a reparar, que estás mais gorda.

— Quem, eu? perguntou Amélia.

— Pois não lhe parece, D. Maria? Oh! filha, desde que não te vi fazes uma diferença! Tens a cintura grossa como uma abadessa. Pois não acha, D. Maria?

D. Maria afirmava-se, aplicando a sua formidável luneta de oiro. Amaro fazia-se escarlate.

— Que faz você hoje? perguntou ele ao cônego para cortar bruscamente a conversa.

— Mas repare, D. Maria, insistia o Libaninho.

E levantando-se, andando em redor de Amélia, com um olhar agudo e maganão:

— Oh! filha, se fosses casada perguntava-te quando era o baptizado...

Amaro erguera-se de repente — e Amélia com a voz um pouco trémula disse, toda corada:

— Acho o gracejo muito tolo.

— Também eu, disse severamente o cônego.

Tinha ciúmes dela — que lhe tinham vindo ultimamente desde que a vira conformar-se àquele casamento odioso! Agora, que ela já não chorava, começava a enfurecer-se da falta das suas lágrimas; e secretamente desesperava-se de ela não preferir a vergonha com ele à reabilitação com o outro. Não lhe custaria tanto se ela continuasse a barafustar, a fazer um alarido de prantos; isso seria uma prova séria de amor, em que a sua vaidade se banharia deliciosamente; mas aquela aceitação do escrevente agora, sem repugnância e sem gestos de horror, indignava-o como uma traição. Viera a suspeitar que a ela no fundo não lhe *desagradava a mudança*. João Eduardo por fim era um homem; tinha a força dos vinte e seis anos, os atractivos dum belo bigode. Ela teria nos braços dele o mesmo delírio que tinha nos seus... Se o escrevente fosse um velho consumido de reumatismo, ela não mostraria a mesma resignação. Então, por vingança de padre, para «lhe desmanchar o arranjo», desejava que João Eduardo não aparecesse: e muitas vezes, quando a Dionísia lhe vinha dar conta dos seus passos, dizia-lhe com um mau sorriso:

— Não se canse. O homem não aparece. Deixe lá... Não vale a pena ganhar dor de peito...

Mas a Dionísia tinha o peito forte — e uma noite veio, triunfante, dizer-lhe que estava na pista do homem! Vira enfim o Gustavo, o tipógrafo, entrar para a casa de pasto do tio Osório. Ao outro dia ia-lhe falar, e havia de se saber tudo...

Foi uma hora amargurada para Amaro. Aquele casamento, por que ansiara no primeiro momento de terror, agora, que o sentia seguro, parecia-lhe a catástrofe da sua vida.

Perdia Amélia para sempre!... Aquele homem que ele expulsara, que ele suprimira, ali lhe vinha, por uma destas peripécias malignas em que a Providência se compraz, levar-lhe a mulher legitimamente. E a ideia que ele ia tê-la nos braços, que ela lhe daria os beijos fogosos que lhe dava a ele, que balbuciaría *Oh, João!* — como agora murmurava *Oh, Amaro!* — enfurecia-o. E não podia evitar o casamento; todos o queriam, ela, o cônego, até a Dionísia com o seu zelo venal!

De que lhe servia ser um homem com sangue nas veias e as paixões fortes dum corpo são? Tinha de dizer adeus à rapariga, — vê-la partir de braço dado com o *outro*, com o marido, irem ambos para casa brincar

307: Agora,] Agora

320: vezes,] vezes

321: [Em 1889: dos passos; seguimos a lição de 1880]

335: balbuciaría *Oh, João!*] balbuciaría *Oh!* / murmurava *Oh,*] murmurava *Oh*

338: veias] veias,

O Libaninho corou, coçou a calva — e começaram a falar da volta para a cidade: Amélia iria com a D. Maria; o cônego iria com Amaro. Depois ficaram calados.

A sr.^a D. Maria ergueu-se, foi fazer umas recomendações ao caseiro; Amaro foi dizer adeus a Amélia, e viu-lhe os olhos marejados de lágrimas.

Os dois padres desceram, sós, a rua dos sobreiros, e logo ao portão da quinta Amaro parou, e com uma cólera represada:

— Que estúpido, aquele Libaninho! exclamou ele para o cônego.

— Que finório, meu caro amigo, que finório!

E começaram então a discutir.

— A culpa é sua, dizia o cônego; a rapariga já devia estar casada.

— Mas se ela não quer!

— Não quer! Essa é boa! Não quer! E que não queira! — E depois de um momento: — Homem, falemos sério. É possível que a rapariga não queira casar, mas você e eu, nós todos, é que precisamos que ela case. Vamos a ter juízo!

E disse então mais claramente a sua ideia: o escândalo não recaía só sobre Amélia, recaía antes de tudo sobre Amaro; mais, recaía sobre a S. Joaneira.

— E a falar a verdade, acrescentou o cônego, sobre nós todos!

E contra os seus hábitos pouco loquazes, caminhando devagar, estendeu-se em largas explicações: que já se falava na cidade daquela intimidade do pároco com a S. Joaneira desde que Amélia rompera com João Eduardo; que os padres das relações da casa tinham inimigos; que aquele grupo devoto irritava os burgueses, sempre desconfiados de todas as amizades eclesiásticas; que se rosnavam baixo certas malícias sobre aquela promiscuidade permanente de saias e de batinas; que se de repente na casa, até aí honesta, houvesse um escândalo...

— Imagine você que gritaria!

A casa passava a ser considerada como um lupanar; a S. Joaneira teria talvez de sair da cidade.

— Veja você que desgosto para a pobre criatura!

com o filho, um filho que era seu! E ele assistiria à destruição da sua alegria de braços cruzados, esforçando-se por sorrir, voltaria a viver só, eternamente só, e a reler o Breviário!... Ah! Se fosse no tempo em que se suprimia um homem com uma denúncia de heresia!... Que o mundo recuasse duzentos anos, e o sr. João Eduardo havia de saber o que custa achincalhar um sacerdote e casar com a menina Amélia...

E esta ideia absurda, na exaltação da febre em que estava, apoderou-se tão fortemente da sua imaginação que toda a noite a sonhou — num sonho vívido, que muitas vezes depois contou rindo às senhoras. Era uma rua estreita batida dum sol ardente; entre as altas portas chapeadas, uma população apinhava-se; pelos balcões, fidalgos muito bordados retorciam o bigode cavalheiresco; olhos reluziam, entre as pregas das mantilhas, acesos num furor santo. E pela calçada, a procissão do auto-de-fé movia-se devagar, num vasto ruído, sob o tremendo dobre a finados de todos os sinos vizinhos. Adiante os flagelantes seminus, de capuz branco sobre o rosto, dilaceravam-se, uivando o *Miserere*, com as costas empastadas de sangue: sobre um jumento ia João Eduardo, idiota de terror, com as pernas pendentes, a camisa alva sarapintada de diabos cor de fogo, tendo ao peito um rótulo em que estava escrito — POR HEREGE; por trás um medonho servente do Santo Ofício espicaçava furiosamente o jumento; e ao pé um padre, erguendo alto o crucifixo, berrava-lhe aos ouvidos os conselhos do arrependimento. E ele, Amaro, caminhava ao lado cantando o *Requiem*, de Breviário aberto numa mão, com a outra abençoando as velhas, as amigas da Rua da Misericórdia que se agachavam para lhe beijar a alva. Às vezes voltava-se para gozar aquela pompa lúgubre, e via então a longa fila da Confraria dos Nobres: aqui era um personagem pançudo e apoplético, além uma face de místico com um bigode feroz e dois olhos chamejantes; cada um levava uma tocha acesa, e na outra mão sustentava o chapéu cuja pluma negra varria o chão. Os capacetes dos arcabuzeiros reluziam; uma cólera devota contorcia as faces esfomeadas do populacho; e o préstito ondeava nas tortuosidades da rua, entre o clamor do cantochão, os gritos dos fanáticos, o dobrar aterrador dos sinos, o *tlim-tlim* das armas, num terror que enchia toda a cidade, — aproximando-se da plataforma de tijolo onde já fumegavam as pilhas de lenha.

345: que custa] que custava

367: e dois] e dois

E então acrescentava — que o casamento, possível naquele momento, era inaceitável daí a um mês.

— Mas se ela não quer, padre-mestre!

— Homem! disse o cônego tornando-se sério, quase zangado, quem não quer é você!

Amaro negou. O cônego insistiu, representou-lhe que destino de desastres ele se estava preparando; lembrou-lhe a carreira cortada, a suspensão, o descrédito, os uivos dos jornais, a cadeia talvez, a miséria decerto!

— Que recursos tem você? De que há-de você viver? Há-de ver-se escorraçado como um cão!

O padre Amaro fazia-se branco; via-se já suspenso, pobre, empenhando o relógio, comendo às escondidas nas tavernas, e, na enxerga do hospital, sufocando no cheiro da febre dos mendigos...

Prometeu resolver Amélia.

— Juro-lhe, padre-mestre!

— Não jure, homem! Faça-o, que é melhor!

E no dia seguinte Amaro foi dizer ao cônego, no largo da Sé, à saída do coro:

— Está decidido! Em oito dias pode estar casada!

Amélia tinha aceitado aquela decisão com grandes lágrimas. Porque nas últimas semanas a exaltação amorosa penetrara até às profundidades do seu ser, e tinha mais terror de perder os contentamentos do amor — do que de ver chegar as torturas do escândalo. Mas Amaro foi forte e decidido. Ainda estava também sob o domínio de uma tristeza amarga, e de um ciúme indefinido. E quando nesse dia, em que a tinha convencido, iam ambos a sair da casa do sineiro, ele disse-lhe com uma grande melancolia:

— Estão a acabar os nossos bons dias, Amélia!

Ela fez-se branca, rompeu a chorar.

Amaro beijava-lhe os cabelos comovido, com as mãos trémulas, cheias de carícias brandas e demoradas como *adeuses*.

— Mas não! disse ela, não! Não caso!

Amaro teve uma reacção lúcida.

— Estamos doidos, filha! Não há remédio. Não falemos mais nisso. Adeus!

E o seu desengano foi grande, depois daquela glória eclesiástica do sonho, quando a criada o veio acordar cedo com água quente para a barba.

380 Era pois nesse dia que se ia saber do sr. João Eduardo, e escrever-se-lhe!... Devia encontrar-se com Amélia às onze horas; e foi a primeira coisa que lhe disse, atirando a porta do quarto com mau modo:

— O homem apareceu... Pelo menos apareceu o amigo íntimo, o tipógrafo, que sabe onde a besta pára...

Amélia, que estava num dia de desalento e terror, exclamou:

385 — Ainda bem, que se acaba este tormento!

Amaro teve um risinho repassado de fel:

— Então agrada-te, hem?

— Se te parece, neste susto em que ando...

390 Amaro teve um gesto desesperado, de impaciência. Susto! Não estava má hipocrisia! Susto de quê? Com uma mãe que era uma babosa, que lhe consentia tudo... O que era, era que queria casar... Queria outro! Não lhe agradava aquele divertimento pela manhã, de fugida... Queria a coisa comodamente, em casa. Imaginava a menina que o iludia a ele, um homem de trinta anos e quatro anos de experiência de confissão? Via bem
395 através dela... Era como as outras, queria mudar de homem.

Ela não respondia, muito pálida. E Amaro, furioso com o seu silêncio:

400 — Calas-te, está claro... Que hás-de tu dizer? Se é a verdade pura!... Depois dos meus sacrifícios... Depois do que tenho sofrido por ti... Aparece-te o outro, larga para o outro!

Ela ergueu-se, e batendo o pé, desesperada:

— Foste tu que quiseste, Amaro!

405 — Pudera! Se imaginas que me havia de perder por tua causa! Está claro que quis!... — E olhando-a de alto, fazendo-lhe sentir um desprezo de alma muito recta: — Mas nem vergonha tens de mostrar a alegria, o furor de ir para o homem!... És uma desavergonhada, é o que é...

Ela, sem uma palavra, branca como a cal, agarrou o mantelete para sair.

Amaro, exasperado, segurou-a violentamente pelo braço:

380-1: primeira coisa] primeira coisa

381: quarto] quarto,

392: a coisa] a coisa

407: Ela,] Ela

Amélia ia a sair, mas voltando-se, atirando-se-lhe ao pescoço, com um beijo longo, profundo, disse-lhe baixo, muito baixo:

— Mas depois de casada sou a mesma para ti!

Amaro fitou-a com uma paixão ansiosa:

— Juras? disse ele sofregamente.

— Juro!

— Pela hóstia sagrada?

— Juro!

E beijava-lhe a boca, os olhos, o cabelo, — até que ele murmurou:

— Vai-te! Vai-te que me fazes doido!

E Amélia ao entrar em casa, nesse dia e nos dias seguintes, alegrava-se ainda com a ideia de casar com João Eduardo — e de pertencer a Amaro!

Às vezes, porém, do fundo da sua natureza plebeia vinham, como velhos amigos há muito ausentes, e quase esquecidos, os escrúpulos honestos. Tinha então uma reacção pudica. A alma corava das impurezas de que se deixava cobrir, sacudia-as, resplandecia um momento, limpa, séria, cheia dos bons instintos sensatos, e do venerável amor das alegrias tranquilas. Vinha-lhe quase uma nova virgindade, e pensava bem, como no tempo em que adormecia rezando a Nossa Senhora, com um sono de pomba fatigada, acordava cantarolando — e o seu travesseiro não estava molhado das lágrimas da paixão, e a sua coberta virginal não estava toda enrodilhada com a agitação dos sonhos sensuais! O casamento com João Eduardo parecia-lhe então como uma nova existência, em que entraria, sacudindo de si as febres do amor criminoso, como um ferreiro ao entrar em casa sacode a fuligem negra da forja. E como aquela existência seria repoisada, calma, ampla, fácil, cheia de sorrisos simples e de horas castas! Como ela cuidaria do seu pequerrucho, do seu filho! Como o lavaria, o enfeitaria, o beijaria, o cobriria de laços cor-de-rosa, e de afagos consoladores! E por que não havia de amar João Eduardo? Sempre o conhecera bom, honesto, trabalhador, e não era feio rapaz, era airoso. E se se perdera, não tinha sido por amor dela? Tinha sofrido por ela! Chorara, empobrecera, e tivera talvez fome! E então resolvia amá-lo, envolvê-lo em comodidades, e em ternuras. Ele teria o seu emprego, teriam uma casinha pequena e bem caiada! Pobre rapaz! Como ele ia

410 — Pra onde vais? Olha bem pra mim. És uma desavergonhada...
Estou-te a dizer. Estás morta por dormir com o outro...

— Pois acabou-se, estou! disse ela.

Amaro, perdido, atirou-lhe uma bofetada.

— Não me mates! gritou ela. É o teu filho!

415 Ele ficou diante dela, enleado e trémulo: àquela palavra, àquela ideia do seu filho, uma piedade, um amor desesperado revolveu todo o seu ser: e arremessando-se sobre ela, num abraço que a esmagava, como querendo sepultá-la no peito, absorvê-la toda só para si, atirando-lhe beijos furiosos que a magoavam, pela face e pelos cabelos:

420 — Perdoa, murmurava, perdoa, minha Ameliazinha! Perdoa, que estou doido!

Ela soluçava, num pranto nervoso; — e toda a manhã foi no quarto do sineiro um delírio de amor a que aquele sentimento da maternidade, ligando-os como um sacramento, dava uma ternura maior, um renascimento incessante de desejo, que os lançava cada vez mais ávidos nos braços um do outro.

Esqueceram as horas; e Amélia só se decidiu a saltar do leito quando ouviram em baixo na cozinha a muleta do tio Esguelhas.

430 Enquanto ela se arranjava à pressa diante do bocado de espelho que ornava a parede, Amaro diante dela contemplava-a com melancolia, vendo-a a passar o pente nos cabelos — nos cabelos que ele dentro em breve não tornaria a ver pentear; deu um grande suspiro, disse-lhe enternecido:

— Estão a acabar os nossos bons dias, Amélia. És tu que queres... Hás-de-te lembrar algumas vezes destas boas manhãs...

435 — Não digas isso! fez ela com os olhos arrasados de água.

E atirando-se-lhe de repente ao pescoço, com a antiga paixão dos tempos felizes, murmurou-lhe:

— Hei-de ser sempre a mesma para ti... Mesmo depois de casada. Amaro agarrou-lhe as mãos sofregamente:

440 — Juras?

— Juro.

— Pela hóstia sagrada?

— Juro pela hóstia sagrada, juro por Nossa Senhora!

— Sempre que tenhas ocasião?

420-1: Perdoa, que estou doido!] Perdoa que estou doido!

427: leito] leito.

438: mesma para] mesma pra

ser enganado! Vinha justificar, e legitimar o filho *do outro!* E acreditaria, beijá-lo-ia, diria: — Parece-se comigo! — Como ela devia ser terna, fiel, meiga, interessante e amante, para o compensar *daquele logro!* Mas viveriam felizes! Ela cantaria ao pé do berço do seu pequeno, teria um jardinzinho, uns canteiros de cravos! E não tornaria a ver Amaro!

A esta ideia ainda lhe vinham suspiros, e as recordações do quarto do sineiro começavam de novo a flamejar, a rugir baixo. Mas reagia — e lentamente estava-se querendo acostumar à castidade com a insistência teimosa de quem aprende de cor a página de um livro.

Era forte a sós no seu quarto. Mas depois encontrava-se com Amaro. Via-o, beijava-o. Ai! Toda aquela doce e rosada construção de castidades e de pudores abatia-se como flocos de nuvens, que se desfazem — e a sua paixão aparecia, no meio daquelas ruínas, mais vibrante, com o seio nu, esgadelhada e faminta. Amaro abraçava-a, e ela sentia-se sem vontade, entorpecida como por um vinho forte, e ao mesmo tempo sacudida como por uma electricidade.

— E quando fores casada? dizia-lhe ele, tendo-a ainda apertada nos braços.

E ela trémula, respirando mal:

— Sempre! Sempre! Sempre! murmurava com uma exaltação fanática.

E por seu lado o padre Amaro começava a achar esta solução completa. Era quase mais feliz casando ela; não só os perigos desapareciam, mas as satisfações refinavam; findavam as responsabilidades da sedução para começarem as excitações do adultério!

E tinha-se então decidido que Amélia escrevesse uma carta a João Eduardo: quatro frases simples; que soubera, que ele fora sacrificado a uma intriga; que não lhe perdera nada da amizade, que lhe tinha; que desejava explicar-se com ele; que lhe pedia, que viesse vê-la.

— E daqui ao casamento é uma questão de dias, afirmava Amaro.

— Deus o oiça, e a Virgem o ajude, homem! murmurava o cônego.

445 — Sempre!

— Oh, Ameliazinha! Oh, filha! Não te trocava por uma rainha!

Ela desceu. O pároco, dando uma arranjadela ao leito, ouvia-a em baixo falar tranquilamente com o tio Esguelhas; e dizia consigo que era uma grande rapariga, capaz de enganar o Diabo, e que havia de fazer
450 andar numa roda-viva o pateta do escrevente.

Aquele «pacto», como lhe chamava o padre Amaro, tornou-se entre eles tão irrevogável que já lhe discutiam tranquilamente os detalhes. O casamento com o escrevente consideravam-no como uma destas neces-
455 sidades que a sociedade impõe e que sufoca as almas independentes, mas a que a natureza se subtrai pela menor fenda, como um gás irreductível. Diante de Nosso Senhor, o verdadeiro marido de Amélia era o senhor pároco; era o marido da alma, para quem seriam guardados os melhores beijos, a obediência íntima, a vontade; o outro teria quando muito o *cadáver*... Já às vezes mesmo tramavam o plano hábil das correspondên-
460 cias secretas, dos lugares ocultos de *rendez-vous*...

Amélia estava de novo, como nos primeiros tempos, em todo o fogo da paixão. Diante da certeza que em algumas semanas o casamento ia tornar «tudo branco como a neve», os seus transe tinham desaparecido, o mesmo terror da vingança do Céu calmara-se. Depois, a bofetada que
465 lhe dera Amaro fora como a chicotada que esperta um cavalo que preguiça e se atrasa: e a sua paixão, sacudindo-se e relinchando forte, ia-a de novo levando no ímpeto duma carreira ferosa.

Amaro, esse regozijava-se. Ainda às vezes, decerto, a ideia daquele homem, de dia e de noite com ela, importunava-o... Mas, no fundo, que
470 compensações! Todos os perigos desapareciam magicamente, e as sensações requintavam. Findavam para ele aquelas atrozes responsabilidades da sedução, e ficava-lhe a mulher mais apetitosa.

Instava agora com a Dionísia para que acabasse enfim aquela fastidiosa campanha. Mas a boa mulher, decerto para se fazer pagar melhor
475 pela multiplicidade de esforços, não podia descobrir o tipógrafo — aquele famoso Gustavo que possuía, como os anões de romance de cavalaria, o segredo da torre maravilhosa onde vive o príncipe encantado.

— Oh, senhor! dizia o cônego, isso até já cheira mal! Há quase dois meses à busca dum patife!... Homem, escreventes não faltam. Arranje-se
480 outro!

446: — Oh, Ameliazinha! Oh, filha!] — Oh Ameliazinha, oh filha,

473: Dionísia] Dionísia,

478: — Oh, senhor!] — Oh senhor, / quase dois] quase dois

Mandaram a carta por Dionísia. E como ninguém sabia onde João Eduardo morava, como havia mais de dois meses ninguém o vira, Dionísia foi informar-se prudentemente com o sr. Agostinho à redacção da *Voz do Distrito*.

O sr. Agostinho, com um xale-manta pelos ombros, um casaco roçado, um velho *cache-nez* ao pescoço, escrevia na sua larga mesa cheia de jornais e maços de cigarros. A Dionísia perguntou por João Eduardo.

— Que lhe queria, tia Dionísia?

— Mas ele está cá?

— Foi há mais de um mês para Lisboa.

E Agostinho continuou a escrever.

— Mas então?... começou a Dionísia.

— Não sei. Apareceu-me aí há-de haver um mês e meio. Eu não o via há que tempos! Disse, que ia para Lisboa. Nem sei o que faz, nem onde mora. Nada mais. *Addio!*

A Dionísia ia a sair, fechando a porta.

— Olhe lá! gritou-lhe Agostinho.

Ela tornou a entrar, risonha.

— Se a questão é de rapariga, cá estou eu!

Dionísia fechou a porta, furiosa.

O padre Amaro esperava, almoçando, que a Dionísia viesse com a resposta. O cônego Dias fazia-lhe companhia, fumando.

— Então? disse Amaro quando a viu entrar.

— O homem foi para Lisboa.

O padre Amaro ergueu-se com um salto.

— Para Lisboa? Mas então?...

— Nem se sabe com quem, nem se lá ficou, nem onde mora. Nada, nada, nada! dizia a sr.^a Dionísia traçando compungida o seu xale.

— E esta? disse Amaro para o cônego.

— É de truz! respondeu ele, quebrando no pires a cinza do cigarro.

Amaro passeava pela sala exasperado.

A única solução racional estava perdida, dispersa no vago.

— Diabos levem as mulheres, e o inferno as confunda! disse ele batendo uma punhada na mesa.

— *Amen!* disse gravemente o cônego Dias, erguendo os olhos ao céu!

509-11: disse ele batendo uma punhada na mesa. // — *Amen!* disse gravemente o cônego Dias, erguendo os olhos ao céu!

Mas enfim, uma noite em que ele entrara a descansar em casa do pároco, a Dionísia apareceu; e exclamou logo da porta da sala de jantar, onde os dois padres tomavam o seu café:

— Até que enfim!

485 — Então, Dionísia?

A mulher, porém, não se apressou: sentou-se mesmo, com licença dos senhores, porque vinha derreada... Não, o senhor cônego não imaginava os passos que se vira obrigada a dar... O maldito tipógrafo lembrava-lhe a história, que lhe contavam em pequena, dum veado que estava sempre
490 à vista e que os caçadores a galope nunca alcançavam. Uma perseguição assim!... Mas, finalmente apanhara-o... E tocadito, por sinal.

— Acabe, mulher! berrou o cônego.

— Pois aqui está, disse ela. Nada!

Os dois sacerdotes olharam-na mistificados.

495 — Nada quê, criatura?

— Nada. O homem foi prò Brasil!

O Gustavo recebera de João Eduardo duas cartas: na primeira, onde lhe dava a morada, para o lado do Poço do Borratém, anunciava-lhe a resolução de ir para o Brasil; na segunda dizia-lhe que mudara de casa, sem lhe indicar a nova *adresse*, e declarava que pelo próximo paquete
500 embarcava para o Rio; não dizia nem com que dinheiro, nem com que esperanças. Tudo era vago e misterioso. Desde então, havia um mês, o rapaz não tornara a escrever, donde o tipógrafo concluíra que ia a essa hora nos altos mares... — «Mas havemos de vingá-lo!» tinha ele dito a
505 Dionísia.

O cônego remexia pausadamente o seu café, embatucado.

— E esta, padre-mestre? exclamou Amaro, muito branco.

— Acho-a boa.

— Diabo levem as mulheres, e o inferno as confunda! disse
510 surdamente Amaro.

— *Amen*, respondeu gravemente o cônego.

483: os dois] os dous

494: Os dois] Os dous

509: [Diabo levem: conforme 1889]

XX

Quando Amélia soube este resultado, que lágrimas! Tinha-se acostumado tão bem ao casamento! Tinha-se imaginado salva! E de repente via-se perdida!

— Mas que hei-de fazer? perguntava ela a Amaro, chorando.

Amaro não respondia. Estava sucumbido. A sua natureza fraca, burguesa e efeminada não podia suportar aqueles transes, as lágrimas aflitas de Amélia, os sustos permanentes. A alma abatia-se-lhe, calada e inerte, como um animal sob um fardo excessivo.

— Veremos! dizia, talvez se arranje. — E consolava-a, pedia-lhe, que não chorasse...

— Deixa-me chorar! O que me resta é chorar!

Mas aquelas lágrimas amoleciam-no mais, enervavam-no. Tinha vontade também de se atirar de braços como uma mulher, e chorar toda a sua amargura.

XX

Que lágrimas quando Amélia soube a notícia! A sua honra, a paz da sua vida, tantas felicidades combinadas, tudo perdido e sumido nas brumas do mar, a caminho para o Brasil!

Foram as semanas piores da sua vida. Ia para o pároco, banhada em
5 lágrimas, perguntando-lhe todos os dias o que havia de fazer.

Amaro, sucumbido, sem ideia, ia para o padre-mestre.

— Fez-se tudo o que se pôde, dizia o cônego desolado. É aguentar. Não se metesse nelas!

E Amaro voltava para Amélia com consolações muito murchas:

10 — Tudo se há-de arranjar, é esperar em Deus!

Era bom o momento para contar com Deus, quando Ele, indignado, a acabrunhava de misérias! E aquela indecisão, num homem e num padre, que devia ter a habilidade e a força de a salvar, desesperavam-na; a sua ternura por ele sumia-se como a água que a areia absorve; e ficava
15 um sentimento confuso em que sob o desejo persistente já transluzia o ódio.

Espaçava agora de semana a semana os encontros na casa do sineiro. Amaro não se queixava; aquelas boas manhãs do quarto do tio Esquelhas, eram sempre estragadas com queixumes; cada beijo tinha um
20 rastro de soluços; e aquilo enervava-o tanto, que lhe vinham desejos de se atirar também de bruços para a enxerga e chorar toda a sua amargura.

No fundo acusava-a de exagerar os seus embaraços, de lhe comunicar um terror desproporcionado. Outra mulher, de melhor senso, não faria semelhante espalhafato... Mas quê, uma beata histérica, toda nervos,
25 toda medo, toda exaltação!... Ah, não havia dúvida, fora «uma famosa asneira»!

Amélia, desde o fatal gracejo do Libaninho sobre a grossura da sua cintura, perdera todo o ânimo, toda a coragem, de repente, como uma máscara cai. Se Libaninho reparara, decerto a mãe, as velhas, os padres, a cidade reparavam também. E parecia-lhe, que das ruas, das vielas, de cima dos telhados e das ombreiras das portas lhe vinha aquele grito estridente, infernal, cascalhado em risadas: — Quando é o baptizado? — Tinha um medo horrível, que a *Ruça* percebesse: dava-lhe lenços, roupa branca velha, falava-lhe com doçura; a pobre *Ruça*, cada vez mais doente e mais enfezada, caindo lentamente em idiotismo, agradecia, abria grandes olhos sem compreender nada. Mas o seu terror era a mãe: se ela lhe entrava no quarto tremia, punha-se a falar muito alto para a distrair; se ela de repente a chamava de baixo, dava-lhe o coração uma pancada: — É agora, sabe tudo, vai-me matar! — No seu medo nem raciocinava, que a mãe era uma criatura extremosa, boa como o pão, pacata, cheia de indulgências. Quando ela saía era um alívio, eram duas horas tranquilas. Já então recorria a dissimulações, fingia-se indisposta para não ter de se vestir, e de se apertar, trazia sempre o seu largo roupão de merino.

Um dia, porém, tinham vindo de repente, de madrugada, de casa do cônego, chamar a S. Joaneira: D. Josefa Dias estava em perigo. Ao catarro sucedera repentinamente uma pneumonia, e na última noite estivera perdida, tinha pedido os sacramentos; os médicos receavam sobretudo a idade e a fraqueza. A S. Joaneira tinha corrido logo aflita — e daí por diante tinha-se estabelecido sua enfermeira, passava lá os dias, vinha um momento a casa, e voltava para a velar de noite. Foi um

Também Amélia pensava que fora «uma asneira». E não ter nunca imaginado que aquilo lhe poderia suceder! Qual! Como mulher, corra para o amor, toda tonta, certa que escaparia, ela, — e agora que sentia nas entranhas o filho, eram as lágrimas e os espantos e as queixas! A sua vida era lúgubre: de dia tinha de se conter diante da mãe, aplicar-se à sua costura, conversar, afectar felicidade... Era de noite que a imaginação desencadeada a torturava com uma incessante fantasmagoria de castigos, deste e do outro mundo, misérias, abandonos, desprezo da gente honrada e chamas do Purgatório...

Foi então que um acontecimento inesperado veio fazer diversão àquela ansiedade que se ia tornando um hábito mórbido do seu espírito. Uma noite a criada do cônego apareceu, esfalfada de correr, a dizer que a sr.^a D. Josefa estava à morte.

Na véspera a excelente senhora sentira-se doente com uma pontada no lado, mas insistira em ir à Senhora da Encarnação rezar a sua coroa; voltou transida, com uma dor maior e uma ponta de febre; e nessa tarde, quando o doutor Gouveia foi chamado, tinha-se declarado uma pneumonia aguda.

A S. Joaneira correu logo a instalar-se lá como enfermeira. E então, durante semanas, na tranquila casa do cônego, foi um alvoroço de dedicações aflitas: as amigas, quando se não espalhavam pelas igrejas a fazer promessas e a implorar os seus santos devotos, estavam lá em permanência, saindo e entrando no quarto da doente com passos de fantasmas, acendendo aqui e além lamparinas às imagens, torturando o doutor Gouveia com perguntas piegas. À noite na sala, com o candeeiro a meia luz, era pelos cantos um cochichar de vozes lúgubres; e ao chá, entre cada mastigadela de torrada, havia suspiros, lágrimas furtivamente limpadas...

O cônego lá estava a um canto, aniquilado, sucumbido com aquela brusca aparição da doença e do seu cenário melancólico — as garrafadas de botica enchendo as mesas, as entradas solenes do médico, as faces compungidas que vêm saber se há melhoras, o hálito febril espalhado em toda a casa, o timbre funerário que toma o relógio da parede no abafamento de todo o ruído, as toalhas sujas que ficam dias no lugar em que caíram, o anoitecer de cada dia com a sua ameaça de treva eterna... De resto, um pesar sincero prostrava-o; havia cinquenta anos que vivia com a mana e era amimado por ela; o longo hábito tomara-lha cara; e as suas caturrices, as suas toucas negras, o seu espalhafato pela casa faziam como

42: maior] maior.

grande alívio para Amélia. Não saiu mais de casa senão à noite para ir visitar a velha, ou às vezes para ver Amaro. E a S. Joaneira, preocupada, com as noites mal dormidas, sempre apressada, doente, também não tinha tempo de reparar na filha, de notar a sua tristeza, o seu estado, a sua palidez crescente.

Ao fim de duas semanas a velha estava livre de perigo agudo, e entrava numa longa e difícil convalescença.

uma parte mesma do seu ser... Além disso, quem sabe se a morte, en-
65 trando-lhe em casa, para poupar passos, o não levaria também!...

Para Amélia aquele tempo foi um alívio; ao menos ninguém pensa-
va, ninguém reparava nela; nem a sua face triste e os vestígios de lágrি-
mas pareceriam estranhos, naquele perigo em que estava a madrinha.
Demais os serviços de enfermeira ocupavam-na: como era a mais forte e
70 a mais nova, agora que a S. Joaneira estava estafada de vigílias, era ela
que passava as longas noites à beira de D. Josefa: e não havia então
desvelos que não tivesse, para abrandar Nossa Senhora e o Céu com
aquela caridade pela doente, para merecer igual piedade quando o seu dia
viesse de estar também prostrada num leito... Vinha-lhe agora, sob a
75 impressão fúnebre que se exalava da casa, o pressentimento repetido que
morreria de parto; às vezes só, embrulhada no seu xale aos pés da doen-
te, ouvindo-lhe o gemer monótono, enternecia-se sobre a sua própria morte
que julgava certa, e molhavam-se-lhe os olhos de lágrimas, numa sauda-
de vaga de si mesma, da sua mocidade e dos seus amores... Ia então
80 ajoelhar-se junto da cómoda onde uma lamparina bruxuleava diante dum
Cristo projectando sobre o papel claro da parede a sua sombra disforme
que se quebrava no tecto; e ali ficava rezando, pedindo a Nossa Senhora
que não lhe recusasse o Paraíso... Mas a velha mexia-se com um *ai*
doloroso; ia então aconchegar-lhe a roupa, falar-lhe baixo. Vinha depois
85 à sala ver no relógio se era o momento do remédio; e estremecia às vezes,
sentindo vir do quarto próximo um pio de flautim ou um som rouco de
trombone; era o cónego a ressonar.

Enfim, uma manhã, o doutor Gouveia declarou D. Josefa livre de pe-
rigo. Foi um vivo regozijo para as senhoras — certa, cada uma, que
90 aquilo era devido à intervenção particular do seu santo devoto. E daí a
duas semanas houve uma festa na casa, quando D. Josefa, pela primeira
vez, amparada nos braços de todas as amigas, deu dois passos trémulos
no quarto. Pobre D. Josefa, o que dela fizera a doença! Aquela vozinha
irritada, em que as palavras eram despedidas como setas envenenadas,
95 assemelhava-se agora apenas a um som expirante, quando, num esforço
ansioso da vontade, pedia a escarradeira ou o xarope. Aquele olhar sem-
pre alerta, escrutador e maligno, estava hoje como refugiado no fundo das
órbitas, assustado da luz, das sombras e dos contornos das coisas. E o seu
corpo, tão teso outrora, duma secura de ramo de sarmento, agora ao cair

92: deu dois] deu dous

98: das coisas.] das cousas.

E foi por essa ocasião que o cónego disse um dia a Amaro:
— Homem, tenho estado a pensar numa coisa, e parece-me que se
arranja tudo.
— Como?

100 no fundo da poltrona, sob a trapalhada dos agasalhos, parecia um trapo também.

Mas enfim o doutor Gouveia, apesar de anunciar uma convalescença longa e delicada, dissera rindo ao cônego, diante das amigas (depois de ter visto D. Josefa manifestar o seu primeiro desejo, o desejo de se chegar à janela), que com muita cautela, tónicos, e as orações de todas aquelas boas senhoras — a mana estava ainda para amores...

— Ai, doutor, exclamou D. Maria, as nossas orações não lhe hão-de faltar...

110 — E eu não lhe hei-de faltar com os tónicos, disse o doutor. De modo que, o que resta é congratularmo-nos.

Aquela jovialidade do doutor era para todos como a certeza da saúde próxima.

E daí a dias, o cônego vendo aproximar-se o fim de Agosto, falou de alugar casa na Vieira, como costumava um ano sim outro não, para ir tomar os seus banhos de mar. O ano passado não fora. Este era o ano de praia...

— E a mana lá, naqueles ares saudáveis da beira-mar, é que acaba de ganhar forças e carnes...

120 Mas o doutor Gouveia desaprovou a jornada. O ar muito picante e muito rico do mar não convinha à fraqueza de D. Josefa. Era preferível irem para a quinta da Ricoça, nos Poiais, lugar abrigado e muito temperado.

125 Foi um desgosto para o pobre cônego, que prodigalizou as lamúrias. O quê! Ir enterrar-se todo o Verão, o melhor tempo do ano, na Ricoça! E os seus banhos, meus Deus, os seus banhos?

130 — Veja o senhor, — dizia ele a Amaro, uma noite no escritório, — veja o que eu tenho sofrido... Durante a doença, que desarranjo, que desordem na casa! Chá fora de horas, jantar esturrado! E os cuidados que tive, que me emagreceram... E agora, quando eu pensava poder ir refazer-me para a praia, não senhor, vai prà Ricoça, dispensa os teus banhos... Isto é o que eu chamo sofrer! E no fim de tudo não fui eu que estive doente. Mas sou eu que as aguento... Perder dois anos a fio os meus banhos!...

Amaro, então, deu de repente uma punhada na mesa, e exclamou:

— Homem, veio-me uma boa ideia!

103: amigas] amigas,

105: janela),] janela)

132: Perder dois] Perder dois

— A primeira coisa, que nós temos a fazer, é separar a mãe e a filha: levar a mãe para longe para que não saiba o que se passa, levar a filha para mais longe para que ninguém saiba o que se vai passar.

O cônego tinha composto cuidadosamente esta frase, e fê-la notar a Amaro.

— Parece-me, que este bocadinho de raciocínio tem o seu valor!

Amaro, porém, não compreendia bem. Não tinha confiança nas ideias do cônego — e aquela perpétua interferência dele, um pouco pelo terror do escândalo, e um pouco pelos hábitos de pedagogo, irritavam-no. O cônego então desenvolveu um grande plano: estavam em Agosto, era a época de ir para os banhos do mar; ele encarregava-se de forçar a S. Joaneira a partir um pouco mais cedo para a Vieira; tinha-lhe alugado uma casa, como costumava, a pouca distância da dele.

— E aqui temos a mãe arranjada.

— Mas a Amélia?

Por outro lado, expunha o cônego, a irmã precisava ir, na convalescença, aproveitar os ares do campo, e convencê-la-ia a que fosse para a Cortegaça, propriedade dela; mas não havia de ir só, velha, doente, extremamente débil; nada mais natural que Amélia, sua afilhada, lhe fosse fazer uma companhia de enfermeira. E lá é que ela teria o filho.

— Mas sua irmã? disse Amaro.

— Aí é que está! É necessário convencê-la a que proteja a coisa.

— Acho difícil.

— Não acho eu. A mana está fraca, meia tonta, aterrada, com um bocado de energia faz-se dela o que se quiser.

135 O cónego olhou-o com dúvida, como se não achasse possível a uma inteligência humana descobrir o fim dos seus males.

— Quando digo uma boa ideia, padre-mestre, devia dizer uma ideia sublime!

— Acabe, criatura...

140 — Escute. O senhor vai prà Vieira, e a S. Joaneira, está claro, vai também. Naturalmente alugam casa um ao pé do outro, como ela me disse que tinham feito há dois anos...

— Adiante...

145 — Bem. Aqui temos a S. Joaneira na Vieira. Agora, a senhora sua mana parte prà Ricoça.

— E então a criatura há-de ir só?

150 — Não! exclamou Amaro em triunfo. Vai com a Amélia! A Amélia vai-lhe servir de enfermeira! Vão ambas sós! E lá na Ricoça, naquele buraco onde não vai viva alma, naquele casarão onde pode uma pessoa viver sem que ninguém em roda suspeite, lá é que a rapariga tem o filho! Hem, que lhe parece?

O cónego erguera-se com os olhos redondos de admiração.

— Homem, famosa ideia!

155 — É que concilia tudo! O senhor toma os seus banhos. A S. Joaneira, longe, não sabe o que se passa. Sua mana goza os ares... A Amélia tem um sítio escondido prà coisa... À Ricoça ninguém a vai ver... A D. Maria também vai prà Vieira. As Gansosas idem. A rapariga deve ter o bom sucesso af pelos princípios de Novembro... Da Vieira, e isso fica por sua conta, não volta ninguém dos nossos até princípios de Dezembro...
160 E quando nos reunirmos de novo está a rapariga limpa e fresca.

— Pois senhores, por ser a primeira ideia que você tem nestes dois últimos anos, é uma grande ideia!

— Obrigado, padre-mestre.

165 Mas havia uma dificuldade feia: era o ir à D. Josefa, à rigorista D. Josefa, tão implacável às fraquezas do sentimento, à D. Josefa que pedia para as mulheres frágeis as antigas penalidades góticas — as letras marcadas na testa com ferro em brasa, os açoutes nas praças públicas, os *in pace* tenebrosos — ir à D. Josefa e pedir-lhe para ser cúmplice dum parto!

142: há dois] há dois

156: prà coisa...] prà coisa...

157: Gansosas] Gansosas,

161: nestes dois] nestes dois

Amaro foi imediatamente todo esbaforido a casa de Amélia. A mãe tinha saído; e ela só, como costumava, cosia enfasiadamente à janela.

— Parece-me que se arranja tudo, disse-lhe ele logo da porta.

Ela fitou-o ávida, suspensa.

— Disse-me agora o cônego, que vai para a Vieira a banhos, percebes? Arranja-se que tua mãe vá mais cedo.

— E eu?

— Escuta. Tu vais para a Cortegaça.

— Só! Mas como?

— Ouve. Vais com a irmã do cônego.

— Mas ela?

— Arranja-se, tudo se arranja. Tens lá a criança, só ela sabe. Sossega, que ela guarda segredo!

— Eu sei! disse Amélia com uma dúvida triste.

— Deixa estar, fica por nossa conta. Quando tua mãe voltar daqui a quatro meses estás livre!

— Mas a mamã quererá?

— Tudo se arranja, deixa estar.

Amélia ficou toda alegre. Estavam sós. Falaram baixo longo tempo.

— E se eu for para a quinta, tu vais-me lá ver?

— Vou, deixa estar.

— Juras?

— Juro! Vou-te lá ver todas as semanas.

E Amélia ria-se, batia as mãos. Era tempo de tomar uma resolução. A sua excitação crescia com o terror. Às vezes tinha medo de enlouquecer. Pensara em matar-se, em fugir, sobretudo em contar tudo à mãe, e entrar num convento. Um dia mesmo tinha ido ao quarto dela resolvida a confessar tudo; mas à porta veio-lhe uma covardia, uma fraqueza, não entrou. Além disso o convento aterrava-a; a prisão das grades dava-lhe um calafrio, porque sentia, mais que nunca, um sangue exigente correr, arder nas suas veias. Não podia separar-se do mundo, das suas liberdades, dos homens! Mas procurava então outros meios, batia desesperadamente à porta de todas as soluções; nenhuma se abria para lhe dar refúgio! As suas noites eram cheias de pesadelos; os dias cheios de lágrimas, e de sustos. Chegara a falar a Amaro em *certo remédio*. Mais tarde disse, que *não, que antes morrer*; mas dias depois perguntou à Dionísia se o *remédio* era difícil de arranjar, que efeito fazia, se havia perigo. Depois não tornou a falar mais nisso.

Enfim, um dia, o cônego e Amaro resolveram falar a D. Josefa, e propor-lhe a ida para Cortegaça, e a cumplicidade no parto de Amélia. Amaro estava assustado e perguntava a cada momento, ao subir do quarto do cônego para o de D. Josefa:

170 — A mana vai dar urros! disse o cônego.

— Nós veremos, padre-mestre, replicou Amaro repoltreando-se e balouçando a perna, muito certo do seu prestígio devoto. Nós veremos... Hei-de-lhe eu falar... E quando lhe tiver contado umas lérias... Quando lhe tiver representado que é para ela um caso de consciência encobrir a pequena... Quando lhe lembrar que nas vésperas da morte é que se deve

175 fazer alguma boa acção, para não se apresentar à porta do Paraíso com as mãos vazias... Nós veremos!

— Talvez, talvez, disse o cônego. A ocasião é boa, porque a pobre mana está fraquita do juízo e leva-se como uma criança.

180 Amaro ergueu-se, esfregando vivamente as mãos:

— Pois é mãos à obra! É mãos à obra!

— E é necessário não perder tempo, porque o escândalo estala. Olhe que esta manhã, lá em casa, a besta do Libaninho pôs-se a gracejar com a rapariga, a dizer-lhe que tinha a cinta grossa...

185 — Oh, que patife! rugiu o pároco.

— Não, não seria por mal. Mas que a rapariga tem engrossado, é facto... Com esta atarantação da doença ninguém tem tido olhos para nada... Mas agora pode-se reparar... É sério, amigo, é sério!

190 Por isso, logo na manhã seguinte, Amaro foi, segundo a expressão do cônego, «dar a grande abordagem à mana».

Antes, porém, explicou em baixo no escritório ao padre-mestre o seu plano: primeiro, ia dizer a D. Josefa que o cônego estava na inteira ignorância do desastre da Ameliazinha, e que ele, Amaro, o sabia, não em segredo de confissão (nesse caso não o poderia revelar) mas pelas

195 confidências secretas dos dois — de Amélia e do homem casado que a seduzira!... Do homem casado, sim!... Porque enfim era necessário provar à velha que havia a impossibilidade duma reparação legítima...

O cônego coçava a cabeça descontente:

200 — Isso não vai bem arranjado, disse ele. A mana sabe bem que não iam homens casados à Rua da Misericórdia.

— E o Artur Couceiro? exclamou Amaro, sem escrúpulo.

175: que se deve] que deve

185: — Oh.] — Oh

187: olhos para] olhos pra

195: dos dois] dos dois

— Mas sua irmã como receberá a coisa?

— Falamos-lhe ambos, levamo-la pela religião. A pobre de Cristo está fraca, aterrada com a doença. Deixe estar, homem, a coisa arranja-se!

— E a S. Joaneira?

— A S. Joaneira fica por minha conta. Sabe o que não se remedeia, amigo? É a morte. O mais...

A velha já se levantava, mas mal podia falar, estava muito acabada, muito assustada, propensa a visões, cheia do temor de Deus.

Era ao começo da tarde. Ela estava no quarto, sentada numa cadeira baixa de braços, com os pés embrulhados num cobertor; um grande xale envolvia-a, e a sua fisionomia aparecia lívida, cavada, trémula, entre as rendas de uma touca branca; tinha ao pé, num banquinho, a escarradeira, e o lambedor. O pároco e o cónego estiveram alguns momentos calados, procurando a ocasião. O cónego passeava no quarto, devagar, ruminando.

— Sabe o que deve fazer, mana? disse ele de repente, parando ao pé dela, é ir passar um mês à Cortegaça. Um? Dois, três! Fazia-lhe um bem!

Ela ergueu a voz débil, vinda vagamente do fundo do peito, custosa, e trémula:

— Eu tenho lá forças! murmurava.

— Se tem! observou Amaro, que estava sentado no poial da janela. E lá é que as ganhava! Lá é que era!

— Está claro, afirmou o cónego. Isto, minha rica, o verdadeiro remédio é mudar de ares! Para tudo! Assim que eu fosse para a Vieira, a mana metia-se aqui numa sege.

— Ora! disse ela, ir para lá só!

— Também ninguém lhe diz que vá só, acudiu o cónego.

— Decerto. É o que faltava! disse Amaro.

E na sua preocupação os dois padres passeavam pelo quarto. A velha pediu-lhes, que se sentassem, porque o movimento agitava e arrefecia o ar.

— Olhe, sabe, mana? disse o cónego, sentando-se ao pé dela, leve a Amélia. É uma boa rapariga, é uma companhia.

A velha tossia, cuspiam na escarradeira, e inclinava-a à luz para ver se havia raios de sangue.

Então o padre Amaro, tomando uma resolução, disse abruptamente:

— E fazia um grande favor à pobre rapariga, coitada!

— Favor porquê? disse a velha erguendo o rosto para Amaro.

Mas o padre embaraçado fingia examinar atentamente uma pequena ferida que tinha no dedo; hesitava, temia propor claramente àquela beata escrupulosa uma condescendência pecadora.

— Pergunte ali ao sr. cónego, disse ele. É um caso muito sério! Muito sério!

O cônego largou a rir, com gosto. O pobre Artur, sem dentes, cheio de filhos, com os seus olhos de carneiro triste, acusado de perder virgens!... Não, essa era boa!

205 — Não pega, pároco amigo, não pega! Outra, outra...

Mas então subitamente partiu dos lábios de ambos o mesmo nome, — o Fernandes, o Fernandes da loja de panos! Belo homem, que Amélia admirava muito! Sempre que saía ia-lhe à loja: tinha mesmo havido indignação na Rua da Misericórdia, havia dois anos, com a ousadia do
210 Fernandes que acompanhara Amélia pela estrada de Marrazes até ao Morenal!

Já se sabe, não se dizia explicitamente à mana, mas dava-se-lhe a entender que fora o Fernandes.

E Amaro subiu rapidamente para o quarto da velha, que era por
215 cima do escritório. Esteve lá meia hora, uma longa, uma pesada meia hora para o cônego, que apenas podia ouvir em cima, ora rangerem as solas de Amaro, ora a tosse cavernosa da velha... E no seu passeio habitual pelo escritório, da estante para a janela, com as mãos atrás das costas e a caixa de rapé nos dedos, ia considerando quantos incómodos,
220 quantas despesas lhe traria ainda aquele «divertimento do senhor pároco»!

A beata olhava para ambos, pasmada.

— Não, não, conte você, disse o cônego.

— Não, não, diga lá o senhor, padre-mestre.

Mas o cônego calou-se. E então o padre Amaro chegando-se ao pé da beata, com um tom triste, de desgraça:

— A Amélia, coitada, sucedeu-lhe um grande desastre...

E falando, compunha o xale da velha com cuidado. Mas hesitava ainda; e então o cônego, chegando-se, com as mãos nos bolsos, o ar decidido:

— Olhe, mana, para que havemos de estar aqui com coisas? A rapariga está grávida! É o que é!

A velha teve um estremeção; ia falar talvez, mas veio-lhe a tosse, e toda curvada, fortemente sacudida, cuspinhava, com ânsias, as faces arroxeadas. O padre Amaro tinha-lhe aproximado a escarradeira, e quando ela serenou:

— E agora do que se trata, minha senhora, é que a mãe não saiba!

— E contámos consigo, mana. Aqui está! Ora assim sempre a gente se entende melhor.

Mas a velha tinha deixado o xale descruzar-se, e com as mãos secas sobre os joelhos, um pouco inclinada:

— Comigo? perguntou toda irritada, ficando a oscilar a cabeça, com a boca entreaberta.

— Consigo! disse o pároco. Ora escute.

A velha ia interromper, recusar, ofender-se.

— Mas escute, senhora!

— Oiça, mana, oiça!

— A rapariga está naquele estado. O que se não remedeia, remediado está. A senhora leva-a para a Corteça. A rapariga tem lá a criança...

A velha queria falar. Estava cheia de movimentos, excitada, e à pele lívida e engelhada viera-lhe uma vermelhidão.

— Mas oiça, tenha paciência, dizia o pároco. Eu sei em segredo de confissão quem é o pai... Percebe?

— Isso não faço eu! Isso não faço eu! exclamou ela por fim elevando a voz, arquejando, fatigada da impressão.

Amaro irritou-se.

— Não faz? Pois faz um grande pecado mortal! Um pecado, que não tem absolvição! Mete aquela alma no Inferno, e mete a sua. Não encontra um padre, que lhe dê a absolvição!

— Nenhum! confirmou secamente o cônego.

A velha tinha-se feito roxa, tremia toda, arrepanhando o xale com as mãos.

— Que me está a dizer, sr. pároco? — E mal podia continuar, com soluços secos.

Tinha de ter a rapariga na quinta cinco ou seis meses... Depois o médico, a parteira que era ele naturalmente que havia de pagar... Depois algum enxoval para o pequeno... E que se lhe havia de fazer, ao pequeno?... Na cidade, a Roda fora suprimida; em Ourém, como os recursos da Misericórdia eram escassos e a afluência dos enjeitados escandalosa, tinham posto um homem ao pé da sineta da Roda, para interrogar e pôr embaraços; havia indagações de paternidade, restituições de crianças; e a autoridade, finória, combatia o excesso dos enjeitamentos com o terror dos vexames...

Enfim o pobre padre-mestre via diante de si todo um eriçamento de dificuldades para lhe sacudir a pachorra e estragar-lhe a digestão... — Mas o excelente cónego, no fundo, não se indignava; sempre tivera uma afeição de velho mestre pelo pároco; para a Amélia sempre o inclinara um fraco meio paternal, meio lúbrico; e mesmo já sentia pelo «pequeno» uma vaga condescendência de avô.

222: parteira] parteira, / Depois] Depois.

230: Enfim] Enfim.

235: avô.] avô...

— Digo-lhe isto, tão sério como se estivesse no confessional.

Amaro tinha ganho audácia, sangue-frio, falava alto à velha, e com autoridade.

— Ora oiça, sabe o que faz? O homem que a seduziu é casado: descubra-se a coisa, a rapariga fica perdida, a autoridade toma conta do caso: temos aí processo, ela é capaz de se matar. Já falou nisso. E aqui é que está o perigo. É que a rapariga mata-se. Diga-me, quer isto sobre a consciência? Enquanto que se a senhora leva a rapariga nada se sabe, fica tudo como estava.

— Valha-me Deus! disse com grande angústia a beata. Mas que hei-de eu fazer?

— Estamos-lhe a dizer, mana. Leva a rapariga para a Cortegaça. A mãe vai para a Vieira. Não se vem a saber nada.

— Olhe, minha senhora, dizia o pároco com tom lúgubre, lembre-se que já está de idade. Deus pode chamá-la de um momento para outro. Olhe que vai em pecado mortal se recusa. Se a Amélia se mata, veja que remorso! A senhora tem o Inferno em vida e em morte!

— Ande, mana, ande, que a morte vem quando menos se espera!

A velha estava aterrada. O xale caíra-lhe, a magreza das suas clavículas fazia saliência no vestido; o pescoço engelhado estava à larga no colar do vestido; o peito seco e chato tinha um aspecto extinto; e as suas mãos inertes, trémulas, apanhavam vagamente em redor.

— E eu não peço, sr. pároco? murmurava ela com uma voz lamentável.

— Salva-se, minha senhora! Olhe que eu sentia uma voz de dentro que me dizia: — Fala à D. Josefa! Fala à D. Josefa! — Também lhe digo: a não ser assim morre para aí como um cão. Não serci eu que lhe dê os sacramentos!

— Ninguém lhos dá! disse o cónego.

E a velha, tomada de terror, consentiu em tudo.

Os dois padres saíram ao anoitecer. Esfregavam as mãos.

— Saiu às mil maravilhas, disse Amaro.

— É isto, meu caro amigo! É Inferno para a frente e mais Inferno! Consegue-se tudo!

— E agora, padre-mestre, é andar-me com a S. Joaneira.

A porta abriu-se, e o pároco apareceu triunfante.

— Tudo às mil maravilhas, padre-mestre! Que lhe dizia eu?

— Consentiu?

— Em tudo. Não foi sem dificuldade... Ia-se abespinhando. Falei-lhe
 240 do homem casado... Que a rapariga estava com a cabeça perdida, queria-
 -se matar... Que se ela não consentisse em encobrir a coisa era respon-
 sável por uma desgraça... Lembre-se a senhora que está com os pés prà
 cova, que Deus pode chamá-la dum momento a outro, e que se tiver na
 consciência este peso, não há padre que lhe dê a absolvição!... Lembre-
 245 -se que morre praí como um cão!...

— Enfim, disse o cónego aprovando, falou-lhe com prudência...

— Disse-lhe a verdade. Agora trata-se de falar à S. Joaneira, e de
 a levar prà Vieira quanto antes...

— Outra coisa, amigo, interrompeu o cónego. Tem você pensado no
 250 destino que se há-de dar ao fruto?

O pároco coçou desconsoladamente a cabeça:

— Ah, padre-mestre... Isso é outra dificuldade... Tem-me apoquentado
 muito... Naturalmente dá-lo a criar a alguma mulher, longe, lá pra
 Alcobaça ou pra Pombal... A felicidade, padre-mestre, era que a criança
 255 nascesse morta!

— Era um anjinho mais... rosnou o cónego sorvendo a sua pitada.

241: a coisa] a cousa.

249: — Outra coisa.] — Outra cousa.

256: mais...] mais.

E logo nessa noite o cônego, que tinha pressa de ir para a Vieira, falou à S. Joaneira. Estavam em baixo no quarto, sós. Havia um candeeiro de petróleo na mesinha-de-cabeceira. O cônego começou a falar à S. Joaneira da casa que alugara para ela, que era a do Ferreiro.

— Mas isso é um nicho! Então onde hei-de eu meter a pequena e a criada?

— Ora aqui é que está! disse o cônego. É que justamente a Amélia desta vez não vai à Vieira.

— Não vai? disse a S. Joaneira rindo.

E o cônego então começou a dizer, que a irmã queria ir convalescer para a Cortegaça, que não havia de estar só, que queria levar a Amélia.

— Eu não posso ir, tenho de tomar os meus banhos, a senhora bem sabe. A pobre de Cristo não há-de estar para ali só, com uma criada.

A S. Joaneira teve um pequeno silêncio.

— Sim, isso é verdade; mas olhe, para lhe dizer com franqueza, custa-me bem deixar a pequena. Se pudesse dispensar os banhos, ia eu.

— Qual ia! A senhora vem para a Vieira. Eu não hei-de estar lá só! — E passando-lhe a mão pela cara: — Sua ingrata! Sua ingrata! — Mas tomando um tom sério: — A senhora veja bem. A Josefa está com os pés para a cova. Ela sabe, que o que eu tenho para mim chega. Ela tem afeição à pequena, sempre é madrinha; se a vir agora a tratá-la na doença, a estar ali só com ela uns meses, fica pelo beicho. Olhe que a Cortegaça é dela, e ainda vale um par de mil cruzados. Ela não tem testamento feito, mas quer fazê-lo, e a Amélia pode apanhar um bom dote. Não lhe digo mais nada.

E a S. Joaneira tinha anuído na esperança daquela fortuna.

261: nicho! Então

262: pequena e a criada?

263: — Ora aqui é que está! disse o cônego. É

265-9: — Não vai? disse a S. Joaneira rindo. // E o cônego então começou a dizer, que a irmã queria ir convalescer para a Cortegaça, que não havia de estar só, que queria levar a Amélia. // — Eu

270: sabe. / para ali

270-2: criada. // A S. Joaneira teve um pequeno silêncio.

273: — Sim, / verdade;

274: pequena. Se pudesse

275: vem para a Vieira. Eu não

276: só! — E passando-lhe a mão pela cara: — Sua ingrata! Sua ingrata! — Mas

276-7: tom sério;

277-8: pés para a cova. Ela sabe,

280: Olhe que a Cortegaça é dela, e ainda

281: cruzados. Ela não tem testamento feito, mas quer fazê-lo, e a Amélia

282: nada.

283-321: E a S. Joaneira [...] tinha desatado a chorar.

Logo nessa noite ele falou à S. Joaneira da ida para a Vieira, em baixo na saleta onde ela estava arranjando pires de marmelada que andavam a secar para a convalescença de D. Josefa. Começou por dizer que
260 lhe alugara a casa do Ferreiro...

— Mas isso é um nicho! exclamou ela logo. Onde hei-de eu meter a pequena?

— Ora aí é que está. É que justamente a Amélia desta vez não vai à Vieira.

265 — Não vai!?

Foi só então que o cônego lhe explicou que a mana não podia ir só para a Ricoça, e que ele tinha pensado em mandar com ela Amélia... Era uma ideia que lhe viera nessa manhã.

270 — Eu não posso ir, tenho de tomar os meus banhos, a senhora bem sabe... A pobre de Cristo não há-de estar para lá só, com uma criada. Portanto...

A S. Joaneira teve um silenciozinho desconsolado:

— Isso é verdade. Mas olhe, para lhe dizer com franqueza, custa-me bem deixar a pequena... Se eu pudesse dispensar os banhos, ia eu.

275 — Qual ia! A senhora vem prà Vieira. Eu também não hei-de estar lá só... Sua ingrata, sua ingrata!... — E tomando um tom muito sério: — A senhora veja bem. A Josefa está com os pés prà cova. Ela sabe que o que eu tenho para mim chega. Ela tem afeição à pequena, sempre é madrinha; se a vir agora a tratá-la na doença, a estar ali só
280 com ela uns meses, fica pelo beijo. Olhe que a mana ainda vale um par de mil cruzados. A pequena pode apanhar um bom dote. Não lhe digo mais nada...

E a S. Joaneira concordou logo — uma vez que era vontade do senhor cônego.

265: vai!?) vai?

270: estar para] estar pra

273: olhe, para] olhe, pra

278: tenho para] tenho pra

E foi assim que daí a dois dias a irmã do cônego e Amélia foram num *char-à-bancs* alugado para a Cortegaça, na estrada de Santa Catarina. Em cima do carro iam dois baús de lata. A velha ia dentro deitada sobre almofadas. E Amélia ao abraçar a mãe tinha desatado a chorar.

285 Em cima, Amaro estava contando rapidamente a Amélia «o grande plano», a cena com a velha: que ela se prontificara logo, coitadinha, já cheia de caridade, desejando até ajudar para o enxoval do pequeno...

— Nela podes ter confiança, é uma santa... De modo que está tudo salvo, filha. É estar metida quatro ou cinco meses na Ricoça.

290 Era isso que fazia choramingar Amélia: perder a estação da Vieira, o divertimento dos banhos!... Ir enterrar-se todo um Verão naquele sinistro casarão da Ricoça! A única vez que lá fora, já ao fim da tarde, ficara estarecida de medo. Tudo tão escuro, dum eco tão côncavo... Tinha a certeza que ia lá morrer, naquele degredo.

295 — Tolicice! fez Amaro. É dar graças ao Senhor de me ter inspirado esta ideia de salvação. Demais tens a D. Josefa, tens a Gertrudes, o pomar para passear... E eu vou-te lá ver todos os dias. Até hás-de gostar, verás.

300 — Enfim que lhe hei-de eu fazer? É aguentar. E com duas grossas lágrimas nas pálpebras, amaldiçoava intimamente aquela paixão que só amarguras lhe dava, e que agora, quando toda a Leiria ia para a Vieira, a forçava a ela a ir fechar-se na solidão da Ricoça, ouvindo tossir a velha e os cães uivar na quinta... — E a mamã, que diria a mamã?

305 — Que há-de dizer? A D. Josefa não pode ir prà quinta só, sem uma enfermeira de confiança! Não te dê cuidado. O padre-mestre está lá em baixo a trabalhá-la... E eu vou ter com ela, que já aqui estou só há bocado contigo, e nestes últimos dias é necessário ter cautelinha...

Desceu. Justamente o cônego subia, e encontraram-se na escada.

— Então? perguntou Amaro ao ouvido do padre-mestre.

310 — Tudo arranjado. E por lá?

— Idem.

E no escuro da escada os dois padres apertaram-se silenciosamente a mão.

296-7: pomar para] pomar pra
312: os dois] os dous

XXI

Logo na semana seguinte o cónego foi para a Vieira. Daí a dias partiu a S. Joaneira. Por causa do calor foi de noite, num carro puxado a bois, com toldo e um colchão, onde ia sentada com o gato no colo. A *Ruça*, toda enroscada, encostada aos fueiros, tossia, embrulhada num cobertor.

O padre Amaro foi dizer-lhe adeus quando estavam para partir. O carro da bagagem, com loiças, enxergões e trem de cozinha, tinha ido adiante. A S. Joaneira começou a chorar pela filha.

— Deixe estar que ela vai-lhe lá fazer uma visita, disse Amaro.

— Por força! Que eu, se me der na cabeça, apareço por aí qualquer dia.

— Qual! Ela que vá lá, que é nova e pode com a jornada.

Mas o carreiro impacientava-se.

— Adeus, sr. pároco. Muito obrigado. E olhe, apareça lá pela Cortegaça, olhe pela rapariga.

— Vá descansada, minha senhora, deixe estar.

— Adeus, sr. pároco, adeus, e muito obrigada.

— Adeus, minha senhora, adeus! Boa jornada, e dê notícias.

O carro partiu, aos solavancos, pela calçada. Vinha nascendo o luar.

O padre Amaro sentiu-se triste. Ficava só em Leiria. Eram dez horas da noite, e foi ao acaso pela estrada dos Marrazes.

Uma espécie de névoa luminosa dava uma grande suavidade à paisagem. As fachadas das casas distantes, pelos campos, batidas da clareza do luar, destacavam nas massas escuras da folhagem. Um silêncio

322-35 Logo na semana seguinte [...] olhe pela rapariga.

336-414: senhora, deixe estar. [...] lamentando a sua vida.

Daf a dias, depois duma cena de prantos, Amélia partiu com
315 D. Josefa para a Ricoça num *char-à-banc*.

Tinham arranjado, com almofadas, um recanto cómodo para a con-
valescente. O cônego acompanhava-a, furioso com aquele incómodo. E a
Gertrudes ia em cima na almofada, à sombra da montanha que faziam
sobre o tope do carro os baús de couro, os cestos, as latas, as trouxas,
320 os sacos de chita, o açafate onde miava o gato, e um fardo amarrado com
cordas contendo os painéis dos santos mais queridos de D. Josefa.

Depois, ao fim da semana, foi a jornada da S. Joaneira para a Vieira,
de noite, por causa da calma. A Rua da Misericórdia estava atravancada
com o carro de bois, que conduzia as louças, os enxergões, o trem de
cozinha; e no mesmo *char-à-banc* que fora à Ricoça, ia agora a S. Joaneira
325 e a *Ruça* que levava também no regaço um açafate com o gato.

O cônego fora na véspera, só Amaro assistia à partida da S. Joaneira.
E depois de toda uma azáfama, de galgarem cem vezes de baixo a cima
as escadas por um cestinho que esquecera ou um embrulho que desapa-
330 recia, quando a *Ruça* enfim fechou a porta à chave, a S. Joaneira, já no
estribo do *char-à-banc*, rompeu a chorar.

— Então, minha senhora, então! disse Amaro.

— Ai, senhor pároco, deixar a pequena!... Mal sabe o que me custa...
Parece que a não torno a ver. Apareça pela Ricoça, faça-me essa esmola.
335 Veja se ela está contente...

— Vá descansada, minha senhora.

— Adeus, senhor pároco. Muito obrigada por tudo... Ai os favores
que lhe devo!

— Tolices, minha senhora... Boa jornada, dê notícias! Recados ao
340 padre-mestre. Adeus, minha senhora! Adeus, *Ruça*...

O *char-à-banc* partiu. E pelo mesmo caminho por onde ele ia ro-
lando, Amaro foi andando devagar até à estrada da Figueira. Eram então
nove horas, nascera já o luar duma noite cálida e serena de Agosto. Uma
ténue névoa luminosa suavizava a paisagem calada. Aqui e além uma
fachada saliente de casa rebrilhava, batida da lua, entre as sombras do
345 arvoredado. Ao pé da ponte, parou a olhar melancolicamente o rio que corria
sobre a areia com uma sussurração monótona; nos lugares em que as
árvores se debruçavam, havia escuridões cerradas; e adiante uma clarida-
de tremia sobre a água, como um tecido de filigrana faiscante. Ali esteve,

325: [Em 1889 aparece, certamente por lapso, Cortegaça]

doce, emoliente, envolvia os objectos. Foi até ao rio; a água corria mansamente com um pequeno marulho, batilhando contra a terra lodosa das margens. Encostou-se à ponte, olhou; uma claridade de luar tremia sobre a água, palpitava, semelhante a um tecido de filigrana faiscante; e nos lugares, onde as árvores se debruçavam, o rio tinha escuridões tenebrosas e geladas.

Mas aqueles aspectos entristeciam-no. Voltou para a cidade, passou por casa da S. Joaneira. Estava escura, com as janelas fechadas, com um ar abandonado e morto. Tinham tirado as cortinas de cassa das janelas, e os vasos de alecrim tinham um ar lúgubre, esquecidos aos cantos das varandas. Às vezes Amélia vinha ali colher um raminho e punha-o no

350 naquele silêncio que o calmava, fumando cigarros e atirando as pontas para o rio, embebido numa tristeza vaga. Depois, ouvindo as onze, veio voltando para a cidade, passou pela Rua da Misericórdia num enternecimento de recordações: a casa, com as janelas fechadas, sem as cortinas de cassa, parecia abandonada para sempre; os vasos de alecrim tinham ficado esquecidos aos cantos da janela... Quantas vezes Amélia e ele se tinham encostado àquela varanda! Havia então um craveiro fresco, e conversando, ela cortava uma folha, trincava-a nos dentinhos. Tudo tinha acabado agora! — E na Misericórdia, ao lado, o piar das corujas no silêncio dava-lhe uma sensação de ruína, de solidão e de fim eterno.

360 Foi andando para casa, devagar, com os olhos arrasados de água. A criada veio logo à escada dizer-lhe que o tio Esguelhas, numa aflição, viera procurá-lo duas vezes, haviam de ser nove horas. A Totó estava a morrer, e só queria receber os sacramentos da mão do senhor pároco.

365 Amaro, apesar da sua repugnância supersticiosa em voltar assim nessa noite, para um fim tão triste, ao meio das recordações felizes da sua paixão, foi, para obsequiar o tio Esguelhas; mas impressionava-o aquela morte, coincidindo com a partida de Amélia, e como completando a súbita dispersão de quanto até aí o interessara ou estivera misturado à sua vida.

370 A porta da casa do sineiro estava entreaberta, e na escuridão da entrada topou com duas mulheres que safam suspirando. Foi logo direito à alcova da parálitica: duas grandes velas de cera, trazidas da igreja, ardiam sobre uma mesa; um lençol branco cobria o corpo da Totó; e o padre Silvério, que fora decerto chamado por estar de semana, lia o Breviário, com o lenço nos joelhos, os seus grandes óculos na ponta do nariz. Ergueu-se apenas viu Amaro:

380 — Ah, colega, disse muito baixo, andaram a procurá-lo por toda a parte... A pobre de Cristo queria-o a você... Eu, quando me foram buscar, ia fazer a partida a casa do Novais. É a partida do sábado... Que cena! Morreu na impenitência, como era dos livros. Quando me viu, e que você não vinha, que espectáculo! Até tive medo que me cuspiisse no crucifixo...

Amaro, sem dar uma palavra, ergueu uma ponta do lençol, mas deixou-o logo recair sobre a face da morta. Depois subiu acima ao quarto

372: parálitica:] parálitica;

376: Ergueu-se] Ergueu-se.

cinto. Tudo tinha acabado, talvez! Havia quase um ano que viera para aquela casa, indiferente, sossegado, feliz. E quantas amarguras agora! Era ali a janela do quarto dela, aquela outra era a da sala do jantar. Quantas vezes se tinham encostado àquele peitoril, conversando sossegadamente! Havia então num pequeno poial fora da janela um craveiro; ela arrancava uma folhinha, cortava-a com os dentes e, cuspiendo-a com a ponta da língua, ficava a vê-la cair e voar no ar! Tudo tinha acabado, decerto! E vinha-lhe uma tristeza vaga e infinita como o mesmo luar! Sentia em si lágrimas e com a garganta tomada, presa por soluços, foi para casa devagar, lamentando a sua vida.

385 onde o sineiro, estirado sobre a cama, voltado para a parede, soluçava desesperadamente; estava com ele outra mulher, que se conservava a um canto, muda e imóvel, com os olhos no chão, no vago aborrecimento que lhe dava aquele pesado dever de vizinha. Amaro tocou no ombro do sineiro, falou-lhe:

390 — É necessário resignação, tio Esguelhas... São decretos do Senhor... Para ela é até uma felicidade.

O tio Esguelhas voltou-se; e reconhecendo o pároco, por entre o véu das lágrimas que lhe alagavam os olhos, tomou-lhe a mão, quis beijar-lha. Amaro recuou:

395 — Então, tio Esguelhas!... Deus há-de ser misericordioso, há-de-lhe levar em conta a sua dor...

Ele não o escutava, sacudido dum pranto convulsivo, — enquanto a mulher, muito tranquilamente, limpava ora um ora outro canto do olho.

400 Amaro desceu; e para aliviar o bom Silvério daquele serviço excepcional, tomou o seu lugar ao pé da vela, com o Breviário na mão.

Ali ficou até tarde. A vizinha ao sair veio dizer-lhe que o tio Esguelhas tinha pegado a dormir; e ela prometia voltar com a amortilhadeira, mal rompesse a manhã.

405 Toda a casa então ficou naquele silêncio, que a vizinhança do vasto edifício da Sé fazia parecer mais soturno; só às vezes um mocho piava debilmente nos contrafortes, ou o grosso bordão batia os quartos. E Amaro, tomado dum indefinido terror, mas preso ali por uma força superior da consciência sobressaltada, ia precipitando as orações... Às vezes o livro caía-lhe sobre os joelhos; e então, imóvel, sentindo por detrás a presença daquele cadáver coberto do lençol, recordava, num contraste amargo, outras horas em que o sol banhava o pátio, as andorinhas esvoaçavam, e ele e Amélia subiam rindo para aquele quarto onde agora, sobre a mesma cama, o tio Esguelhas dormitava com soluços mal acalmados...

390-1: Senhor... Para| Senhor... Pra

395: Esguelhas!...| Esguelhas?...

Durante a primeira semana não foi à Cortegaça. Mas que longos dias enfastiados e vazios! As obrigações eclesiásticas pesavam-lhe, e a solidão tornava-o inquieto como um animal preso. Fora uma tarde procurar o coadjutor, tinham passeado; mas aquele homem esguio e amarelo, calado e respeitoso, dava-lhe uma espécie de torpor enervante, quase desejava maltratá-lo. Quis ler para entreter aqueles dias, mas não tinha livros, ou os que tinha eram místicos, e toda a piedade findara no seu espírito. Sentia-se vazio de Deus. Estava diante do altar como um actor sobre o palco. Às vezes exaltando-se, a rezar ou a celebrar, queria pela compunção das atitudes, pelas palavras extaticamente ditas, pelo aparato dos gestos religiosos, chamar ao seu peito o antigo fervor. Mas ficava indiferente, *sem conseguir sentir*. Por fim já não lia o *Breviário*, nem rezava à noite.

Além disso tinha dificuldades de dinheiro; a côngrua andava atrasada, Dionísia era exigente; todas as semanas tinha necessidade de cinco ou seis corozinhas: aquele segredo era para ela um rendimento permanente.

1-80: Durante a primeira semana [...] relia a conhecida ode,

XXI

O cónego Dias recomendara muito a Amaro que ao menos nas primeiras semanas, para evitar as suspeitas da mana e da criada, não fosse à Ricoça. E a vida de Amaro tornou-se então mais triste, mais vazia que outrora, quando pela primeira vez deixando a casa da S. Joaneira viera para a Rua das Sousas. Todos os seus conhecidos estavam fora de Leiria: D. Maria da Assunção na Vieira; as Gansosinhos ao pé de Alcobaça com a tia, a famosa tia que havia dez anos estava para morrer e para lhes deixar uma grande herdade. Depois do serviço da Sé, as horas, todo o longo dia, arrastavam-se pesadas como chumbo. Não estaria mais separado de toda a comunicação humana, se como Santo António vivesse nos areais do deserto Ibico. Só o coadjutor que, coisa singular, nunca lhe aparecia nos tempos felizes, voltara agora, como o companheiro fatídico das horas tristes, a visitá-lo uma, duas vezes por semana, ao fim do jantar, mais magro, mais chupado, mais soturno, com o seu eterno guarda-chuva na mão. Amaro odiava-o; às vezes, para o impor, fingia-se todo ocupado numa leitura; ou precipitando-se para a mesa, mal lhe sentia nos degraus as passadas lentas:

— Amigo coadjutor, desculpe, que estou aqui a rabiscar uma coisa.

Mas o homem instalava-se, com o odioso guarda-chuva entre os joelhos:

— Não se prenda, senhor pároco, não se prenda.

E Amaro, torturado por aquela figura lúgubre que não se mexia na cadeira, atirava a pena, furioso, agarrava o chapéu:

— Não estou hoje prà coisa, vou espairecer.

10: [Santo António: conforme 1889]

11: que, coisa] que, coisa

18: uma coisa.] uma coisa.

19: homem] homem,

24: prà coisa.] prà coisa.

Às vezes ia visitar Natário; o excelente padre estava ainda de cama, com o aparelho na perna — e logo à porta do quarto vinha um cheiro onde se sentia a aguardente canforada, a arnica, e o suor de uma cama mal arejada. Por cima das cadeiras estavam panos de linho, ligaduras; trapos ensopavam dentro de malgas cheias de álcool; e alinhados em cima da cómoda, entre velhos livros e santos de pau, havia uma fileira de frascos, e de garrafas de farmácia. Amaro sentava-se aos pés da cama; o soalho estava cheio de nódoas de escarros, e de pontas de cigarros — e Natário começava logo as suas lamentações; estava exasperado, chamava brutos aos médicos; a impaciência da doença tornara-o mais avinagrado, mais bilioso. A saúde dos outros, sobretudo dos seus amigos, irritava-o como uma ofensa: cobria-os de epítetos.

— Que faz a besta do Brito? Que faz aquele alarve do abade?

25 E à primeira esquina descartava-se bruscamente do coadjutor.

Às vezes, farto de solidão, ia visitar o Silvério. Mas a felicidade pachorrenta daquele ser obeso, ocupado em coleccionar receitas de medicina caseira e em observar as perturbações fantásticas da sua digestão; os seus constantes louvores do doutor Godinho, dos pequenos e da senhora; 30 as chalaças obsoletas que ele repetia havia quarenta anos e a inocente hilaridade que elas lhe davam, impacientavam Amaro. Safa, enervado, pensando na sorte inimiga que o fizera tão diferente do Silvério. Aquilo era a felicidade por fim: porque não havia de ele ser também um bom padre caturra, com uma pequenina mania tirânica, parasita regalado duma 35 família respeitável, tendo um destes sangues tranquilos que giram sob camadas de gordura, sem perigo de transbordar e de causar desgraças, como um riacho que corre por debaixo duma montanha?...

Outras vezes ia ao colega Natário, cuja fractura, mal tratada ao princípio, o retinha ainda na cama com o aparelho na perna. Mas aí, enjoava-o o aspecto do quarto — impregnado dum cheiro de arnica e de suor, 40 com uma profusão de trapos ensopados em malgas vidradas, e esquadões de garrafas sobre a cómoda entre fileiras de santos. Natário, mal o via aparecer, rompia em queixas: As cavalgadas dos médicos! A sua má sorte habitual! As torturas a que o forçavam! O atraso em que estava a medicina neste maldito país!... E ia salpicando o soalho negro de expectorações e de pontas de cigarro. Desde que estava doente, a saúde dos outros, sobretudo dos amigos, indignava-o como uma ofensa pessoal.

— E você sempre rijo, hem? Pudera! — murmurava com rancor.

E pensar que aquela besta do Brito nunca lhe doera a cabeça! E que 50 o alarve do abade se gabava de nunca ter estado na cama depois das sete da manhã! Animais!

Amaro então dava-lhe as novidades: alguma carta que recebera do cônego, da Vieira, as melhoras da D. Josefa...

Mas Natário não se interessava pelas pessoas a quem apenas o unia 55 a convivência e a amizade; interessavam-no só os seus inimigos, com quem tinha ligações de ódio. Queria saber do escrevente, se já tinha estourado de fome...

— Esse ao menos pude-lhe ser bom antes de cair aqui nesta maldita cama!...

25: esquina] esquina.

28: caseira] caseira.

38: tratada ao] tratada a

E vinha então a longa história dos remédios que lhe faziam, com vitupérios ao doutor, e pragas sobre a ineficácia das drogas. Mas as sobrinhas entravam em bicos de pés, com gestos compungidos: eram duas raparigas miúdas, amareladas, insignificantes — e o seu grande desgosto era que Natário não deixasse vir a *benzedeira* para lhe pôr *virtude* na perna. Amaro saía dali enjoado — tendo cada vez uma antipatia maior por ele, por elas, e pela casa!

Muitas vezes vinha-lhe uma melancolia, uma vaga necessidade de estar triste, de ver lugares tristes — ia ao cemitério. E aquele silêncio de pedras tumulares, de cruces negras, de goivos imóveis, de ciprestes escuros — dava-lhe uma certa paz, como se o seu espírito entrasse num elemento amado. Lia os epitáfios, encostava-se à grade doirada do jazigo de família do morgado Gouveia, e relia a conhecida ode, que lhe adorna a lápide:

Caminhante, detém-te a contemplar
 Estes restos mortais,
 E se sentires a mágoa a trasbordar
 Detém teus ais!
 Que João Cabral da Silva Maldonado
 Mendonça de Gouveia,
 Moço-fidalgo, bacharel formado,
 Filho da ilustre Seia,
 Ex-administrador deste concelho,
 Comendador de Cristo,
 Foi de virtudes singular espelho!
 Caminhante, crê nisto!

Depois Amaro passeava entre os túmulos; lembrava-se de alguns, que ele mesmo aspergira de água benta, e cobrira de orações fúnebres. Ter-lhe-iam elas aproveitado? Estariam as sua almas no Céu, como ele pedira a Deus, revestido, com o hissope na mão, enquanto o esquite es-corregava para a cova nas cordas que rangiam?

80: a lápide;

82: mortais,

83: E *trasbordar*

84: ais!

87: Moço-fidalgo,

91: espelho!

92: nisto!

93-529: Depois Amaro passeava [...] aquelas admirações ingénuas.

60 As sobrinhas apareciam então — duas criaturinhas sardentas, de olhos muito pisados. O seu grande desgosto era que o titi não mandasse vir a *benzedeira* pôr-lhe *virtude* na perna: era o que tinha curado o morgadinho da Barrosa, e o Pimentel de Ourém...

Natário, na presença das *duas rosas do seu canteiro*, calmava-se.

65 — Coitaditas, não é por falta de cuidados delas que eu ainda não arribei... Mas tenho sofrido, caramba!

E as *duas rosas*, com o mesmo movimento simultâneo, voltavam-se para o lado limpando os olhos aos lenços.

Amaro saía dali, mais enfastiado.

70 Para se fatigar tentava dar grandes passeios pela estrada de Lisboa. Mas apenas se afastava do movimento da cidade, a sua tristeza tornava-se mais intensa, concordando com aquela paisagem de colinas tristes e árvores enfezadas: e a sua vida aparecia-lhe como essa mesma estrada monótona e longa, sem um incidente que a alegrasse, estirando-se desoladamente até se perder nas brumas do crepúsculo. Às vezes, ao voltar, 75 entrava no cemitério, ia passeando entre os renques de ciprestes, sentindo àquela hora do fim da tarde a emanção adocicada das moitas de goivos; lia os epitáfios; encostava-se à grade dourada do jazigo da família Gouveia, contemplando os emblemas em relevo, um chapéu armado e um espadim, seguindo as negras letras da famosa ode que lhe adorna a lápida:

Caminhante, detém-te a contemplar
Estes restos mortais;
E, se sentires a mágoa a trasbordar,
Detém teus ais.
85 Que João Cabral da Silva Maldonado
Mendonça de Gouveia,
Moço fidalgo, bacharel formado,
Filho da ilustre Seia,
Ex-administrador deste concelho,
90 Comendador de Cristo,
Foi de virtudes singular espelho.
Caminhante, crê nisto.

Depois era o rico mausoléu do Morais, onde sua esposa, que agora, rica e quarentona, vivia em concubinação com o belo capitão Triguei- 95 ros, fizera gravar uma piedosa quadra:

Entre os anjos espera, ó esposo,
A metade do teu coração
Que no mundo ficou, tão sozinha,
Toda entregue ao dever da oração!...

Encolhia os ombros. Era lá possível que Deus o escutasse! Ele era o pior dos pecadores, o mais teimoso dos rebeldes! Qual seria o seu fim? O Inferno? Mas existia ele, com a sua caldeira de pez, as suas chamas vastas como um mar tormentoso? E voltava para casa, sempre mortificado, mais triste, considerando a sua vida perdida, mas sem força para a emendar! Emagrecia, andava amarelo. Todos na cidade o estranhavam. Demais, a sua casa andava desleixada e confusa. A criada, a irmã da Dionísia, não tinha nem habilidade, nem arranjo; o jantar era mau; a roupa suja arrastava-se pelo quarto; não tinha lenços, e assoava-se às peúgas servidas! E havia quinze dias que não vira Amélia!

100 Algumas vezes, ao fundo do cemitério, junto ao muro, via um
homem ajoelhado ao pé duma cruz negra, que um chorão assombreava,
ao lado da vala dos pobres. Era o tio Esguelhas, com a sua muleta no
chão, rezando sobre a sepultura da Totó. Ia falar-lhe, e mesmo, numa
105 igualdade que aquele lugar justificava, passeavam familiarmente, ombro a
ombro, conversando. Amaro, com bondade, consolava o velho: de que ser-
via à desgraçada rapariga a vida para a passar estirada numa cama?

— Sempre era viver, senhor pároco... E eu, veja agora isto, sozinho
de dia e de noite!

— Todos têm as suas solidões, tio Esguelhas, dizia melancolicamente
110 Amaro.

O sineiro então suspirava, perguntava pela sr.^a D. Josefa, pela meni-
na Amélia...

— Lá está na quinta.

— Coitadita, não está má estopada...

115 — Cruzes da vida, tio Esguelhas.

E continuavam calados por entre as ruas de buxo que fecham os
canteiros cheios do negrejamento das cruces e da brancura das lápidas
novas. Amaro, às vezes, reconhecia alguma sepultura que ele mesmo ti-
nha aspergido e consagrado: onde estariam aquelas almas que ele reco-
mendara a Deus em latim, distraído, engrolando à pressa as orações para
120 ir ter com Amélia? Eram jazigos de gente da cidade; ele conhecia de vista
as pessoas da família; vira-as então lavadas em lágrimas, e agora passeava-
vam em rancho pela Alameda ou chalaceavam ao balcão das lojas...

Voltava para casa mais triste, — e a sua longa noite começava,
125 infundável. Tentava ler; mas ao fim das dez primeiras linhas bocejava de
tédio e de fadiga. Às vezes escrevia ao cônego. Às nove horas tomava
chá; e depois era um passear sem fim pelo quarto, fumando maços de ci-
garros, parando à janela a olhar a negrura da noite, lendo aqui e além
uma notícia ou um anúncio do *Popular*, e recomeçando a passear com
130 bocejos tão cavos que a criada os ouvia na cozinha.

Para entreter estas noites melancólicas, e por um excesso de sensi-
bilidade ociosa, tentara fazer versos, pondo o seu amor e a história dos
dias felizes nas fórmulas conhecidas da saudade lírica:

Lembras-te desse tempo de delícias,
Ó anjo feiticeiro, Amélia amada,
Quando tudo eram risos e ventura
E a vida nos corria sossegada?

135

Lembras-te dessa noite de poesia
 Em que a Lua brilhava pelos céus,
 E nós unindo as almas, ó Amélia,
 Erguemos nossa prece para Deus?...

140

Mas a despeito de todos os esforços nunca passara destas duas quadras — apesar de as ter produzido com uma facilidade prometedora — como se o seu ser contivesse apenas estas duas gotas isoladas de poesia, e, soltas elas à primeira pressão, nada mais restasse senão a seca prosa do temperamento carnal.

145

E esta existência vazia relaxara-lhe tão subtilmente todo o maquinismo da vontade e da acção, que qualquer trabalho que lhe pudesse encher a fastidiosa concavidade das horas infundáveis era-lhe odioso como o peso dum fardo injusto. Preferia ainda os tédios da ociosidade aos tédios da ocupação. A não serem os deveres estritos que ele não podia desleixar sem escândalo e sem censura — desembaraçara-se, pouco a pouco, de todas as práticas do zelo interior: nem a oração mental, nem as visitas regulares ao Santíssimo, nem as meditações espirituais, nem o rosário à Virgem, nem a leitura à noite do Breviário, nem o exame de consciência — todas estas obras da devoção, estes meios secretos de santificação progressiva substituíam-se pelos infundáveis passeios pelo quarto, do lavatório à janela, e por maços de cigarros fumados até ao negro dos dedos. A missa, pela manhã, era rapidamente engrolada; o serviço da paróquia feito com surdas revoltas de impaciência; tornara-se consumadamente o *Indignus sacerdos* dos ritualistas; e tinha na sua ampla totalidade os trinta e cinco defeitos e os sete meios defeitos que os teólogos atribuem ao *mau padre*.

150

155

160

Só lhe restava através da sua sentimentalidade um apetite tremendo. E como a cozinheira era excelente, e a sr.^a D. Maria da Assunção, antes da sua partida para a Vieira, lhe deixara um fornecimento de cento e cinquenta missas a cruzado — banqueteara-se, tratando-se a galinha e a geleia, regando-se dum vinho picante da Bairrada que o padre-mestre lhe escolhera. E ali ficava à mesa, horas esquecidas, de perna esticada, fumando sobre o café, e lamentando não ter à mão a sua Ameliazita...

165

— Que fará ela por lá, a pobre Ameliazita! pensava, espreguiçando-se com tédio e com langor.

170

A pobre Ameliazita, na Ricoça, amaldiçoava a sua vida.

170: Ameliazita!] Ameliazita?

Logo durante a jornada no *char-à-banc* D. Josefa lhe fizera tacitamente sentir que dela não tinha a esperar nem a antiga amizade, nem o perdão do escândalo... E assim foi, quando se instalaram. A velha tornou-se intratável: era todo um modo cruel de abandonar o *tu*, de a tratar por *menina*; uma recusa ríspida se Amélia lhe queria arranjar a almofada ou aconchegá-la no xale; um silêncio repreensivo quando ela lhe passava o serão no quarto, costurando; e a todo o momento alusões suspiradas ao triste encargo que Deus lhe mandava no fim dos seus dias...

Amélia, consigo, acusava o pároco: ele prometera-lhe que a madrinha seria toda caridade, toda cumplicidade; entregava-a por fim a uma semelhante ferocidade de velha virgem devota!...

Quando se viu naquele casarão da Ricoça, num quarto regelado, pintado a cor de canário, lugubrememente mobilado com uma cama de dossel e duas cadeiras de couro, chorou toda a noite com a cabeça enterrada no travesseiro — torturada por um cão que debaixo das janelas, estranhando sem dúvida as luzes e o movimento na casa, uivou até de madrugada.

Ao outro dia desceu à quinta a ver os caseiros. Era talvez boa gente com quem podia distrair-se. Encontrou uma mulher, alta e lúgubre como um cipreste, carregada de luto: um grande lenço negro tingido, muito puxado para a testa, dava-lhe um ar de farricoco; e a sua voz gemebunda tinha uma tristeza de dobre a finados. O homem pareceu-lhe ainda pior, semelhante a um orangotango, com duas orelhas enormes muito despegadas do crânio, uma saliência bestial de queixo, as gengivas deslavadas, um corpo desengonçado de tísico, de peito metido para dentro. Abalou bem depressa, foi ver o pomar: andava maltratado; as ruazitas estavam invadidas por um ervaçal húmido; e a sombra das árvores muito juntas, num terreno baixo, cercado de altos muros, dava uma sensação doentia.

Era ainda preferível passar os seus dias metida no casarão; dias infundáveis em que as horas se iam movendo com o vagar fastidioso dum desfilar funerário.

O seu quarto era na frente; e pelas duas janelas recebia a impressão triste da paisagem que se estendia defronte, uma ondulação monótona de terras estéreis com alguma magra árvore aqui e além, um ar abafado em que parecia errar constantemente a exalação de pauis próximos e de baixas húmidas, e a que nem o sol de Setembro dissipava o tom sezónico.

182: cumplicidade; entregava-a] cumplicidade; e entregava-a

191: luto:] luto;

210 Logo pela manhã ia ajudar a levantar D. Josefa, acomodá-la no canapé; depois vinha costurar para ao pé dela — como outrora na Rua da Misericórdia para ao pé da mãe; mas agora em lugar das boas «cavaqueiras» tinha só o silêncio intratável da velha e a sua ronqueira incessante. Pensara em fazer vir o seu piano da cidade; mas, apenas em tal falou, a velha exclamou com azedume:

215 — A menina está doida... Não tenho saúde para tocatas! Ora o despropósito!

A Gertrudes também não lhe fazia companhia; nas horas em que não estava ao pé da velha, ou na cozinha, desaparecia; era justamente daquela freguesia, e passava o seu tempo pelos casais, falando com as antigas vizinhas.

220 A pior hora era ao anoitecer. Depois de rezar o seu rosário, ficava junto à janela olhando estupidamente as gradações da luz poente; todos os campos pouco a pouco se perdiam no mesmo tom pardo; um silêncio parecia descer, pousar sobre a terra; depois uma primeira estrelinha tremeluzia e brilhava; e diante dela era então só uma massa inerte de sombra muda até ao horizonte, aonde ainda ficava um momento uma delgada tira cor de laranja desbotada. O seu pensamento, sem nenhum tom de luz ou contorno de objecto em redor que o prendesse, ia muito saudoso para longe, para a Vieira; àquela hora a mãe e as amigas recolhiam do passeio na praia; já todas as redes estavam apanhadas; já pelos palheiros começam a aparecer as luzes; é a hora do chá, dos *quinos* alegres, quando os rapazes da cidade vão em rancho pelas casas amigas, com uma viola e uma flauta, improvisando *soirées*. E ela ali, só!...

230 Era então necessário deitar a velha, rezar com ela e com a Gertrudes o terço. Acendiam depois o candeeiro de latão, pondo-lhe diante uma velha chapeleira para dar sombra ao rosto da doente; e todo o serão, no silêncio lúgubre, apenas se ouvia o rumor do fuso da Gertrudes que fiava agachada a um canto.

240 Antes de se deitarem, iam trancar todas as portas, num medo constante de ladrões; e então começava para Amélia a hora dos terrores supersticiosos. Não podia adormecer, sentindo ao pé a negrura daquelas antigas salas desabitadas e em redor o tenebroso silêncio dos campos. Ouvia ruídos inexplicáveis: era o soalho do corredor que estalava, sob

210: para ao] para o

211: para ao] para o

215: está doida...] está doida... / saúde para] saúde pra

225: dela] dela,

243: inexplicáveis:] inexplicáveis;

passadas multiplicadas; era a luz da vela que de repente se dobrava como
245 sob um hálito invisível; ou a distância, para os lados da cozinha, o baque
surdo dum corpo. Acumulava então as orações, encolhida debaixo da
roupa; mas, se adormecia, as visões do pesadelo continuavam-lhe os terrores da vigília. Uma vez acordara de repente, a uma voz que dizia,
gemendo, por trás da alta barra da cama: — *Amélia, prepara-te, o teu fim*
250 *chegou!* Espavorida, em camisa, atravessou correndo a casa, foi refugiar-
-se na cama da Gertrudes.

Mas na noite seguinte a voz sepulcral voltou quando ela ia adormecer: *Amélia, lembra-te dos teus pecados! Prepara-te, Amélia!* Deu um grito, desmaiou. Felizmente a Gertrudes, que ainda se não deitara, correu àquele
255 *ai* agudo que cortara o silêncio do casarão. Achou-a estirada ao través do leito, com os cabelos soltos da rede rojando no chão, as mãos geladas e como mortas. Desceu a acordar a mulher do caseiro, e até de madrugada foi uma azáfama para a chamar à vida. Desde esse dia a Gertrudes dormia ao pé dela — e a voz não tornou a ameaçá-la por trás da barra.

260 Mas, de noite e de dia, não a deixou mais a ideia da morte e o pavor do Inferno. Por esse tempo, um vendedor ambulante de estampas passou pela Ricoça; e a sr.^a D. Josefa comprou-lhe duas litografias — a *Morte do Justo* e a *Morte do Pecador*.

— Que é bom que cada um tenha o exemplo vivo diante dos olhos,
265 disse ela.

Amélia não duvidou ao princípio que a velha, que contava morrer no mesmo aparato de glória com que expirava o *Justo* da estampa, lhe quisera mostrar a ela, a *pecadora*, a cena pavorosa que a esperava. Odiou-a por aquela «picardia». Mas a sua imaginação aterrada não tardou a dar à
270 compra da estampa outra explicação: era Nossa Senhora que ali mandara o vendedor de pinturas, para lhe mostrar ao vivo na litografia da *Morte do Pecador* o espectáculo da sua agonia: e estava então certa que tudo seria assim, traço por traço — o seu anjo da guarda fugindo aos soluços; Deus-Padre desviando o rosto dela com repugnância; o esqueleto da morte rindo às gargalhadas; e demónios de cores rutilantes, com todo um arsenal de torturas, apoderando-se dela, uns pelas pernas, outros pelos cabelos, arrastando-a com uivos de júbilo para a caverna chamejante toda abalada da tormenta de rugidos que solta a Eterna Dor... E ela podia ver
275 ainda, no fundo dos Céus, a grande balança — com um dos pratos muito

245: invisível; ou a distância.] invisível; ou a distância

248: que dizia.] que lhe dizia.

280 alto onde as suas orações não pesavam mais que uma pena de canário, e o outro prato caído, de cordas retesadas, sustentando a enxerga da cama do sineiro e as suas toneladas de pecado.

Caiu então numa melancolia histórica que a envelhecia; passava os dias suja e desarranjada, não querendo dar cuidado ao seu corpo pecador; 285 todo o movimento, todo o esforço lhe repugnava; as mesmas orações lhe custavam, como se as julgasse inúteis; e tinha atirado para o fundo duma arca o enxoval que andava a costurar para o filho — porque o odiava, aquele ser que ela sentia mexer-se-lhe já nas entranhas e que era a causa da sua perdição. Odiava-o — mas menos que o outro, o pároco que lho 290 fizera, o padre malvado que a tentara, a estragara, a atirara às chamas do Inferno! Que desespero quando pensava nele! Estava em Leiria sossegado, comendo bem, confessando outras, namorando-as talvez — e ela ali sozinha, com o ventre condenado e enfartado do pecado que ele lá depusera, ia-se afundindo na perdição sempiterna!

295 Decerto esta excitação a teria matado — se não fosse o abade Ferrão que começara então a vir ver muito regularmente a irmã do amigo cônego.

Amélia ouvira falar muitas vezes nele na Rua da Misericórdia; dizia-se lá que o Ferrão tinha «ideias esquisitas»: mas não era possível recusar- 300 -lhe nem a virtude da vida nem a ciência de sacerdote. Havia muitos anos que era ali abade; os bispos tinham-se sucedido na diocese, e ele ali ficara esquecido naquela freguesia pobre, de côngrua atrasada, numa residência onde chovia pelos telhados. O último vigário-geral, que nunca dera um passo para o favorecer, dizia-lhe todavia, liberal de palavreado:

— Você é um dos bons teólogos do reino. Você está predestinado 305 por Deus para um bispado. Você ainda apanha a mitra. Você há-de ficar na história da Igreja portuguesa como um grande bispo, Ferrão!

— Bispo, senhor vigário-geral! Isso era bom! Mas era necessário que eu tivesse o arrojo dum Afonso de Albuquerque ou dum D. João de Castro, para aceitar aos olhos de Deus semelhante responsabilidade!

310 E ali ficara, entre gente pobre, numa aldeia de terra escassa, vivendo de dois pedaços de pão e uma chávena de leite, com uma batina limpa onde os remendos faziam um mapa, precipitando-se a uma meia légua por um temporal desfeito se um paroquiano tinha uma dor de dentes, passando uma hora a consolar uma velha a quem tinha morrido uma 315 cabra... E sempre de bom humor, sempre com um cruzado no fundo do

284: dar cuidado] dar cuidados

298: esquisitas=] esquisitas-;

311: de dois] de deus

bolso dos calções para uma necessidade do seu vizinho, grande amigo de todos os rapazitos a quem fazia botes de cortiça, e não duvidando parar, se encontrava uma rapariga bonita, o que era raro na freguesia, e exclamar: «Linda moça, Deus a abençoe!»

320 E todavia, em novo, a pureza dos seus costumes era tão célebre, que lhe chamavam «a donzela».

De resto, padre perfeito no zelo da Igreja; passando horas de estação aos pés do Santíssimo Sacramento; cumprindo com uma felicidade fervente as menores práticas da vida devota; purificando-se para os trabalhos do dia com uma profunda oração mental, uma meditação de fé, 325 donde a sua alma saía mais ágil, como dum banho fortificante; preparando-se para o sono com um destes longos e piedosos exames de consciência, tão úteis, que Santo Agostinho e S. Bernardo faziam do mesmo modo que Plutarco e Séneca, e que são a correcção laboriosa e subtil dos pequenos defeitos, o aperfeiçoamento meticuloso da virtude activa, empreendido com um fervor de poeta que revê um poema querido... E todo o tempo que tinha vago, abismava-se num caos de livros.

Tinha só um defeito o abade Ferrão: gostava de caçar! Coibia-se, porque a caça tira muito tempo, e é sanguinário matar uma pobre ave 335 que anda azafamada pelos campos nos seus negócios domésticos. Mas nas claras manhãs de Inverno, quando ainda há orvalho nas giestas, se via passar um homem de espingarda ao ombro, o passo vivo, seguido do seu perdigueiro — iam-se-lhe os olhos nele... Às vezes porém, a tentação vencia: agarrava furtivamente a espingarda, assobiava à *Janota*, e com as abas do casacão ao vento, lá ia o teólogo ilustre, o espelho de piedade, 340 através de campos e vales... E daí a pouco — *pum... pum!* Uma codorniz, uma perdiz em terra! E lá voltava o santo homem com a espingarda debaixo do braço, os dois pássaros na algibeira, cosendo-se com os muros, rezando o seu rosário à Virgem, e respondendo aos *bons-dias* da gente pelo caminho com os olhos baixos e o ar muito criminoso.

O abade Ferrão, apesar do seu aspecto «gebo» e do seu grande nariz, agradou a Amélia, logo desde a primeira visita à Ricoça; e a sua simpatia cresceu, quando viu que D. Josefa o recebia com pouco alvoroço, apesar do respeito que o mano cónego tinha pela ciência do abade.

350 A velha, com efeito depois de ter estado só com ele numa prática de horas, condenara-o com uma única palavra, na sua autoridade de velha devota experiente:

— É relaxado!

343: os dois] os dous

355 Não se tinham realmente compreendido. O bom Ferrão, tendo
vividido tantos anos naquela paróquia de quinhentas almas, as quais caíam
todas, de mães a filhas, no mesmo molde de devoção simples a Nosso
Senhor, Nossa Senhora e S. Vicente, patrono da freguesia, tendo pouca
experiência de confissão, encontrava-se subitamente diante duma alma
360 complicada de devota de cidade, dum beatério caturra e atormentado; e
ao ouvir aquela extraordinária lista de pecados mortais, murmurava espantado:

— É estranho, é estranho...

Percebera bem ao princípio que tinha diante de si uma dessas degenerações
365 mórbidas do sentimento religioso, que a teologia chama *Doença dos escrúpulos* — e de que na sua generalidade estão afectadas hoje todas
as almas católicas; mas depois, a certas revelações da velha, receou estar
realmente em presença duma maníaca perigosa; e instintivamente, com o
singular horror que os sacerdotes têm pelos doidos, recuou a cadeira.

Pobre D. Josefa! Logo na primeira noite em que chegara à Ricoça
370 (contava ela), ao começar o rosário a Nossa Senhora, lembrara-lhe de
repente que lhe esquecera o saiote de flanela escarlate, que era tão eficaz
nas dores das pernas... Trinta e oito vezes de seguida recomeçara o rosário,
e sempre o saiote escarlate se interpunha entre ela e Nossa Senhora!
375 Então desistira, de exausta, de esfalfada. E imediatamente sentira
dores vivas nas pernas, e tivera como uma voz de dentro a dizer-lhe que
era Nossa Senhora por vingança a espetar-lhe alfinetes nas pernas...

O abade pulou:

— Oh, minha senhora!...

— Ai, não é tudo, senhor abade!

380 Havia outro pecado que a torturava: quando rezava, às vezes, sentia
vir a expectoração; e, tendo ainda o nome de Deus ou da Virgem na
boca, tinha de escarrar; ultimamente engolia o escarro, mas estivera pensando
que o nome de Deus ou da Virgem lhe descia de embrulhada para
o estômago e se ia misturar com as fezes! Que havia de fazer?

385 O abade, de olhar esgazeado, limpava o suor da testa.

Mas isto não era o pior: o grave era, que na noite antecedente estava
toda sossegada, toda em virtude, a rezar a S. Francisco Xavier — e
de repente, nem ela soube como, pôe-se a pensar como seria S. Francisco
Xavier nu em pêlo!

368: pelos doidos,] pelos doidos,

370: ela,] ela)

375: dizer-lhe] dizer-lhe,

378: — Oh,] — Oh

390 O bom Ferrão não se moveu, atordoado. Enfim, vendo-a a olhar ansiosa para ele, à espera das suas palavras e dos seus conselhos, disse:

— E há muito que sente esses terrores, essas dúvidas...?

— Sempre, senhor abade, sempre!

— E tem convivido com pessoas que, como a senhora, são sujeitas
395 a essas inquietações?

— Todas as pessoas que conheço, dúzias de amigas, todo o mundo...

O Inimigo não me escolheu só a mim... A todos se atira...

— E que remédio dava a essas ansiedades de alma...?

— Ai, senhor abade, aqueles santos da cidade, o senhor pároco, o
400 sr. Silvério, o sr. Guedes, todos, todos nos tiravam sempre de embaraços... E com uma habilidade, com uma virtude...

O abade Ferrão ficou calado um momento: sentia-se triste, pensando que por todo o reino tantos centenaes de sacerdotes trazem assim voluntariamente o rebanho naquelas trevas de alma, mantendo o mundo
405 dos fiéis num terror abjecto do Céu, representando Deus e os seus santos como uma corte que não é menos corrompida nem melhor que a de Calígula e dos seus libertos.

Quis então levar àquele nocturno cérebro de devota, povoado de fantasmagorias, uma luz mais alta e mais larga. Disse-lhe que todas as
410 suas inquietações vinham da imaginação torturada pelo terror de ofender a Deus... Que o Senhor não era um amo feroz e furioso, mas um pai indulgente e amigo... Que é por amor que é necessário servi-lo, não por medo... Que todos esses escrúpulos, Nossa Senhora a enterrar alfinetes, o nome de Deus a cair no estômago, eram perturbações da razão doente.
415 Aconselhou-lhe confiança em Deus, bom regímen para ganhar forças. Que não se cansasse em orações exageradas...

— E quando eu voltar, disse enfim erguendo-se e despedindo-se, continuaremos a conversar sobre isto, e havemos de serenar essa alma.

— Obrigada, senhor abade, respondeu a velha secamente.

420 E apenas a Gertrudes daí a pouco entrou a trazer-lhe a botija para os pés, D. Josefa exclamou, toda indignada, quase choramingando:

— Ai, não presta pra nada, não presta pra nada!... Não me percebeu... É um tapado... É um pedreiro-livre, Gertrudes! Que vergonha num sacerdote do Senhor...

425 Desde esse dia não tornou a revelar ao abade os pecados medonhos que continuava a cometer; e quando ele, por dever, quis recommençar a

406: corrompida nem melhor] corrompida, nem melhor.

417: — E] — E.

educação da sua alma, a velha declarou-lhe sem rodeios que, como se confessava com o senhor padre Gusmão, não sabia se seria delicado receber de outro a direcção moral...

430 O abade fez-se vermelho, respondeu:

— Tem razão, minha senhora, tem razão, deve-se ter muita delicadeza nessas coisas...

Saiu. E daí por diante, depois de ter entrado no quarto a saber-lhe da saúde, de ter falado do tempo, da estação, das doenças que iam, de alguma festa na igreja, — apressava-se em se despedir e ir para o terraço conversar com Amélia.

Vendo-a sempre tão tristonha, interessara-se por ela; para Amélia, as visitas do abade eram uma distracção, naquela solidão da Ricoça; e assim se iam familiarizando, a ponto que nos dias em que ele regularmente vinha, Amélia punha um mantelete e ia pelo caminho dos Poiais esperá-lo até junto à casa do ferrador. As conversas do abade, falador incansável, entretinham-na, tão diferentes dos mexericos da Rua da Misericórdia, — como o espectáculo dum largo vale com árvores, plantações, águas, pomares e rumor de lavouras, recreia os olhos habituados às quatro paredes caiadas duma trapeira da cidade. Tinha com efeito uma destas conversações semelhantes aos *jornais semanais de recreio*, o TESOURO DAS FAMÍLIAS OU AS LETURAS PARA SERÕES, em que há de tudo — doutrina moral, histórias de viagens, anedotas dos grandes homens, dissertações sobre a lavoura, citação duma boa chalaça, traços sublimes da vida dum santo, um verso aqui e além, e até receitas, como uma muito útil que deu a Amélia para lavar as flanelas sem encolherem. Só era monótono quando falava da sua família paroquiana, dos casamentos, baptizados, doenças, questões, ou quando começava as suas histórias de caça.

445 — Uma vez, minha rica senhora, ia eu pelo Córrego das Tristes, quando uma revoada de perdizes...

Amélia sabia que, pelo menos uma hora, tudo seriam façanhas da *Janota*, pontarias fabulosas contadas em mímica, com imitações de vozes de pássaros, e *pum, pum* de fuzilaria. Ou então eram descrições das caçadas selvagens que ele lera com gula — a caça ao tigre do Nepal, ao leão da Argélia e ao elefante, histórias ferozes que arrastavam a imaginação da rapariga para longe, para os países exóticos onde a erva é alta como os pinheiros, o sol queima como um ferro em brasa, e entre cada ramagem

432: nessas coisas...] nessas coisas...

451: monótono] monótono.

Não quisera ir à Cortegaça; o cónego aconselhara-lhe, que nos primeiros tempos se abstinésse de a ver para evitar suspeitas, comentários possíveis. A sua consolação era então encontrar o sineiro. O tio Esguelhas mostrava cada vez mais simpatia por Amélia. Amaro percebia bem, que o sineiro, que passava na Sé por *um finório*, tinha descoberto aqueles amores. Amélia mesmo lhe tinha dito: — O tio Esguelhas percebeu tudo. — E Amaro sentia uma estima pelo velho; via nele quase um confidente, um amigo discreto. Gostava da delicadeza com que ele lhe perguntava por Amélia:

reluzem os olhos duma fera... E depois, a propósito de tigres e de malaios, lembrava-lhe uma história curiosa de S. Francisco Xavier, e ei-lo lançado, o terrível palrador, na descrição dos feitos da Ásia, das armadas da Índia e das estocadas famosas do cerco de Diu!

Foi mesmo um desses dias, no pomar, em que o abade, tendo começado por enumerar as vantagens que o cónego tiraria de transformar o pomar em terra de lavoura, acabara por contar perigos e valores dos missionários da Índia e do Japão — que Amélia, então em toda a intensidade dos seus terrores nocturnos, falou dos ruídos que ouvia na casa e dos sobressaltos que lhe davam.

— Oh, que vergonha! disse o abade rindo; uma senhora da sua idade ter medo de papões...

Ela então, atraída por aquela bondade do senhor abade, contou-lhe as vozes que ouvia de noite por detrás da barra da cama.

O abade pôs-se sério:

— Minha senhora, isso são imaginações que deve a todo o custo dominar... Decerto tem havido prodígios no mundo, mas Deus não se põe assim a falar a qualquer, por detrás das barras das camas, nem permite ao Demónio que o faça... Essas vozes, se as ouve, e se os seus pecados são grandes, não vêm de detrás da cama, vêm-lhe de si mesma, da sua consciência... E pode então fazer dormir ao pé de si a Gertrudes, e cem Gertrudes, e todo o batalhão de infantaria, que as há-de continuar a ouvir... Havia de as ouvir, mesmo que fosse surda. O que é necessário é calmar a consciência que reclama penitência e purificação...

Tinham subido ao terraço, falando assim: e Amélia sentara-se fatigada num dos bancos de pedra que ali havia, e ficara a olhar a quinta ao longe, os tectos dos currais, a longa rua de loureiros, a eira, e a distância os campos que se sucediam planos e aivados do tom húmido que lhes dera a chuva ligeira da manhã: agora a tarde estava duma placidez clara, sem vento, com grandes nuvens paradas que o sol do poente tocava de vivos cor-de-rosa tenro... Pensava naquelas palavras tão sensatas do abade, no descanso que gozaria se cada pecado que lhe pesava na alma como um penedo se tomasse ligeiro e se dissipasse sob a acção da penitência. E vinham-lhe desejos de paz, dum repouso igual à quietação dos campos que se estendiam diante dela.

Um pássaro cantou, depois calou-se; e recomeçou daí a um momento com um trinado tão vibrante, tão alegre, que Amélia sorria, escutando-o.

473: — Oh.] — Oh / abade] abade,

— Então a menina vai melhorzinha? Coitadinha, metida lá na quinta com a velha! Que estopada, hem!

Amaro ia às vezes falar com ele; depois de coisas indiferentes o sineiro tinha sempre alguma palavra sobre Amélia: — É muito bonita! Ou: Tem uma carinha de anjo! — O pároco ria, sentia-se feliz com aquelas admirações ingênuas.

— É um rouxinol...

— Os rouxinóis não cantam a esta hora, disse o abade. É um melro... Aí está um que não tem medo de fantasmas, nem ouve vozes... Olha que entusiasmo, o maganão!

505 Era com efeito um gorjear triunfante, um delírio de melro feliz, que dera de repente a todo o pomar uma sonoridade festiva.

E Amélia, diante daquele chilrear glorioso dum pássaro contente, subitamente, sem razão, num destes abalos nervosos que vêm às mulheres histéricas, rompeu a chorar.

510 — Então, que é isso, que é isso? fez o abade muito surpreendido. Tomou-lhe a mão, com uma familiaridade de velho e de amigo, calmando-a.

— Que infeliz que sou!... murmurou ela aos soluços.

Ele então muito paternal:

515 — Não tem razão para o ser... Sejam quais forem as aflições, as inquietações, uma alma cristã tem sempre a consolação à mão... Não há pecado que Deus não perdoe, nem dor que não calme, lembre-se disso... O que não deve é guardar em si o seu desgosto... É isso que a sufoca, que a faz chorar... Se eu lhe posso valer, sossegá-la, é procurar-me...

520 — Quando? disse ela toda desejosa já de se refugiar na protecção daquele santo homem.

— Quando quiser, disse ele rindo. Eu não tenho horas para consolar... A igreja está sempre aberta, Deus está sempre presente...

525 Ao outro dia cedo, antes da hora em que a velha se erguia, Amélia foi à residência; e durante duas horas esteve prostrada diante do pequeno confessionário de pinho — que o bom abade por suas mãos pintara de azul-escuro, com extraordinárias cabecinhas de anjos que em lugar de orelhas tinham asas, uma obra de alta arte de que ele falava com uma secreta vaidade.

Mas um dia Dionísia apareceu-lhe ao jantar. Ela morava ao pé, e a todo o momento ia a casa dele.

— Grande novidade, disse ela. Está cá o João Eduardo!

— Então?

— Já hoje o vi. E hoje é que soube tudo.

— E daí?

— O rapaz tinha ido primeiro para Ourém.

— Ah!

— Depois apareceu por aí, e o dr. Godinho para se ver livre dele...

O sr. pároco não sabia?

— Mas o quê, mulher de Deus? Acabe!

— Ah! Eu cuidei que sabia. Para se ver livre dele pagou-lhe a passagem para Lisboa, e recomendou-o para lá. O rapaz esteve empregado num cartório. Depois lá em Lisboa, não sei como nem como não, encontrou-se com o Morgadinho, e pelos modos parece que se arranjou.

— Que se arranjou como?

— Parece que vai para mestre dos filhos do Morgadinho.

— Mas qual Morgadinho?

1-18: Mas um dia Dionísia apareceu-lhe ao jantar. Ela morava ao pé, e a todo o momento ia a casa dele. //
— Grande novidade, disse ela. Está

19-22: — Então? [...] — Parece que vai para mestre

23-36: — Mas qual Morgadinho? [...] e foi à Cortegaça.

XXII

O padre Amaro acabara de jantar, e fumava, com os olhos no tecto, para não ver o carão chupado do coadjutor que havia meia hora ali estava, imóvel e espectral, fazendo cada dez minutos uma pergunta que caía no silêncio da sala como os quartos melancólicos que dá de noite
5 um relógio de catedral.

— O senhor pároco já não é assinante da *Nação*?

— Não senhor, leio o *Popular*.

O coadjutor recaiu no silêncio, começando logo a coligir laboriosamente as palavras para uma nova pergunta. Soltou-a enfim, com lentidão:

10 — Não se tomou a saber daquele infame que escreveu o *Comunicado*?

— Não senhor, foi para o Brasil.

A criada entrou, neste momento, dizendo que «estava ali uma pessoa que queria falar ao senhor pároco». Era a sua maneira de anunciar a presença de Dionísia na cozinha.

15 Havia semanas que ela não aparecia — e Amaro, curioso, saiu logo da sala fechando a porta sobre si, e chamou a matrona ao patamar.

— Grande novidade, senhor pároco! E vim a correr, que é sério. Está cá o João Eduardo!

— Ora essa! exclamou o pároco. E eu justamente a falar dele! É
20 extraordinário! Olha que coincidência...

— É verdade, vi-o hoje. Fiquei banzada... E já estou informada de tudo. O homem está mestre dos filhos do Morgadinho.

— Que Morgadinho?

16: sala] sala.

19: pároco.] pároco!

20: extraordinário!] extracordinário.

— O Morgadinho de Poiais. E para ir para casa do Morgadinho tem de passar lá pela Cortegaça. O rapaz agora é capaz de dar lá com a Ameliazinha, e passar ali todos os dias.

— Então ele não vai viver para casa do Morgadinho, como mestre dos pequenos?

— Parece que não. Vai pela manhã, janta lá, e recolhe pela noite. Eu fiquei *banzada* com estas notícias todas. Agora o que pode estar certo é que ele, mais dia menos dia, dá pela Ameliazinha na Cortegaça. E ela então que está quase todas as tardes à janela!

Nessa mesma tarde, depois de jantar, Amaro vestiu-se, e foi à Cortegaça.

— O Morgadinho dos Poiais... Se vive lá, ou se vai pela manhã e
25 vem à noite, isso não sei. O que sei é que voltou... E janota, fato novo...
Eu entendi que devia avisar, porque pode estar certo que ele, mais dia
menos dia, dá pela Ameliazinha lá na Ricoça... É no caminho pra casa
do Morgado... Que lhe parece?...

— Forte besta! rosnou Amaro com rancor. Quando não serve é que
30 aparece. Então por fim não foi para o Brasil?

— Pelos modos, não... Que a sombra dele não era, era ele mesmo
em carne e osso... A sair da loja do Fernandes por sinal, e todo peralta...
Sempre é bom avisar a rapariga, senhor pároco, que se não vá ela plantar
de janela...

35 Amaro deu-lhe as duas placas que ela esperava — e daí a um quarto
de hora, desembaraçado do coadjutor, ia no caminho da Ricoça.

XXII

A Cortegaça era uma casa com quinta, pomar, e olivais, situada à beira de um pequeno caminho, onde a sua fachada amarelada, de um só andar, com varandas de ferro e um brasão de pedra enegrecido, destacava soberbamente. O comprido terraço, ao lado, com vasos colocados a espaços onde se eriçavam cactos, tinha um aspecto antigo de habitação morgada. Um antigo corregedor de Pombal tinha comprado aquela vivenda a um fidalgo arruinado, notável toireiro da corte de Maria I; era padrinho da irmã do cónego, não tinha filhos, e deixara-lha por morte, com outras propriedades. A irmã do cónego tinha grande orgulho naquela quinta, que era a coisa excelente da sua vida, e o seu grande cuidado.

O aspecto interior era melancólico. As salas, grandes, de altos tectos de castanho escuro, frias, com eco sonoro, estavam apenas mobiladas ao longo das paredes com bancos compridos, cujo assento se abria como uma tampa, e que tinham ainda nos espaldares o vestígio desbotado e lascado dos brasões pintados. Havia apenas três quartos pobremente mobilados à moderna, com leitos de ferro, e cadeiras de palhinha. A quinta andava arrendada, e os caseiros faziam daquelas vastas salas, onde outrora se tinham dado festas no gosto requintado e lúgubre do tempo de D. Maria I, celeiros provisórios. Estavam amontoados aos cantos sacos de milho e de cevada; e, estendido numa camada delgada, o feijão secava nos soalhos, onde tinham deslizado hirtos e compassados minuets.

Batia-lhe forte o coração quando avistou o casarão amarelo, pintado de novo, o largo terraço lateral em linha com o muro do pomar, ornado de espaço a espaço no parapeito de vasos nobres de pedra. Ia enfim, depois
40 de tão longas semanas, ver a sua Ameliazinha! E já se alvoroçava à ideia das exclamações apaixonadas com que ela lhe cairia nos braços.

Ao rés-do-chão eram as cavalariças, do tempo da família morgada que outrora ali habitara, agora abandonadas às ratazanas e aos tortulhos, recebendo a luz por estreitas janelas gradeadas que quase desapareciam
45 sob camadas de teias de aranha; entrava-se por um imenso pátio escuro, onde havia longos anos se acastelava a um canto toda uma montanha de pipas vazias; e o lanço de escadaria nobre, que levava aos aposentos, era à direita, flanqueado de dois leõezinhos de pedra, benignos e sonolentos.

Amaro subiu até um salão de tecto de carvalho apainelado, sem mobília, com a metade do soalho coberta de feijão seco.
50

E, embaraçado, bateu as palmas.

Uma porta abriu-se. Amélia apareceu um instante, toda despenteada e em saia branca; deu um gritinho, bateu com a porta — e o pároco sentiu-a fugir para o interior do casarão. Ficou muito desconsolado no
55 meio do salão, com o seu guarda-sol debaixo do braço, pensando na boa familiaridade com que entrava na Rua da Misericórdia — que até pareciam as portas abrir-se de si mesmo e o papel das paredes clarear-se de alegria.

Ia bater as palmas outra vez, já quezilado, quando a Gertrudes apareceu:
60

— Oh, senhor pároco! Entre, senhor pároco! Ora até que enfim! Minha senhora, é o senhor pároco! — gritava, na alegria de ver enfim uma visita querida, um amigo da cidade, naquele desterro da Ricoça.

Levou-o logo para o quarto de D. Josefa, ao fundo da casa, um quarto enorme, onde, num pequeno canapé perdido a um canto, a velha passava
65 os dias encolhida no seu xale, com os pés embrulhados num cobertor.

— Oh, D. Josefa! Como está? Como está?

Ela não pôde responder, tomada dum acesso de tosse que lhe dera a comoção da visita.

48: de dois] de dous

49: [Em 1889: até um sólio; seguimos a lição de 1880]

66: — Oh,] — Ó

Logo desde os primeiros dias, em que para ali viera, Amélia caiu numa tristeza enervada. A velha ao princípio sentira alívios inesperados; mas depois, subitamente, recaíra e, sempre na cama, com uma tosse áspera e seca, um terror agudo da morte, e uma perpétua murmuração de rezas, tornava aqueles dias mais monótonos, e de uma desolação pesada.

Amélia sentia-se irremediavelmente infeliz. Aquela vasta casa solitária dava uma decoração fúnebre aos seus pensamentos. Qualquer ruído tinha um eco cavo e demorado, e Amélia estremecia pensando em defuntos, fogueiras de bruxas e aves agoireiras, que anunciam a morte.

— Como vê, senhor pároco, murmurou enfim muito fraca. Para aqui vou, arrastando esta velhice. E Vossa Senhoria? Porque não tem aparecido?

Amaro desculpou-se vagamente com os afazeres da Sé. E compreendia agora, ao ver aquela face amarela e cavada, com uma medonha touca de rendas negras, que tristes horas Amélia ali devia passar. Perguntou por ela; avistara-a de longe, mas ela deitara a fugir...

— É que não estava decente para aparecer, disse a velha. Hoje foi dia de barrela.

Amaro quis então saber em que se entretinham, como passavam os dias naquela solidão...

— Eu para aqui estou. A pequena para aí anda.

Depois de cada palavra, parecia abater-se numa fadiga e a sua ronqueira crescia.

— Então não se tem dado bem com a mudança, minha senhora?

Ela disse que não, num movimento de cabeça.

— Deixe falar, senhor pároco, acudiu a Gertrudes que ficara de pé, ao lado do canapé, gozando a presença do senhor pároco. — Deixe falar... É que a senhora exagera também... Levanta-se todos os dias, dá o seu passeinho até à sala, come a sua asita de frango... Temo-la aqui, temo-la arribada... É o que diz o senhor abade Ferrão, a saúde foge a toda a brida e para voltar vem a passo...

A porta abriu-se. Amélia apareceu, muito escarlate, com o seu antigo robe-de-chambre de merino roxo, o cabelo arranjado à pressa.

— Desculpe, senhor pároco, balbuciou, mas hoje tem sido um dia de balbúrdia...

Ele apertou-lhe a mão gravemente: e ficaram calados, como se estivessem separados pela distância dum deserto. Ela não tirava os olhos do chão, enrolando com a mão trémula uma ponta da manta de lã que trazia solta pelos ombros. Amaro achava-a mudada, um pouco inchada das faces, com uma ruga de velhice aos cantos da boca. Para romper aquele silêncio estranho, perguntou-lhe também se se dava bem...

— Para aqui vou indo... É um pouco triste isto. É como diz o senhor abade Ferrão, é muito grande para a gente se sentir em família.

— Ninguém veio para aqui para se divertir, disse a velha sem deserrar as pálpebras, com uma voz seca que perdera toda a fadiga.

Amélia baixou a cabeça, fazendo-se pálida.

Amaro então, compreendendo num relance que a velha torturava Amélia, disse com muita severidade:

Estava cheia de pressentimentos e de superstições. Além disso, a irmã do cónego, gemendo no seu leito, quase no fim da vida, instintivamente chamava-lhe a ideia para as coisas da morte, e para os destinos da alma. Porque podia morrer de parto! E quem sabe se estaria em pecado mortal! A sua paixão por Amaro tinha agora largos espaços pacíficos, cheios de reflexão, e a verdade aparecia-lhe nítida, iniludível, atroz! Ela, solteira, afastara o noivo, o marido, a situação legítima; entregara-se a um homem, a um padre! E, apesar das subtilezas amorosas e das atenuações devotas, o facto permanecia por si culpado, sensual, digno do Inferno!

— É verdade, não foi para se divertirem... Mas também não foi para se entristecerem de propósito... Pôr-se uma pessoa de mau humor e fazer
 110 aos outros a vida negra, é uma falta horrível de caridade; não há pecado pior aos olhos do Senhor... É indigno da graça de Deus quem tal pratica...

A velha rompeu a choramingar, muito excitada:

— Ai, o que Deus me guardou para os últimos anos da vida...

115 Gertrudes amimou-a. Então, senhora, que até lhe fazia pior estar a afligir-se assim... Ora o disparate! Tudo se havia de remediar com a ajuda de Deus. Saúde não havia de faltar, nem alegria...

Amélia chegara-se à janela, decerto para esconder também as lágrimas que lhe saltavam dos olhos. E o pároco, consternado com a cena,
 120 começou a dizer que D. Josefa não estava suportando com a verdadeira resignação duma cristã aqueles dias de doença... Nada escandalizava mais Nosso Senhor que ver as criaturas revoltarem-se contra as dores ou os encargos que Ele mandava... Era insultar a justiça dos seus decretos...

— Tem razão, senhor pároco, tem razão, murmurou a velha muito
 125 contrita. Eu às vezes nem sei o que digo... São coisas da doença.

— Bem, bem, minha senhora, é resignar-se e tratar de ver tudo cor-de-rosa. É o sentimento que Deus mais aprecia. Eu compreendo que é duro, estar para aqui enterrada...

— É o que diz o senhor abade Ferrão, acudiu Amélia voltando da
 130 janela, a madrinha estranha... Assim arrancada aos hábitos de tantos anos...

Notando então a citação repetida das palavras do abade Ferrão, Amaro perguntou se ele costumava vir vê-las...

— Ai, tem-nos feito muita companhia, disse Amélia. Vem quase todos os dias.

135 — É um santo! exclamou a Gertrudes.

— Decerto, decerto, murmurou Amaro descontente dum entusiasmo tão vivo. Pessoa de muita virtude...

— De muita virtude, suspirou a velha. Mas... — Calou-se, não ousando decerto exprimir as suas reservas de devota. — E exclamou numa
 140 súplica: — Ai, o senhor pároco é que devia vir por aqui, ajudar-me a levar esta cruz da doença...

109: humor] humor,

125: São coisas] São cousas

Naquele primeiro dia, em que Amaro veio à Cortegaça, ela conservou-se reservada e um pouco fria. Era no quarto da velha.

— Está doente? tinha ele dito com intenção.

— Um pouco, respondeu Amélia baixando os olhos.

E à saída Amaro tinha-lhe dito:

— Parece que até te custa olhar para mim!

— E de que me serve olhar para si?

Tinham-se fitado ambos, calados, contendo-se, escondendo os seus pensamentos.

— Bem! Como queira! disse ele secamente. Em todo o caso, o que lhe quero dizer é que há uma pessoa, que passa agora por aqui todos os dias, e seria bom que não desse por si aqui na quinta.

— Ai! Infelizmente já me viu, disse Amélia.

— Quem? O João Eduardo já te viu?

E a voz de Amaro tinha uma grande cólera.

— Viu-me já duas vezes à janela.

— Esse maldito costume de estar à janela! Para que vais tu à janela?

Ela tomou-lhe a mão:

— E por que não tens tu vindo? Para que me tens deixado aqui só com essa velha? Eu morro aqui de tristeza. Vem-me ver, pelo amor de Deus! Não me deixes só! Peço-te!

E as suas súplicas foram tão lamentosas, tão angustiadas, que Amaro prometeu voltar regularmente duas vezes por semana.

— Hei-de vir, minha senhora, hei-de vir. É bom para a distrair, para lhe dar as notícias... E a propósito, tive ontem carta do nosso cônego.

145 Rebuscou na algibeira, leu alguns períodos da carta. O padre-mestre já tinha quinze banhos. A praia estava cheia de gente. A D. Maria passara doente com um furúnculo. O tempo famoso. Todas as tardes grandes passeatas a ver recolher as redes. A S. Joaneira, boa, mas falando sempre na filha...

— Pobre mamã... choramingou Amélia.

150 Mas a velha não se interessava com as novidades, gemendo a sua ronqueira. Foi Amélia que perguntou pelos amigos de Leiria, pelo senhor padre Natário, pelo senhor padre Silvério...

Ia escurecendo já: a Gertrudes fora preparar o candeeiro. Amaro enfim ergueu-se:

155 — Pois, minha senhora, até outro dia. Esteja certa que hei-de aparecer de vez em quando. É nada de afligir... Agasalho, boa dieta, e a misericórdia de Deus não a há-de abandonar...

— Não nos falte, senhor pároco, não nos falte!...

160 Amélia estendera-lhe a mão, para se despedir ali no quarto; mas Amaro gracejando:

— Se não lhe causa incómodo, menina Amélia, sempre é bom vir mostrar-me o caminho, que eu perco-me neste casarão.

Saíram ambos. E apenas no salão, a que as três largas vidraças davam ainda uma claridade:

165 — A velha faz-te a vida negra, filha, disse Amaro parando.

— Que mereço eu mais? respondeu ela baixando os olhos.

— Desavergonhada, eu lhas cantarei!... Minha Ameliazinha, se souberes o que me tem custado...

E falando, ia abraçá-la pelo pescoço.

170 Mas ela recuou, toda perturbada.

— Que é isso? fez Amaro assombrado.

— O quê?

— Esse modo! Tu não me queres dar um beijo, Amélia? Tu estás doida?

149: mamã...] mamã,

173-4: estás doida?] estás doida?

A vida de Amélia, com efeito, era quase lúgubre. Chegara o fim de Setembro; algumas árvores começavam a perder a folha; já anoitecia cedo, e toda a natureza, sobretudo ao fim da tarde, tinha já uma tristeza outonal.

Amélia levantava-se cedo. O seu quarto, nas traseiras, dava para um pátio onde havia o curral, e Amélia, penteando-se, sentia em baixo o grunhir dos porcos. Depois, só, na grande sala do jantar, defronte da sua chávena de café com leite, vinham-lhe tristezas e recordações. Àquela hora costumava ela almoçar com a mãe, quando vivia na Rua da Misericórdia, feliz e contente; o sol entrava, e alegrava a pequena sala. Às vezes ia tocar um momento ao piano enquanto a mãe fazia a sopa ao gato. Que faria ela na Vieira, a pobre mãe? O que fariam os outros,

175 Ela ergueu as mãos para ele, numa suplicação ansiosa, falando toda trémula:

— Não, senhor pároco, deixe-me! Isso acabou. Bem basta o que pe-
cámos... Quero morrer na graça de Deus... Que nunca mais se fale em
semelhante coisa!... Foi uma desgraça... Acabou-se... Agora o que quero
180 é o sossego de minha alma...

— Tu estás tola! Quem te meteu isso na cabeça? Ouve cá...

Foi para ela outra vez, com os braços abertos.

— Não me toque, pelo amor de Deus, — e vivamente recuou até à
porta.

185 Ele olhou-a um momento, numa cólera muda.

— Bem, como queira, disse por fim. Em todo o caso, quero preve-
ni-la que o João Eduardo voltou, que passa aqui todos os dias, e que é
bom não se pôr de janela.

— Que me importa a mim o João Eduardo e os outros e tudo o
190 que passou?...

Ele acudiu, trasbordando dum sarcasmo amargo:

— Está claro, agora o grande homem é o senhor abade Ferrão!

— Devo-lhe muito, é o que sei...

A Gertrudes neste momento entrava com o candeeiro aceso. E
195 Amaro, sem se despedir de Amélia, abalou, de guarda-chuva em riste,
rilhando os dentes de raiva.

Mas a longa caminhada até à cidade calmou-o. Aquilo na rapariga
por fim era apenas um acesso de virtude e de escrúpulos! Vira-se ali só
naquele casarão, amargurada pela velha, impressionada pelos palavrões
200 do moralista Ferrão, longe dele, e tinha-lhe vindo aquela reacção de devota
com os seus terrores do outro mundo e apetites de inocência... Chalaça!
Se ele começasse a ir à Ricoça, numa semana reganhava todo o seu do-
mínio... Ah, conhecia-a bem! Era só tocar-lhe, piscar-lhe o olho... Estava
logo rendida.

205 Passou porém uma noite inquieta, desejando-a mais que nunca. E ao
outro dia à uma hora marchou para a Ricoça, levando-lhe um ramo de
rosas.

179: semelhante coisa!...] semelhante coisa!...

194: momento] momento,

os conhecidos, os amigos da casa? — Depois toda a manhã passava ao pé de Josefa. A velha falava-lhe pouco, com uma certa frieza hostil; considerava pecado, e uma falta de caridade aludir às suas infelicidades, mas não lhe podia perdoar o ter ela amado, e vivido nos braços de um homem; — e então vingava-se apenas em a não tratar por tu, e dizia-lhe sempre secamente: *a menina*.

Às vezes Amélia tinha dias doentes, com ânsias, irritações nervosas, apetites vagos; ficava deitada toda a manhã, só, no seu quarto. Aquela solidão fazia-a sofrer. — Todos a abandonavam, pensava; até Amaro, que estava três, quatro dias sem a ir ver. Então acusava-o, vinham-lhe a espaços

A velha ficou toda contente ao vê-lo. É que lhe dava saúde a presença do senhor pároco! E se não fosse a distância havia de lhe pedir a esmola de vir todas as manhãs. Até depois daquela visitinha rezava com mais fervor...

Amaro sorria, distraído, com os olhos cravados na porta.

— E a menina Amélia? perguntou por fim.

— Saiu... Isso agora todas as manhãs é a passeata, disse a velha com azedume. Vai à residência, é toda do abade...

— Ah! fez Amaro com um sorriso lívido. Nova devoção, hem?... É pessoa de muitos méritos, o abade.

— Ai, não presta, não presta! exclamou D. Josefa. Não me percebe. Tem ideias muito esquisitas. Não dá virtude...

— Homem de livros... disse Amaro.

Mas a velha erguera-se sobre o cotovelo, e baixando a voz, com o magro carão aceso em ódio:

— E aqui pra nós, a Amélia tem-se portado muito mal! Nunca lho hei-de perdoar... Confessou-se ao abade... É uma indelicadeza, sendo a confessada do senhor pároco, não tendo recebido de Vossa Senhoria senão favores... É uma ingrata, é uma traiçoeira!...

Amaro fizera-se pálido.

— Que me diz a senhora?

— A verdade! Que ela não o nega. Até se orgulha! É uma perdida, é uma perdida! Depois do favor que lhe estamos a fazer...

Amaro disfarçou a indignação que o revolvía. Riu até. Era necessário não exagerar... Não havia ingratidão. Era uma questão de fé. Se a rapariga pensava que o abade a podia dirigir melhor, tinha razão em se abrir com ele... O que todos queriam é que ela salvasse a sua alma... Que fosse pela direcção de fulano ou sicrano, isso não importava... E nas mãos do abade estava bem.

E chegando vivamente a cadeira para o leito da velha:

— E então agora, todas as manhãs vai à residência?

— Quase todas... Que ela não há-de tardar, vai depois de almoço, volta sempre a esta hora... Ai, tem-me causado isto um desgosto!...

Amaro deu um passeiozinho nervoso pelo quarto, e estendendo a mão à velha:

209: distância] distância.

216: Amaro] Amaro.

217: abade.] abade...

223: — E aqui pra] — E, aqui para

contra ele ódios agudos, que terminavam por grandes prantos; as lágrimas faziam-lhe bem, aliviavam-na, traziam-lhe uma sonolência, e o esquecimento de algumas horas.

Só o tio Esguelhas a viera ver um dia: tinha passado por ali, disse, tinha entrado para ver como a menina ia... E ficara todo embaraçado, batendo com a pala do bonet contra a muleta. Achava-a mais *acabadinha*.

Amélia perguntou-lhe se tinha visto o padre Natário, o padre Silvério — e, corando:

— E o sr. padre Amaro?

— Lá vai andando, disse o sincero. — E falando baixo, todo curvado para ela: — Coitado! Também não é muito mais feliz!

— Pois minha senhora, eu não me posso demorar, que vim de fugida... Até um dia cedo.

245 E sem escutar a velha, que lhe pedia com ansiedade que ficasse para jantar — desceu os degraus como uma pedra que rola, meteu furioso pelo caminho da residência, ainda com o seu ramo na mão.

Esperava encontrar Amélia na estrada; e não tardou em a avistar quase ao pé da casa do ferreiro, agachada ao pé do valado, apanhando
250 sentimentalmente florinhas silvestres.

— Que fazes tu aqui? exclamou, chegando junto dela.

Ela ergueu-se, com um gritinho.

— Que fazes tu aqui!? repetiu.

255 Àquele *tu*, e àquela voz colérica, ela pôs rapidamente um dedo na boca, assustada. O senhor abade estava dentro da casa com o ferreiro...

— Ouve lá, disse Amaro com os olhos chamejantes, agarrando-lhe o braço — tu confessaste-te ao abade?...

— Pra que quer saber? Confessei... Não é vergonha nenhuma...

260 — Mas confessaste *tudo, tudo*? perguntou ele com os dentes cerrados de raiva.

Ela perturbou-se, e tratando-o ainda por *tu*:

— Foste tu que me disseste muitas vezes... Que era o maior pecado neste mundo, esconder alguma coisa ao confessor!

— Bêbeda! rugiu Amaro.

265 Os seus olhos devoravam-na. E, através da névoa de cólera que lhe enchia o cérebro e lhe fazia latejar as veias na fronte, achava-a mais bonita, com umas redondezas em todo o corpo que ardia por abraçar, com uns lábios vermelhos avivados pelo largo ar do campo que ele queria morder até ao sangue.

270 — Ouve, disse-lhe cedendo a uma invasão brutal do desejo. Ouve... Acabou-se, não me importa. Confessa-te ao diabo se te agrada... Mas há-de ser a mesma para mim!

— Não, não! disse ela com força, desprendendo-se, pronta a fugir para casa do ferreiro.

275 — Tu mas pagarás, maldita! — rosnou o padre por entre dentes, voltando as costas, descendo o caminho com passadas de desesperado.

253: aqui!? aqui?

263: alguma coisa] alguma cousa

273: — Não, não!] — Não, não,

275: entre dentes.] entre os dentes,

Amélia não respondeu.

O tio Esguelhas saiu, com grandes cumprimentos e oferecimentos: — se quisesse algum recadinho, alguma encomenda...

Depois do jantar o seu tédio crescia; não ia à quinta para não encontrar os trabalhadores, e os rendeiros, porque já não podia ocultar o seu estado. Punha-se a passear pelas largas salas, ou ficava tempos infinitos encostada às vidraças, olhando vagamente.

Por baixo, rente do terraço, era o caminho dos Poiais de Santa Catarina. Havia do outro lado uns silvados; e para além eram terrenos, campos, olivais, elevações acidentadas, diversos tons de verduras, uma paisagem pálida, e estéril; e no fundo a perpétua imobilidade do céu

E não abrandou o passo até à cidade, levado de um impulso de indignação que, sob aquela doce paz dum meio de Outono, lhe sugeria planos de vinganças ferozes. Chegou a casa esfalfado, ainda com o ramo na mão. Mas aí, na solidão do quarto, veio-lhe pouco a pouco o sentimento da sua impotência. Que lhe podia fazer por fim? Ir pela cidade dizer que ela estava grávida? Seria denunciar-se a si. Espalhar que estava amigada com o abade Ferrão? Era absurdo: um velho de quase setenta anos, duma fealdade de caricatura, com todo um passado de virtude santa... Mas perdê-la, não tornar a ter nos braços aquele corpo de neve, não ouvir mais aquelas ternuras balbuciadas que lhe arrebatavam a alma para alguma coisa de melhor que o Céu... Isso não!

É era possível que ela, em seis ou sete semanas, tivesse assim esquecido tudo? Naquelas longas noites na Ricoça, só na cama, não lhe viria uma recordação das manhãs no quarto do tio Esguelhas?... Decerto: ele sabia-o da experiência de tantas confessadas que lhe tinham revelado aflitas a tentação muda e teimosa que não deixa a carne que uma vez pecou...

Não: devia persegui-la, e por todos os modos soprar-lhe aquele desejo que agora ardia nele mais alto e mais ruidoso.

Passou a noite a escrever-lhe uma carta de seis páginas, absurda, cheia de implorações apaixonadas, de argúcias místicas, de pontos de exclamação e de ameaças de suicídio...

Mandou-a ao outro dia cedo, pela Dionísia. A resposta veio só à noite, por um rapazito da quinta. Com que sofreguidão rasgou o sobrescrito! Eram apenas estas palavras: «Peço-lhe que me deixe em paz com os meus pecados.»

Não desistiu: ao outro dia lá estava na Ricoça a visitar a velha. Amélia achava-se no quarto de D. Josefa, quando ele apareceu. Fez-se muito pálida; mas os seus olhos não deixaram a costura — durante a meia hora que ele ali ficou, ora num silêncio sombrio acabrunhado para o fundo da poltrona, ora respondendo distraidamente à tagarelice da velha, muito faladora essa manhã.

E na semana seguinte foi o mesmo: se o ouvia entrar fechava-se rapidamente no quarto: só vinha, se a velha mandava a Gertrudes dizer-lhe «que estava ali o senhor pároco que a queria ver». Ia então, estendia-lhe a mão, que ele achava sempre a escaldar — e tomando a sua eterna costura, junto da janela, ia picando o pesponto com uma taciturnidade que desesperava o padre.

285: santa...] santa!...

287: alguma coisa] alguma coisa

308: seguinte] seguinte.

mudo. Às vezes destacavam na palidez do poente pitorescas decorações de nuvens. Amélia ficava a olhar; e aqueles céus, que não compreendia nem a impressionavam, davam-lhe, todavia, uma sensibilidade, e movimentos de imaginação. Pensava em outros destinos que poderia ter tido! — Estaria talvez casada! Riria, seria feliz! Teria um pequerrucho vermelho, gatinhando, e babando-se! — Mas então a voz de Teresa, a velha criada de D. Josefa, chamava-a. Era a irmã do cónego, que se queria voltar, e era necessário ajudá-la, ou eram as horas do remédio.

Tinha-lhe escrito outra carta. Ela não respondera.

315 Então jurava não voltar à Ricoça, desprezá-la, — mas depois de ter passado a noite, rolando-se pela cama sem poder dormir, com a mesma visão da nudez dela cravada intoleravelmente no cérebro, lá partia de manhã para a Ricoça, corando quando o apontador das obras na estrada, que o via passar todos os dias, lhe tirava o seu boné de oleado.

320 Numa tarde que chuviscava, ao entrar no casarão, dera com o abade Ferrão que à porta abria o seu guarda-chuva.

— Olá, por aqui, senhor abade! disse ele.

O abade respondeu naturalmente:

— Em Vossa Senhoria é que não há que estranhar, que vem por
325 aqui todos os dias...

Amaro não se conteve; e tremendo de cólera:

— E que lhe importa ao senhor abade se eu venho ou não? A casa é sua?

Aquela brutalidade tão injustificável ofendeu o abade:

330 — Pois era melhor para todos que não viesse...

— E porquê, senhor abade? E porquê? — gritou Amaro, perdido.

Então o bom homem estremeceu. Cometera, ali, a culpa mais grave do sacerdote católico: o que sabia de Amaro, dos seus amores, era em segredo de confissão; e era trair o mistério do sacramento, mostrar que
335 desaprovava aquela insistência no pecado. Tirou muito baixo o seu chapéu e disse humildemente:

— Tem Vossa Senhoria razão. Peço perdão do que disse, sem reflectir. Muito boas-tardes, senhor pároco.

— Muito boas-tardes, senhor abade.

340 Amaro não entrou na Ricoça. Voltou para a cidade sob a chuva que batia forte agora. E, apenas em casa, escreveu uma longa carta a Amélia, em que lhe contava a cena com o abade, acabrunhando-o de acusações — sobretudo de lhe trair indirectamente o segredo da confissão. Como das outras, desta carta não veio resposta da Ricoça.

345 Então Amaro começou a acreditar que tanta resistência não podia vir só do arrependimento e do terror do Inferno... «Ali há homem», pensou. E devorado dum ciúme negro principiou a rondar de noite a

322: abade!] abade?

340: cidade] cidade.

E daí a pouco no quarto da velha começava a escurecer. A velha Teresa e Amélia começavam então a rezar o terço, baixo, murmurando na penumbra. Depois ficavam num grande silêncio; um sino de uma capela próxima tocava a Ave-Marias... Amélia sentia-se triste até às lágrimas; o quarto estava já escuro, e no negro silêncio ouvia-se apenas o arquejar da velha. Amélia ia encostar-se à janela; havia também já escuridão nos campos; no horizonte ainda se viam claridades de um doirado pálido, mas no alto já algumas estrelas apareciam. No caminho passa-

Ricoça; mas não viu nada; o casarão permanecia adormecido e apagado. Uma ocasião, porém, ao aproximar-se do muro do pomar, sentiu adiante
 350 no caminho que desce dos Poiais uma voz cantarolar sentimentalmente a *Valsa dos dois mundos*, e um ponto brilhante de charuto aceso adiantar-se na escuridão. Assustado, refugiou-se num casebre que se desmantelava em ruínas do outro lado da estrada. A voz calou-se; e Amaro, espreitando, viu então um vulto que parecia embrulhado num xale-manta claro,
 355 parado, contemplando as janelas da Ricoça. Um furor de ciúme apossou-se dele, e ia saltar e atacar o homem — quando o viu seguir tranquilamente ao comprido da estrada, de charuto alto, trauteando:

Ouves ao longe retumbar na serra
 O som do bronze que nos causa horror...

360 Pela voz, pelo xale-manta, pelo andar tinha reconhecido João Eduardo. Mas teve a certeza que se um homem falava de noite a Amélia ou entrava na quinta — não era decerto o escrevente. Todavia, receoso de ser descoberto, não tornou a rondar o casarão.

Era com efeito João Eduardo, que sempre que passava pela Ricoça, de dia ou de noite, parava um momento a olhar melancolicamente as
 365 paredes que *ela* habitava. Porque apesar de tantas desilusões, Amélia permanecera para o pobre rapaz a *ela*, a bem-amada, a coisa mais preciosa da terra. Nem em Ourém, nem em Alcobaça, nem pelas estalagens onde errara, nem em Lisboa onde chegara como vem à praia uma quilha
 370 de barco naufragado, deixara um momento de a ter presente na alma e de se enternecer com as saudades dela. Durante esses dias tão amargos de Lisboa, os piores da sua vida, em que fora fiel de feitos dum cartório obscuro, perdido naquela cidade que lhe parecia ter a vastidão duma Roma ou duma Babilónia e em que sentia o duro egoísmo das multidões
 375 azafamadas, esforçava-se mesmo por desenvolver mais esse amor que lhe dava como a doçura duma companhia. Achava-se menos isolado, tendo sempre no espírito aquela imagem com quem travava diálogos imaginados, nos seus infundáveis passeios ao longo do Cais do Sodré, acusando-a das tristezas que o envelheciam.

351: *dos dois] dos dois*

367: *a coisa] a cousa*

vam grupos de jornaleiros à volta do trabalho, e as mulheres em rancho iam cantando e rindo. — E o seu pensamento corria para a Vieira, para a mãe. Àquela hora decerto, como era costume, ela recolhia do passeio da praia; os barcos voltavam da pesca; ainda algumas redes se estavam tirando cheias de sardinha; as senhoras dirigiam-se aos *palheiros*, rindo, em grupo; a espuma fazia grandes riscos brancos na areia. E ela ali só! Que tristeza a da sua vida!

Não podia costurar nem ler: tudo a enfastiava, e qualquer ocupação lhe dava uma fadiga imensa. Ao princípio esperava com ansiedade as visitas de Amaro; mas, desde os primeiros dias que ele veio, aqueles

380 E esta paixão, sendo para ele como a indefinida justificação das suas
misérias, tornava-o aos seus próprios olhos interessante. Era «um mártir
de amor»; isto consolava-o, como o consolara nas suas primeiras
desesperações considerar-se «uma vítima das perseguições religiosas». Não
385 era um pobre diabo banal a quem o acaso, a preguiça, a falta de amigos,
a sorte e os remendos do casaco mantêm fatalmente nas privações da
dependência: era um homem de grande coração, a quem uma catástrofe
em parte amorosa e em parte política, um drama doméstico e social,
forçara assim, depois de lutas heróicas, a viajar dum a outro cartório
390 com um saco de lustrina cheio de autos. O destino tornara-o igual a
tantos heróis que lera nas novelas sentimentais... E o seu paletot coçado,
os seus jantares a quatro vinténs, os dias em que não tinha dinheiro para
tabaco, tudo atribuíra ao amor fatal de Amélia e à perseguição duma
classe poderosa, dando assim, por um instinto muito humano, uma ori-
gem grandiosa às suas misérias triviais... Quando via passar os que ele
395 chamava os *felizes* — indivíduos batendo tipóia, rapazes que encontrava
com uma linda mulher pelo braço, gente bem atabafada que se dirigia
aos teatros, sentia-se menos desgraçado pensando que também ele pos-
suía um grande luxo interior que era aquele amor infeliz. E quando enfim
por um acaso obteve a certeza dum emprego no Brasil, o dinheiro da
400 passagem, idealizava a sua aventura banal de emigrante, repetindo-se
durante todo o dia que ia passar os mares, exilado do seu país por uma
tirania combinada de padres e autoridades e por ter amado uma mulher!

Quem lhe diria então, ao emalar o seu fato no baú de lata, que daí
a semanas estaria outra vez a meia légua desses padres e dessas autorida-
405 des, contemplando de olho terno a janela de Amélia! Fora aquele singu-
lar Morgadinho de Poiais, — que não era nem Morgadinho nem de Poiais,
e apenas um ricaço excêntrico de ao pé de Alcobaça que comprara aque-
la velha propriedade dos fidalgos de Poiais, e que com a posse da terra
recebia do povo da freguesia a honra do título: fora esse santo cavalheiro
410 que o livrara dos enjoes no pacote e dos acasos da emigração. Encon-
trara-o casualmente no cartório onde ele ainda trabalhava nas vésperas da
viagem. O Morgadinho, cliente do velho Nunes, conhecia-lhe a história,
a façanha do *Comunicado*, o escândalo no largo da Sé; e já de há muito
concebera por ele uma simpatia ardente.

398: enfim] enfim.

406: Poiais, —] Poiais —

411: cartório] cartório.

encontros diante de D. Josefa em lugar de a consolar enfastiavam-na. O pároco vinha quase sempre ao fim da tarde, e ficava no quarto de D. Josefa. Acendiam cedo o candeeiro de latão, pondo diante uma velha chapeleira para dar sombra ao rosto da doente; ela, deitada, falava pouco; a sua palidez fundia-se vagamente na penumbra com os travesseiros, e o lenço branco amarrado na cabeça, — e as suas mãos fora da roupa raspavam devagarinho, com as unhas crescidas, o linho dos lençóis.

415 O Morgadinho tinha com efeito por padres um ódio maníaco, a ponto de não ler no jornal a notícia dum crime, sem decidir (ainda mesmo quando o culpado estava já sentenciado) que «no fundo devia de haver na história um sotaina». Dizia-se que este rancor provinha dos desgostos que lhe dera sua primeira mulher, devota célebre de Alcobaça. Apenas viu João Eduardo em Lisboa e soube da viagem próxima, teve imediatamente a ideia de o trazer para Leiria, instalá-lo nos Poiais, e entregar-lhe a educação das primeiras letras dos seus dois pequenos como um insulto estridente feito a todo o clero diocesano. Imaginava de resto João Eduardo um ímpio; e isto convinha ao seu plano filosófico de educar os rapazitos num «ateísmo desbragado». João Eduardo aceitou, com as lágrimas nos olhos: era um salário magnífico que lhe vinha, uma posição, uma família, uma reabilitação estrondosa...

— Oh, senhor Morgado, nunca hei-de esquecer o que faz por mim!...

420 — É pra meu gosto próprio!... É pra arreliar a canalha! E partimos amanhã!

Em Chão de Maçãs, apenas desceu do wagon, exclamou logo para o chefe da estação que não conhecia João Eduardo, nem a sua história:

— Cá o trago, cá o trago em triunfo! Vem pra quebrar a cara a toda a padraria... E se houver custas a pagar, sou eu que as pago!

435 O chefe da estação não estranhou — porque o Morgadinho passava no distrito por maluco.

Foi aí, nos Poiais, logo ao outro dia da sua chegada, que João Eduardo soube que Amélia e D. Josefa estavam na Ricoça. Soube-o pelo bom abade Ferrão, o único sacerdote a quem o Morgado falava, e que recebia em casa, não como padre, mas como cavalheiro.

440 — Eu como cavalheiro estimo-o, sr. Ferrão, costumava ele dizer, mas como padre abomino-o!

E o bom Ferrão sorria, sabendo que, sob aquela ferocidade de ímpio obtuso, havia um santo coração, um pai-de-pobres na freguesia...

445 O Morgado era também grande amador de alfarrábios, questionador incansável; às vezes os dois tinham pelepas tremendas sobre história, botânica, sistemas de caça... Quando o abade, no fogo da controvérsia, punha de alto alguma opinião contrária:

450 — O senhor apresenta-me isso como padre ou como cavalheiro? exclamava, empinando-se, o Morgado.

422: seus dois] seus dous

433: Vem pra] Vem para

441: estimo-o, sr.] estimo-o, senhor

446: os dois] os dous

A velha Teresa fiava na sua roca aninhada a um canto, cabeceando sempre de sono. E no silêncio o pêndulo de um velho relógio batia monotonamente. Falavam pouco, pesadamente, em voz baixa; depois os longos, pesados silêncios alargavam-se, e Amélia de vez em quando suspirava. Até que Amaro sentia-se invadido por um tédio inexcedível, erguia-se; Amélia ia acompanhá-lo até à porta. Às vezes ali davam um beijo rápido, assustado.

— Como cavalheiro, senhor Morgado.

— Então aceito a objecção. É sensata. Mas se fosse como padre, quebrava-lhe os ossos.

455 Às vezes, pensando irritar o abade, mostrava-lhe João Eduardo, batendo de alto no ombro do rapaz, numa carícia de amator, como a um cavalo favorito:

— Veja-me isto! Já ia dando cabo de um. E ainda há-de matar dois ou três... E se o prenderem hei-de eu livrá-lo da força!

460 — Isso não é difícil, senhor Morgado, dizia o abade tomando tranquilamente a sua pitada. Que já não há forcas em Portugal...

Então era uma indignação do Morgado. Não havia forcas? E porque não? Porque tínhamos um governo livre e um rei constitucional! Que se se seguisse a vontade dos padres, havia uma força em cada praça e uma fogueira em cada esquina!

465 — Diga-me uma coisa, sr. Ferrão, o senhor vem defender aqui em minha casa a Inquisição?

— Oh, senhor Morgado, eu nem sequer falei da Inquisição...

— Não falou por medo! Porque sabe perfeitamente que lhe enterrava uma faca no estômago!

470 E tudo isto aos gritos e aos pulos pela sala, fazendo um vendaval com as abas prodigiosas do seu robe-de-chambre amarelo.

— No fundo um anjo, dizia o abade a João Eduardo. Capaz de dar a camisa mesmo a um padre, se o soubesse em necessidade... E você aqui está bem, João Eduardo... É não lhe reparar nas manias...

475 Tinha tomado afeição a João Eduardo, o abade Ferrão: e sabendo por Amélia a famosa legenda do *Comunicado* quisera, segundo a sua expressão querida, «folhear o homem aqui e além». Conversara com ele tardes inteiras na rua de loureiros da quinta, na residência onde João Eduardo se ia fornecer de livros; e sob o «exterminador de padres», como
480 dizia o Morgado, encontrara um pobre moço sensível, com uma religião sentimental, ambições de paz doméstica, e prezando muito o trabalho. Então viera-lhe uma ideia que, sobretudo por lhe ter acudido um dia que saía das suas devoções ao Santíssimo, lhe pareceu descida de cima, da vontade do Senhor: era o casá-lo com Amélia. Não seria difícil levar
485 aquele coração fraco e terno a perdoar o erro dela; e a pobre rapariga,

457: matar dois] matar dois

465: uma coisa,] uma coisa,

467: — Oh,] — Oh

470: isto] isto,

No entanto D. Josefa sentira-se pior, e fora necessário chamar o dr. Gouveia. Nos dias em que ele vinha Amélia fechava-se no seu quarto, escondia-se. O dr. Gouveia conhecia-a de pequena, era o médico da S. Joaneira, e Amélia tremia com a ideia de ver a sua vergonha descoberta por aquele velho cirurgião jovial, de olhar tão penetrante, de maneiras tão bruscas — de quem se gabava a ciência e a bondade — mas que lhe parecia a ela terrível, com o seu grande casacão pardo, e o seu chapéu de feltro branco. Um dia, porém, que ela ia a sair para o terraço, tendo apenas vestido um chambre branco, o dr. Gouveia vinha entrando. Amélia estacou ao vê-lo, esteve um momento imóvel, fez-se escarlate, e de repente, voltando-lhe as costas, atravessou o salão a correr, e foi fechar-se no quarto, aflita, desorientada, trémula como uma folha sacudida do vento. Mas daí a pouco bateram à porta do quarto; ela abriu aterrada, e o dr. Gouveia entrou com o seu enorme chapéu sobre os olhos, a bengala de castão de ouro debaixo do braço. Ficou calado, fitando-a, carregando o sobrolho, e passando vagarosamente a mão pelo queixo.

— Deixa ver a língua. Mais. Deita para fora, rapariga!

E examinava-a, fazia-lhe certas perguntas, apalpou-a e, depois de ter tossido fortemente:

depois de tantos transe, extinta aquela paixão que lhe entrara na alma como um sopro do Demónio, levando-lhe a vontade, a paz e o pudor de empurrão para o abismo, encontraria na companhia de João Eduardo todo um resto de vida calmo, e contente, um canto suave de interior, refúgio doce e purificação do passado. Não falou nem a um, nem a outro, nesta ideia que o enternecia. Não era o momento agora, que ela trazia nas entranhas o filho do *outro*. Mas ia preparando com amor aquele resultado, — sobretudo quando estava com Amélia, contando-lhe as suas conversas com João Eduardo, algum dito muito sensato que ele tivera, os bons cuidados de preceptor que estava desenvolvendo na educação dos Morgaditos.

— É um bom rapaz, dizia. Homem de família... Destes a quem uma mulher pode realmente confiar a sua vida e a sua felicidade. Se eu pertencesse ao mundo, se tivesse uma filha, dava-lha...

Amélia não respondia, corando.

Já não podia objectar àqueles elogios persuasivos a antiga, a grande objecção — o *Comunicado*, a impiedade! O abade Ferrão destruíra-lha um dia, com uma palavra:

— Eu li o artigo, minha senhora. O rapaz não escreveu contra os sacerdotes, escreveu contra os fariseus!

E para atenuar este julgamento severo, o menos caridoso que tivera havia muitos anos, acrescentou:

— Enfim, foi uma falta grave... Mas está muito arrependido. Pagou-o com lágrimas, e com fome.

E isto enternecia Amélia.

Fora também por esse tempo que o doutor Gouveia começara a vir à Ricoça, porque D. Josefa tinha piorado com os dias mais frios do Outono. Amélia, ao princípio, à hora da visita, fechava-se no seu quarto, tremendo à ideia de ver o seu estado descoberto pelo velho doutor Gouveia, o médico da casa, aquele homem duma severidade legendária. Mas enfim fora necessário aparecer no quarto da velha, para receber as suas instruções de enfermeira sobre as horas dos remédios e as dietas. E um dia que acompanhara o doutor até à porta, ficou gelada, vendo-o parar, voltar-se para ela cofiando a sua grande barba branca que lhe caía sobre o jaquetão de veludo, e dizer-lhe sorrindo:

489: calmo,] calmo

— Eu bem tinha dito a tua mãe, que te casasse!

Amélia tinha os olhos rasos de lágrimas, tremiam-lhe os beijos.

— Bem, bem, pequena! Não te quero mal por isso! Estás na verdade. A natureza manda conceber, não manda casar. O casamento é uma fórmula administrativa.

E como Amélia olhava para ele sem compreender bem:

— Sim, como amigo da tua mãe, posso até certo ponto concordar em que deste um tombo esquisito, mas como naturalista acho que te tornaste útil, e regozijo-me. Vamos ao que importa.

E começou, com um modo todo paternal, a dar-lhe conselhos sobre a maneira de andar, de se deitar, de se lavar...

— E quando chegar a ocasião, se te vires atrapalhada, manda-me chamar.

E como Amélia ia a dizer num tom suplicante:

— Mas não, o senhor doutor não diz nada...

Gouveia parou, com a mão no ferrolho do quarto:

— Tu és estúpida! Também to perdo. Está na lógica do teu temperamento de pessoa cobiçosa. Far-me-ás, todavia, o favor de me não supores linguareiro como os padres, e as beatas das tuas relações. Adeusinho, e apetite!

E o dr. Gouveia saiu carregando mais sobre os olhos as vastas abas do seu chapéu.

Desde então Amélia ganhou uma certa serenidade. As palavras do doutor, que não compreendera bem — mas em que sentira uma vaga justificação, e sobretudo uma grande bondade, tinham-na reconfortado.

521: mãe,

522: Amélia tinha os olhos rasos de lágrimas, tremiam-lhe os beijos.

523: pequena! / isso!

525: administrativa.

526-31: E como Amélia olhava [...] de se lavar...

533: chamar.

534-7: E como Amélia ia a dizer num tom suplicante: // — Mas não, o senhor doutor não diz nada...

// Gouveia parou, com a mão no ferrolho do quarto: // — Tu és estúpida! Também

538-888: temperamento de pessoa cobiçosa. [...] a porta do pomar.

— Eu bem tinha dito a tua mãe que te casasse!

Duas lágrimas saltaram-lhe dos olhos.

— Bem, bem, pequena, não te quero mal por isso. Estás na verdade. A natureza manda conceber, não manda casar. O casamento é uma fórmula administrativa...

Amélia olhava-o, sem o compreender, com as duas lágrimas muito redondinhas a correrem-lhe devagar pela face. Ele bateu-lhe com os dedos no queixo, muito paternal:

— Quero dizer que, como naturalista, regozijo-me. Acho que te tornaste útil à ordem geral das coisas. Vamos ao que importa...

Deu-lhe então conselhos sobre a higiene que devia ter.

— E quando chegar a ocasião, se te vires atrapalhada, manda-me chamar...

Ia descer; Amélia deteve-o, e com uma suplicação assustada:

— Mas o senhor doutor não vai dizer nada na cidade...

O doutor Gouveia parou:

— Então não é estúpida?... Está bom, também to perdoo. Está na lógica do teu temperamento. Não, não digo nada, rapariga. Mas pra que diabo, então, não casaste tu com esse pobre João Eduardo? Fazia-te tão feliz como o outro, e já não tinhas de pedir segredo... Enfim, isso para mim é um detalhe secundário... O essencial é o que te disse... Manda-me chamar. Não te fies muito nos teus santos... Eu entendo mais disso que Santa Brígida ou lá quem é. Que tu és forte, e hás-de dar um bom mocetão ao Estado.

Todas estas palavras que em parte não compreendera bem, mas em que sentia uma vaga justificação e uma bondade de avô indulgente, sobretudo aquela ciência que lhe prometia a saúde e a que as barbas grisalhas do doutor, umas barbas de Padre Eterno, davam um ar de infalibilidade, reconfortaram-na, aumentaram a serenidade que havia semanas gozava, desde a sua confissão desesperada na capela dos Poiais.

Ah, fora decerto Nossa Senhora, compadecida enfim dos seus tormentos, que lhe mandara do Céu aquela inspiração de se ir entregar toda dorida aos cuidados do abade Ferrão! Parecia-lhe que deixara lá, no seu confessionário azul-ferrete, todas as amarguras, os terrores, a negra farrapagem de remorso que lhe abafava a alma. A cada uma das suas consolações tão persuasivas sentira desaparecer o negrume que lhe tapava o Céu; agora via tudo azul; e quando rezava, já Nossa Senhora não

530: das coisas.] das cousas.

desviava o rosto indignado. É que era tão diferente aquela maneira de confessar do abade! Os seus modos não eram os do representante rígido dum Deus carrancudo; havia nele alguma coisa de feminino e de maternal que passava na alma como uma carícia; em lugar de lhe erguer diante dos olhos o sinistro cenário das chamas do Inferno, mostrara-lhe um vasto Céu misericordioso com as portas largamente abertas, e os caminhos multiplicados que lá conduzem, tão fáceis e tão doces de trilhar que só a obstinação dos rebeldes se recusa a tentá-los. Deus aparecia, naquela suave interpretação da outra vida, como um bom bisavô risonho; Nossa Senhora era uma irmã de caridade; os santos, camaradas hospitaleiros! Era uma religião amável, toda banhada de graça, em que uma lágrima pura basta para remir uma existência de pecado. Que diferente da soturna doutrina que desde pequena a trazia aterrada e trémula! Tão diferente — como aquela pequena capela de aldeia da vasta massa de cantaria da Sé. Lá, na velha Sé, muralhas da espessura de côvados separavam da vida humana e natural: tudo era escuridão, melancolia, penitência, faces severas de imagens; nada do que faz a alegria do mundo ali entrava, nem o alto azul, nem os pássaros, nem o ar largo dos prados, nem os risos dos lábios vivos; alguma flor que havia era artificial; o enxota-cães lá se postava ao portal para não deixar passar as criancinhas; até o sol estava exilado, e toda a luz que havia vinha dos lampadários fúnebres. E ali, na capelita dos Poiais, que familiaridade da natureza com o bom Deus! Pelas portas abertas penetrava a aragem perfumada das madressilvas; pequerruchos brincando faziam sonoras as paredes caiadas; o altar era como um jardinete e um pomar; pardais atrevidos vinham chilrear até junto aos pedestais das cruces; às vezes um boi grave metia o focinho pela porta com a antiga familiaridade do curral de Belém, ou uma ovelha tresmalhada vinha regozijar-se de ver um da sua raça, o Cordeiro Pascal, dormir regaladamente ao fundo do altar com a santa cruz entre as patas.

Além disso o bom abade, como ele lhe dissera, «não queria impossíveis». Sabia bem que ela não podia arrancar num momento aquele amor culpado, que ganhara raízes até às profundezas do seu ser. Queria apenas que quando a assaltasse a ideia de Amaro se abrigasse logo na ideia de Jesus. Com a força colossal de Satanás, que tem o poder dum Hércules, uma pobre rapariga não pode lutar braço a braço: pode somente refugiar-se na oração quando o sente, e deixá-lo fatigar-se de rugir e espumar em torno desse asilo impenetrável. Ele mesmo cada dia a ia ajudando

560: alguma coisa] alguma coisa

595 naquela repurificação da alma, com uma solicitude de enfermeiro: fora ele que lhe marcara, como um ensaiador num teatro, a atitude que devia ter na primeira visita de Amaro à Ricoça; era ele que chegava, com alguma breve palavra reconfortante como um cordial, se a via vacilar naquela lenta reconquista da virtude; se a noite fora agitada das lembranças cálidas dos prazeres passados, era durante toda a manhã uma boa palestra, sem tom pedagógico, em que lhe mostrava familiarmente que o Céu lhe daria alegrias maiores que o quarto enxovalhado do sineiro. Chegara, com uma subtilidade de teólogo, a demonstrar-lhe que no amor do pároco não havia senão brutalidade e furor bestial; que, doce como era o amor do homem, o amor do padre só podia ser uma explosão momentânea do desejo comprimido; quando tinham começado as cartas do pároco, analisara-lhas frase a frase, revelando-lhe o que elas continham de hipocrisia, de egoísmo, de retórica, e de desejo torpe...

600 Ia-a assim lentamente desgostando do pároco. Mas não a desgostava do amor legítimo, purificado pelo sacramento; conhecia bem que ela era toda de carne e de desejos, e que lançá-la violentamente no misticismo seria apenas torcer-lhe um momento o instinto natural e não criar-lhe uma paz duradoura. Não tentava arrancá-la bruscamente à realidade humana; ele não a queria para freira; só desejava que aquela força amante que sentia nela servisse à alegria dum esposo e à útil harmonia duma família, e não se gastasse erradamente em concubinagens casuais... No fundo, o bom Ferrão preferiria decerto na sua alma de sacerdote que a rapariga se separasse absolutamente de todos os interesses egoístas do amor individual, e se desse, como irmã de caridade, como enfermeira dum recolhimento, ao amor mais largo de toda a humanidade. Mas a pobre Ameliazita tinha a carne muito bonita e muito fraca; não seria prudente assustá-la com sacrifícios tão altos; era toda mulher — toda mulher devia ficar; limitar-lhe a acção era estragar-lhe a utilidade. Cristo não lhe bastava com os seus membros ideais pregados na cruz: era-lhe necessário um homem como todos, de bigode e chapéu alto. Paciência! Que ao menos ele fosse um esposo sob a legitimação sacramental...

615 Assim a ia curando daquela paixão mórbida com uma direcção de todos os dias, uma destas persistências de missionário que só dá a fé sincera, pondo a subtilidade dum casuísta ao serviço da moralidade dum filósofo, paternal e hábil — uma cura maravilhosa de que o bom abade em segredo tirava alguma vaidade.

619: [Em 1889: irmã da caridade.]

Vinha-lhe uma esperança: tudo acabaria bem talvez; ela teria o filho, e livre daquela complicação poderia recomeçar a vida com mais cuidado, mais prudência, tendo tirado daquele desastre uma experiência suprema.

E foi então que, à maneira que se aproximava o termo da gravidez, lhe voltaram certos movimentos de temperamento. Quando Amaro vinha fazer a sua visita fria e distraída, ela olhava-o fixamente como outrora. Quando ele não vinha, chorava-o. Que faria ele àquelas horas? Estava na cidade, só! E via-o no isolamento do seu quarto, entregue aos suspiros da dor, e às amarguras da separação! Lembrava as horas da casa do sineiro, e essas recordações abrasavam-na.

Voltaram então aquelas suas horas de outrora, em que um fogo interior lhe corria no sangue. Aquele delírio tomava-a sobretudo à hora da sesta, quando só, no seu quarto, enfastiada, e desocupada, se estendia na cama a olhar para o tecto. A sua imaginação enchia-se das vivas imagens do amor físico. Subia-lhe interiormente da profundidade do seu ser uma baforada quente, pesada, como o vapor de um forno, que lhe enchia a cabeça, e que lhe fazia bater as fontes. Abafava, alargava o vestido, e espreguiçava-se com uma força tal, uma tal tensão de músculos, que lhe sobrevinham fadigas como de uma pessoa que sai das explosões de uma cólera.

E foi grande a sua alegria quando lhe pareceu que enfim a paixão por Amaro já não era na alma dela um sentimento vivo; mas estava morto, embalsamado, arrumado no fundo da sua memória como num jazigo, escondido já sob a delicada florescência duma virtude nova. Assim julgava pelo menos o bom Ferrão — vendo-a agora aludir ao passado com o olhar tranquilo, sem aqueles rubores que outrora lhe escaldavam a face ao simples nome de Amaro.

Ela, com efeito, já não pensava no senhor pároco com a comoção de outrora: o terror do pecado, a influência penetrante do abade, aquela brusca separação do meio devoto em que o seu amor se desenvolvera, o gozo que sentia numa serenidade maior, sem sustos nocturnos e sem a inimizade de Nossa Senhora, tudo concorrera para que o fogo ruidoso daquele sentimento se fosse reduzindo a alguma brasa que rebrilhava surdamente. O pároco estivera ao princípio na sua alma com o prestígio dum ídolo coberto de ouro; mas tantas vezes, desde a sua gravidez, sacudira, nas horas de terror religioso ou de arrependimento histórico, aquele ídolo, que todo o dourado lhe ficara nas mãos, e a forma trivial e escura que aparecia por baixo já não a deslumbrava; viu por isso o abade derubar-lho inteiramente, sem chorar e sem lutar. Se ainda pensava em Amaro, é porque não podia deixar de pensar na casa do sineiro; mas o que a tentava ainda era o prazer e não o pároco.

E com a sua natureza de boa rapariga tinha um reconhecimento sincero pelo abade. Como dissera a Amaro naquela tarde, «devia-lhe tudo». Era o que sentia agora também pelo doutor Gouveia, que vinha regularmente ver a velha de dois em dois dias. Eram os seus bons amigos, como dois papás que o Céu lhe mandava — um que lhe prometia a saúde, outro a graça.

Refugiada naquelas duas protecções, gozou uma paz adorável nas últimas semanas de Outubro. Os dias iam muito serenos e muito tépidos. Era bom estar no terraço, pelas tardes, naquela serenidade outonal dos campos. O doutor Gouveia às vezes encontrava-se com o abade Ferrão; ambos se estimavam; depois da visita à velha, iam para o terraço, e começavam logo as suas eternas questões sobre Religião e sobre Moral.

Amélia, com a costura caída nos joelhos, sentindo os seus dois amigos ao pé, aqueles dois colossos de ciência e de santidade, abandonava-se ao

644: que rebrilhava] que ainda rebrilhava

646: de ouro.] de ouro;

656: de dois em dois] de dois em dois

656-7: como dois] como dois

665: seus dois] seus dois

666: aqueles dois] aqueles dois

Um dia, quando Amaro ia a sair, ela foi acompanhá-lo até à porta; e aí, poisando a luz num banco, lançou-lhe os braços ao pescoço com força, e olhando-o deu-lhe um beijo, outro, outro, devagar, ruminando o seu gozo; e o padre sentia-a enfraquecer, e dobrar-se-lhe nos braços. Apertou-a contra o peito, perguntou-lhe:

— A porta do pomar não tem uma chave?

— Tem, disse Amélia compreendendo.

— Arranja-ma. Cá mando a Dionísia.

Logo ao outro dia a Dionísia apareceu na quinta, e falou só com Amélia. Ela deu-lhe a chave, e combinaram.

O pomar tinha uma portinha verde no muro, que abria sobre o caminho; uma escada de pedra conduzia do pomar ao alto do terraço. Logo nessa noite Amélia, depois de se ter recolhido ao quarto, preparou-se para esperar Amaro. Deram onze horas, e ela tirou as botinas, e, em meias e saias brancas, saiu do quarto, atravessou a sala próxima, abriu a porta envidraçada, que dava para o terraço, e mostrou, na escuridão da noite, a claridade da luz. Daí a momentos o padre Amaro apareceu no terraço, e entrou. Ela tinha os braços nus, a luz na mão; a sua pele branca, e firme, tinha um rubor ardente, os olhos reluziam-lhe; e logo ali se abraçaram freneticamente, com beijos rápidos, que se devoravam!

E assim começaram a ver-se duas, três noites por semana. Era como o encanto de uma paixão nova. Nesses dias Amélia estava exaltada, nervosa, doente. Recolhia-se às nove horas, e deitava-se meia vestida dentro da roupa. Às dez levantava-se devagarinho, ia ver se a velha dormia ao outro extremo da casa, e se a Teresa já se recolhera também. Vinha para o seu quarto; mas só, naquele isolamento nocturno, tinha medo, estremezia, acendia duas luzes para se dar ânimo; passeava no quarto, descalçava-se para não fazer ruído. As horas pareciam-lhe infinitas; queria rezar, ler uns livros que trouxera, mas não podia distrair-se. Começava a palpitar com as esperanças da entrevista. Olhava-se ao espelho, e via no fundo a sua fisionomia viva, expressiva, radiosa e pitoresca. Ia então fazer os últimos arranjos: compor o travesseiro, arrumar uma cadeira, esconder uma saia enxovalhada.

Dava enfim meia-noite. Ela abria a porta, fazia um sinal da cruz, saía com o pé direito e, invocando maquinalmente os santos, ia abrir a porta do terraço. Amaro chegava esfregando as mãos: era no começo de Outubro; já havia frio de noite.

— Por que não trazes luvas? dizia ela retraindo-se ao contacto daquelas mãos frias.

Mas ele punha-se a esfregá-las rapidamente.

encanto da hora suave, olhando a quinta onde as árvores já empalideciam. Pensava no futuro; ele aparecia-lhe agora fácil e seguro; era forte, e o parto, com a presença do doutor, seria apenas uma hora de dores; depois, livre daquela complicação, voltaria para a cidade e para a mamã... E então uma outra esperança, que nascera das conversas constantes do abade sobre João Eduardo, vinha bailar-lhe na imaginação. Porque não?... Se o pobre rapaz a amasse ainda, e perdoasse!... Ele nunca lhe repugnara como homem, e seria um casamento esplêndido agora que ele tinha a amizade do Morgado. Dizia-se que João Eduardo ia ser o administrador da casa... E entrevia-se vivendo nos Poiais, passeando na caleche do Morgado, chamada para jantar por uma campainha, servida por um es-
 670 cudeiro de libré... Ficava muito tempo imóvel, banhada na doçura desta perspectiva, enquanto o abade e o doutor ao fundo do terraço pelejavam
 675 sobre a doutrina da Graça e da Consciência, e monotonamente a água das regas murmurava no pomar.

Foi por este tempo que D. Josefa, inquieta de não ver aparecer o senhor pároco, mandara expressamente o caseiro a Leiria, pedir a Sua Senhoria a esmola duma visita. O homem voltara com a espantosa notí-
 685 cia de que o senhor pároco partira para a Vieira, e não viria senão daí a duas semanas. A velha choramingou de desgosto. E Amélia, nessa noite, no seu quarto, não pôde adormecer — na irritação que lhe dava aquela ideia do senhor pároco a divertir-se na Vieira, sem pensar nela decerto, chalaceando com as senhoras na praia, e andando de serão em serão...

Com a primeira semana de Novembro vieram as chuvas. A Ricoça parecia agora mais lúgubre naqueles dias curtos, banhados de água, sob um céu de tempestade. O abade Ferrão, tolhido de reumatismo, já não aparecia na quinta. O doutor Gouveia, depois da visita de meia hora, abalava no seu velho *cabriolet*. A única distracção de Amélia era estar à
 690 janela por dentro dos vidros: três vezes vira passar João Eduardo na estrada; mas ele ao avistá-la baixava os olhos ou refugiava-se mais sob o guarda-chuva.

A Dionísia vinha também frequentemente: devia ser a parteira, apesar de o doutor Gouveia ter aconselhado a Micaela, matrona duma experi-
 700 ência de trinta anos. Mas Amélia «não queria mais gente no segredo», e

695: vidros:] vidros;

— Deixa ver agora, dizia ela.

E com a voz de mimo, arrulhando, com risinhos de voluptuosidade:

— Ah! Já estão tão quentes! Abraça-me agora! Mais forte!

E eram infinitas perguntas, ciúmes, pieguices e todos os ímpetos da paixão.

— Já deve ser tarde, dizia por fim Amaro.

E entreabria a janela. Um vago ar da madrugada clareava a noite.

— Vou-me! É tarde.

— Não, não, espera!

Amaro levantava-se para partir. Amélia em saia branca, com um saiote de baeta pelos ombros, os braços cruzados, tremia de frio.

— Vem amanhã, dizia ela, vem! Estou tão aborrecida!

Acompanhava-o encolhida, tiritando, e enquanto o padre se agasalhava na capa, ela com a mão em frente da luz por causa do vento abria devagarinho a porta envidraçada do terraço. Um ar frio e cortante entrava. E às vezes ainda ali o demorava com beijos, juramentos, ternuras, promessas, toda uma impaciência de amor mal acalmada. Até que Amaro embrulhando-se no seu capote:

— Oh! filha, estamos aqui a apanhar alguma. Adeus.

— Espera. Não. Escuta.

Mas Amaro saía, e ela ficava olhando o vulto escuro, que desaparecia pelos degraus da escada para as sombras do pomar. E só quando sentia fechar a portinha verde do muro é que voltava correndo a fechar-se no seu quarto, aninhar-se na cama ainda tépida de amor.

além disso Dionísia trazia-lhe as notícias de Amaro, que ela sabia pela cozinheira. O senhor pároco tinha-se achado tão bem na Vieira que se ia demorar até Dezembro. Aquele «procedimento infame» indignava-a: não duvidava que o pároco queria estar longe quando chegassem os tran-
ses, os perigos do parto. Além disso era decidido de há muito que a
criança havia de ser entregue a uma ama de ao pé de Ourém, que a
criaria na aldeia: e agora o tempo chegava, e a ama não estava falada, e
o senhor pároco apanhava conchinhas à beira-mar!...

— É indecente, Dionísia, exclamava Amélia furiosa.

— Ah! Não me parece bem, não. Que eu podia falar à ama... Mas
bem vê, são coisas muito sérias... O senhor pároco é que se encarregou
de tudo...

— É infame!

Além disso ela descuidara-se do enxoval — e ali estava na véspera de
ter a criança, sem um trapo para a cobrir, sem dinheiro para lho com-
prar! A Dionísia tinha-lhe mesmo oferecido algumas peças de enxoval,
que uma mulher que ela tivera em casa lhe deixara empenhadas. Mas
Amélia recusara-se a que o seu filho usasse cueiros alheios, trazendo-lhe
talvez um contágio de doença ou uma sorte infeliz.

E por orgulho não queria escrever a Amaro.

Além disso as impertinências da velha tornavam-se odiosas. A po-
bre D. Josefa, privada dos auxílios devotos dum padre, um verdadeiro
padre (não um abade Ferrão), sentia a sua velha alma indefesa exposta a
todas as audácias de Satanás: a visão singular que tivera de S. Francisco
Xavier nu, repetia-se agora com uma insistência pavorosa a respeito de
todos os santos: era toda uma corte do Céu, arrojando túnicas e hábitos,
e bailando-lhe na imaginação sarabandas em pêlo: e a velha estava mor-
rendo da perseguição destes espectáculos dispostos pelo Demónio. Recla-
mara o padre Silvério, mas parecia que um reumatismo geral tolhia todo
o clero diocesano: desde o princípio do Inverno o Silvério estava tam-
bém de cama. O abade da Cortegaça, chamado urgentemente, veio —
mas para lhe comunicar a receita nova que descobrira de fazer bacalhau
à biscainha... Esta falta dum padre virtuoso dava-lhe um humor feroz,
que recaía sobre Amélia numa chuva de impertinências.

E a boa senhora estava pensando seriamente em mandar a Amor
pelo padre Brito — quando uma tarde, ao fim do jantar, inesperadamente,
o senhor pároco apareceu!

XXIII

Uma noite o padre Amaro tinha encontrado Amélia doente, e deixou-a pouco depois da meia-noite. Mas, apenas tinha fechado a portinha verde do pomar, e dado alguns passos, sentiu que alguém atrás se pusera a caminhar, e a seguiu-lo. Amaro trazia uma capa curta, e um largo chapéu desabado; não era fácil ser reconhecido por quem o tivesse visto sempre na severidade do seu vestuário eclesiástico. Ficou todo assustado, e apressou o passo largamente. O vulto atrás apressou-se também. Amaro não se queria voltar, e entrou rapidamente na estrada dos Marrazes. A noite estava escura, com um pequeno vento cortante, e o padre, todo embuçado, sentia atrás no macadam aquela perseguição persistente. Quem quer que fosse vira-o sair da Cortegaça, de casa de Amélia; e era necessário escapar-se! Junto ao cemitério tomou ligeiramente pelo atalho à direita, e dirigiu-se ao convento de S. Francisco. O edifício estava tenebroso, e apenas na espessura da noite a lâmpada da porta palpitava soturnamente, e às vezes ao passar junto dela a baioneta da sentinela reluzia de repente. Os passos seguiam-no! Amaro saltou um pequeno muro dismantelado e foi-se apressando para a Alameda à beira do rio; a água estava toda negra, a folhagem dos sobreiros ramalhava tristemente. Havia uma escuridão espessa, e houve um momento em que Amaro não sentiu os passos que o seguiam. Julgou-se então livre, salvo, e começou quase a correr; mas ao chegar ao pé da ponte, na calçada, as passadas sonoras atrás recommençaram! Atravessou o largo, e pelas vielas entrou na Rua do Correio. As casas dormiam, apagadas; às vezes um gato passava esgueirando-se rente das portas. Amaro palpitava, ofegava, e por uma rua estreita, suja, ladeada por um muro de quintal sobre o qual se baloiçavam folhagens, entrou no Terreiro. O outro seguia-o implacavelmente. Amaro atirou-se para a Rua Direita, e pela viela do Rosário entrou na Praça. Estava inteiramente estonteado.

Não podia durante toda a noite errar pelas ruas miseravelmente fugido! Lembrou-se voltar, estacar, lutar com o homem. Mas poderiam acudir, reconhecê-lo. Nenhuma porta estava aberta. Entrar em casa era revelar-se, gritar alto o seu nome! Desvairado, suando, arfando, meteu-

Vinha magnífico, trigueiro do sol e do ar do mar, de casaco novo e botins de verniz. E falando longamente acerca da Vieira, dos conhecidos que estavam, da pesca que fizera, dos soberbos *quinos*, fazia passar
740 naquele triste quarto de doente velha todo um sopro vivificante da vida divertida à beira-mar. D. Josefa tinha duas lágrimas nas pálpebras do gozo de ver o senhor pároco, de o ouvir.

— E a mamã passa bem, disse ele a Amélia. Já tem os seus trinta
745 banhos. Ganhou outro dia quinze tostões a uma batotinha que se arranjou... E por cá que têm feito?

Então a velha rompeu em queixumes amargos: Uma solidão! Um tempo de chuva! Uma falta de amizades! Ai! Ela estava ali a perder a sua alma naquela quinta fatal...

750 — Pois eu, disse o padre Amaro traçando a perna, dei-me tão bem que estou com ideias de voltar para a semana.

Amélia, sem se conter, exclamou:

— Ora essa! Outra vez!

755 — Sim, disse ele. Se o senhor chantre me der uma licença dum mês, vou lá passá-lo... Fazem-me uma cama na sala de jantar do padre-mestre, e tomo um par de banhos... Estava farto de Leiria, e daquele aborrecimento...

A velha parecia desolada. O quê, voltar! Deixá-las ali a estarrecer de tristeza!

760 Ele galhofou:

— Ora, as senhoras não precisam cá de mim. Estão bem acompanhadas...

765 — Eu não sei, disse a velha com azedume, se os *outros* — e acentuou com rancor a palavra — se os *outros* não precisam do senhor pároco... Eu é que não estou *bem acompanhada*, estou aqui a perder a minha alma... Que as companhias que aí vêm não dão honra nem proveito.

Mas Amélia acudiu para contrariar a velha:

— E demais a mais o senhor abade Ferrão tem estado doente... Está com reumatismo. Sem ele a casa parece uma prisão.

770 D. Josefa deu um risinho de escárnio. E o padre Amaro, erguendo-se para sair, lamentou o bom abade:

— Coitado! Santo homem... Hei-de ir vê-lo em tendo vagar. Pois amanhã cá apareço, D. Josefa, e havemos de pôr essa alma em paz... Não se incomode, sr.^a D. Amélia, eu sei agora o caminho.

-se pela Rua da Misericórdia, e pela rua próxima entrou no Largo da Sé; a igreja destacava na grande sombra da noite. E ia voltar para o Largo do Trigo, mas tropeçou, quase caiu num corpo de homem, que estava estirado a uma esquina, ressonando fortemente, e falando num sono bêbado. E o outro atrás seguia-o! Teve então de repente uma ideia, que lhe estalou no cérebro. O sineiro, o tio Esguelhas, às vezes passava a noite na taverna, não entrava em casa, e deixava a porta aberta. Se naquela noite ele estivesse ressonando sobre o banco dalguma tasca pelas vielas do quartel? Voltou rapidamente, subiu a correr a escadaria da Sé; e sentia atrás os passos inimigos subirem também, correndo! Deu volta à igreja, cosendo-se com a muralha e, quase sem fôlego, chegou diante da porta do tio Esguelhas. Empurrou-a com uma sofreguidão de afogado: estava aberta! Atirou-se para dentro, fechou-a e ficou na escuridão da saleta, tremendo, e sentindo fora vagos passos rondarem. Lembrou-se então, que à porta havia um candeeiro; subiu ao quatro do sineiro, tropeçando, encostando-se às paredes. A janela do quarto estava escancarada, e Amaro de dentro espreitou. Fora, o vulto olhava para a casa, olhava em redor, espreitava, recuava, voltava; tinha-se desembuçado de um xale-manta; houve uma ocasião em que passou sob a luz do candeeiro, e Amaro, aterrado, reconheceu João Eduardo.

Quando o pároco, depois de se ter certificado, que em redor da Sé tudo estava solitário, recolheu para casa, era quase dia claro.

Era, com efeito, João Eduardo. Estava em Leiria havia três semanas. Desde o caso do cemitério a sua história era simples e triste: despedido do cartório do tabelião Nunes, impossibilitado de alcançar o emprego do Governo Civil, sem pão, e sem esperança, vendera a sua pouca mobília, e fora para Ourém. Tinha ali um primo boticário que o acolheu por um *seja muito bem aparecido!* escutou a sua história rolando pílulas sobre uma lâmina de mármore, aprovou silenciosamente o seu artigo contra os padres «essas corujas!», ofereceu-lhe uma enxerga num cubículo debaixo da escada, afirmou-lhe que em Ourém era mais fácil achar um diamante na rua do que um emprego de seis vinténs por dia, e aconselhou-o a que fosse comer sempre a casa da Maria Esquerda, ao pé da Capela, à direita, que era a estalagem «mais em conta».

João Eduardo voltou a Leiria, e foi contar a sua miséria ao dr. Godinho. O dr. Godinho tinha-se reconciliado com a gente da Misericórdia, e não podia receber no seu escritório um homem, «que tinha sido uma espada desembainhada contra o clero»; mas para se desembaraçar daquela desgraça importuna — pagou-lhe a jornada para Lisboa, e recomendou-o a um amigo seu, tabelião na Rua da Prata.

775 Mas ela insistiu em o acompanhar. Atravessaram o salão sem uma palavra. Amaro calçava as suas luvas novas de pelica preta. E no alto da escada, muito cerimoniosamente, tirando o chapéu:

— Minha senhora...

780 E Amélia ficou petrificada vendo-o descer muito tranquilo — como se ela lhe fosse mais indiferente que os dois leões de pedra, que em baixo dormiam com o focinho nas patas.

785 Foi para o quarto chorar de bruços sobre a cama, de raiva e de humilhação. O infame! E nem uma palavra sobre o filho, sobre a ama, sobre o enxoval! Nem um olhar de interesse para o seu corpo desfigurado por aquela prenhez que ele lhe dera! Nem uma queixa irritada por todos os desprezos que ela lhe mostrara!... Nada! Calçava as luvas, com o chapéu ao lado. Que indigno!

Ao outro dia o padre voltou mais cedo. Esteve muito tempo fechado no quarto com a velha.

790 Amélia, impaciente, rondava no salão com os olhos como carvões. Ele apareceu enfim, como na véspera, calçando as suas luvas com um ar próspero.

— Então já? disse ela numa voz que tremia.

795 — Já, sim, minha senhora. Estive numa praticazinha com a D. Josefa. Tirou o chapéu, cumprimentando muito profundamente:

— Minha senhora...

Amélia, lívida, murmurou:

— Infame!

Ele olhou-a, como assombrado.

800 — Minha senhora... — repetiu.

E, como na véspera, desceu vagarosamente a larga escadaria de pedra.

805 O primeiro pensamento de Amélia foi denunciá-lo ao vigário-geral. Depois passou a noite escrevendo-lhe uma carta — três páginas de acusações e de lástimas. Mas toda a resposta de Amaro, ao outro dia, mandada verbalmente pelo Joãozito da quinta, foi «que talvez aparecesse por lá na quinta-feira».

810 Teve outra noite de lágrimas — enquanto na Rua das Sousas o padre Amaro esfregava as mãos, no regozijo do seu «famoso stratagem». E todavia não o concebera ele mesmo; tinha-lhe sido sugerido na Vieira, onde fora para desabafar com o padre-mestre e espalhar a mágoa nos ares

780: os dois] os dous

João Eduardo esteve escrevente naquele cartório durante alguns meses. Tinha alugado uma água-furtada na Rua dos Bacalhoeiros, comia na taverna do Isca por um ajuste ao mês, e à noite errava pelas ruas, batendo o macadam com as suas solas rotas, as mãos nos bolsos, a ideia em Amélia, cheio de um vago ódio contra a cidade, as lojas dos ourives, o rodar dos *coupés*, e o peristilo dos teatros.

O Morgadinho dos Poiais, que procurava um mestre para dois filhos pequenos, tinha-o encontrado em casa do tabelião. Conhecia-o um pouco de Leiria do cartório do Nunes. Tinha mesmo ouvido vagamente a história do artigo da *Voz do Distrito*, e o escândalo do cemitério. O Morgado, excelente homem, tinha apenas dois ódios — os padres, e os franceses. O tabelião da Rua da Prata afiançou-lhe João Eduardo como um rapaz esperto, honrado, pontual, e «metido consigo». O Morgado aceitou-o, e trouxe-o para Leiria.

Logo ao quatro ou quinto dia quando João Eduardo, vindo da quinta do Morgado, passou pela Cortegaça, viu Amélia à janela. Ela retirara-se de um salto, fechara a vidraça — e João Eduardo ficou na estrada, imóvel, com o coração aos pulos. E desde aquele dia todo o interesse da sua vida concentrou-se naqueles dois momentos, pela manhã e à noite — em que passava pela Cortegaça; logo ao avistar, à volta da estrada, o terraço da casa, os vasos com cactos, começava a arrastar o passo, acendia vagorosamente o cigarro, ficava a olhar as varandas de ferro, o brasão de armas enegrecido, as andorinhas gritando à beira do telhado, a porta de castanho com a sua enorme aldrava, e ia devagar, ao comprido do muro, com dificuldade, com fadiga — como se aquela velha casa amarelada o magnetizasse, o atraísse, o quisesse absorver — e todo o seu ser tremia, agitava-se sob aquela influência, como um barco, que a custo atravessa uma corrente.

Fora assim que, voltando uma noite tarde de casa do Morgado, se demorara sem razão ao pé do muro, vira uma vaga luz trémula aparecer à porta do terraço, sentira a portinha verde do pomar ranger timidamente, e com custo, vira aquele vulto sair da escuridão do muro e, com passos abafados, entrar na estrada... Quem poderia ser? O amante de Amélia. Aquele homem saía da sua alcova, do ardor dos seus beijos. Fora por ele que Amélia o desprezara, o atirara de si como um xale velho. Quem seria ele? O padre Amaro. Era o padre Amaro decerto! Todavia não o reconhecera bem; a noite estava escura; aquele homem parecia-lhe mais alto, mais grosso, que o pároco; mas era decerto a escuridão difusa, que aumenta e engrossa os vultos. Depois aquela fuga aflita e miserável, a desapareição num recanto da Sé, ao pé do casebre do sineiro... Era decerto o padre Amaro! E desde aquela noite não tivera outra ideia, outro interesse senão vigiar os arredores da Cortegaça, surprender o vulto outra vez alta noite, segui-lo, desembuçá-lo, ver-lhe o

da praia; fora lá que ele o aprendera, o «famoso stratagem», numa *soirée*, ouvindo dissertar sobre o amor o brilhante Pinheiro, premiado em direito e glória de Alcobaça.

815 — Eu nisso, minhas senhoras — dizia o Pinheiro, passando a mão pela cabeleira de poeta, ao semicírculo de damas que pendiam dos seus lábios de ouro — eu nisso sou da opinião de Lamartine (era alternadamente da opinião de Lamartine ou de Pelletan). Digo como Lamartine: a mulher é igual à sombra; se correis atrás *dela*, foge-vos; se fugis *dela*, corre
820 atrás de vós!

Houve um *muito bem*, exclamado com convicção: mas uma senhora de grandes proporções, mãe de quatro deliciosos anjos todos Marias (como dizia o Pinheiro), quis explicações, porque nunca tinha visto fugir uma sombra.

825 O Pinheiro deu-as, cientificamente:

— É muito fácil de observar, sr.^a D. Catarina. Coloque-se Vossa Excelência na praia, quando o sol começa a declinar, com as costas para o astro. Se Vossa Excelência caminha em frente, perseguindo a sombra, ela vai-lhe adiante, fugindo...

830 — Física recreativa, muito interessante! murmurou o escrivão de direito ao ouvido de Amaro.

Mas o pároco não o escutava; bailava-lhe já na imaginação o «famoso stratagem». Ah! Mal voltasse a Leiria, havia de tratar Amélia como uma sombra e fugir-lhe para ser seguido... — E o resultado delicioso ali
835 estava — três páginas de paixão, com manchas de lágrimas no papel.

Na quinta-feira apareceu, com efeito. Amélia esperava-o no terraço, donde estivera desde manhã vigiando a estrada com um binóculo de teatro. Correu a abrir-lhe o portãozinho verde no muro do pomar.

— Então, por aqui! disse-lhe o pároco, subindo atrás dela ao terraço.

840 — É verdade, como estou sozinha...

— Sozinha?

— A madrinha está a dormir e a Gertrudes foi à cidade... Tenho estado toda a manhã aqui ao sol.

Amaro ia penetrando pela casa, sem responder; diante duma porta
845 aberta parou, vendo um grande leito de dossel, e em redor cadeiras de couro de convento.

— É o seu quarto aqui, hem?

— É.

825: Pinheiro deu-as.] Pinheiro, deu-as

rosto, a figura, saciar-se da dolorosa certeza! Desesperava-se por não ter tido mais decisão; em lugar de o seguir inertemente, com as precauções de um ladrão assustado, deveria tê-lo alcançado, arrancar-lhe a capa, arrastá-lo para o pé do candeeiro, amotinar as ruas. Ah! Como sempre fora tímido, irresoluto, acanhado... Mas se o surpreendesse outra vez! Como correria para ele! Como o faria parar! Tinha mesmo pensado em comprar uma pistola.

Porque o seu amor por Amélia não diminuía. Crescera com os desprezos dela, com as misérias sofridas na tristeza de Ourém, com os jantares escassos na fumaraça enjoativa da taverna do Isca, com os seus passeios sem fim ao comprido do Cais do Sodré, vendo a negra água fria bater lodosamente contra o cais. Nunca a amara tanto como em Lisboa. Esforçava-se mesmo por pensar mais nela, penetrar-se da sua saudade, tê-la sempre presente; aquele amor era como a justificação da sua miséria; dava-lhe aos seus próprios olhos uma vaga grandeza romanesca. Não era um pobre trivial, que o acaso, a preguiça, a falta de amigos, a sorte, os remendos do casaco retinham cativo nas privações da dependência e na vida esfomeada; — era um desgraçado por amor, como tantos personagens sentimentais dos romances que lera — que as paixões infelizes arremessavam às misérias de uma trapeira ou à enxerga dos hospitais. Todas as suas necessidades, o seu casaco roçado, as suas botas rotas, os seus jantares de quatro vinténs, os dias em que não tinha dinheiro para cigarros, tudo atribuía ao amor fatal de Amélia, e procurava dar assim às suas misérias triviais uma origem sublime. Não raciocinava estas subtilidades, sentia-as instintivamente. E depois, pensar em Amélia era uma ocupação para a sua longa, e triste ociosidade depois das horas do cartório. Só, pelas ruas da cidade, entre gente desconhecida para ele, egoísta, ocupada nos seus afazeres, sentia-se menos desgraçado tendo na alma aquele cuidado constante. O aspecto do luxo, e das alegrias dos outros entristeciam-no menos quando pensava que também ele tinha um grande luxo interior, rico e magnífico, que era aquele amor infeliz. Os homens que encontrava com uma mulher linda pelo braço, radiosos, não lhe causavam despeito: também ele amava outra mais bonita, mais desejável. Amélia tornara-se assim a sua preocupação, a sua distração, a sua esperança, o seu vício. Não via mais nada no mundo senão a sua figura alta, e bem feita. Todas as suas ideias, as mais insignificantes, iam para ela como todos os raios de uma roda vão ao eixo. Um vestido, que via numa loja desejava-o para lho ver quebrar-se em largas pregas em redor da sua cinta; um *coupé* bem forrado fazia-lhe desejar os longos passeios, ao passo tranquilo de cavalos de preço, numa alameda sem fim; os sons de um piano que saíam de noite de uma janela aberta alumada faziam-no palpitar com a ideia de um interior onde ela feriria o teclado sentimental, olhando-o, e sorrindo-lhe. A mesma presença das mulheres

Ele entrou familiarmente, com o chapéu na cabeça.

850 — Muito melhor que o da Rua da Misericórdia. E boas vistas... São as terras do Morgado, além...

Amélia cerrara a porta, e indo direita a ele, com os olhos chamejantes:

— Porque não respondeste à minha carta?

855 Ele riu:

— É boa! E porque não respondeste tu às minhas? Quem começou? Foste tu. Dizes que não queres pecar mais. Também eu não quero pecar mais. Acabou-se...

860 — Mas não é isso! exclamou ela pálida de indignação. É que há a pensar na criança, na ama, no enxoval... Não é abandonar-me prà'qui!...

Ele pôs-se sério, e com um tom ressentido:

— Peço perdão... Eu prezo-me de ser um cavalheiro. Tudo isso há-de ficar arranjado antes de voltar prà Vieira...

— Tu não voltas prà Vieira!

865 — Quem é que diz isso?

— Eu, que não quero que vás!

Pusera-lhe fortemente as mãos nos ombros, retendo-o, apoderando-se dele: e ali mesmo, sem reparar na porta apenas cerrada, abandonou-se-lhe como outrora.

870 Daf a dois dias o abade Ferrão apareceu restabelecido do seu ataque de reumatismo. Contou a Amélia a bondade do Morgado, que chegara a mandar-lhe todas as tardes, num aparelho de lata com água quente, uma galinha cozida em arroz. Mas era sobretudo a João Eduardo que devia a caridade melhor; todas as suas horas vagas as passava ao pé da cama,

875 lendo-lhe alto, ajudando-o a voltar, ficando com ele até à uma hora da noite num zelo de enfermeiro. Que rapaz! Que rapaz!

E de repente, tomando as mãos ambas de Amélia, exclamou:

880 — Diga-me, dá licença que eu lhe conte tudo, que lhe explique?... Que arranje que ele perdoe, e esqueça... E que se faça este casamento, se faça esta felicidade?

Ela balbuciou espantada, toda escarlate:

— Assim de repente... Não sei... Hei-de pensar...

— Pense. E Deus a alumie! disse o velho com fervor.

870: a dois] a dois

877: repente.] repente

era uma excitação para o seu amor: as loiras lembravam-lhe quanto Amélia era melhor com os seus cabelos pretos; as luxuosas quanto ela era mais valiosa com o seu vestido de lã azul; as feias faziam-no pensar quanto ela era linda; o andar canalha das prostitutas quanto ela era casta!

E era de casa dela, do quarto dela, quase dos seus braços, que ele vira sair aquele homem, um amante, um padre! Mas os seus zelos por maiores não tinham uma forma definida: tinha ciúmes daquele vulto de chapéu desabado, e de capa curta que saíra da Cortegaça, que seguira, que odiava. Mas quem era ele? O padre Amaro? E como não tinha a certeza absoluta, todo o seu rancor, o seu desespero flutuavam um pouco no vago. Tinha por isso começado a desejar a certeza. E durante quinze noites espreitou, rondou a Cortegaça: não dizia nada a ninguém; além disso vivia só; já não via Agostinho nem o dr. Godinho, não falava a nenhum dos seus antigos conhecidos da casa da S. Joaneira. Os seus dias passava-os na quinta do Morgado, as suas noites no caminho estreito à porta de Amélia, com o olhar inquieto, o coração aos pulos, embrulhado no seu xale-manta, esperando. — Mas não tornou a ver abrir-se a porta do pomar.

885 Era nessa noite que Amaro devia entrar pelo portalzinho do pomar de que Amélia lhe dera a chave. Infelizmente tinham esquecido a matilha do caseiro. E apenas Amaro pôs o pé dentro do pomar, rompeu pelo silêncio da noite escura um tão desabrido ladrar de cães — que o senhor pároco abalou pela estrada, batendo o queixo de terror.

XXIV

Com efeito Amaro suspendera aqueles encontros nocturnos com Amélia. Nem podiam continuar. Amélia estava no fim do seu período.

O cônego escrevera da Vieira dizendo: «que a S. Joaneira tinha já trinta banhos e queria voltar. Eu, acrescentava, perco quase todas as semanas três, quatro banhos, de propósito para os espaçar, e dar tempo, porque cá a minha mulher já sabe que eu sem os meus cinquenta não vai. Ora já tenho trinta, veja lá você. Mande-me dizer em que estado estão as coisas.» E num *post-scriptum* dizia: «Tem você pensado que destino se há-de dar ao *fruto*?»

Aquela carta encheu Amaro de susto; consultou Dionísia sobre o tempo provável do parto.

— Olhe, menino, mais vinte dias, menos vinte dias.

E Amaro respondeu ao cônego: «A coisa pode estar pronta daqui a vinte dias. Suspenda por todo o modo a volta da mãe. Isso de modo nenhum. Diga-lhe que a pequena não escreve nem vai, porque a excelentíssima mana passa sempre adoentada.»

E enquanto ao *fruto* não dizia nada.

1-9: Com efeito Amaro [...] escrevera da Vieira dizendo:

10: voltar. Eu, acrescentava,

11: espaçar,

13-5: tenho trinta, veja lá você. Mande-me dizer em

17: Aquela carta encheu Amaro de susto; consultou Dionísia sobre o tempo provável do parto. // — Olhe, menino, mais

17-9: dias. // E Amaro respondeu ao cônego:

20: mãe. / nenhum.

23-502: E enquanto ao *fruto* [...] A noite estava escura.

XXIII

Amaro nessa manhã mandou à pressa chamar a Dionísia, apenas recebeu o seu correio. Mas a matrona que estava no mercado veio tarde, quando ele à volta da missa acabava de almoçar.

Amaro queria saber *ao certo e imediatamente* para quando estava a *coisa*...

5 — O bom sucesso da pequena?... Entre quinze a vinte dias... Porquê, há novidade?

Havia; e o pároco leu-lhe então em confidência uma carta que tinha ao lado.

10 Era do cónego, que escrevia da Vieira, dizendo «que a S. Joaneira tinha já trinta banhos e queria voltar! Eu, (acrescentava), perco quase todas as semanas três, quatro banhos, de propósito para os espaçar e dar tempo, porque cá a minha mulher já sabe que eu sem os meus cinquenta não vai. Ora já tenho quarenta, veja lá você. Demais por aqui começa a fazer frio deveras. Já se tem retirado muita gente. Mande-me pois dizer
15 pela volta do correio em que estado estão as coisas». E num *post-scriptum* dizia: «Tem você pensado que destino se há-de dar ao *fruto*?»

— Mais vinte dias, menos vinte dias, repetiu a Dionísia.

E Amaro ali mesmo escreveu a resposta ao cónego, que a Dionísia devia levar ao correio: «A coisa pode estar pronta daqui a vinte dias.
20 Suspensa por todo o modo a volta da mãe! Isso de modo nenhum! Diga-lhe que a pequena não escreve nem vai, porque a excelentíssima mana passa sempre adoentada».

E traçando a perna:

25 — E agora, Dionísia, como diz o nosso cónego, que destino se há-de dar ao *fruto*?

4: a *coisa*...] a *coisa*...

9: dizendo] dizendo:

15: as *coisas*...] as *coisas*...

19: «A *coisa*] «A *coisa*

No entanto, desde o encontro com João Eduardo, era aquela a grande inquietação de Amaro. Que faria ao filho? Ao princípio pensara naquilo como um cuidado vago, um acontecimento distante; depois afligira-se, e desde que Amélia fora para a Cortegaça era a sua preocupação sempre presente; adiava porém as resoluções, esperava, quase evitava pensar. Mas faltavam agora vinte dias! E ele via-se diante daquela dificuldade temerosa, fatal, iniludível, iminente como um punhal que lhe descesse sobre o peito — o filho! Procurava por todos os lados uma ideia, uma solução, mas debalde! E debatia-se naquela dificuldade como nas quatro muralhas de um cárcere.

Na cidade não havia *roda*. Dois anos antes o concelho de distrito suprimira-a, e a mais próxima que havia era em Ourém, a quatro lé-

A matrona arregalou os olhos de surpresa:

— Eu pensei que o senhor pároco tinha arranjado tudo... Que se ia dar a criança a criar fora da terra...

— Está claro, está claro, interrompeu o pároco com impaciência. Se a criança nascer viva é evidente que se há-de dar a criar, e que há-de ser fora da terra... Mas aí é que está! Quem há-de ser a ama? É isso que eu quero que você me arranje. Vai sendo tempo...

A Dionísia pareceu muito embaraçada. Nunca gostara de inculcar amas. Ela conhecia uma boa, mulher forte e de muito leite, pessoa de confiança; mas infelizmente entrara no hospital, doente... Sabia de outra também, até tivera negócios com ela. Era uma Joana Carreira. Mas não convinha porque vivia justamente nos Poiais, ao pé da Ricoça.

— Qual não convém! exclamou o pároco. Que tem que viva na Ricoça?... Em a rapariga convalescendo as senhoras vêm prà cidade, e não se fala mais na Ricoça.

Mas a Dionísia procurava ainda, arranhando devagar o queixo. Também sabia de outra. Essa morava para o lado da Barrosa, a boa distância... Criava em casa, era o seu ofício... Mas nessa nem falar!

— Mulher fraca, doente?

A Dionísia chegou-se ao pároco, e baixando a voz:

— Ai, menino, eu não gosto de acusar ninguém. Mas, está provado, é uma *tecedeira de anjos!*

— Uma quê?

— Uma *tecedeira de anjos!*

— O que é isso? Que significa isso? perguntou o pároco.

A Dionísia gaguejou-lhe uma explicação. Eram mulheres que recebiam crianças a criar em casa. E sem exceção as crianças morriam... Como tinha havido uma muito conhecida que era *tecedeira*, e as criancinhas iam para o Céu... Daí é que vinha o nome.

— Então as crianças morrem sempre?

— Sem falhar.

O pároco passeava devagar pelo quarto, enrolando o seu cigarro.

— Diga lá tudo, Dionísia. As mulheres matam-nas?

Então a excelente matrona declarou que não queria acusar ninguém! Ela não fora espreitar. Não sabia o que se passava nas casas alheias. Mas as crianças morriam todas...

guas; mas aí havia extremas dificuldades. Desde que em Leiria se tinha acabado a *roda*, os enjeitados afluíam à de Ourém. Como não havia vigilância eram ali depositadas inumeráveis crianças de todos os arredores. Os recursos da Misericórdia eram pequenos, e havia abusos. Lavradores abastados, até mesmo empregados, mandavam de noite ali depositar os filhos — e a todas as horas a áspera sineta acordava a rodeira. A Misericórdia não podia sustentar um tal número, e começara então a aumentar os embarços. Tinha-se posto uma sentinela à porta, e a pessoa que ia levar a criança era interrogada e esmiuçada; indagava-se depois a paternidade, entregavam-se as crianças; e assim a autoridade combatia a abundância das exposições com o terror dos vexames.

De tal sorte que Amaro não podia deitar o filho à *roda*. Seria atrair sobre o facto uma publicidade infamante.

— Mas quem vai então entregar uma criança a uma mulher dessas?
A Dionísia sorriu, apiedada daquela inocência de homem.

— Entregam, sim senhor, às dúzias!

65 Houve um silêncio. O pároco continuava o seu passeio do lavatório para a janela, de cabeça baixa.

— Mas que proveito tira a mulher, se as crianças morrem? perguntou de repente. Perde as soldadas...

— É que se lhe paga um ano de criação adiantado, senhor pároco.
70 A dez tostões ao mês, ou quartinho, segundo as posses...

O pároco agora, encostado à janela, rufava devagar nos vidros.

— Mas que fazem as autoridades, Dionísia?

A boa Dionísia encolheu silenciosamente os ombros.

O pároco então sentou-se, bocejou, e estirando as pernas disse:

75 — Bem, Dionísia, vejo que a única coisa a fazer é falar à tal ama que vive ao pé da Ricoça, à Joana Carreira. Eu arranjarei isso...

A Dionísia falou ainda das peças de enxoval que já tinha comprado por conta do pároco, dum berço muito barato em segunda mão que vira no Zé Carpinteiro — e ia sair com a carta para o correio, quando o pároco erguendo-se e galhofando:

80 — Ó tia Dionísia, essa coisa da *tecedeira de anjos* é uma história, hem?

Então a Dionísia escandalizou-se. O senhor pároco sabia que ela não era mulher de intrigas. Conhecia a *tecedeira de anjos* há mais de oito anos, de lhe falar e de a ver na cidade quase todas as semanas. Ainda no sábado passado a vira sair da taberna do Grego... O senhor pároco já tinha ido à Barrosa?

Esperou a resposta do pároco, e continuou:

90 — Pois bem, sabe o começo da freguesia. Há um muro caído. Depois é um caminho que desce. Ao fundo desse corregoito encontra um poço atulhado. Adiante, retirada, há uma casita que tem um alpendre. É lá que ela vive... Chama-se Carlota... Isto é pra lhe mostrar que sei, amiguinho!

O pároco ficou toda a manhã em casa, passeando pelo quarto, alastrando o chão de pontas de cigarros. Ali estava agora diante daquele episódio fatal que até aí fora apenas um cuidado distante — dispor do filho!

75: única coisa| única coisa

81: essa coisa| essa coisa

Por outro lado não queria entregá-lo a uma ama; não tinha confiança em ninguém. Mais tarde a mãe queria vê-lo. A S. Joaneira poderia desconfiar, a Dionísia falar, a fatalidade esclarecer! E depois quem lhe affiançava, que Amélia seria sempre submissa, e amante? Não poderia arrepender-se? Não poderia acusá-lo? E aquela criança, criada por uma ama de aldeia, era a prova viva, o facto acusador! E depois a ama poderia vir a sabê-lo! Aquela criança seria para ele o susto incessante, o perigo permanente!

O que desejava era que o filho nascesse morto. Que solução natural, e perpétua! Por que não? Que destino podia ter no duro mundo aquele enjeitado infeliz? Ele era pobre, a mãe pobre! Seria uma criança

Era bem grave entregá-lo assim a uma ama desconhecida, na aldeia. A mãe, naturalmente, havia de querer ir a todo o momento vê-lo, a ama poderia falar aos vizinhos. O rapaz viria a ser, na freguesia, o *filho do pároco*... Algum invejoso, que lhe cobiçasse a paróquia, poderia denunciá-lo ao senhor vigário-geral. Escândalo, sermão, devassa: e, se não fosse suspenso, poderia como o pobre Brito ser mandado para longe, para a serra, outra vez para os pastores... Ah! Se o *fruto* nascesse morto! Que solução natural e perpétua! E para a criança, uma felicidade! Que destino podia ele ter neste duro mundo? Era o *enjeitado*, era o *filho do padre*. Ele era pobre, a mãe pobre... O rapaz cresceria na miséria, vadiando, apanhando o estrume das bestas, rameloso e tosco... De necessidade em necessidade iria conhecendo todas as formas do inferno humano: os dias sem pão, as noites regeladas, a brutalidade da taberna, a cadeia por fim. Uma enxerga na vida, a vala na morte... E se morresse — era um anjinho que Deus recolhia ao Paraíso...

E continuava passeando tristemente pelo quarto. Realmente o nome era bem posto, *tecedeira de anjos*... Com razão, quem prepara uma criança para a vida com o leite do seu peito, prepara-a para os trabalhos e para as lágrimas... Mais vale torcer-lhe o pescoço, e mandá-la direita para a eternidade bem-aventurada! Olha ele! Que vida a sua, nesses trinta anos atrás! Uma infância melancólica, com aquela pega da marquesa de Alegros; depois a casa na Estrela, com o alarve do tio toucinheiro: e daí as clausuras do seminário, a neve constante de Feirão, e ali em Leiria tantos transe, tanta amargura... Se lhe tivessem esmagado o crânio ao nascer, estava agora com duas asas brancas, cantando nos coros eternos.

Mas enfim não havia que filosofar: era partir para Poiais e falar à ama, à sr.^a Joana Carreira.

Saiu, dirigindo-se para a estrada, sem pressa. Ao pé da ponte veio-lhe porém de repente a ideia, a curiosidade de ir à Barrosa ver a *tecedeira*... Não lhe falaria: examinaria apenas a casa, a figura da mulher, os aspectos sinistros do sítio... Demais como pároco, como autoridade eclesiástica, devia observar aquele pecado organizado num recanto de estrada, impune e rendoso. Podia mesmo denunciá-lo ao senhor vigário-geral ou ao secretário do Governo Civil...

114: razão,] razão.

119: toucinheiro:] toucinheiro;

125: ponte] ponte,

necessitada, e triste; mais tarde um operário, um trabalhador, um mendigo talvez! Debater-se-ia perpetuamente na tirânica miséria! E quem sabe os negros destinos, que lhe traria a má sorte! De necessidade em necessidade iria conhecendo todas as formas do inferno humano: o pão escasso, o frio, o desdém dos ricos, as amarguras da dependência, a tristeza da esmola recusada, os esquecimentos da taverna, talvez a cadeia, talvez a grilheta! Teria uma enxerga na vida, e a vala na morte! E, assim, se morresse! Anjinho, Deus levá-lo-ia no seu sono natural e inerte para a pacificação do Paraíso! Mas se nascesse vivo, forte, viverdor? Que desgraça!

E os dias passavam para Amaro neste embaraço pungente. Vivia como no fundo de um sonho: erguia-se, celebrava, comia, dormia — sempre sob a pressão aflitiva daquela dificuldade.

Tinha ainda tempo, eram apenas quatro horas. Por aquela tarde suave e lustrosa fazia-lhe bem um passeio a cavalo. Não hesitou, então; foi alugar uma égua à estalagem do Cruz; e daí a pouco, de espora no pé esquerdo, choutava a direito pelo caminho da Barrosa.

Ao chegar ao córrego, de que lhe falara a Dionísia, apeou, foi andando com a égua pela arreata. A tarde estava admirável; muito alto no azul, uma grande ave fazia semicírculos vagarosos.

Encontrou enfim o poço atulhado ao pé de dois castanheiros onde pássaros ainda chilreavam; adiante num terreno plano, muito isolada, lá estava a casa com o seu alpendre: o sol declinando batia-lhe na única janela do lado, acendendo-a num resplendor de ouro e brasa; e, muito delgado, elevava-se da chaminé um fumo claro no ar sereno.

Uma grande paz estendia-se em redor; no monte, escuro da rama dos pinheiros baixos, a capelinha da Barrosa punha a alvura alegre da sua parede muito caiada.

Amaro ia imaginando então a figura da *tecedeira*; sem saber porquê, supunha-a muito alta, com um carão trigueiro onde dois olhos de bruxa refulgiam.

Defronte da casa prendeu a égua à cancela, e olhou pela porta aberta: era uma cozinha térrea, de grande lareira, com saída para o pátio estradado de mato onde dois bacorinhos foçavam. Na prateleira da chaminé rebrilhava a louça branca. Dos lados pendiam grandes caçarolas de cobre, dum lustro de casa rica. Num velho armário meio aberto branquejavam pilhas de roupa: e havia tanta ordem que uma claridade parecia sair do asseio e do arranjo das coisas.

Amaro então bateu forte as palmas. Uma rola pulou assustada, dentro da sua gaiola de vime pendurada da parede. Depois chamou alto:

— Senhora Carlota!

Imediatamente do lado do pátio uma mulher apareceu, com um crivo na mão. E Amaro, surpreendido, viu uma agradável criatura de quase quarenta anos, forte de peitos, ampla de encontros, muito branca no pescoço, com duas ricas arrecadas, e uns olhos negros que lhe lembraram os de Amélia ou antes o brilho mais repousado dos da S. Joaneira.

139: atulhado] atulhado, / de dois] de dois

141: alpendre:] alpendre;

148: onde dois] onde dois

152: onde dois] onde dois

156: das coisas.] das coisas.

Ao acaso, para prevenir, tinha-se informado, como por uma curiosidade caridosa, acerca das amas da Câmara. Resolvera chamar uma, sondá-la, atraí-la ao seu interesse... Mas, tímido, aterrado, não fizera nada, adiarda cada dia, e sofrendo, esperando, recuando sempre as decisões, via os dias decorrerem hoje, amanhã, depois, além, e o termo chegava temerosamente!

Além disso a sr.^a D. Maria da Assunção estava doente. Mandava-o a cada momento chamar para tranquilizar a sua alma, consultá-lo sobre escrúpulos de consciência, faltas veniais; e ele, amargurado, vibrando todo no susto, e na impaciência da sua vida, precisava escutá-la, animá-la, absolvê-la. Ia vê-la ordinariamente pela manhã, e logo desde as primeiras palavras ela começava a história da sua doença; repetia-a todos os dias:

165 Assombrado, balbuciou:

— Creio que me enganei... Aqui é que mora a senhora Carlota?

Não se enganara, era ela; mas com a ideia que a figura medonha «que tecia os anjos» devia estar algures, agachada num vão tenebroso da casa, perguntou ainda:

170 — Vossemecê vive aqui só?

A mulher olhou-o desconfiada.

— Não senhor, disse por fim, vivo com o meu marido...

175 Justamente o marido saía do pátio, — medonho, esse, quase anão, com a cabeça embrulhada num lenço e muito enterrada nos ombros, a face duma amarelidão de cera oleosa e lustrosa; no queixo anelavam-se os pêlos raros duma barba negra; e sob as arcadas fundas sem sobranceiras, vermelhejavam dois olhos raiados de sangue, olhos de insónia e de bebe-deira.

180 — Para o seu serviço, Vossa Senhoria quer alguma coisa? disse, muito colado à saia da mulher.

Amaro foi entrando pela cozinha, e tartamudeando uma história que ia forjando laboriosamente. Era uma parente que ia ter o seu bom sucesso. O marido não pudera vir falar-lhes porque estava doente... Queriam uma ama para lhes ir para casa, e tinham-lhe dito...

185 — Não, fora de casa, não. Cá em casa — disse o anão que não se despegava das saias da mulher, mirando o pároco de lado com o seu medonho olho injectado.

Ah, então tinham-no informado mal... Sentia; mas o que o parente queria era uma ama para casa.

190 Veio dirigindo-se para a égua, devagar; parou, e abotoando o casacão:

— Mas em casa recebem crianças para criação?... — perguntou ainda.

— Convindo o ajuste, disse o anão que o seguia.

Amaro arranjou a espora no pé, deu um puxão ao estribo, demonstrando-se, rondando em torno da cavalgadura:

195 — É necessário trazer-lha cá, já se sabe.

O anão voltou-se, trocou um olhar com a mulher que ficara à porta da cozinha.

— Também se lhe vai buscar, disse.

Amaro batia palmadas no pescoço da égua.

200 — Mas sendo a coisa de noite, agora com este frio, é matar a criança...

177: vermelhejavam dois] vermelhejavam dois

179: alguma coisa?] alguma cousa?

200: a coisa] a cousa

era um catarro, que apanhara no Inverno, desprezara-o, ultimamente tinha-lhe vindo uma dor ao lado, uns escarritos de sangue... E depois passava a enumerar miudamente os pecados da véspera: tinha ralhado com a criada, pronunciara sem querer o nome do *porco sujo*; depois, baixando a voz, com uma timidez, que queria tornar virginal, e que era grotesca, denunciava outros crimes: que sonhara na véspera, que um carpinteiro, que morava defronte, lhe dera um beijo, e que o beijo lhe agradara; outras vezes o carpinteiro tinha estado toda a tarde a olhar para ela, que estava por trás da vidraça, e parece que por influência do Maligno ela não tivera força de se recolher para dentro.

Então os dois, falando ao mesmo tempo, afirmaram que não lhe fazia mal. Havendo, já se sabe, carinho e agasalho...

Amaro cavalgou vivamente a égua, deu as boas-tardes, e trotou pelo córrego.

205 Amélia agora começava a andar assustada. De dia e de noite só pensava naquelas horas, que se avizinhavam, em que devia sentir chegarem as dores. Sofria mais que durante os primeiros meses; tinha tonturas, perversões de gosto — que o doutor Gouveia observava, franzindo a testa descontente. As noites eram más, numa turbação de pesadelos. Já não eram as alucinações religiosas: isso cessara numa súbita aplacação de todo o terror devoto: não sentiria menos temor de Deus, se já fosse uma santa canonizada. Eram outros medos, sonhos em que o parto se lhe representava de modos monstruosos: ora era um ser medonho que lhe saltava das entranhas, metade mulher e metade cabra; ora era uma cobra infundável que lhe saía de dentro, durante horas, como uma fita de léguas, enrolando-se no quarto em roscas sucessivas que ganhavam a altura do tecto: e acordava em tremuras nervosas que a deixavam prostrada.

210 Mas ansiava por ter a criança. Estremecia à ideia de ver um dia inesperadamente a mãe aparecer na Ricoça. Ela escrevera-lhe, queixando-se do senhor cônego que a retinha na Vieira, dos temporais que já reinavam, da solidão que se ia fazendo na praia. Além disso D. Maria da Assunção voltara; felizmente, uma noite providencialmente gelada dera-lhe durante a jornada uma inflamação dos brônquios — e estava de cama para semanas, segundo dizia o doutor Gouveia. O Libaninho, esse, também viera à Ricoça; e saíra lastimando-se de não ter visto a Amelinha «que tinha nesse dia enxaqueca».

225 — Se isto se demora mais quinze dias, vem-se a descobrir tudo, dizia ela, choramingando, a Amaro.

— Paciência, filha. Não se pode forçar a natureza...

230 — O que tu me tens feito sofrer! suspirava ela, o que tu me tens feito sofrer!

Ele calava-se resignado — muito bom, muito terno agora com ela. Vinha-a ver quase todas as manhãs, porque não queria pelas tardes encontrar o abade Ferrão.

235 Tranquilizara-a a respeito da ama, dizendo-lhe que falara à mulher da Ricoça inculcada pela Dionísia. Era uma escolha rica a sr.^a Joana

201: os dois,] os deus.

— E o pior é — e a sua voz tinha uma profunda aflição — e o pior é, sr. pároco, que ele é um perfeito rapaz.

Depois vinham as consultas: se Deus lhe permitiria, que ela bebesse, em lugar de um, dois copinhos de jeropiga à sobremesa; se não seria um pecado despir-se diante de um crucifixo novo, que comprara para a cabeceira da cama.

Amaro escutava-a vagamente, meio embrutecido. Aquela voz piegas, e fanhosa, o cheiro de rapé, que ela exalava, a história daqueles pecados singulares, davam-lhe uma espécie de torpor. Ela queixava-se:

— O sr. pároco não está com atenção.

— Ora essa, minha senhora!

Carreira! Mulher forte como um carvalho, com barricas de leite, e dentes de marfim...

— Fica-me tão longe para vir ver depois a criança... — suspirava ela.

240 Tomavam-na agora pela primeira vez entusiasmos de mãe. Desesperava-se em não poder ela mesma costurar o resto do enxoval. Queria que o rapaz — porque havia de ser um rapaz! — se chamasse Carlos. Cismava-o já homem, e oficial de cavalaria. Enternecia-se com a esperança de o ver gatinhar...

245 — Ai, eu é que o queria criar, se não fosse a vergonha!...

— Vai muito bem para onde vai, dizia Amaro.

Mas o que a torturava, a fazia chorar todos os dias era a ideia de ele ser um enjeitadinho!

250 Um dia veio ao abade com um plano extraordinário «que lhe inspirara Nossa Senhora»: ela casaria já com João Eduardo, mas o rapaz devia por uma escritura adoptar o Carlinhos! Que para que o anjinho não fosse um enjeitado, casava até com um calceteiro da estrada! E apertava as mãos do abade, numa suplicação loquaz. Que convencesse João Eduardo, que desse um papá ao Carlinhos! Queria ajoelhar aos pés dele, do senhor abade, que era o seu pai e o seu protector.

— Oh, minha senhora, sossegue, sossegue. Esse é também o meu desejo, como lhe disse. E há-de arranjar-se, mas mais tarde, disse o bom velho, atarantado daquela excitação.

260 Depois, daí a dias, foi outra exaltação: descobrira de repente, uma manhã, que não devia trair Amaro, «porque era o papá do seu Carlinhos». E disse-o ao abade; fez corar os sessenta anos do bom velho, falando muito convencidamente dos seus deveres de esposa para com o pároco.

O abade, que ignorava as visitas do pároco todas as manhãs, assombrou-se.

265 — Minha senhora, que está a dizer? Que está a dizer? Caia em si... Que vergonha!... Imaginei que lhe tinham passado essas loucuras.

— Mas é o pai do meu filho, senhor abade, disse ela, olhando-o muito séria.

270 Fatigou então Amaro toda uma semana com uma ternura pueril. Lembrava-lhe cada meia hora que era o «papá do seu Carlinhos».

— Bem sei, filha, bem sei, dizia ele impaciente. Obrigado. Não me gabo da honra...

256: — Oh,] — Oh

257: mas] mas,

265: dizer? Que] dizer, que

E sorria-lhe, aconselhava-a, perdoava. E além disso lisonjeava-a, chamava-lhe santa, afiançava-lhe o Céu como se dispusesse dele, prometia-lhe com toda a confiança a amizade de Deus — porque D. Maria da Assunção era o seu grande recurso: pelos presentes que lhe dava, pelas missas largamente retribuídas, pelas dádivas de dinheiro — ela representava uma parte larga dos seus proventos. E a salvação daquela velha alma idiota era para ele um emprego rendoso, como uma conesia.

Um dia a conferência tinha sido mais larga. Tratava-se de uma missa que a sr.^a D. Maria da Assunção queria que ele dissesse em acção de graças a Nossa Senhora pelas suas melhoras; era a primeira de uma série de missas, às quartas e sextas, que ela prometera a Nossa Senhora, um

275 Ela chorava, então, aninhada no sofá. Era necessária toda uma complicação de carícias para a calmar. Fazia-o sentar num banquinho junto dela; tinha-o ali como um boneco, contemplando-o, coçando-lhe devagarinho a coroa; queria que se tirasse a fotografia ao Carlinhos para a trazerem ambos numa medalha ao pescoço; e se ela morresse, ele havia de levar o Carlinhos à sepultura, ajoelhá-lo, pôr-lhe as mãozinhas, fazê-lo rezar pela mamã. Atirava-se então para a almofada, tapando o rosto com
280 as mãos:

— Ai, pobre de mim, meu querido filho, pobre de mim!

— Cala-te, que vem gente! dizia-lhe Amaro furioso.

285 Ah, aquelas manhãs na Ricoça! Eram para ele como uma penalidade injusta. Ao entrar tinha de ir à velha escutar-lhe as lamúrias. Depois, era aquela hora com Amélia, que o torturava com as pieguices dum sentimentalismo histérico, — estirada no sofá, grossa como um tonel, com a face entumecida, os olhos papudos...

290 Numa dessas manhãs, Amélia, que se queixava de cãibras, quis dar um passeio pelo quarto apoiada a Amaro: e ia-se arrastando, enorme no seu velho robe-de-chambre, quando se sentiram, em baixo no caminho, passos de cavalos: chegaram à janela — mas Amaro recuou vivamente, deixando Amélia que embasbacara com a face contra a vidraça. Na estrada, galhardamente montado numa égua baia, passava João Eduardo de paletot branco e chapéu alto; ao lado trotavam os dois Morgaditos, um
295 num poney, outro acorreado num burro; e atrás, a distância, num passo de respeito e de cortejo, um criado de farda, de bota de cano e esporões enormes, com uma libré muito larga que lhe fazia na ilharga rugas grotescas, e no chapéu a roseta escarlata. Ela ficara assombrada, seguindo-os até que as costas do laçao desapareceram à esquina da casa. Sem uma palavra,
300 veio sentar-se no sofá. Amaro, que continuava passeando pelo quarto, teve então um risinho sarcástico:

— O idiota, de laçao à retaguarda!

305 Ela não respondeu, muito escarlata. E Amaro, chocado, saiu atirando com a porta, foi para o quarto de D. Josefa contar-lhe a cavalgada, e vituperar o Morgado.

— Um excomungado de criado de farda! exclamava a boa senhora, com as mãos apertadas na cabeça. Que vergonha, senhor pároco, que vergonha para a nobreza destes reinos!

281: — Ai,] — Ai

282: gente!] gente,

dia em que o catarro a sufocara mais. Deviam assistir àquela missa as Gansosos, que tinham então vindo da quinta da tia, o Libaninho, o sr. Artur e a mulher, as sobrinhas do padre Natário. A sr.^a D. Maria da Assunção convidara-os a todos como para uma festa. Todos tinham prometido. Amaro estava então mais preocupado, e sob uma angústia maior. Amélia, segundo dizia Dionísia, *estava para três ou quatro dias*. Mas teve de combinar com a velha a hora da missa, a escolha do altar, a disposição das cadeiras — e tinham decidido que seria no dia seguinte às nove horas. D. Maria escrevera mesmo a este respeito um bilhete ao coadjutor.

Desde esse dia Amélia não tomou a choramingar, se pela manhã o senhor pároco não vinha. Quem esperava agora com impaciência era o senhor abade Ferrão, pela tarde. Apoderava-se dele, queria-o numa cadeira junto ao canapé: e depois de rodeios demorados de ave que tenteia a presa, caía sobre a pergunta fatal — se tinha visto o senhor João Eduardo?

Quería saber o que ele dissera, se falara nela, se a avistara à janela. Torturava-o com curiosidades sobre a casa do Morgado, a mobília da sala, o número de lacaios e de cavalos, se o criado de farda servia à mesa...

E o bom abade respondia com paciência — contente de a ver esquecida do pároco, ocupada de João Eduardo: tinha agora a certeza que aquele casamento se faria: ela evitava, de resto, pronunciar sequer o nome de Amaro, e uma vez mesmo respondeu ao abade que lhe perguntava se o senhor pároco voltara à Ricoça:

— Ai, vem pela manhã ver a madrinha... Mas eu não lhe apareço, que nem estou decente...

Todo o tempo que podia estar de pé, passava-o agora à janela, muito arranjada da cinta para cima que era o que se podia ver da estrada — enxovalhada das saias para baixo. Estava esperando João Eduardo, os Morgados e o laçai; e tinha de vez em quando, com efeito, o gozo de os ver passar, naquele passo bem lançado de cavalos de preço, sobretudo o da égua baia de João Eduardo, que ele defronte da Ricoça fazia sempre ladear, de chicote atravessado e perna à Marialva, como lhe ensinara o Morgado. Mas era o laçai, sobretudo, que a encantava: e com o nariz nos vidros seguia-o num olhar guloso, até que à volta da estrada via desaparecer o pobre velho, de dorso corcovado, com a gola da farda até à nuca e as pernas bamboleantes.

E para João Eduardo que delícia aqueles passeios com os Morgaditos, na égua baia! Nunca deixava de ir à cidade: fazia-lhe bater o coração o som das ferraduras sobre o lajedo: ia passar diante da Amparo da Botica, diante do cartório do Nunes que tinha a sua banca ao pé da janela, diante da Arcada, diante do senhor administrador que lá estava na varanda de binóculo para a Teles — e o seu desgosto era não poder entrar com a égua, os Morgaditos e o laçai pelo escritório do doutor Godinho que era no interior da casa.

Foi um dia, depois dum desses passeios triunfais, que voltando às duas horas da Barrosa, ao chegar ao Poço das Bentas e ao subir para o

321: Ricoça.] Ricoça.

Quando nessa manhã Amaro saía de casa de D. Maria, e ia entrar na sua rua, viu à porta de casa um rapazito da Cortegaça, que ele conhecia: era um filho do caseiro, e trazia um bilhete. Era de Amélia, numa letra trémula, e quase ininteligível: dizia apenas: — *A Dionísia depressa. A coisa chegou.*

Mas a Dionísia não estava em casa. Chamou-a umas poucas de vezes da janela da cozinha.

— Conheces a Dionísia, tu? disse ele ao rapaz.

O rapaz abriu os olhos admirado.

— Bem, bem, vai-te!

A criada saíra. Era ao fim da tarde, horas de ir à fonte. Amaro resolveu-se a sair, e a ir procurar Dionísia. Mas onde? Foi à Praça, à Rua do Correio, ao Largo do Chafariz, à Alameda, ao Largo da Sé. Não a viu. Espreitava para dentro das lojas, deitava os olhos à pressa para o interior das tavernas; subiu pelas vielas que vão ao Castelo; caminhava depressa, desesperado, suando. Talvez Amélia naquele momento esperasse, ansiasse, rolando-se sobre o leito, na angústia das primeiras dores! Foi

345 caminho de carros, viu de repente o senhor padre Amaro que descia montado num garrano. Imediatamente João Eduardo fez caracolar a égua. O caminho era tão estreito, que apesar de se chegarem às sebes quase roçaram os joelhos — e João Eduardo pôde então, do alto da sua égua de cinquenta moedas, agitando ameaçadoramente o chicote, esmagar com um olhar o padre Amaro que se encolhia muito pálido, com a barba por 350 fazer, a face biliosa, esporeando ferozmente o garrano ronceiro. No alto do caminho João Eduardo ainda parou, voltou-se sobre a sela, e viu o pároco que apeava à porta do casebre isolado onde há pouco, ao passar, os Morgaditos tinham rido «do anão».

355 — Quem vive ali? perguntou João Eduardo ao laçao.

— Uma Carlota... Má gente, sr. Joãozinho!

Ao passar na Ricoça, João Eduardo, como sempre, pôs a passo a égua baia. Mas não viu por trás dos vidros a costumada face pálida sob o lenço escarlate. As portadas da janela estavam meio cerradas; e ao portão, 360 desatrelado com os varões em terra, o *cabriolet* do doutor Gouveia.

É que tinha chegado enfim o dia! Nessa manhã viera da Ricoça um moço da quinta com um bilhete de Amélia quase ininteligível — *Dionísia depressa, a coisa chegou!* Trazia ordem também de ir chamar o senhor doutor Gouveia. Amaro foi ele mesmo avisar a Dionísia.

365 Dias antes, tinha-lhe dito que D. Josefa, a própria D. Josefa, lhe inculcara uma ama — que ele já ajustara, grande mulher, rija como um castanheiro. E agora combinaram rapidamente que nessa noite Amaro se postaria com a ama à portinha do pomar, e Dionísia viria dar-lhe a criança bem atabafada.

370 — Às nove da noite, Dionísia. E não nos faça esperar! — recomendou-lhe ainda Amaro vendo-a abalar num espalhafato.

Depois voltou a casa e fechou-se no quarto, face a face com aquela dificuldade que ele sentia como uma coisa viva fixá-lo e interrogá-lo: — Que havia de fazer à criança? Tinha ainda tempo de ir aos Poiais ajustar 375 a outra ama, a boa ama que a Dionísia conhecia; ou podia montar a cavalo e ir à Barrosa falar à Carlota... E ali estava, diante daqueles dois caminhos, hesitando numa agonia. Queria serenar, discutir aquele caso como se fosse um ponto de teologia, pesando-lhe os *prós* e os *contras*:

350: se encolhia] se encolheu

356: gente, sr.] gente, senhor

363: a coisa] a coisa

373: uma coisa] uma coisa

376: daqueles dois] daqueles dois

ao Terreiro, voltou à Praça, refez, aflito, o mesmo caminho, dobrou as mesmas esquinas; tinha vontade de perguntar por ela aos lojistas, que bocejavam à porta das tendas, de gritar alto o seu nome através da cidade. E os que passavam voltavam-se admirados de ver o pároco naquela ânsia, com os movimentos bruscos de um cão perdido, que fareja. Amaldiçoava Dionísia, jurava espancá-la. O sangue picava-lhe de fadiga, e de impaciência. Ao fim de uma hora andava embrutecido; ia, voltava, repassava as mesmas ruas, sem quase pensar distintamente em Dionísia, reparando distraidamente num homem que passava, com uma espingarda, à volta da caça; além num sapateiro, que à porta batia a sola, assobiando; depois numa mulher de garibaldí escarlate, que nos degraus da porta fazia meia, sentada nos calcanhares, cantando com um tédio triste. Ia a entrar em casa, tonto, esfalfado... Dionísia, à porta, conversava com um vizinho caldeireiro. E, logo no escuro da escada, mostrando-lhe o punho cerrado:

— Oh! mulher do diabo! Ando a procurá-la há duas horas!

— Então...

mas tinha temerariamente diante de si, em lugar de dois argumentos, duas
380 visões: — a criança a crescer e a viver nos Poiais, ou a criança esganada
pela Carlota a um canto da estrada da Barrosa... — E, passeando pelo
quarto, suave de angústia, quando no patamar a voz inesperada do
Libaninho gritou:

— Abre, parocozinho, que sei que estás em casa!

385 Foi necessário abrir ao Libaninho, apertar-lhe a mão, oferecer-lhe
uma cadeira. Mas o Libaninho felizmente não se podia demorar. Passara
na rua, e subira a saber se o amigo pároco tinha notícias daquelas santinhas
da Ricoça.

390 — Vão bem, vão bem, disse Amaro que obrigava a face a sorrir, a
prazentear.

— Eu não tenho podido ir lá, que tenho andado mais ocupado!...
Estou de serviço no quartel... Não te rias, parocozinho, que estou lá
fazendo muita virtude... Meto-me com os soldadinhos, falo-lhes das cha-
gas de Cristo...

395 — Andas a converter o regimento, disse Amaro que mexia nos pa-
péis da mesa, passeava, numa inquietação de animal preso.

— Não é para as minhas forças, pároco, que se eu pudesse!... Olha,
agora vou eu levar a um sargento uns bentinhos... Foram benzidos pelo
Saldanhinha, vão cheios de virtude. Ontem dei outros iguais a um
400 anspeçada, perfeito rapaz, um amor de rapaz... Pus-lhos eu mesmo por
baixo da camisola... Perfeito rapaz!...

— Devias deixar esses cuidados pelo regimento ao coronel, disse
Amaro abrindo a janela, abafando de impaciência.

405 — Credo, olha o ímpio! Se o deixassem desbaptizava o regimento.
Pois adeus, parocozinho. Estás amarelinho, filho... Precisas purga, eu sei
o que isso é.

Ia a sair, mas à porta, parando:

— Ai, dize cá, parocozinho, dize cá: tu ouviste alguma coisa?

— De quê?

410 — Foi o padre Saldanha que mo disse. Diz que o nosso chantre
declarara (palavras do Saldanhinha) que lhe constava que ia na cidade um
escândalo com um senhor eclesiástico... Mas não disse *quem* nem o *quê*...
O Saldanha qui-lo sondar, mas o chantre diz que recebera só uma den-
núncia vaga, sem nome... Tenho estado a pensar: quem será?

379: de dois] de dous

406: é.] é...

408: alguma coisa?] alguma cousa?

— Vá já à Cortegaça. Recebi um bilhete! Que fosse logo, logo. Onde diabo estava você metida?

Ela subiu a casa, pôs um xale, e, quase correndo, ia já a dobrar a esquina, mas voltou, tornou a subir a escada do padre...

— E a criança? disse ela, respirando fortemente.

— Lá falaremos, lá falaremos. Vá depressa, criatura, vá depressa!

E tornando-a a chamar:

— Mas você sabe o que há-de fazer?

— Oh! senhor, pelo amor de Deus! Assim o menino tivesse tantos contos como de vezes... Ai! E as ligaduras?

E, correndo, voltou a casa a tomar panos, ligaduras, lenços, e com o xale traçado, vermelha, ofegante, passou pela botica, comprou unguentos...

— Então que é isso, que é isso? perguntou o boticário.

— Nada, nada.

E foi-se.

415 — Pataratas do Saldanha...

— Ai, filho! Deus queira que sejam. Que quem folga são os ímpios...
Quando fores pela Ricoça dá recados àquelas santinhas...

E pulou pelos degraus a ir levar «a virtude» ao batalhão.

Amaro ficara aterrado. Era ele decerto, eram os seus amores com
420 Amélia que já iam chegando ao vigário-geral em denúncias tortuosas! E ali vinha agora aquele filho, criado a meia légua da cidade, ficar como uma prova viva!... Parecia-lhe extraordinário, quase sobrenatural, ter o Libaninho, que em dois anos não lhe viera a casa duas vezes, ter o Libaninho entrado com aquela nova terrível, quando ele estava ali numa
425 batalha com a consciência. Era como a Providência, que sob a forma grotesca do Libaninho, vinha trazer-lhe o seu aviso, murmurar-lhe: «Não deixes viver quem te pode trazer o escândalo! Olha que já se suspeita de ti!»

Era decerto Deus apiedado que não queria que houvesse na terra
430 mais um enjeitado, mais um miserável, — e que *reclamava o seu anjo!*...

Não hesitou: partiu para a estalagem do Cruz, e daí a cavalo para a casa de Carlota.

Demorou-se lá até às quatro horas.

De volta a casa atirou o chapéu para cima da cama, e sentiu enfim
435 um alívio de todo o seu ser. Estava acabado! Lá falara à Carlota e ao anão; lá lhe pagara um ano adiantado; agora era esperar pela noite!...

Mas na solidão do quarto toda a sorte de imaginações mórbidas o
assaltavam: via a Carlota a esganar a criancinha roxa; via os cabos de
pólcia mais tarde a desenterrar o cadáver, o Domingos da administração
440 redigindo sobre um joelho o auto de corpo de delito, e ele, de batina, arrastado para a cadeia de S. Francisco, em ferros, ao lado do anão! Tinha quase vontade de montar a cavalo, voltar à Barrosa desfazer o ajuste. Mas uma inércia retinha-o. Depois, nada o forçava à noite a entregar a criança à Carlota... Podia levá-la bem agasalhada à Joana Carreira, a boa
445 ama dos Poiais...

Para escapar àquelas ideias que lhe faziam sob o crânio um ruído de tormenta, saiu, foi ver Natário que já se erguia — e que lhe gritou imediatamente do fundo da poltrona:

— Então você viu, Amaro? O idiota, de laçao atrás!

416: — Ai, filho!] — Ai filho,

423: em dois] em dois

No entanto o padre Amaro, só no seu quarto, esperava que chegasse a noite. O crepúsculo começara, e ele a cada momento ia ver se estavam acesos os candeeiros, roído por uma impaciência. Mas bateram à porta, e o coadjutor entrou. Tinha passado por ali, tinha entrado um bocadinho para falar ao sr. pároco sobre a missa do dia seguinte — promessa da sr.^a D. Maria da Assunção, e sentando-se ficou calado.

— Que horas serão? perguntou Amaro.

— Seis e meia.

Falaram então um momento da missa; devia ser às nove horas, na capela de Nossa Senhora das Dores.

Tornaram a ficar calados.

O coadjutor mexia-se na cadeira.

— A tarde esteve muito bonita.

— Muito bonita. — E a voz de Amaro tinha a inércia de um eco.

Passeava ao comprido do quarto, e via, como um aspecto odioso, a figura magra, doentia, e curvada do coadjutor, sentado gravemente, com as mãos apoiadas ao cabo do guarda-chuva. E se a Dionísia tivesse chegado tarde! Se houvesse perigo! A Dionísia não era parteira! Podia ser necessário chamar um médico!

— Encontrei agora o sr. chantre, disse o coadjutor.

— Ah! fez Amaro.

E encostado à janela rufava nos vidros. O candeeiro da rua tinha enfim sido aceso.

— Trago luz? disse de dentro a criada, que voltara da fonte.

— Não, não, apressou-se a gritar o padre.

450 João Eduardo passara-lhe na rua, na égua baia, com os Morgadinhos; e Natário desde então rugia de impaciência de estar ali amarrado à cadeira e não poder recomeçar a campanha, expulsá-lo por uma boa intriga da casa do Morgado, arrancar-lhe a égua e o laçao.

— Mas não as perde, em Deus me dando pernas...

455 — Deixe lá o homem, Natário, disse Amaro.

— Deixá-lo! Quando tinha uma ideia prodigiosa — que era provar ao Morgado, com documentos, que o João Eduardo era um beato! Que lhe parecia, ao amigo Amaro?

460 Era engraçado, com efeito. O homem não deixava de o merecer, só pela maneira como olhava para a gente de bem, do alto da égua... — E Amaro fazia-se vermelho, ainda indignado do encontro, de manhã, no caminho de carros da Barrosa.

— Está claro! exclamou Natário. Para que somos nós sacerdotes de Cristo? Para exaltar os humildes e derrubar os soberbos.

465 Dali Amaro foi ver D. Maria da Assunção — que já se erguera também — que lhe fez a história da sua bronquite e a enumeração dos últimos pecados: o pior era que, para se distrair um bocado na convalescença, recostava-se por trás da vidraça, e um carpinteiro que morava defronte embasbacava para ela; e por influência do Maligno, não tinha 470 forças para se retirar para dentro, e vinham-lhe pensamentos maus...

— Mas Vossa Senhoria não está com atenção, senhor pároco.

— Ora essa, minha senhora!

475 E apressou-se a pacificar-lhe os escrúpulos — porque a salvação daquela velha alma idiota era para ele um emprego melhor que a mesma paróquia.

Já escurecia quando entrou em casa. A Escolástica queixou-se da demora que lhe esturrara o jantar. Mas Amaro tomou apenas um copo de vinho e uma garfada de arroz, que engoliu de pé, olhando com terror pela janela a noite que impassivelmente caía.

480 Entrava no quarto a ver se os candeeiros já estavam acesos, quando o coadjutor apareceu. Vinha falar-lhe sobre o baptizado do filho do Guedes, que estava marcado para o dia seguinte às nove horas.

— Trago luz? — disse de dentro a criada sentindo a visita.

— Não! gritou logo Amaro.

451-2: cadeira] cadeira.

467: era] era.

Não queria luz. O coadjutor podia ver o seu rosto perturbado, ou demorar-se, estabelecer-se para toda a noite. E ao mesmo tempo não queria dizer-lhe que saía.

O coadjutor a espaços dizia algumas palavras sobre as coisas da igreja: uma cônica, um baptizado, a despesa de um frontal novo...

Amaro ansiava. Se fosse necessário extrair a criança a ferros!

E estava tão longe, meia légua! E aquele estúpido não se ia!

— Diz que vem na *Nação* de antes de ontem um artigo muito bom. — E a voz do coadjutor era grave.

— Sim? disse Amaro.

E os seus passeios ao comprido do quarto recomeçavam furiosos.

Mas como os silêncios se acentuavam, a noite crescia, não acendiam o candeeiro, o coadjutor ergueu-se.

— Estou talvez a incomodar.

— Não, não, deixe-se estar.

E o coadjutor tornou a sentar-se. Deram sete horas.

— Já sete! disse o pároco.

— Agora anoitece mais cedo, tornou o coadjutor.

E o padre Amaro na sua impaciência, na sua inquietação, exasperado, febril, começou a cantarolar.

— Diz que há agora um hino ao Santo Padre muito bonito, disse o coadjutor.

E era talvez tarde! Amélia esperava-o! Gritava decerto o seu nome! E aquele idiota ali! E o padre Amaro torcia o forro das algibeiras com as mãos suadas, crispadas, louco, raivoso.

O coadjutor então ergueu-se, e despediu-se secamente.

— Almie, Teresa, gritou o pároco. — E apertava cordialmente, gratamente, quase rindo, a mão do coadjutor. — Olhe não caia. A escada é má. Amanhã às nove horas. Olhe não caia.

Embrulhou-se na sua capa, pôs um chapéu desabado, tomou a bengala e saiu. Quando entrou na estrada quase corria. A noite estava escura.

485 Temia que o coadjutor visse a alteração que sentia nas faces, ou que se instalasse para toda a noite.

— Diz que vem na *Nação* de antes de ontem um artigo muito bom, observou o coadjutor, grave.

— Ah! fez Amaro.

490 Passeava no seu trilho costumado, do lavatório para a janela; parava às vezes a rufar nos vidros; já se tinham acendido os candeeiros.

Então o coadjutor, chocado com aquela treva do quarto e aquele passear de fera numa jaula, ergueu-se, e com dignidade:

— Estou a incomodar talvez...

495 — Não!

E o coadjutor satisfeito sentou-se, com o seu guarda-chuva entre os joelhos.

— Agora anoitece mais cedo, disse.

— Anoitece...

500 Enfim Amaro desesperado declarou-lhe que tinha uma enxaqueca odiosa, que se ia encostar: e o homem saiu, depois de lhe lembrar ainda o baptizado do menino do seu amigo Guedes.

XXV

O padre Amaro, na presença daquele transe, tinha resolvido subitamente o seu plano. Era simples: era pôr a criança à porta de alguém. O melhor era no campo, nalgum casal afastado. Tomá-la-ia debaixo do capote, chegaria devagar, com precauções, poisaria a criança bem envolta em panos à porta, bateria duas ou três pancadas violentas, e fugiria pelos campos. Decerto viriam abrir, veriam à luz difusa da noite alvejar no chão, à porta, a trouxa, a criança: recolhê-la-iam; ao outro dia entregá-la-iam à autoridade, e iria criar-se numa ama da Câmara. Era fácil, o resultado certo. A que casal bateria? Lembrava-lhe um ao pé do rio, do Bento Farto, um velho lavrador rico, viúvo, sem filhos; talvez recolhesse a criança, a adoptasse, a enriquecesse. E alargava-se em suposições ilimitadas. Ele conhecia a casa; fora lá levar a extrema-unção a um criado do campo. Lembrava-se perfeitamente; duas janelas pequenas deitavam para uma horta, que se abria por uma cancela sem chave. Mas se o cão ladrasse! Melhor, era um sinal, era um rebate! Mas se o cão mordesse a criança! Qual! E lembrava-se então que os cães deviam estar do lado de trás, na quinta, no pomar, ou ao pé dos currais! Bateria violentamente com uma pedra na porta, algum dos criados acordaria decerto. Depois saltaria pela sebe para os campos, ganharia pela escuridão complacente da noite a estrada, e estaria rapidamente na cidade, livre, tranquilo, inocente, inatacável. Ninguém desconfiaria. Mas teria tempo de fugir? Decerto. Enquanto se levantassem ao ruído, perguntassem para fora da janela, destrancassem a porta, saíssem a espreitar com a espingarda na mão... Decerto tinha tempo! Em qualquer caso ouviriam a criança gemer, veriam o vulto, apanhá-lo-iam surpreendidos, iriam acordar o amo... Decerto, decerto tinha um largo tempo para escapar, correr, esconder-se, sumir-se, entrar em casa, salvar-se! Diria à Dionísia, à Amélia, ao cônego, que a criança fora entregue a uma ama de aldeia distante, no monte. E depois *morreu, foi-se!* Ah! Era um plano completo! E apressava-se na estrada solitária, pensando assim, destacadamente, por ideias rápidas, num sobressalto amargo.

Amaro partiu logo para a Ricoça. Felizmente a noite estava tenebrosa e quente, anunciando chuva. Ia agora tomado duma esperança que lhe fazia bater o coração: era que a criança nascesse morta! E era bem possível. A S. Joaneira em nova tivera duas crianças mortas; a ansiedade em que vivera Amélia devia ter perturbado a gestação. E se ela morresse também? Então a esta ideia, que nunca lhe acudira, invadiu-o bruscamente uma piedade, uma ternura por aquela boa rapariga que o amava tanto, e que agora, por obra dele, gritava dilacerada de dores. E todavia, se ambos morressem, ela e a criança, era o seu pecado e o seu erro que caíam para sempre nos escuros abismos da eternidade... Ele ficava, como antes da sua vinda a Leiria, um homem tranquilo, ocupado da sua igreja, duma vida limpa e lavada como uma página branca!

Eram mais de oito horas quando penetrou na Cortegaça, fazendo ranger a pequena porta verde do pomar. Subiu ao terraço; a porta envidraçada estava aberta, a sala escura; por baixo da porta do quarto de Amélia vinha uma fenda de luz; e logo ali parou imóvel, aterrado. Ouviu gritos abafados, depois um gemer agudo.

Foi devagar, bateu com os dedos à porta do quarto; bateu mais forte com a palma da mão, tremendo. Dionísia saiu, fechando a porta sobre si rapidamente, em cabelo, com as mangas arregaçadas.

— Então? disse Amaro.

— Vai bem.

— Quem está?

— Eu, e uma mulher que eu trouxe. Deixe estar, é segura.

A irmã do cónego estava na cama, e a Teresa, a criada velha, ajudava.

— E a criança? disse Dionísia.

— Trouxe a ama, disse o padre hesitando um pouco. Está ali fora à espera. Embrulhem-na; eu a levo à ama. Eu mesmo lha levo lá fora. Agasalhe-a bem.

Mas Amélia deu um grito, e Dionísia entrou para o quarto.

Amaro começou a passear pela sala. No quarto os gritos recomeçavam. Depois era um gemer arquejante, de luta, que findava num murmúrio; e ais agudos, lancinantes, de repente tornavam a cortar o silêncio. Amaro tremia. Podia-se ouvir fora, os caseiros acordarem! E junto da porta do quarto com os punhos cerrados, dizia baixo, maquinalmente:

— Cala-te! Cala-te!

Mas os gritos precipitavam-se, e depois suspiros profundos, terríveis, desmaiados, como de um alívio cruel... — É que tudo acabara talvez! Era o seu filho que ali estava, nascido, vivo! E uma piedade infinita tomou-o violentamente pelo coração, começara a rezar baixo, a pedir, a invocar!...

— Jesus da minha alma! dizia, Jesus da minha alma!

Ajoelhara mesmo, fazia promessas aos santos... Mas os ais dilacerados voltaram. Ele ergueu-se, pôs-se a passear freneticamente; ia à janela ver se alguém estaria em baixo no caminho a escutar; e alucinado escarrava, tossia, julgando sufocar o ruído. Mas não. As violências da dor não cessavam.

— Basta! Basta! Jesus! Não acabará este inferno!

Mas a voz de Amélia subia:

— Ai! Ai! Morro, morro!

E Amaro acusava-se, arrepelava-se, impunha-se penitências terríveis; queria fugir àquelas vozes; foi para o terraço, desceu ao pomar. Mas os gritos secos, duros, vinham-no ferir como flechas. Estava extenuado. Enfim fez-se um silêncio, tornou a subir devagar, tremendo.

515 Parou junto ao casebre em ruínas à beira da estrada, onde devia estar a pessoa que da Barrosa vinha buscar a criança: não se tinha decidido se seria o homem ou a Carlota: e Amaro receava encontrar o anão, para lhe levar o filho, com aqueles olhos raiados dum sangue mau. Falou para dentro, para as trevas do casebre:

520 — Olá!

Foi um alívio quando a clara voz da Carlota disse da negrura:

— Cá está!

— Bem, é esperar, sr.^a Carlota.

525 Estava contente: parecia-lhe que não tinha nada a temer, se o filho partisse aninhado contra aquele robusto seio de quarentona fecunda, tão fresca e tão lavada.

Foi então rondar a casa. Estava apagada e muda, como um empastamento mais denso de sombra naquela lúgubre noite de Dezembro. Nem uma fenda de luz saía das janelas do quarto de Amélia. No ar
530 muito pesado nenhuma folhagem ramalhava. E a Dionísia não aparecia.

Aquela demora torturava-o. Podia passar gente e vê-lo rondar na estrada. Mas repugnava-lhe ir ocultar-se no casebre em ruínas ao pé de Carlota. Foi andando ao comprido do muro do pomar, voltou, — e viu então na porta envidraçada do terraço uma claridade de luz aparecer.

531: gente] gente.

A Dionísia saiu abruptamente do quarto com um embrulho escuro ao colo.

— Aí está. É um rapaz.

Ele deu um pequeno grito, recuou, ficou a olhar.

— Tome, vá. A ama que o leve, que corra. Nasceu bem. Pegue.

Ele estendeu as mãos hesitando.

— Vá, homem.

Amélia gemia dentro.

Ele tomou a criança devagar, e ficou imóvel, tonto, pasmado.

— Vá com os diabos, homem! Mexa-se!

Amaro sentia nos braços uma coisa mole, embrulhada, que gemia baixinho. Deitou a correr pelo terraço, e achou-se na estrada.

Mas então o contacto daquela criança, do seu filho, perturbou-lhe as ideias tão arranjadas, tão firmes. Deixá-lo à porta de um casal! Abandoná-lo! Perdê-lo! Se os cães o mordessem! Se o frio o matasse! Se não ouvissem! Se a criança, gemendo toda a noite, morresse, como um bicho, só, arrefecido, e hirto! E pô-lo nos campos, na humidade da erva! Abandoná-lo! Por aquele frio!

Mas que havia de fazer? Dionísia não tinha leite! Não podia levá-lo para a cidade, dizer claramente: — «Aqui está, é meu filho!» Não podia abandoná-lo! E estava assim, só, no caminho escuro, imóvel, tremendo, aflito, sem ir, sem recuar, quase sem sensibilidade, sentindo vir-lhe debaixo do capote um gemer fraco, fino, e moribundo.

Foi andando devagar. Vinha-lhe a ideia de se matar com a criança, atirar-se ao rio no lugar fundo, ao pé das azenhas. Aquela ideia envolvia-o, enroscava-se nele, reclamava-o; matar-se! Matar-se! Mas que fria devia estar a água! Quanta agonia na morte! E arrepiava-se. E então vinha-lhe um desejo áspero, dilacerante, de voltar para a quinta, para casa, para o bom calor do quarto ao pé de Amélia, meter-lhe o pequerruchinho na cama, agasalhá-lo, beijá-lo devagarinho, e todos três, sós, como no conchego de um céu, sentirem fora a fria noite cair! Que encanto! Mas não podia, era padre! Condenado, maldito, celibatário! Seria o sacrilégio, a excomunhão da Igreja, a prisão, a grilheta! Um vento frio erguera-se, as árvores escuras ramalhavam secamente.

Ia andando lentamente; e de repente, ao voltar, quando do caminho estreito se entra na estrada larga, sentiu atrás de si passos rápidos. Voltou-se. E num terror, num estremeção, num frio de espinha, reconheceu João Eduardo com o seu xale-manta claro. Santo Deus! E não podia voltar, encontrar-se-ia com ele de frente; não podia saltar para os lados da estrada, que era ali de altos aterros abruptos. Tinha de continuar direito pela estrada. Se fugisse? Mas o escrevente era destemido, já o seguira outra noite, reconhecera-o decerto, e, desconfiado já, perseguia-lo-ia, lutariam, e ele tinha ali, sob o capote, encostada ao peito, uma criança embrulhada num xale!

535 Correu para a portinha verde do pomar que quase imediatamente se abriu; e a Dionísia, sem uma palavra, pôs-lhe nos braços um embrulho.

— Morta? perguntou ele.

— Qual! Vivo! Um rapagão!

540 E fechou a porta devagarinho, quando os cães, farejando rumor, começaram a ladrar.

Então o contacto do seu filho, contra o seu peito, desmanchou como um vendaval todas as ideias de Amaro. O quê! Ir dá-lo àquela mulher, à *tecedeira de anjos*, que na estrada o atiraria a algum valado, ou em casa o arremessaria à latrina? Ah! Não, era o seu filho!

545 Mas que fazer, então? Não tinha tempo de correr aos Poiais e acordar a outra ama... A Dionísia não tinha leite... Não o podia levar para

Começou então a andar febrilmente. De vez em quando olhava. Os passos do outro soavam atrás na terra seca. Lembrava-lhe voltar-se, arremessar-se, matá-lo! E o escrevente aproximava-se. Iam encontrar-se. Algumas nuvens corriam sob o vento, e mais limpo o céu estrelado deixava cair uma luz difusa.

Mas a estrada então tinha uma volta, um cotovelo agudo, e ali uma rampa suave, fácil, descia para os campos, para os casais, e para o rio. Desceu a rampa correndo; via a distância a fachada branca do casal do Silvestre. Conhecia-o, e lembrava-lhe o seu cabelo de um loiro avermelhado. Havia árvores ali, vegetações crescidas, sebes. Amaro, encolhido, oculto na negrura das folhagens, quase rastejando, começava a respirar, quando de repente estacou. Parecera que ouvira dizer: — «Olá!»

Ficou a tremer. Talvez tivesse ouvido mal; mas a voz de João Eduardo veio no silêncio, clara:

— Olá! Ó amigo!

Tinha-o visto, tinha-o visto! Espreitou entre as folhagens. Estava perdido; o vulto do escrevente estava parado à beira da rampa na estrada. Parecia-lhe enorme! Se fugisse, se fizesse ruído entre os ramos, ele seguiu-o, correria! Se abandonasse ali nos campos a criança, tudo se revelaria, encontrada por aquele homem, naquelas horas nocturnas. Se se matasse! O rio estava ali com um marulho brando, fundo naquele lugar, com vagos reflexos polidos, e finos como os do aço! Agachou-se, e ficou exausto, inerte, ofegando, todo crispado como um animal perseguido. Não se importava já: podiam vir, que o descobrissem, que o amarrassem, que o matassem! Mas a voz de João Eduardo ergueu-se de novo: — «Olá!» Somente pareceu-lhe, que a voz vinha de mais longe. Então com uma lucidez repentina lembrou-se que a estrada adiante tinha outra volta brusca: João Eduardo decerto o perdera, hesitava. Ergueu-se a espreitar: João Eduardo na estrada, com efeito, ia de uma volta à outra, queria penetrar a escuridão, inclinava-se, duvidava, e de repente deitou a correr pela estrada, dobrou rapidamente a segunda volta, desapareceu. Estava salvo. Veio-lhe uma alegria brutal. Respirou como um homem, que descarregam de um fardo mortal, e desembuçou-se. A criança já não chorava; apalpou-a por baixo do xale, pareceu-lhe morna, como uma carne que vai morrer. Se estivesse morta! Baixou o rosto, desembrulhou-a mais: sentiu um gemido fraco, como o agudo chinar de um rato. Vivia. E então de repente, sem razão, como um trovão que estala, veio-lhe uma ideia: matá-lo! Matá-lo ali! Não raciocinava, não calculava. Sentia só aquela ideia, com uma fixidez dentro da cabeça, que quase lhe fazia uma dor — matá-lo! Era o fim de tudo! Acabavam os sustos, os perigos, as denúncias, as angústias! E veio-lhe um egoísmo terrível, bestial. Aquela criança seria para ele o perigo, o mal, a desonra, o pecado, o crime, a ignomínia. E tinha medo — um medo físico, vil:

a cidade... Oh! Que desejo furioso de bater àquela porta da quinta, precipitar-se para o quarto de Amélia, meter-lhe o pequerruchinho na cama, muito agasalhado, e todos três ficarem ali como no conchego dum céu!

550 Mas quê, era padre! Maldita fosse a religião que assim o esmagava!

De dentro do embrulho saiu um gemido. Correu então para o casebre — quase esbarrou com a Carlota, que se apoderou logo da criança.

— Aí está, disse ele. Mas ouça lá. Isto agora é sério. Agora é outra coisa. Olhe que o não quero morto... É para o tratar. O que se passou
555 não vale... É para o criar! É para viver. Você tem a sua fortuna... Trate dele!...

— Não tem dúvida, não tem dúvida, dizia a mulher apressada.

553-4: outra coisa] outra coisa.

medo que o descobrissem, que o acusassem ao chantre, que lhe voltassem as costas na rua, que o metessem numa enxovia, que o degredassem tiritando de febre no fundo de um porão. Estas ideias vinham-lhe às pontadas, como ferraduras de animais. A perseguição de João Eduardo pusera-lhe no sangue um medo febril. Aquela criança parecia-lhe uma coisa odiosa, que vinha para o acusar, para o caluniar, para o esfomear, para o matar! Tinha vontade de a esganar com as mãos. Olhou em redor; havia um pequeno canavial, que ramalhava ao vento, e a fria água rezuzia vagamente ao pé. Abaixou-se, pôs a criança no chão, abriu o xale; as faixas brancas, uma toalha em que a tinham embrulhado, destacavam na terra escura. Ergueu-se hirto, com os cabelos eriçados. A criança gemia. De repente abaixou-se, tomou um pedregulho, pô-lo sobre a criança, entrouxou tudo num embrulho apertado, agarrou-o convulsamente, atirou-o à água. Aquilo fez *pchah!* Umás rãs saltaram assustadas. Amaro ficou imóvel, gelado, fitando o rio. Agachou-se a escutar, debruçou-se mais sobre a água, e instintivamente mergulhou a mão. A frialdade fê-lo estremecer, ergueu-se de um salto, olhou em redor estupidamente, e de repente deitou a correr ao comprido do rio.

Davam duas horas na Sé quando entrou em casa. Subiu a escada às apalpadelas; o candeeiro estava aceso em cima da mesa; aproximou-se, o *Diário Popular*, que recebia de tarde, estava ainda fechado com a cinta do correio. Abriu-o maquinalmente. Começou a ler a primeira linha do primeiro artigo: «Não há novidades políticas. A última resolução do sr. ministro da Marinha...» releu duas, dez, infinitas vezes aquelas palavras. Quis-se mesmo recordar de quem era o ministro da Marinha. Um móvel deu um pequeno estalo; teve um estremeção, eriçaram-se-lhe os cabelos, não pôde gritar. E ficou hirto, sentindo o coração em pancadas violentas. Então atirou-se para cima da cama, de bruços, e ficou imóvel.

— Escute... A criança não vai bem agasalhada. Ponha-lhe o meu capote.

560 — Vai bem, senhor, vai bem.

— Não vai, com mil diabos! É o meu filho! Há-de levar o capote! Não quero que morra de frio!

Atirou-lho aos ombros com força, traçando-lho sobre o peito, agasalhando a criança; — e a mulher já enfasiada meteu rapidamente pela
565 estrada.

Amaro ficou ali plantado no meio do caminho, vendo o vulto perder-se na negrura. Então todos os seus nervos, depois daquele choque, se relaxaram numa fraqueza de mulher sensível — e rompeu a chorar.

Muito tempo rondou a casa. Mas ela permanecia na mesma escuridão, naquele silêncio que o aterrava. Depois, triste e fatigado, veio voltando para a cidade, quando batiam as dez badaladas na Sé.

A essa hora, na sala de jantar da Ricoça, o doutor Gouveia ceava tranquilamente o frango assado que lhe preparara a Gertrudes, para depois das canseiras do dia. O abade Ferrão, sentado junto da mesa, assistia-lhe à ceia; viera munido dos sacramentos para o caso de haver perigo. Mas o doutor estava satisfeito; durante as oito horas de dores a rapariga mostrara-se corajosa; o parto fora feliz, de resto, e saíra um rapagão que fazia muita honra ao papá.

O bom abade Ferrão baixava castamente os olhos àqueles detalhes, no seu pudor de sacerdote.

— E agora, dizia o doutor trinchando o peito do frango, agora que eu introduzi a criança no mundo, os senhores (e quando digo os senhores, quero dizer a Igreja) apoderam-se dele e não o largam até à morte. Por outro lado, ainda que menos sofregamente, o Estado não o perde de
585 vista... É aí começa o desgraçado a sua jornada do berço à sepultura, entre um padre e um cabo de polícia!

O abade curvou-se, e tomou uma estrondosa pitada preparando-se para a controvérsia.

— A Igreja, continuava o doutor com serenidade, começa, quando a pobre criatura ainda nem tem sequer a consciência da vida, por lhe impor uma religião...

O abade interrompeu, meio sério, meio rindo:

— Ó doutor, ainda que não seja senão por caridade com a sua alma, devo adverti-lo que o sagrado Concílio de Trento, cânon décimo terceiro,

595 comina a pena de excomunhão contra todo o que disser que o baptismo é nulo, por ser imposto sem a aceitação da razão.

— Tomo nota, abade. Eu estou acostumado a essas amabilidades do Concílio de Trento para comigo e outros colegas...

— Era uma assembleia respeitável! acudiu o abade já escandalizado.

600 — Sublime, abade. Uma assembleia sublime. O Concílio de Trento e a Convenção foram as duas mais prodigiosas assembleias de homens que a terra tem presenciado...

O abade fez uma visagem de repugnância àquele cotejo irreverente entre os santos autores da doutrina e os assassinos do bom rei Luís XVI.

605 Mas o doutor prosseguiu:

— Depois, a Igreja deixa a criança em paz algum tempo enquanto ela faz a sua denteição e tem o seu ataque de lombrigas...

610 — Vá, vá, doutor! murmurava o abade, escutando-o pacientemente, de olhos cerrados — como significando «anda, anda, enterra bem essa alma no abismo de fogo e pez!»

— Mas quando se manifestam no pequeno os primeiros sintomas de razão, continuava o doutor, quando se torna necessário que ele tenha, para o distinguir dos animais, uma noção de si mesmo e do universo, então entra-lhe a Igreja em casa e explica-lhe tudo! Tudo! Tão completamente, que um gaiato de seis anos que não sabe ainda o *b-a-bá* tem uma ciência mais vasta, mais certa, que as reais academias combinadas de Londres, Berlim e Paris! O velhaco não hesita um momento para dizer como se fez o universo e os seus sistemas planetários; como apareceu na terra a criação; como se sucederam as raças; como passaram as revoluções geológicas do globo; como se formaram as línguas; como se inventou a escrita... Sabe tudo: possui completa e imutável a regra para dirigir todas as acções e formar todos os juízos; tem mesmo a certeza de todos os mistérios; ainda que seja míope como uma toupeira vê o que se passa na profundidade dos céus e no interior do globo; conhece, como se não tivesse feito senão assistir a esse espectáculo, o que lhe há-de suceder depois de morrer... Não há problema que não decida... E quando a Igreja tem feito deste marmanjo uma tal maravilha de saber, manda-o então aprender a ler... O que eu pergunto é: para quê?

A indignação tinha emudecido o abade.

620 — Diga lá, abade, para que os mandam os senhores ensinar a ler? Toda a ciência universal, o *res scibilis*, está no Catecismo: é meter-lho na memória, e o rapaz possui logo a ciência e consciência de tudo... Sabe tanto como Deus... De facto, é Deus mesmo.

O abade pulou.

635 — Isso não é discutir, exclamou, isso não é discutir!... Isso são chalaças à Voltaire! Essas coisas devem-se tratar mais de alto...

— Como chalaças, abade? Tome um exemplo: a formação das línguas. Como se formaram? Foi Deus, que descontente com a Torre de Babel...

640 Mas a porta da sala abriu-se, e apareceu a Dionísia. Havia pouco o doutor tinha-lhe dado uma desanda no quarto de Amélia; e agora a matrona falava-lhe sempre encolhida de terror.

— Senhor doutor, disse ela no silêncio que se fez, a menina acordou e diz que quer o filho.

— E então? A criança levaram-na, não?

645 — A criança levaram-na... disse a Dionísia.

— Bem, acabou-se...

Dionísia ia fechar a porta, mas o doutor chamou-a.

650 — Ouça lá, diga-lhe que a criança vem amanhã... Que amanhã sem falta que lha trazem. Minta. Minta como um cão; aqui o senhor abade dá licença... Que durma, que sossegue.

A Dionísia retirou-se. Mas a controvérsia não recomeçou: diante daquela mãe que acordava depois da fadiga do parto e reclamava o seu filho, o filho que lhe tinham levado para longe e para sempre, os dois velhos esqueceram a Torre de Babel e a formação das línguas. O abade sobretudo parecia comovido. Mas o doutor não tardou, sem piedade, a lembrar-lhe que eram aquelas as consequências da situação do padre na sociedade...

O abade baixou os olhos, ocupado na sua pitada, sem responder, como ignorando que houvesse um padre naquela história infeliz.

660 O doutor então, seguindo a sua ideia, discursou contra a preparação e educação eclesiástica.

665 — Afí tem o abade uma educação dominada inteiramente pelo absurdo: resistência às mais justas solicitações da natureza, e resistência aos mais elevados movimentos da razão. Preparar um padre é criar um monstro que há-de passar a sua desgraçada existência numa batalha desesperada contra os dois factos irresistíveis do universo — a força da Matéria e a força da Razão!

— Que está o senhor a dizer? exclamou assombrado o abade.

636: Essas coisas} Essas cousas

653: os dois} os deus

666: os dois} os deus

— Estou a dizer a verdade. Em que consiste a educação dum sacerdote? *Primo*: em o preparar para o celibato e para a virgindade; isto é, para a supressão violenta dos sentimentos mais naturais. *Secundo*: em evitar todo o conhecimento e toda a ideia que seja capaz de abalar a fé católica; isto é, a supressão forçada do espírito de indagação e de exame, portanto de toda a ciência real e humana...

O abade erguera-se, ferido duma piedosa indignação:

— Pois o senhor nega à Igreja a ciência?

— Jesus, meu caro abade, continuou tranquilamente o doutor, Jesus, os seus primeiros discípulos, o ilustre S. Paulo representaram em parábolas, em epístolas, num prodigioso fluxo labial, que as produções do espírito humano eram inúteis, pueris, e sobretudo perniciosas...

O abade passeava pela sala, indo contra um e outro móvel como um boi espicaçado, apertando as mãos na cabeça na desolação daquelas blasfémias: não se conteve, gritou:

— O senhor não sabe o que diz!... Perdão, doutor, peço-lhe humildemente perdão... O senhor faz-me cair em pecado mortal... Mas isso não é discutir... Isso é falar com a leviandade dum jornalista...

Lançou-se então com calor numa dissertação sobre a sabedoria da Igreja, os seus altos estudos gregos e latinos, toda uma filosofia criada pelos santos padres...

— Leia S. Basílio! exclamou. Lá verá o que ele diz dos estudos dos autores profanos, que são a melhor preparação para os estudos sagrados! Leia a *História dos mosteiros na meia idade*! Era lá que estava a ciência, a filosofia...

— Mas que filosofia, senhor, mas que ciência! Por filosofia meia dúzia de concepções dum espírito mitológico, em que o misticismo é posto em lugar dos instintos sociais... E que ciência! Ciência de comentadores, ciência de gramáticos... Mas vieram outros tempos, nasceram ciências novas que os antigos tinham ignorado, a que o ensino eclesiástico não oferecia nem base nem método, estabeleceu-se logo o antagonismo entre elas e a doutrina católica!... Nos primeiros tempos, a Igreja ainda tentou suprimi-las pela perseguição, a masmorra, o fogo! Escusa de se torcer, abade... O fogo, sim, o fogo e a masmorra. Mas agora não o pode fazer e limita-se a vituperá-las em mau latim... É no entanto continua a dar nos seus seminários e nas suas escolas o ensino do passado, o ensino anterior a essas ciências, ignorando-as, e desprezando-as, refugiando-se na escolástica... Escusa de apertar as mãos na cabeça... Estranha ao espírito moderno, hostil nos seus princípios e nos seus métodos ao desenvolvi-

mento espontâneo dos conhecimentos humanos... O senhor não é capaz de negar isto! Veja o *Syllabus* no seu cânon terceiro excomungando a Razão... No seu cânon décimo terceiro...

A porta abriu-se timidamente; era ainda a Dionísia:

— A pequena está a choramingar, diz que quer a criança.

— Mau, mau! disse o doutor.

E depois dum momento:

— Que tal aspecto tem ela? Está corada? Está inquieta?

— Não senhor, está bem. Só a choramingar, a falar no pequeno...

Diz que o quer hoje por força...

— Converse com ela, distraia-a... Veja se ela adormece...

A Dionísia retirou-se; e o abade logo com cuidado:

— Ó doutor, supõe que lhe possa fazer mal o afligir-se?

— Pode-lhe fazer mal, abade, pode — disse o doutor que rebuscava na sua farmácia portátil. Mas eu vou-a fazer dormir... Pois é verdade, a Igreja hoje é uma intrusa, abade!

O abade tornou a levar as mãos à cabeça.

— Escusa de ir mais longe, abade. Veja a Igreja em Portugal. É grato observar-lhe o estado de decadência...

Pintou-lho a largos traços, de pé, com o seu frasco na mão. A Igreja fora a Nação; hoje era uma minoria tolerada e protegida pelo Estado. Dominara nos tribunais, nos conselhos da Coroa, na Fazenda, na Armada, fazia a guerra e a paz; hoje um deputado da maioria tinha mais poder que todo o clero do reino. Fora a ciência no país; hoje tudo o que sabia era algum latim macarrónico. Fora rica, tinha possuído no campo distritos inteiros e ruas inteiras na cidade; hoje dependia para o seu triste pão diário do ministro da Justiça, e pedia esmola à porta das capelas. Recrutara-se entre a nobreza, entre os melhores do reino; e hoje, para reunir um pessoal, via-se no embaraço e tinha de o ir buscar aos enjeitados da Misericórdia. Fora a depositária da tradição nacional, do ideal colectivo da pátria; e hoje, sem comunicação com o pensamento nacional (se é que o há) era uma estrangeira, uma cidadã de Roma, recebendo de lá a lei e o espírito...

— Pois se está assim tão prostrada, mais uma razão para a amar! — disse o abade, erguendo-se escarlate.

Mas a Dionísia tinha de novo aparecido à porta.

— Que temos mais?

719: retirou-se;] retirou-se!

745 — A menina está a queixar-se dum peso na cabeça. Diz que sente faíscas diante dos olhos...

O doutor então imediatamente, sem uma palavra, seguiu a Dionísia. O abade, só, passeava pela sala ruminando toda uma argumentação erigida de textos, de nomes formidáveis de teólogos, que ia fazer desabar sobre o doutor Gouveia. Mas, meia hora passou, a luz do candeeiro ia esmorecendo, e o doutor não voltou.

Então aquele silêncio da casa, onde só o som dos seus passos sobre o soalho da sala punha uma nota viva, começou a impressionar o velho. Abriu a porta devagarinho, escutou; mas o quarto de Amélia era muito afastado, ao fim da casa, ao pé do terraço; não vinha de lá nem rumor nem luz. Recomeçou o seu passeio solitário na sala, numa tristeza indefinida que o ia invadindo. Desejaria bem ir ver também a doente; mas o seu carácter, o pudor sacerdotal não lhe permitiam aproximar-se sequer duma mulher no leito, em trabalho de parto, a não ser que o perigo reclamasse os sacramentos. Outra hora mais longa, mais fúnebre, passou. Então, em pontas de pés, corando na escuridão daquela audácia, foi até ao meio do corredor: agora, aterrado, sentia no quarto de Amélia um ruído confuso e surdo de pés movendo-se vivamente no soalho, como numa luta. Mas nem um *ai*, nem um grito. Recolheu à sala, e abrindo o seu Breviário começou a rezar. Sentiu os chinelos da Gertrudes passarem rapidamente, numa carreira. Ouviu uma porta a distância bater. Depois o arrastar no soalho duma bacia de latão. E enfim o doutor apareceu.

A sua figura fez empalidecer o abade: vinha sem gravata, com o colarinho espedaçado; os botões do colete tinham saltado; e os punhos da camisa, voltados para trás, estavam todos manchados de sangue.

— Alguma coisa, doutor?

O doutor não respondeu, procurando rapidamente pela sala o seu estojo, com a face animada dum calor de batalha. Ia já sair com o estojo, mas lembrando-lhe a pergunta ansiosa do abade:

775 — Tem convulsões, disse.

O abade então deteve-o à porta, e muito grave, muito digno:

— Doutor, se há perigo, peço-lhe que se lembre... É uma alma cristã em agonia, e eu estou aqui.

748: sala] sala.

771: — Alguma coisa.] — Alguma coisa.

— Certamente, certamente...

780 O abade tornou a ficar só, esperando. Tudo dormia na Ricoça, D. Josefa, os caseiros, a quinta, os campos em redor. Na sala, um relógio de parede, enorme e sinistro, que tinha no mostrador a carranca do Sol e em cima sobre o caixilho a figura esculpida em pau duma coruja pensativa, um móvel de castelo antigo, bateu a meia-noite, depois uma
785 hora. O abade a cada momento ia até ao meio do corredor: era o mesmo rumor de pés numa luta; outras vezes um silêncio tenebroso. Voltava então para o seu Breviário. Meditava naquela pobre rapariga que, além no quarto, estava talvez no momento que ia decidir da sua eternidade: não tinha ao pé nem a mãe, nem as amigas: na memória apavorada devia
790 passar-lhe a visão do pecado: diante dos olhos turvos aparecia-lhe a face triste do Senhor ofendido: as dores contorciam o seu corpo miserável: e na escuridão em que ia penetrando, sentia já o hálito ardente da aproximação de Satanás. Temeroso fim do tempo e da carne! — Então rezava fervorosamente por ela.

795 Mas depois pensava no outro que fora uma metade do seu pecado, e que agora na cidade, estirado na cama, ressonava tranquilamente. E rezava então também por ele.

Tinha sobre o Breviário um pequeno crucifixo. E contemplava-o com amor, abismava-se enternecido na certeza da sua força, contra a qual
800 era bem pouca a ciência do doutor e todas as vaidades da razão! Filosofias, ideias, glórias profanas, gerações e impérios passam: são como os suspiros efémeros do esforço humano: só ela permanece e permanecerá, a cruz — esperança dos homens, confiança dos desesperados, amparo dos frágeis, asilo dos vencidos, força maior da humanidade: *crux triumphus adversus demonios, crux oppugnatorum murus...*
805

Então o doutor entrou, muito escarlate, vibrante daquela tremenda batalha que estava dando lá dentro à morte; vinha buscar outro frasco; mas abriu a janela, sem uma palavra, para respirar um momento uma golfada de ar fresco.

810 — Como vai ela? perguntou o abade.

— Mal, disse o doutor saindo.

O abade, então, ajoelhou, balbuciou a oração de S. Fulgêncio:

— Senhor, dá-lhe primeiro a paciência, dá-lhe depois a misericórdia...

815 E ali ficou, com a face nas mãos, apoiado à beira da mesa.

A um rumor de passos na sala ergueu a cabeça. Era a Dionísia, que suspirava, recolhendo todos os guardanapos que encontrava nas gavetas do aparador.

— Então, senhora, então? perguntou-lhe o abade.

820 — Ai, senhor abade, está perdidinha... Depois das convulsões que foram de arrear, caiu naquele sono, que é o sono da morte...

E olhando para todos os cantos como para se assegurar da solidão, disse muito excitada:

825 — Eu não quis dizer nada... Que o senhor doutor tem um génio!... Mas sangrar a rapariga naquele estado é querer matá-la... Que ela tinha perdido pouco sangue, é verdade... Mas nunca se sangra ninguém em semelhante momento. Nunca, nunca!

— O senhor doutor é homem de muita ciência...

830 — Pode ter a ciência que quiser... Eu também não sou nenhuma tola... Tenho vinte anos de experiência... Nunca me morreu nenhuma nas mãos, senhor abade... Sangrar em convulsões? Até causa horror!...

Estava indignada. O senhor doutor tinha torturado a criaturinha. Até lhe quisera administrar clorofórmio...

835 Mas a voz do doutor Gouveia berrou por ela do fundo do corredor — e a matrona abalou, com o seu molho de guardanapos.

O medonho relógio, com a sua coruja pensativa, bateu as duas horas, depois as três... O abade, agora, cedia a espaços a uma fadiga de velho, cerrando um momento as pálpebras. Mas resistia bruscamente: ia respirar o ar pesado da noite, olhar aquela treva de toda a aldeia; e voltava a sentar-se, a murmurar, com a cabeça baixa, as mãos postas sobre o Breviário:

840 — Senhor, volta os teus olhos misericordiosos para aquele leito de agonia...

Foi então Gertrudes que apareceu comovida. O senhor doutor mandara-a abaixo acordar o moço para pôr a égua ao *cabriolet*.

845 — Ai, senhor abade, pobre criaturinha! Ia tão bem, e de repente isto... Que foi por lhe tirarem o filho... Eu não sei quem é o pai, mas o que sei é que nisto tudo anda um pecado e um crime!...

O abade não respondeu, orando baixo pelo padre Amaro.

O doutor então entrou com o seu estojo na mão:

850 — Se quiser, abade, pode ir, disse.

Mas o abade não se apressava, olhando o doutor, com uma pergunta a bailar-lhe nos lábios entreabertos, e retendo-a por timidez: enfim, não se conteve, e num tom de medo:

— Fez-se tudo, não há remédio, doutor?

855 — Não.

838: bruscamente:] bruscamente;

— É que nós, doutor, não devemos aproximar-nos duma mulher em parto ilegítimo senão num caso extremo...

— Está num caso extremo, senhor abade, disse o doutor, vestindo já o seu grande casacão.

860 O abade então recolheu o Breviário, a cruz — mas antes de sair, julgando do seu dever de sacerdote pôr diante do médico racionalista a certeza da eternidade mística que se desprende do momento da morte, murmurou ainda:

865 — É neste instante que se sente o terror de Deus, o vão do orgulho humano...

O doutor não respondeu, ocupado a afivelar o seu estojo.

O abade saiu — mas, já no meio do corredor, voltou ainda, e falando com inquietação:

870 — O doutor desculpe... Mas tem-se visto, depois dos socorros da religião, os moribundos voltarem a si de repente, por uma graça especial... A presença do médico então pode ser útil...

— Eu ainda não vou, ainda não vou, disse o doutor, sorrindo involuntariamente de ver a presença da Medicina reclamada para auxiliar a eficácia da Graça.

875 Desceu, a ver se estava pronto o *cabriolet*.

Quando voltou ao quarto de Amélia, a Dionísia e a Gertrudes, de rojos ao lado da cama, rezavam. O leito, todo o quarto estava revolvido como um campo de batalha. As duas velas consumidas extinguíam-se. Amélia estava imóvel, com os braços hirtos, as mãos crispadas duma cor de púrpura escura — e a mesma cor mais arroxeadada cobria-lhe a face rígida.

E debruçado sobre ela, com o crucifixo na mão, o abade dizia ainda, numa voz de angústia:

885 — *Jesu, Jesu, Jesu!* Lembra-te da graça de Deus! Tem fé na misericórdia divina! Arrepende-te no seio do Senhor! *Jesu, Jesu, Jesu!*

Por fim, sentindo-a morta, ajoelhou, murmurando o *Miserere*. O doutor que ficara à porta retirou-se devagarinho, atravessou em bicos de pés o corredor, e desceu à rua, onde o moço segurava a égua atrelada.

— Vamos ter água, senhor doutor, disse o rapaz bocejando de sono.

890 O doutor Gouveia ergueu a gola do paletot, acomodou o seu estojo no assento — e daí a um momento o *cabriolet* rodava surdamente pela estrada, sob a primeira pancada de chuva, cortando a escuridão da noite com o clarão vermelho das suas duas lanternas.

Nessa mesma manhã João Eduardo, ao ir para a quinta do Morgadinho, às nove horas, passou pelo Largo da Sé, entrou na igreja.

Na véspera parecera-lhe reconhecer enfim o pároco na estrada. Tinha-o seguido de perto até ao primeiro cotovelo da estrada; e de repente ele desaparecera como dissipado nas sombras da noite; gritara três vezes olá, olá, sem saber porquê. Suspeitara, que ele tivesse saltado pela rampa da estrada, e estivesse agachado nos campos; mas hesitara, viera-lhe uma fraqueza, um acanhamento; depois decidira seguir ao comprido da estrada. Ninguém! Passara a noite numa desesperação — e naquela manhã vinha à igreja, sem razão, instintivamente, com a vaga esperança de encontrar ali alguma coisa da certeza, que desejava.

Mas logo ao deixar cair o pesado reposteiro de pano vermelho teve uma surpresa: ao pé de um dos altares laterais pareceu-lhe ver agrupada uma das antigas reuniões da casa da S. Joaneira: estavam todos os conhecidos de então — a sr.^a D. Maria da Assunção sorrindo em redor como uma dona de casa aos seus convidados; a sr.^a D. Joaquina Gansoso perfilada no seu mantelete preto; a irmã na sua perpétua sonolência de carneiro doente; Libaninho com o seu rosário, e a sua cara amarelada; e o sr. Artur Couceiro, de quinzena alvadia, o chapéu desabado debaixo do braço, a grenha hirsuta, gracejando, todo curvado para as duas sobrinhas do padre Natário, que abafavam os seus risinhos, todas vermelhas, sob os seus chapéus de palha e pluma azul.

Mas então arrastaram cadeiras, cada um se endireitou gravemente, e o padre Amaro entrou devagar, revestido, com os olhos baixos, o cálice na mão. Houve um folhear de livros de missa, um *frou-frou* de vestidos acamados — e Amaro, depois de ter aberto o missal, desceu lentamente os três degraus do altar, persignou-se alto, e, pondo as mãos, com os braços juntos ao peito, na atitude ritual, disse, com a voz um pouco rouca:

— *Introibo ad altarem Dei.*

O sacristão resmungou um *Juventutem meam.*

Algumas velhas, que rezavam espalhadas pela igreja junto às estações do caminho da cruz, vendo começar uma missa, tinham-se erguido, e, com passos fofos, vinham ajoelhar com grande devoção. Outras pessoas entraram, e em redor do altar foi-se formando um grupo ajoelhado, onde destacavam os lenços de lavadeiras, a calva de um velho todo trémulo, as toucas de rendas pretas de beatas decrépitas.

— *Oremus,* disse Amaro, separando as mãos, e tornando-as a juntar.

E, todo curvado sobre o altar, com as mãos apoiadas à beira da toalha, os cotovelos salientes, ficou imóvel, parecendo orar.

1-51: Nessa mesma manhã [...] e saiu da igreja.

XXIV

Ao outro dia desde as sete da manhã, o padre Amaro esperava a Dionísia em casa, postado à janela, com os olhos cravados na esquina da rua, sem reparar na chuva miudinha que lhe fustigava a face. Mas a Dionísia não aparecia: e ele teve de partir para a Sé, amargurado e doente,
5 a baptizar o filho do Guedes.

Foi uma pesada tortura para ele ver aquela gente alegre que punha na gravidade da Sé, mais sombria por esse escuro dia de Dezembro, todo um rumor mal contido de regozijo doméstico e de festa paterna; o papá Guedes resplandecente de casaca e gravata branca, o padrinho compenetrado com uma grande camélia ao peito, as senhoras de gala, e sobretudo
10 a parteira rechonchuda, passeando com pompa um montão de rendas engomadas e de laçarotes azuis onde mal se percebiam duas bochechinhas trigueiras. Ao fundo da igreja, com o pensamento bem longe na Ricoça e na Barrosa, foi engrolando à pressa as cerimónias: soprando em cruz
15 sobre a face do pequerrucho para expulsar o Demónio que já habitava aquelas carinhas tenras; impondo-lhe o sal sobre a boca para que ele se desgostasse para sempre do sabor amargo do pecado e tomasse gosto a

Sem saber porquê, João Eduardo sentia uma vaga indignação; parecia-lhe uma profanação, um sacrilégio imenso, o estar ali aquele homem, tranquilamente, celebrando a missa. Parecia-lhe que *alguém*, não sabia quem, Cristo talvez, a mesma igreja, os seus santos o deviam repelir do altar, arrancar-lhe a estola, precipitá-lo num abismo maldito! Esperava a cada momento ver a missa interrompida, e o padre debater-se com as suas vestes despedaçadas, arrastado para o castigo, para a expiação — não sabia bem se por dois anjos, se por dois beleguins!

Sentia confusamente que aquilo não devia ser, aquele padre orando diante daquele altar! E olhava em redor: a vasta igreja tinha um ar alegre, com a luz larga, branca, que vinha das altas janelas laterais; e parecia-lhe então, que todo o grande edifício, com as suas fortes colunas de pedra caiada, a triste capela do Santíssimo com a cortina escarlate corrida, o baptistério num recanto sombrio onde vagos doirados tremeluziam, a fila de bancadas dos cônegos com o seu ar catedrático, o altar-mor com os seus altos ramos artificiais aguçados, o sacrário reluzindo entre relevos de pau doirado, os tocheiros enormes onde a cera fazia estalactites lúgubres, os altares com as suas toalhas brancas, as promessas de cera pendentes ao lado por fitas cor-de-rosa, o púlpito sob o seu dossel de damasco escarlate, a larga cúpula onde entre as janelas triangulares estavam pintados os profetas em atitudes ferozes — todo aquele vasto templo tinha com aquele padre uma cumplicidade amigável!

Sentia isto confusamente, — e no entanto a missa seguia.

— *Sanctus, sanctus, sanctus, Dominum Deus, sabaoth.*

E o sacristão deu os três toques de campainha.

Amaro beijava a toalha, punha as mãos, repetia os sinais da cruz sobre a hóstia, sobre o cálice. As suas atitudes, os seus gestos, a sua inflexão eram graves, compassadas. Ia a elevar a hóstia. O sacristão ajoelhou-se por trás, sustentava-lhe com uma das mãos a pesada capa doirada, com

nutrir-se só da verdade divina; tocando-o com saliva nas orelhas e nas
narinas, para que ele não escutasse jamais as solicitações da carne e ja-
20 mais respirasse os perfumes da terra. E em roda, com tochas na mão, os
padrinhos, os convidados, na fadiga que davam tantos latins rosnados à
pressa, só se ocupavam do pequeno, num receio que ele não respondesse
com algum desacato impudente às tremendas exortações que lhe fazia a
Igreja sua Mãe.

25 Amaro, então, pondo de leve o dedo sobre a touquinha branca, exigiu
do pequerrucho que ele, ali em plena Sé, renunciasse para sempre a Sa-
tanás, às suas pompas e às suas obras. O sacristão Matias, que dava em
latim as respostas rituais, renunciou por ele — enquanto o pobre
pequerrucho abria a boquinha a procurar o bico da mama. Enfim o pároco
30 dirigiu-se à pia baptismal seguido de toda a família, das velhas devotas
que se tinham juntado, de gaiatos que esperavam uma distribuição de
patacos. Mas foi toda uma atrapalhão para fazer as unções: a parteira
comovida não atinava a desapertar os laçarotes do chambre, para pôr a
nu os ombrozinhos, o peito do pequeno; a madrinha quis ajudá-la; mas
35 deixou escorregar a tocha, alastrou de cera derretida o vestido duma
senhora, uma vizinha dos Guedes, que ficou embezerrada de raiva.

a outra tinha a campainha um pouco erguida, preparada. Amaro com os cotovelos sobre a toalha, todo prostrado contra o altar, segurando delicadamente a hóstia, pronunciou a consagração:

— *Hoc est enim corpus meum.*

A campainha tocou três vezes espaçadamente, sentiam-se bater as mãos concavamente nos peitos.

João Eduardo via, na grande luz da igreja, para além do grupo prostrado e ajoelhado das devotas, de pé sobre o altar, Amaro, com a sua capa doirada, a coroa saliente sobre o seu cabelo preto, elevando a hóstia com os braços erguidos; e por cima entre os vasos, e os castiçais de prata uma Nossa Senhora de rosto envernizado, uma coroa de rei sobre os seus cabelos pretos, um manto azul, direito, constelado como um firmamento, sustentava nos seus braços um Menino Jesus, de uma cor luzidia de pérola, que sorria a Amaro, tendo na mão como uma péla, o globo do mundo. E enquanto a campainha retinia, João Eduardo via a hóstia branca, e baça erguida, imóvel! Virou as costas e saiu da igreja.

— *Franciscus, credis?* — perguntava Amaro.

O Matias apressou-se a afirmar, em nome de Francisco:

— *Credo.*

40 — *Franciscus, vis baptisari?*

O Matias:

— *Volo.*

Então a água lustral caiu sobre a cabecinha redonda como um melão tenro: a criança agora perneava numa perrice.

45 — *Ego te baptiso, Franciscus, in nomine Patris... et Filiis... et Spiritus Sancti...*

Enfim, acabara! Amaro correu à sacristia a desvestir-se — enquanto a parteira grave, o papá Guedes, as senhoras enternecidas, as velhas devotas e os gaiatos saíam ao repique dos sinos; e agachados sob os guarda-chuvas, chapinhando a lama, lá iam levando em triunfo Francisco, o novo cristão.

45: *Patris... et Filiis...*] *Patris... Filiis* / [*Espiritus: conforme 1889*]

49: gaiatos] gaiatos.

XXVI

No dia seguinte Amaro levantou-se às sete horas da manhã, abriu a janela. O dia estava cheio de um sol alegre, e fino. O azul tinha uma cor fresca, lavada, e os telhados escuros, as chaminés destacavam na luz com contornos de uma grande nitidez. Era dia de mercado; a rua estava cheia de gente das freguesias.

Amaro ia a vestir-se, quando sentiu na cozinha rumor de vozes, e o seu nome; a porta do quarto abriu-se atirada violentamente, e Dionísia entrou, amarela, envelhecida, os olhos vermelhos, o cabelo todo esgadelhado debaixo do lenço, sufocada de ter corrido. E imediatamente, abrindo os braços, com a voz estrangulada, exclamou baixo:

— Morreu!

Amaro, de pé no meio do quarto, abriu extraordinariamente os olhos, sem compreender.

E Dionísia, toda aflita:

— Esta madrugada começou a falar alto, a disparatar, de repente leva as mãos à cabeça, arrepela-se. Eu começo a gritar: Menina Amélia! Menina Amélia! Dá-lhe uma coisa. Eu chamo. Estava morta!

Amaro esteve um momento imóvel, fitando-a, fez-se muito amarelo, abriu os braços como para se amparar, e caiu inerte no chão.

Dionísia gritou, a irmã veio, atiraram-lhe um jarro de água, molharam-lhe as fontes com vinagre, arrastaram-no para cima da cama. Dali a pouco ergueu os olhos, levantou-se sobre os cotovelos. Viu Dionísia, que estava sentada à beira da cama, e deixou-se cair sobre o travesseiro com um choro dilacerado, angustioso, despedaçado de soluços, frenético. Mas depois ficou tranquilo, com o rosto todo escondido nos braços, estendido, e imóvel. A Dionísia e a criada não sabiam se teria adormecido. Andavam nas pontas dos pés. Por fim vendo-o tão sossegado correram as portadas das janelas, fecharam devagarinho a porta do quarto, e foram para a cozinha, falando baixo, aterradas, como no quarto onde há um moribundo.

Amaro galgou os degraus de casa com o pressentimento que ia encontrar a Dionísia.

Lá estava, com efeito, sentada no quarto, esperando-o, amarrotada, enxovalhada da luta da noite e da lama da estrada: e apenas o viu começou a choramingar.

— Que é, Dionísia?

Ela rompeu em soluços, sem responder.

— Morta! exclamou Amaro.

— Ai, fez-se-lhe tudo, filho, fez-se-lhe tudo! gritou enfim a matrona. Amaro tombou para os pés da cama como morto também.

A Dionísia berrou pela criada. Inundaram-lhe a face de água, de vinagre. Ele recuperou-se um pouco, muito pálido: afastou-as com a mão, sem falar; e atirou-se de bruços para sobre o travesseiro, num choro desesperado, — enquanto as duas mulheres consternadas iam recolhendo à cozinha.

— Parece que tinha muita amizade à menina, começou a Escolástica, falando baixo como na casa dum moribundo.

— Costume de ir por lá. Foi hóspede tanto tempo... Ai, eram como irmãos... — disse a Dionísia, ainda chorosa.

Falaram então de doenças de coração — porque a Dionísia contara à Escolástica que a pobre menina tinha morrido dum aneurisma rebentado. A Escolástica também sofria do coração; mas nela eram flatos, dos maus tratos que lhe dera o marido... Ah, tinha sido bem infeliz também!

— Vossemecê toma uma gotinha de café, sr.^a Dionísia?

— Olhe, a falar a verdade, sr.^a Escolástica, tomava uma gotinha de jeropiga...

A Escolástica correu à taberna ao fim da rua, trouxe a jeropiga num copo de quartilho debaixo do avental: e ambas à mesa, uma molhando sopas no café, outra escorropichando o copo, concordavam, com suspiros, que neste mundo tudo eram sustos e lágrimas.

52: casa] casa.

63: pálido:] pálido;

Era meio-dia quando Amaro chamou a criada. Ela veio choramingando, encontrou-o de pé, vestido de batina, com os olhos secos, os lábios manchados de sangue, duas rosetas escarlates nas faces, o nariz afilado. Tinha aberto a vidraça. O sol entrava alegre, tépido. A rua estava cheia de rumor de tamancos, e de vozes.

— Teresa, disse ele — e a sua voz tinha uma estranha rouquidão — vá-me alugar um cavalo para Chão de Maçãs. Vou tomar o comboio das onze horas.

— Mas há diligência às seis, murmurou ela.

— Não quero ir na diligência.

Deram onze horas: e a Escolástica pensava em levar um caldo ao senhor pároco, quando ele chamou de dentro. Estava de chapéu alto, com o casaco abotoado, os olhos vermelhos como carvões...

85 — Escolástica, vá a correr ao Cruz que me mande um cavalo... Mas depressa.

Chamou então a Dionísia: e sentado ao pé dela, quase contra os joelhos da mulher, com a face rígida e lívida como um mármore, escutou em silêncio a história da noite — as convulsões de repente, tão fortes
90 que ela, a Gertrudes e o senhor doutor mal a podiam segurar! O sangue, as prostrações em que caía! Depois a ansiedade da asfixia que a fazia tão roxa como a túnica duma imagem...

Mas o moço do Cruz chegara com o cavalo. Amaro tirou duma gaveta, de entre roupa branca, um pequeno crucifixo, deu-o à Dionísia
95 que ia voltar à Ricoça para ajudar a amortilhar a menina.

— Que lhe ponham este crucifixo no peito, tinha-mo ela dado...

Desceu, montou; e apenas na estrada da Barrosa despediu a galope. Não chovia, agora; e entre as nuvens pardas algum raio fraco do sol de Dezembro fazia brilhar a relva, as pedras molhadas.

100 Quando chegou ao pé do poço entulhado, donde se avistava a casa de Carlota, teve de parar, para deixar passar um longo rebanho de ovelhas que tomava o caminho; e o pastor, com uma pele de cabra ao ombro e a borracha a tiracolo, fez-lhe lembrar de repente Feirão, toda a vida passada, que lhe voltava por fragmentos bruscos — aquelas paisagens afo-
105 gadas nos vapores pardacentos da serra; a Joana rindo estupidamente dependurada da corda do sino; as suas ceias de cabrito assado na Gralheira, com o abade, defronte da chaminé, onde a lenha verde estalava; os longos dias em que se desesperava na tristeza da residência, vendo fora sem cessar cair a neve... E veio-lhe um desejo ansioso dessas solidões da serra,
110 dessa existência de lobo, longe dos homens e das cidades, sepultado lá com a sua paixão.

A porta da Carlota estava fechada. Bateu, foi de roda chamar, atirando a voz por cima do telhado dos currais, para o pátio, onde sentia cacarejar os galos. Ninguém respondeu. Seguiu então pelo caminho da
115 aldeia, levando a égua pela arreata; parou na taberna, onde uma mulher

94: crucifixo, deu-o] crucifixo, e deu-o

103: borracha a] borracha ao

obesa fazia meia sentada à porta. Dentro, no escuro da baiuca, dois homens com os seus quartilhos ao lado, batiam as cartas numa bisca renhida; e um rapazola duma amarelidão de sezões, com um lenço amarrado na cabeça, olhava-lhes o jogo tristemente.

120 A mulher tinha justamente visto passar a sr.^a Carlota, que até parara a comprar um quartilho de azeite. Devia estar em casa da Micaela, ao adro. Chamou para dentro; uma rapariguita vesga apareceu detrás da sombra das pipas.

125 — Corre, vai à Micaela, dize à sr.^a Carlota que está aqui um senhor da cidade.

Amaro voltou para a porta da Carlota, esperou sentado numa pedra, com o seu cavalo pela rédea. Mas aquela casa fechada e muda aterrava-o. Foi pôr o ouvido à fechadura, na esperança de ouvir um choro, uma rabuge de criança. Dentro pesava um silêncio de caverna abandonada. Mas tranquilizava-o a ideia que a Carlota teria levado a criança consigo, para a Micaela. Devia realmente ter perguntado à mulher na taberna, se a Carlota trazia uma criança ao colo... E olhava a casa bem caiada, com a sua janela em cima que tinha uma cortininha de cassa, um luxo tão raro naquelas freguesias pobres; recordava a boa ordem, o escarolado da louça da cozinha... Decerto, o pequerrucho devia ter também um berço asseado...

Ah, estava doido decerto na véspera, quando pusera ali, na mesa da cozinha, quatro libras em ouro, preço adiantado dum ano de criação, e dissera cruelmente ao anão — «Conto consigo!» Pobre pequerruchinho!...
140 Mas a Carlota compreendera bem, à noite na Ricoça, que ele agora queria-o vivo, o seu filho, e criado com mimo!... Todavia não o deixaria ali, não, sob o olho raiado de sangue do anão... Levá-lo-ia essa noite à Joana Carreira dos Poiais...

116: baiuca, dois] baiuca, deus

118: rapazola] rapazole.

137: estava doido] estava doido

138: [dum: conforme 1889].

Que as sinistras histórias da Dionísia, a *tecedeira de anjos*, eram uma
145 legenda insensata. A criança estava muito regalada em casa de Micaela,
chupando aquele bom peito de quarentona sã... E vinha-lhe então o
mesmo desejo de deixar Leiria, ir enterrar-se em Feirão, levar consigo a
Escolástica, educar lá a criança como sobrinho, revivendo nele largamente
150 todas as emoções daquele romance de dois anos; e ali passaria numa paz
triste, na saudade de Amélia, até ir como o seu antecessor, o abade
Gustavo que também criara um sobrinho em Feirão, repousar para sem-
pre no pequeno cemitério, de Verão sob as flores silvestres, de Inverno
sob a neve branca.

Então a Carlota apareceu; e ficou atónita ao reconhecer Amaro, sem
155 passar da cancela, com a testa franzida, a sua bela face muito grave.

— A criança? exclamou Amaro.

Depois dum momento, ela respondeu, sem perturbação:

— Nem me fale nisso, que me tem dado um desgosto... Ontem mes-
mo, duas horas depois de ter chegado... O pobre anjinho começa a fazer-
160 -se roxo, e ali me morreu debaixo dos olhos...

— Mentel gritou Amaro. Quero ver.

— Entre, senhor, se quer ver.

— Mas que lhe disse eu ontem, mulher?

— Que quer, senhor? Morreu. Veja...

165 Tinha aberto a porta, muito simplesmente, sem cólera nem receio.
Amaro entreviu num relance, ao pé da chaminé, um berço coberto com
um saio de escarlate.

Sem uma palavra voltou as costas, atirou-se para cima do cavalo.
Mas a mulher, muito loquaz subitamente, rompeu a dizer que tinha ido
170 justamente à aldeia para encomendar um caixãozinho decente... Como
vira que era filho de pessoa de bem, não o quisera enterrar embrulhado
num trapo. Mas enfim, como o senhor ali estava, parecia-lhe razoável
que desse algum dinheiro para a despesa... Uns dois mil réis que fossem.

149: de dois] de dous -
173: Uns dois] Uns dous

Pôs a sua longa capa, saiu, foi ao paço procurar o chantre.

— Que é isso? Que há de novo? perguntou-lhe o chantre, vendo a fisionomia descomposta do padre.

— Recebi uma participação de que minha irmã está a morrer em Lisboa, e venho pedir a Vossa Excelência licença para ir lá.

Então o chantre com palavras clássicas, citações, começou a consolá-lo:

— A morte é um tributo universal.

E daí tinha visto casos de pessoas, que estavam a expirar, e depois melhoravam, e viviam. Contava mesmo um facto, que lera no *Panorama*.

O padre Amaro apoiava gravemente com a cabeça, direito, e as mãos encostadas ao guarda-sol.

E o chantre, recaído nas suas preocupações mitológicas:

— Somos todos passageiros forçados da barca de Caronte, disse. Amaro sorriu cortesmente.

175 Amaro considerou-a um momento com um desejo brutal de a esganar; por fim, meteu-lhe o dinheiro na mão. E ia trotando no carreiro, quando a sentiu ainda correndo, gritando *pst! pst!* A Carlota queria-lhe restituir o capote que ele emprestara na véspera: tinha feito muito bom serviço, que a criança chegara quente como um rojãozinho... Infelizmente...

180 Amaro já a não escutava, esporeando furiosamente a ilharga da cavalgadura.

Na cidade, depois de apeiar à porta do Cruz, não entrou em casa. Foi direito ao paço do bispo. Tinha agora uma ideia só: era deixar aquela cidade maldita, não ver mais as faces das devotas, nem a fachada odiosa da Sé...

185 Foi só ao subir a larga escadaria de pedra do paço, que lhe lembrou com inquietação o que o Libaninho dissera na véspera da indignação do senhor vigário-geral, da denúncia obscura... Mas a afabilidade do padre Saldanha, o confidente do paço, que o introduziu logo na livraria de Sua Excelência, tranquilizou-o. O senhor vigário-geral foi muito amável. Estranhou o ar pálido e perturbado do senhor pároco...

— É que tenho um grande desgosto, senhor vigário-geral. Minha irmã está a morrer em Lisboa. E venho pedir a Vossa Excelência licença para lá ir, por uns dias...

195 O senhor vigário-geral consternou-se com bondade.

— Decerto, consinto... Ah! Somos todos passageiros forçados da barca de Caronte.

*Ipsæ ratem conto subigit, velisque ministrat
Et ferruginea subvectat corpora cymba.*

200 Ninguém lhe escapa... Sinto, sinto... Não me esquecerei de a recomendar nas minhas orações...

E muito metódico, Sua Excelência tomou uma nota a lápis.

Ao sair do paço desceu à Sé, fechou-se na sacristia, e escreveu ao cônego Dias:

«Meu caro amigo — Ela morreu. Eu não posso, bem vê, e vou-me embora. Venha logo. Sua irmã, coitada, é que terá de tratar do enterro. Eu, bem vê, não posso. Muito lhe agradeço tudo. Até à vista, se Deus quiser, que nos tornemos a ver. Adeus. Muito lhe agradeço. Creia que nunca me esquecerei do que lhe devo, e adeus. Um grande abraço daquele que é — muito obrigado do coração. — *Amaro Vieira.*»

«P. S. — A criança morreu, já se enterrou.»

Fechou a carta com uma obreia preta. Entrou no quarto das vestimentas; a porta que dava para o pátio estava cerrada. Empurrou-a, olhou em roda. O pátio tinha uma tranquilidade triste; musgos, parietárias verdejavam nas fendas das velhas paredes; pardais esvoaçavam; sardaniscas corriam entre as pedras; a erva cobria o carreirinho por onde ele costumava ir para casa do sincero encontrar Amélia. Deu alguns passos. Esteve um momento olhando, e saiu, devagar, pela igreja, sem se curvar diante do altar-mor.

No largo algumas pessoas cumprimentaram-no.

O Carlos da Botica, que o viu, atravessou o largo com o seu farto casaco de laboratório deitado para trás, veio falar-lhe sobre o baptizado de uma pequerrucha — «de que lá a minha Joaquina me fez presente.» — E batendo-lhe no ombro:

— Como os padres são felizes! Não se poderem casar! Ah! Sete filhas em sete anos, sr. pároco! E nem um filho! É coisa que a minha Joaquina não sabe fazer. Mas lá para filhas, é uma vocação...

E ria estrondosamente. Amaro sorriu.

Quando chegou a casa, a Dionísia, que fora à Cortegaça, tinha voltado. A irmã do cônego, disse ela, tinha-se portado muito bem. Doente, erguera-se, viera rezar junto da morta, dera as ordens para o enterro. Tinham ido mulheres para lavar, e amortalhar o corpo. Tinha-se sabido na cidade a morte. Dizia-se que fora um aneurisma.

— Bem, bem, disse Amaro.

203-5: sacristia, e escreveu

206-7: caro amigo — Ela

207-9: embora. Venha logo. Sua irmã, coitada, é que terá de tratar do enterro. Eu, bem vê,

210: tudo. Até à vista / quiser,

210-3: ver. Adeus. Muito lhe agradeço. Creia que nunca

213-5: devo, e adeus. Um grande abraço daquele que é — muito obrigado do coração. —

216: +P.S. — A criança morreu.

217-41: uma obreia preta. [...] — Eu não tenho senão o dinheiro,

Amaro, ao sair do paço, foi direito à Sé. Fechou-se na sacristia, a
essa hora deserta: e depois de pensar muito tempo com a cabeça entre os
punhos, escreveu ao cônego Dias:

«Meu caro padre-mestre. — Treme-me a mão ao escrever estas li-
nhas. A infeliz morreu. Eu não posso, bem vê, e vou-me embora, por-
que, se aqui ficasse, estalava-me o coração. Sua excelentíssima irmã lá
estará tratando do enterro... Eu, como compreende, não posso. Muito
lhe agradeço tudo... Até um dia, se Deus quiser que nos tornemos a ver.
Por mim conto ir para longe, para alguma pobre paróquia de pastores,
acabar meus dias nas lágrimas, na meditação e na penitência. Console
como puder a desgraça da mãe. Nunca me esquecerei do que lhe devo,
enquanto tiver um sopro de vida. E adeus, que nem sei onde tenho a
cabeça. — Seu amigo do C. — *Amaro Vieira.*»

«P.S. A criança morreu também, já se enterrou.»

Fechou a carta com uma obreia preta; e depois de arranjar os seus
papéis, foi abrir o grande portão chapeado de ferro, olhar um momento
o pátio, o barracão, a casa do sineiro... As névoas, as primeiras chuvas já
davam àquele recanto da Sé o seu ar lúgubre de Inverno. Adiantou-se
devagar, sob o silêncio triste dos altos contrafortes, espreitou à vidraça
da cozinha do tio Esguelhas: ele lá estava, sentado à chaminé, com o
cachimbo na boca, cuspilhando tristemente para as cinzas. Amaro bateu
de leve nos vidros — e quando o sineiro abriu a porta, aquele interior
conhecido, rapidamente entrevisto, a cortina da alcova da Totó, a escada
que ia para o quarto, agitaram o pároco de tantas recordações e de sau-
dades tão bruscas, que não pôde falar um momento, com a garganta
tomada de soluços.

— Venho-lhe dizer adeus, tio Esguelhas, murmurou por fim. Vou a
Lisboa, tenho minha irmã a morrer...

E acrescentou com os beiços trémulos dum choro que ia romper:

— Todas as desgraças vêm juntas. Sabe, a pobre Ameliazinha lá
morreu de repente...

O sineiro emudeceu, assombrado.

— Adeus, tio Esguelhas. Dê cá a mão, tio Esguelhas. Adeus...

207-8: porque,] porque

A criada estava-lhe fazendo a mala, — uma pequena mala, que iria à cabeça do moço do cavalo. Dionísia ajudava-a, atarefada, choramingando.

— Eu não tenho senão o dinheiro, que é necessário para a jornada, disse-lhes Amaro. Mas tudo o que aqui está em roupa, em lençóis, é para vocês.

Elas queriam beijar-lhe a mão, soluçavam.

Eram quase quatro horas. Amaro estava de chapéu baixo, com o capote ao ombro, esperando o cavalo. Abriu a vidraça. Defronte morava um empregado da Câmara, casado havia três anos. Tinha um filho muito loiro, a quem Amaro costumava rir e atirar beijos. Naquele momento a mãe apareceu à janela com ele ao colo, rindo, e o pai, por trás, olhava para a rua onde um homem de fisionomia miserável, e sentimental, com grandes cabelos loiros sob o seu bonet de oleado, tocava realejo, olhando para todas as janelas com ar suplicante.

Mas a criança viu o pároco, e de mansinho, batendo na cabeça da mãe, pulando-lhe no colo, pôs-se a rir para ele, a dizer-lhe adeus com a sua pequenina mão vermelha e gorda.

Amaro recuou para dentro, e rompeu a chorar com os cotovelos poisados sobre a mesa. O realejo, em baixo, continuava monotonamente o final da *Norma*, que ele ouvira tocar a Amélia tantas vezes no piano da sala de jantar.

Por fim o cavalo chegou. Um rapaz trazia-o à rédea. Levaram a mala para baixo. E Amaro ia descer quando sentiu ruído na escada. Era a muleta do sineiro. Ele entrou com o seu bonet na mão.

— Então Vossa Senhoria?...

— É verdade. Vou-me embora, tio Esguelhas.

O sineiro hesitava.

— Vossa Senhoria há-de desculpar, mas eu, como soube que se ia embora, vinha trazer-lhe isto, que achei há tempo. Tinha-me esquecido de todo.

E procurando nas algibeiras das calças tirou um papel amarrotado, que abriu, e onde luzia uma coisa de oiro. Amaro curvou-se. Era um brinco de Amélia! Ela muito tempo o procurara debalde! Tinha-o perdido um dia, uma manhã de amor, brincando, rindo com Amaro sobre a enxerga do sineiro! Amaro meteu-o no bolso convulsivamente, com um movimento quase aflito. E, sufocado, com a garganta apertada em soluços, abraçou o sineiro, que chorava, limpando os olhos às costas da mão.

241-64: para a jornada. [...] O sineiro hesitava.

265-307: há-de desculpar, mas eu, [...] embrulhou-se mais no seu capote.

— Adeus, senhor pároco, adeus! disse o velho com os olhos arrasados de água.

Amaro fugiu para casa, contendo-se para não soluçar alto pelas ruas. Disse logo à Escolástica que ia partir nessa noite para Lisboa. O tio Cruz devia mandar-lhe um cavalo, para ir tomar o comboio a Chão de Maçãs.

— Eu não tenho senão o dinheiro que é necessário para a jornada. Mas o que aí me fica em lençóis e toalhas é para você...

A Escolástica, chorando de perder o senhor pároco, quis beijar-lhe a mão por tanta generosidade: ofereceu-se para fazer a mala...

— Eu mesmo a arranjo, Escolástica, não se incomode.

Fechou-se no quarto. A Escolástica, ainda choramingando, foi logo recolher, examinar as poucas roupas que estavam pelos armários. Mas Amaro daí a pouco gritou por ela: diante da janela uma harpa e uma rebeca, em desafinação, tocavam a *Valsa dos dois mundos*.

— Dê um tostão a esses homens, disse o padre furioso. E diga-lhes que vão prò inferno... Que está aqui gente doente!

E até às cinco horas a Escolástica não tornou a sentir rumor no quarto.

Quando o moço do Cruz veio com o cavalo, pensando que o senhor pároco adormecera, ela foi-lhe bater devagarinho à porta do quarto, choramingando já da despedida próxima. Ele abriu logo. Estava de capote aos ombros; no meio do quarto pronta e acorreada a mala de lona que devia ir à garupa da égua. Deu-lhe um maço de cartas para ir entregar nessa noite à sr.^a D. Maria da Assunção, ao padre Silvério e a Natário: e ia descer, entre os prantos da mulher, quando sentiu na escada um ruído conhecido de muleta, e o tio Esguelhas apareceu muito comovido.

— Entre, tio Esguelhas, entre.

O sineiro cerrou a porta, e depois de hesitar um momento:

— Vossa Senhoria há-de desculpar, mas... Tinha-me esquecido de todo, com os desgostos que tenho passado. Já há tempo que achei no quarto isto, e pensei que...

E meteu na mão de Amaro um brinco de ouro. Ele reconheceu-o logo: era de Amélia. Muito tempo ela o procurara debalde; soltara-se decerto nalguma manhã de amor, sobre a enxerga do sineiro. Amaro então, sufocado, abraçou o tio Esguelhas.

249: *dos dois} dos dois*

251: vão prò} vão para o

270: Amaro} Amaro,

— Adeus! Adeus! tio Esguelhas! Obrigado. Adeus! Dionísia, adeus! disse, descendo.

As duas mulheres desataram a chorar.

Amaro montou a cavalo. O sineiro ainda lhe compôs o estribo. O homem do realejo afastou-se para ele passar, o rapaz começou a correr adiante com a mala, e Amaro partiu. As ruas estavam ainda cheias de gente do campo. Falava-se, apregoava-se, bebia-se à porta das tavernas.

A estrada de Lisboa estava toda animada de gente. A tarde tinha uma placidez amorável; os homens iam a cavalo, o cajado entre a perna e o albardão, conversando, direitos; burros, com o seu passo miúdo, passavam carregados de sacos de milho; mulheres levavam canastras cheias de loiça de barro; outras iam enxotando os porcos adiante de si com uma vara. Todos falavam alto. E à beira da estrada os pobres lamentavam-se, pedindo com voz estridente. Quase todos conheciam o pároco; diziam-lhe:

— Guarde-o Deus, sr. pároco.

Alguns velhos gravemente descobriam-se mostrando os seus cabelos brancos. E Amaro ia acompanhado pelo respeito daquela gente, que voltava para o lavor das freguesias, e para a paz das lareiras. Ia direito, com o seu chapéu desabado, e as largas bandas do seu capote caíam-lhe dos dois lados, poisando um pouco sobre a anca descarnada do cavalo.

Mas à volta da estrada, por onde o vento vinha encanado, o padre Amaro sentiu, vindo da cidade, o som lento, pausado, distante, infinitamente melancólico do dobre a finados; a fisionomia mudou-se-lhe, mordeu convulsamente os beiços; e como o frio começava a penetrar, embulhou-se mais no seu capote.

— Adeus! Adeus, Escolástica. Lembrem-se por cá de mim. Dê lembranças ao Matias, tio Esguelhas...

275 O moço afivelou a maleta ao selim, e Amaro partiu, deixando a Escolástica e o tio Esguelhas, a chorar ambos à porta.

Mas depois de ter passado os açudes, ao pé duma volta da estrada, teve de apeiar para compor o estribo: e ia montar, quando apareceram dobrando o muro o doutor Godinho, o secretário-geral e o senhor administrador do concelho, muito amigos agora, e que vinham, depois do
280 passeio, recolhendo para a cidade. Pararam logo a falar ao senhor pároco — admirando-se de o ver ali, de maleta na garupa, com ares de jornada...

— É verdade, disse, vou para Lisboa!

285 O antigo *Bibi* e o administrador suspiraram invejando-lhe a felicidade. — Mas quando o pároco falou da irmã moribunda, afligiram-se com polidez; e o senhor administrador disse:

— Deve estar muito sentido, compreendo... Demais a mais essa outra desgraça na casa daquelas senhoras suas amigas... A pobre Ameliuzinha, morta assim de repente...

290 O antigo *Bibi* exclamou:

— O quê? A Ameliuzinha, aquela bonita que morava na Rua da Misericórdia? Morreu?

O doutor Godinho também o ignorava, e pareceu consternado.

295 O senhor administrador soubera-o pela sua criada, que o ouvira da Dionísia. Dizia-se que fora um aneurisma.

— Pois senhor pároco, exclamou *Bibi*, desculpe se aflijo as suas crenças respeitáveis, que são as minhas de resto... Mas Deus cometeu um verdadeiro crime... Levar-nos a rapariga mais bonita da cidade! Que olhos, senhores! E depois com aquele picantezinho da virtude...

300 Então, num tom de pêsames, todos lamentaram aquele golpe que devia ter afectado tanto o senhor pároco.

Ele disse muito grave:

— Senti-o deveras... Conhecia-a bem... E com as suas boas qualidades, devia fazer, sem dúvida, uma esposa modelo... Senti-o muito.

305 Apertou silenciosamente as mãos em redor — e enquanto os cavalleiros recolhiam à cidade, o padre Amaro foi trotando pela estrada, que já escurecia, para a estação de Chão de Maçãs.

285: polidez:] polidez:

288: amigas...] amigos.

XXVII

Quando a tarde ia escurecendo, João Eduardo voltava da quinta do Morgadinho, e ao chegar à Cortegaça estacou, estremeceu, como se tivesse recebido uma pedra no peito. Um homem ia entrando para o largo pátio da casa com um esquite às costas; um outro levava uma braçada de tochas; e de dentro do pátio vinha um forte cheiro de alcatrão queimado.

Amélia morreu! Foi a primeira ideia, que lhe mordeu o coração. Mas de repente tranquilizou-se: lembrara-se que a irmã do cônego, a sr.^a D. Josefa, estava há meses doente na quinta. Tinha decerto expirado. Pobre criatura! D. Josefa tinha sido sempre «má com ele», mas lamentava-a. Parecia-lhe vê-la com os seus óculos azuis, a voz sibilante, toda seca, apertada ño seu xale de ramagens amarelas.

Outros dois homens tinham entrado para a casa, conversando, rindo — um levava na mão uma alcofa de carpinteiro, donde saía o cabo de um martelo; e daí a momentos viu chegar esfalfada, esbaforida, a velha criada das sr.^{as} Gansosos, com o seu lenço preto embrulhado em roda dos queixos. João Eduardo ficou parado à porta; o pátio estava vazio, escuro, um grande silêncio pesava. Detinha-o ali uma curiosidade um pouco sobressaltada, quase aflita. Lembrara-se de perguntar a um dos homens quem morrera; mas tivera medo. De quê? Não sabia. Maquinalmente entrou no pátio. À direita havia uma escadaria de pedra, larga, enegrecida, àquela hora escura, e lúgubre. Subiu. O som dos seus passos nos degraus sonoros dava-lhe um medo vago e pungente; receava de repente encontrar Amélia vestida de preto, ou que um criado lhe perguntasse «o que queria dali», ou então ver subitamente atravessar uma porta D. Josefa, viva! Entrou na primeira sala solitária, e triste, com os seus altos tectos de carvalho escuro, os bancos afidalgados ao comprido da parede. Todas as portadas das janelas estavam já fechadas. E sobre um dos bancos, a um canto, estava um grande candeeiro de latão, cuja torcida, cheia de morrão, dava uma luz moribunda, e fu-

Ao outro dia, pelas onze horas, o enterro de Amélia saiu da Ricoça. Era uma manhã áspera: o céu e os campos estavam afogados numa névoa pardacenta; e caía, muito miúda, uma chuva regelada. Era longe da quinta a capela dos Poiais. O menino do coro adiante, de cruz alçada, apressava-se, chapinhando a lama a grandes pernadas; o abade Ferrão, de estola negra, abrigava-se, murmurando o *Exultabunt Domino*, sob o guarda-chuva que sustentava ao lado o sacristão com o hissope; quatro trabalhadores da quinta, abaixando a cabeça contra a chuva oblíqua, levavam numa padiola o esquife que tinha dentro o caixão de chumbo; e, sob o vasto guarda-chuva do caseiro, a Gertrudes de mantéu pela cabeça ia desfiando as suas contas. Ao lado do caminho o vale triste dos Poiais cavava-se, todo pardo na neblina, num grande silêncio; e a voz enorme do vigário, mugindo o *Miserere*, rolava pela quebrada húmida onde murmuravam os riachos muito cheios.

309- áspera:] áspera;

megava. Uma porta ao fundo estava aberta; entrou na outra sala, nua, vagamente alumada por uma vela, que estava em cima de uma velha cómoda antiga, ao pé de um presepe de marfim; àquela luz escassa viam-se as paredes amareladas, com grinaldas de rosas, e aos cantos sacos de milho, e um molho de canas secas. João Eduardo caminhava em pontas dos pés. Parecia-lhe extraordinário introduzir-se assim naquela casa. Mas o silêncio, a meia escuridão, os altos tectos, tiravam-lhe um pouco o sentimento nítido da realidade, e ia, seguia como na vaga suposição de um sonho. Entrou num corredor; uma das portas ao fundo estava aberta; saía de lá uma claridade viva, um rumor de vozes baixas, de passos. Aproximou-se, e encostou-se à ombreira; sentia-se desfalecer, e tinha a garganta seca. Espreitou. Junto da porta um homem, ajoelhado no chão, acamava a lã de um colchão, e um velho lençol no fundo do esquite aberto. Um outro, de pé, calvo, vestido de preto, dirigia aquela lúgubre tarefa.

— Mais um bocado de lã para o lado da cabeça, sr. João. Faça travesseiro.

— É melhor então enrolar outro lençol, dizia o outro. Há mais um lençol velho, sr.^a Teresa?

Uma mulher, com um saiote negro pelos ombros, um lenço preto na cabeça, os cabelos grisalhos, chegou-se, caminhando em bicos de pés.

— Sendo necessário, dizia ela baixo, com voz sumida, como se receasse acordar alguém. — Pode servir uma saia velha, sr. João?

João Eduardo no entanto olhava como magnetizado; via só metade do quarto, um quarto desarranjado, onde a morte entrara inesperadamente. Dentro de uma bacia de latão, que reluzia vagamente, estavam panos ensopados na água; uma saia branca engomada, tufada, pendia de um ferrolho da janela; sobre a mesa ao pé do espelho estavam pentes, rolos de cabelos, e o fecho de metal de uma liga brilhava. E a um dos lados João Eduardo via os pés de uma cama de ferro; do lado da cabeceira, que ele não via, vinha uma luz viva, amarelada, quente como de tochas de cera. Pensou que o corpo estava decerto deitado na cama.

Mas o homem, que estivera forrando o esquite, ergueu-se, sacudindo as mãos do pó da lã.

— Vá, disse ele, vamos a estirá-la.

João Eduardo então teve uma curiosidade aguda, mordente, invencível; adiantou-se, olhou, e reconheceu-a logo...

O seu rosto branco mal se distinguiu da claridade das velas de cera, das brancuras da mortalha de cetim, da coroa de rosas, do véu, que cercava a cabeça; só a boca um pouco entreaberta, com os beiços enegrecidos, fazia um traço escuro, que destacava. Tinha os braços ao comprido do corpo, as mãos poisadas sobre o leito, com os dedos um pouco contorcidos — e a mortalha justa e pesada desenhava vagamente

Mas às primeiras casas da aldeia os moços do caixão pararam derreados; e então um homem, que estava esperando debaixo duma árvore sob o seu guarda-chuva, veio juntar-se silenciosamente ao enterro. Era João Eduardo, de luvas pretas, carregado de luto, com as olheiras cavadas em dois sulcos negros, grossas lágrimas a correrem-lhe nas faces. E imediatamente, por trás dele, vieram colocar-se dois criados de farda, com as calças muito arregaçadas e tochas na mão — dois lacaios que mandara o Morgado, para honrar o enterro duma dessas senhoras da Ricoça, amigas do abade.

Então, vendo estas duas librés que vinham afidalgar o préstito, o menino do coro rompeu logo, erguendo mais alto a cruz; os quatro homens, já sem fadiga, empertigaram-se às varas da padiola: o sacristão bramiu um *Requiem* tremendo. E pelas lamas do íngreme caminho da aldeia foi subindo o enterro, enquanto às portas as mulheres se ficavam persignando, olhando as sobrepelizes brancas e o caixão de galões de ouro, que se iam afastando seguidos do grupo de guarda-chuvas abertos, sob a chuva triste.

326: em dois] em dois

327: colocar-se dois] colocar-se dois

328: mão — dois] mão — dois

333: padiola:] padiola;

a forma dos seus seios, as pernas unidas, a saliência dos joelhos um pouco erguidos, e descobria os pés levemente separados, calçados de grossos sapatos redondos de cetim amarelado. E por sobre o corpo, entre as luzes, com um rumor monótono, zumbia um moscardo.

Mas a mulher de saio negro e cabelos grisalhos aproximou-se, e reparando que a manga da mortalha estava descosida sobre o ombro, tomou um dos grandes alfinetes, que trazia espetados no corpete do vestido, e pregou a manga de cetim sobre o ombro, enterrando-o na carne, com um esforço.

João Eduardo, encostando-se às paredes, cambaleando, atravessou o corredor, desceu a escadaria a correr. Durante horas vagueou pela estrada, pelos atalhos, pelos campos de restolho, pelo carreiro junto ao rio. Sentia a garganta tomada, estrangulada, uma grande sede. Tudo em roda, os prados, as árvores, as sebes das azinhagas, lhe parecia envolvido por um zumbido lento, monótono, vasto. Às vezes parecia-lhe impossível. Tinha-a visto havia dias à janela, embrulhada num grande xale, regando um vaso, viva, sã, forte, com o cabelo bem penteado. Talvez se tivesse enganado, e por uma alucinação talvez tivesse visto aquele pálido rosto de rapariga em lugar da chupada figura da velha. Fora decerto a velha, que morrera! Mas não, vira-a! Era ela! Tinham-lhe enterrado um alfinete na carne, iam pregá-la num caixão, descê-la a uma cova húmida! Aproximaria, ela que era tão fresca, tão lavada! E lembrava a sua boca, os seus dentinhos brancos, o único beijo, que lhe dera. Fora ao pé da janela; ela deixara-se cair sobre o seu peito. Era a sensação mais fina, mais doce — a sensação dominante da sua vida. Nunca sentira nada melhor. E desejava dar-lhe outro beijo, um só que fosse! Vinha-lhe um desejo dela, um amor brutal, frenético. Com o cansaço de andar assim horas, errando pelos campos, a desesperação ia-se amortecendo. Estava fatigado, suado, agoniado — e sentia sempre na garganta aquele nó seco, que lhe dava uma tristeza inquieta, quase colérica.

O luar então nascia cedo — e as noites alumiadas, sem vento, um pouco penetradas da moleza outonal tinham uma vasta tristeza pacífica.

Quando entrou na cidade pelo lado da Sé a torre dava horas. Maquinalmente pôs-se a contar: eram onze — e por um hábito antigo tomou para a Rua da Misericórdia, parou defronte da casa da S. Joaneira. O luar alumia-a. Estava toda fechada, silenciosa, abandonada, morta. Os alecrins nas varandas tinham secado. O craveiro, que costumava estar no poial exterior da janela da sala de jantar, morrera também decerto: só restava o vaso enegrecido. João Eduardo olhava para tudo com um vago assombro — para a porta, para a corda da campainha, para a saliência do telhado, e para a pequena porta da carvoeira, negra, com um postigo quadrado gradeado de ferro. Uma espécie de pano branco pendia da janela do quarto de Amélia, entalado entre a vidraça e o peitoril.

A capela era no alto, num adro de carvalheiras: o sino dobrava: e o
340 enterro sumiu-se para o interior da igreja escura, ao canto do *Subvenite
sancti* que o sacristão entoou em ronco. — Mas os dois criados de farda
não entraram porque o senhor Morgado assim o tinha ordenado.

Ficaram à porta, sob o guarda-chuva, escutando, batendo os pés
345 regelados. Dentro seguia o cantochão; depois era um ciciar de orações
que se amortecia; e de repente latins fúnebres lançados pela voz grossa
do vigário.

Então os dois homens, enfatiados, desceram do adro, entraram um
momento na taberna do tio Serafim. Dois moços de gado da quinta do
Morgado, que bebiam em silêncio o seu quartilho, ergueram-se logo vendo
350 aparecer os dois criados de farda.

— À vontade, rapazes, é sentar e beber, disse o velho baixito que
acompanhava João Eduardo a cavalo. Nós lá estamos, na maçada do
enterro... Boas-tardes, sr. Serafim.

341: os dois] os dois

347: os dois] os dois

348: Serafim. Dois] Serafim. Dois

350: os dois] os dois

João Eduardo, depois de algum tempo, julgou reconhecê-lo: era um lenço, um dos grandes lenços brancos, que ela usava pela manhã, antes de se pentear, traçado sobre o peito; estava talvez a secar, fora ali esquecido. O vento e a chuva tinham-no rasgado — e já quase trapo pendia imóvel, esfiado, na brancura da parede.

Então uma multidão de recordações tomou João Eduardo — e sob o peso da melancolia rompeu a chorar baixo, devagar, docemente.

Tinha-se sentado no degrau da porta fronteira, e com a cabeça entre as mãos ficou ali, imobilizado, perdido numa saudade indefinida, e vasta como a noite e o luar. Mas de repente sentiu baterem-lhe no ombro, uma voz dizer:

— Olá! Ó amigo, que é isso? Você tem alguma coisa?

Ergueu-se de salto, — diante dele estava um alferes de caçadores, e ao pé, embrulhado num xale-manta, todo abafado, com um chapeuzinho sobre a nuca, o olhar piedoso e turvo — o Libaninho.

E quando reparou em João Eduardo exclamou:

— Ai! filho! Quem ele é!

E tomando o braço ao alferes, todo aconchegado com ele, dizia, apressando-se, quase fugindo:

— Ai! filho! Credo! Deixá-lo lá! É o João Eduardo. Está bêbado como uma cabra! Está assim todas as noites. Quando está com ela, é um tigre!

E recordava ao seu querido alferes, apertando-lhe o braço contra o peito com uma ternura ciosa — que João Eduardo, um dia, bêbado, espancara o padre Amaro, que era terrível com as bebedeiras, e que, segundo era público na cidade, costumava todas as noites estar assim.

355 Apertaram a mão ao Serafim, que lhes mediou duas aguardentes — e informou-se se a defunta era a noiva do sr. Joãozinho. Tinham-lhe dito que morrera duma veia rebentada.

O baixito riu:

— Qual veia rebentada! Não lhe rebentou coisa nenhuma. O que lhe rebentou foi um rapagão pelo ventre...

360 — Obra do sr. Joãozinho? perguntou o Serafim, arregalando o olho brejeiro.

— Não me parece, disse o outro com importância. O sr. Joãozinho estava em Lisboa... Obra de algum cavalheiro da cidade... Sabe vossemecê de quem eu desconfio, sr. Serafim?...

365 Mas a Gertrudes, esbaforida, rompeu pela taberna gritando que o saimento já ia ao pé do cemitério, e que não faltavam senão «aqueles senhores»! Os lacaios abalaram logo, e alcançaram o enterro quando ia passando a pequena grade do cemitério, ao último versículo do *Miserere*.

356: rebentada.] rebentada...

358: rebentou coisa] rebentou coisa

360: do sr.] do senhor

362: O sr.] O senhor

Só foram duas pessoas ao enterro de Amélia — João Eduardo, e o tio Esguelhas, o sineiro. Mas João Eduardo chegou mais tarde: tivera febre toda a noite, e com a gola do casaco erguida, as mãos nos bolsos, tremia ainda. A cova, aberta de manhã, estava toda negra e profunda entre a erva verde; em redor plantas arrancadas pela enxada pendiam com as hastes partidas, calcadas dos grossos sapatos do coveiro, e mesmo à beira duas grandes papoilas escarlates balançavam-se docemente. Era o padre Silvério, o confessor de Amélia, que oficiava; o sacristão tinha cravado na terra fresca e revolvida a haste da cruz de cobre prateada; um menino do coro tinha o hissopo; e quando a voz pesada, arrastada de Silvério murmurou:

— *Requiem aeternam dona ei Domine.*

Foi a voz surda, e lúgubre do coadjutor, que respondeu:

— *Et lux perpetua luceat ei.*

Esguio, amarelo, com o seu crânio aguçado e nu, a sobrepeliz escorreita sobre a magreza da sua figura — estava imóvel com um livro na mão, a volta toda ensebada, e os seus sapatos enormes com fivelas sujas enterravam-se um pouco na terra fresca e húmida.

O dia estava cheio de sol, com uma pequena aragem, que arrepiava a folhagem dos ciprestes, balançava os goivos, punha um frémito brando nas relvas. Borboletas esvoaçavam aos pares.

Mas enfim Silvério, tomando com a mão direita o hissopo, com a esquerda uma pá, começou a murmurar uma longa oração.

Tinham amarrado o caixão com cordas, e o coveiro e os dois homens empurraram-no para a cova, enquanto a terra esfarelada rolava com um ruído seco. O caixão bateu no fundo com uma pancada surda: — as cordas, puxadas, subiram rangendo, e Silvério, aspergindo com uma das mãos, e empurrando torrões de terra com a pá, que tinha na outra, murmurou:

— *Requiescat in pace.*

— *Amen*, respondeu a voz cava do coadjutor, e a voz nasal do menino do coro.

Então João Eduardo ouviu por trás:

— Coitadita! Pouco tempo foi feliz!

Voltou-se. Era o sineiro, que se retirava, murmurando.

João Eduardo nunca compreendeu porque é que o tio Esguelhas parecia tão triste, abanando a cabeça com ar de reflexão lúgubre, todo descaído sobre a sua muleta envernizada, e polida; — porque para honrar mais o enterro de Amélia tinha trazido a sua muleta nova!

385: *ei Domine.* // Foi a voz surda, e lúgubre do coadjutor, que respondeu:

386-9: *luceat ei.* [...] que tinha na outra, murmurou:

391-5: — *Amen*, respondeu [...] a sua muleta nova!

João Eduardo agora levava uma vela na mão, ia logo atrás do caixão de
 370 Amélia, tocando-o quase, com os olhos enevoados de lágrimas fitos no
 veludilho negro que o cobria. Sem cessar o sino na capela dobrava deso-
 ladamente. A chuva caía mais miúda. E todos calados, no silêncio fusco
 do cemitério, com passos abafados pela terra mole, iam-se dirigindo para
 375 e profundo entre a relva húmida. O menino do coro cravou no chão a
 haste da cruz prateada, e o abade Ferrão, adiantando-se até à beira do
 buraco escuro, murmurou o *Deus cujus miseratione...* Então João Eduar-
 do, muito pálido, vacilou de repente, e o guarda-chuva caiu-lhe das mãos;
 380 um dos criados de farda correu, segurou-o pela cinta; queriam-no levar,
 arrancá-lo de ao pé da cova; mas ele resistiu, e ali ficou, com os dentes
 cerrados, segurando-se desesperadamente à manga do criado, vendo o
 coveiro e os dois moços amarrarem as cordas no caixão, fazerem-no
 resvalar devagar entre a terra esfarelada que rolava, com um ranger de
 tábuas mal pregadas.

385 — *Requiem aeternam dona ei, Domine!*

— *Et lux perpetua luceat ei*, mugiu o sacristão.

O caixão bateu no fundo com uma pancada surda: o abade espal-
 lhou em cima uma pouca de terra em forma de cruz: e sacudindo lenta-
 mente o hissope sobre o veludilho, a terra, a relva em redor:

390 — *Requiescat in pace.*

— *Amen*, responderam a voz cava do sacristão e a voz aguda do
 menino do coro.

— *Amen*, disseram todos num murmúrio, que ciciou, se perdeu entre
 os ciprestes, as ervas, os túmulos e as névoas frias daquele triste dia de
 395 Dezembro.

372: E] E,

378: vacilou] vacilou,

382: os dois] os dois

Nos fins de Maio de 1870¹, havia afluência na Casa Havanesa, ao alto do Chiado, em Lisboa. Os que compravam tabaco ao balcão, os que acendiam os cigarros à chama do gás, falavam com grande ruído de opiniões. Pessoas saíam com o aspecto consternado, como por uma desgraça própria; os que entravam, logo desde a porta, em bicos de pés, olhavam avidamente uma tabuleta móvel, suspensa em duas hastes de metal sobre o balcão, onde se colavam os telegramas.

À porta, no passeio, grupos comovidos discutiam com uma verbosidade irritada. As palavras *comunistas*, *Versailles*, *petróleo*, *diabos os levem*, voltavam a cada momento. Com efeito, o telegrama chegado àquela hora perturbava, confundia os critérios.

Paris ardia!

A Comuna queimava a Cidade!

Alguns duvidavam ainda, lembravam as exagerações habituais da *Agência Havas*. «Era impossível — podia lá ser!» Mas outros telegramas chegavam, precisando a catástrofe: a Rua Royale em ruínas! As Tulherias ardiam! O Louvre ardia! O Hotel de Ville ardia! E a Legião de Honra, e o Ministério da Marinha! Os *boulevards* estavam atravancados de cadáveres! O sangue fazia largas poças no macadam!

Assim era! Havia três dias que nos *boulevards*, e nas largas ruas novas, onde durante vinte anos tinham rolado os *landaus* dos financeiros, e se tinham arrastado as caudas das *cocottes* — a plebe dava uma batalha social aos velhos batalhões do império!

¹ Conforme original.

1-86: Nos fins de Maio de 1870, [...] meneando a bengala, aconselhava

XXV

Nos fins de Maio de 1871 havia grande alvoroço na Casa Havanesa, ao Chiado, em Lisboa. Pessoas esbaforidas chegavam, rompiam pelos grupos que atulhavam a porta, e alçando-se em bicos de pés esticavam o pescoço, por entre a massa dos chapéus, para a grade do balcão, onde
5 numa tabuleta suspensa se colavam os telegramas da *Agência Havas*; sujeitos de faces espantadas saíam consternados, exclamando logo para algum amigo mais pacato que os esperara fora:

— Tudo perdido! Tudo a arder!

Dentro, na multidão de grulhas que se apertava contra o balcão,
10 questionava-se forte; e pelo passeio, no Largo do Loreto, defronte ao pé do estanco, pelo Chiado até ao Magalhães, era, por aquele dia já quente do começo de Verão, toda uma gralhada de vozes impressionadas onde as palavras — *Comunistas! Versailles! Petroleiros! Thiers! Crime! Internacional!* voltavam a cada momento, lançadas com furor, entre o ruído das
15 tipóias e os pregões dos garotos gritando *suplementos*.

Com efeito, a cada hora, chegavam telegramas anunciando os episódios sucessivos da insurreição batalhando nas ruas de Paris: telegramas despedidos de Versailles num terror dizendo os palácios que ardiam, as ruas que se aluíam; fuzilamentos em massa nos pátios dos quartéis e entre
20 os mausoléus dos cemitérios; a vingança que ia saciar-se até à escuridão dos esgotos; a fatal demência que desvairava as fardas e as blusas; e a resistência que tinha o furor de uma agonia com os métodos duma ciência, e fazia saltar uma velha sociedade pelo petróleo, pela dinamite e pelo nitroglicerina! Uma convulsão, um fim de mundo — que vinte, trinta
25 palavras de repente mostravam, num relance, a um clarão de fogueira.

Os que liam os telegramas ficavam assombrados, e todos amaldiçoavam os destruidores de Paris. Recordavam os edificios ardidos, o Hotel de Ville «tão bonito», o Louvre «aquela riqueza»; e um indivíduo gordo, suado, de luneta de oiro, estava tão furioso com o incêndio das Tulherias, como se fosse uma propriedade sua. Os que tinham estado em Paris, um, dois meses, exageravam a sua cólera; parecia que a catástrofe os prejudicara pessoalmente:

— Vejam vocês! A Rua Royale destruída! Ainda não há onze meses, que lá estive! Que patifaria!

Mas a maior parte confundia, e imaginava, que Paris inteiro ardia, na linha dos *boulevards* desde a Bastilha até ao Bois, e todos os restaurantes, todos os cafés de prostitutas, desde o Helder até Mabilie. E então as lamentações cresciam; não se podiam consolar, que as chamadas tivessem dispersado aquela centralização cómoda do deboche! Onde se comeria melhor, que em Paris! Onde se teriam mulheres mais experientes! E indiferentes aos museus e às bibliotecas desolavam-se com a destruição dos cafés, e com o incêndio dos lupanares!

Alguns não se mostravam tão desesperados com o incêndio; mas eram indivíduos azedados, com uma miséria decente, amarrados a empregos escassos — que detestavam Paris por não o poder gozar!

Havia discussões. Declamava-se contra a Comuna. Um homenzito magro pronunciara o nome de Proudhon, que então se começava a citar vagamente no reino. Todos condenaram Proudhon; muitos julgavam, que era ele que incendiara; mas um outro, lido em muitas leituras, declarou que, «mesmo assim, Proudhon tinha um estilo ameno.» Então um jogador de profissão berrou:

— Qual estilo! Se o tivesse aqui, rachava-lhe os ossos!

E rachava-lhos! Depois do cognac o indivíduo não se possuía.

O Chiado lamentava com indignação aquela ruína de Paris. Recordavam-se com exclamações os edifícios ardidos, o Hotel de Ville, «tão bonito», a Rua Royale, «aquela riqueza». Havia indivíduos tão furiosos com o incêndio das Tulherias como se fosse uma propriedade sua; os que tinham estado em Paris um ou dois meses abriam-se em invectivas, arrogando-se uma participação de parisiense na riqueza da cidade, escandalizados por a insurreição não ter respeitado monumentos em que eles tinham posto os seus olhos.

— Vejam vocês! exclamava um sujeito gordo. O palácio da Legião de Honra destruído! Ainda não há um mês que eu lá estive com minha mulher... Que infâmia! Que patifaria!

Mas espalhara-se que o Ministério recebera outro telegrama mais desolador: toda a linha do *boulevard* da Bastilha à Madalena ardia, e ainda a Praça da Concórdia, e as avenidas dos Campos Elísios até ao Arco do Triunfo. E assim tinha a revolta arrasado, numa demência, todo aquele sistema de restaurantes, cafés-concertos, bailes públicos, casas de jogo e ninhos de prostitutas! Então houve por todo o Largo do Loreto até ao Magalhães um estremecimento de furor. Tinham pois as chamas aniquilado aquela centralização tão cómoda da patuscada! Oh que infâmia! O mundo acabava! Onde se comeria melhor que em Paris? Onde se encontrariam mulheres mais experientes? Onde se tornaria a ver aquele desfilar prodigioso duma volta de Bois, nos dias ásperos e secos de Inverno, quando as vitórias das cocottes resplandeciam ao pé dos phaetons dos agentes da Bolsa? Que abominação! Esqueciam-se as bibliotecas e os museus: mas a saudade era sincera pela destruição dos cafés e pelo incêndio dos lupanares. Era o fim de Paris, era o fim da França!

Num grupo ao pé da Casa Havanesa os questionadores politicavam: pronunciava-se o nome de Proudhon que, por esse tempo, se começava a citar vagamente em Lisboa como um monstro sanguinolento; e as invectivas rompiam contra Proudhon. A maior parte imaginava que era ele que tinha incendiado. Mas o poeta estimado das *Flores e ais* acudiu dizendo «que, à parte as asneiras que Proudhon dizia, era ainda assim um estilista bastante ameno». Então o jogador França berrou:

— Qual estilo, qual cabaça! Se aqui o pilhasse no Chiado rachava-lhe os ossos!

E rachava. Depois do cognac o França era uma fera.

Então outros gritavam contra a «canalha»; eram burgueses nascidos nas mercearias, nas tendas dos capelistas, nas trapeiras da Baixa — e com as mãos nos bolsos, fazendo o ventre proeminente, falavam da aristocracia, como se pertencessem à família de Montmorency ou de Ossuna.

Havia uma grande verbosidade: indivíduos tranquilos e pesados, ruminando a digestão, decretavam a vingança e as represálias; vadios desacreditados santificavam, em atitudes meditativas, o Capital, e a Propriedade! Devedores insolúveis mostravam-se furiosos contra as pretensões dos operários, «que querem viver como príncipes». Um sujeito calvo, e de voz soturna, pedia, berrando, que houvesse mais respeito pela religião. E um guarda-livros de hotel, com o chapéu sobre a nuca, meneando a bengala, aconselhava à França a restauração dos Bourbons.

Um homem vestido de preto, que vinha saindo do estanco, sentiu uma voz admirada, que lhe gritou:

— Oh! Padre Amaro!

Voltou-se. Era o cônego Dias. Abraçaram-se, e para falarem mais tranquilamente foram para junto das grades da Encarnação. Não se viam desde Leiria.

— Você por aqui, padre-mestre?

88-92: Um homem vestido de preto, que vinha saindo do estanco, sentiu uma voz admirada, que lhe gritou: // — Oh! Padre Amaro! // Voltou-se.

92-284: Abraçaram-se, [...] — Já não as confesso senão casadas! Chut!

Alguns moços porém, a quem o elemento dramático da catástrofe revolvia o instinto romântico, aplaudiam a heroicidade da Comuna — Vermorel abrindo os braços como o Crucificado, e sob as balas que o
65 trespassavam gritando: Viva a humanidade! O velho Delecluze, com um fanatismo de santo, ditando do seu leito de agonia as violências da resistência...

— São grandes homens! exclamava um rapaz exaltado.

Em redor as pessoas graves rugiam. Outras afastavam-se pálidas, vendo já as suas casas na Baixa a escorrer de petróleo e a mesma Casa
70 Havanesa presa de chamas socialistas. Então era em todos os grupos um furor de autoridade e repressão: era necessário que a sociedade, atacada pela Internacional, se refugiasse na força dos seus princípios conservadores e religiosos, cercando-os bem de baionetas! Burgueses com tendas de
75 capelistas falavam da «canalha» com o desdém imponente dum La Tremouille ou dum Ossuna. Sujeitos, palitando os dentes, decretavam a vingança. Vadios pareciam furiosos «contra o operário que quer viver como príncipe». Falava-se com devoção na propriedade, no capital!

De outro lado eram moços verbosos, localistas excitados que declamavam contra o velho mundo, a velha ideia, ameaçando-os de alto, propondo-se a derruí-los em artigos tremendos.
80

E assim uma burguesia entorpecida esperava deter, com alguns polícias, uma evolução social: e uma mocidade, envernizada de literatura, decidia destruir num folhetim uma sociedade de dezoito séculos. Mas
85 ninguém se mostrava mais exaltado que um guarda-livros de hotel, que do alto do degrau da Casa Havanesa brandia a bengala, aconselhando à França a restauração dos Bourbons.

Então um homem vestido de preto, que saíra do estanco e atravessava por entre os grupos, parou, sentindo uma voz espantada que exclamava ao lado:
90

— Ó padre Amaro! Ó maganão!

Voltou-se: era o cónego Dias. Abraçaram-se com veemência, e para conversarem mais tranquilamente foram andando até ao Largo de Camões, e ali pararam, junto à estátua:

95 — Então você quando chegou, padre-mestre?

81: a derruí-los] a destruí-los

91: — Ó padre Amaro! Ó] — Oh padre Amaro, oh

Então o cônego explicou: a irmã morrera, e ele andava em liquidações da herança.

— Mas você já não está em Santo Tirso, Amaro?

Amaro contou, que viera a Lisboa para alcançar transferência para Vila Franca. E resumindo-se, falaram das cartas, que ultimamente se tinham escrito.

— E que tal se deu você em Santo Tirso?

— Mal! Pouca côngrua, má gente. Estive lá ano e meio aborrecidíssimo. E de Leiria? Você na sua carta do mês passado dizia, que a S. Joaneira ia mal.

— Coitada! Cada vez pior: gorda, pesada, sempre a dormir! E demais a mais agora gosta de bebericar.

— Deveras?

— Deixe-me, homem! Tem tomado cada uma!

— E o padre Natário?

— O mesmo. Avelhado, coitado! Tem tido seus desgostos. Muita língua!

— E diga-me, padre-mestre, o Libaninho?

— Bem. Agora é muito de um tenente Vidal, que chegou há pouco. E ambos riram muito com a mesma ideia.

Tinha chegado na véspera. Trazia uma demanda com os Pimentas da Pojeira por causa duma servidão na quinta, tinha apelado para a Relação, e vinha seguir de perto a questão na capital.

— E você, Amaro? Na última carta dizia-me que tinha vontade de sair de Santo Tirso.

Era verdade. A paróquia tinha vantagens; mas vagara Vila Franca, e ele, para estar mais perto da capital, viera falar com o senhor conde de Ribamar, o seu conde, que lá andava obtendo a transferência. Devia-lhe tudo, sobretudo à senhora condessa!

— E de Leiria? A S. Joaneira, vai melhor?

— Não, coitada... Você sabe, ao princípio tivemos um susto dos diabos... Pensávamos que lhe ia suceder como à Amélia. Mas não, era hidropisia... E ali o que há é anasarca...

— Coitada, santa senhora! E o Natário?

— Avelhado. Tem tido seus desgostos. Muita língua.

— E diga lá, padre-mestre, o Libaninho?

— Eu escrevi-lhe a esse respeito, disse o cônego rindo.

O padre Amaro riu também: e durante um momento os dois sacerdotes pararam, apertando as ilhargas.

— Pois é verdade, disse enfim o cônego. A coisa tinha sido realmente escandalosa... Porque enfim, repare o amigo que o pilharam com o sargento, de tal modo que não havia a duvidar... E às dez horas da noite, na Alameda! Já é imprudência... Mas enfim a coisa esqueceu, e quando o Matias morreu, lá lhe demos o lugar de sacristão, que é bem boa posta... Muito melhor que o que ele tinha no cartório... E há-de cumprir com zelo!

— Há-de cumprir com zelo, concordou muito sério o padre Amaro. E a propósito, a D. Maria da Assunção?

— Homem, rosnam-se coisas... Criado novo... Um carpinteiro que morava defronte... O rapaz anda no trinque.

— Palavra?

— No trinque. Charuto, relógio, luva! Tem pilhéria, hem?

— É divino!

97: Pojeira] Pojeira.

108: há] há,

113: os dois] os dois

115: A coisa] A coisa

118: a coisa] a coisa

124: rosnam-se coisas...] rosnam-se coisas...

— E o João Eduardo?

— Está mal. Você sabe, está tísico.

— Bem sei. Você mandou-mo dizer.

— Pois o rapaz por lá continua, amarelado, pobre. Coitado! Tem sido bem castigado! Escreve em casa do tabelião Nunes outra vez. Mas por que preço! Oito vinténs por dia!

— Sim senhor! E a D. Maria da Assunção?

— Lá está. Ainda antes de ontem estive com ela. Muito temente a Deus, sempre! Tem agora um criado novo, e rosnam-se coisas...

— Palavra?

— Pelo menos o rapaz anda no trinque: relógio, luvas, charutos! As Gansosas estão na mesma.

— E outra coisa, que me esquecia: a Dionísia?

— Coitada! Lá vai com as suas indústrias.

E conversaram ainda sobre o passado, e as amarguras de então.

O cónego achava o padre Amaro mais *homem*. Estava, com efeito, mais grosso, a pele sempre branca, a expressão tranqüila, e um aspecto de contentamento carnal, e de vida fácil.

— Tivemos os nossos bocados amargos, disse o cónego. — E depois de um silêncio: — Você sobretudo. Quando saiu de Leiria, os primeiros tempos...

O rosto de Amaro contraiu-se, o olhar escureceu-lhe.

— Chorei muitas lágrimas, padre-mestre — e fez um gesto, que significava — *mas tudo isso passou!*

— E que me diz a estas coisas de França, Amaro?

E o cónego cruzava os braços.

— É verdade! É verdade! dizia Amaro com aspecto grave; uma súcia de padres fuzilados!

— Que brincadeira, hem? exclamaram uniformemente.

Então o cónego:

— E por cá, pelo nosso canto, parece que começam essas ideias!

— As Gansosas na mesma, continuou o cónego. Têm agora a sua
130 criada, a Escolástica.

— E da besta do João Eduardo?

— Eu mandei-lhe dizer, não? Lá está ainda nos Poiais. O Morgado
está mal do fígado. E o João Eduardo diz que está tísico... Que eu não
sei, nunca mais o vi... Quem mo disse foi o Ferrão.

135 — Como vai ele, o Ferrão?

— Bem. Sabe quem eu vi há dias? A Dionísia.

— E então?

O cónego disse uma palavra baixo ao ouvido do padre Amaro.

— Deveras, padre-mestre?

140 — Na Rua das Sousas, a dois passos da sua antiga casa. O D. Luís
da Barrosa é que lhe deu o dinheiro para montar o estabelecimento. Pois
aqui estão as novidades. E você está mais forte, homem! Fez-lhe bem a
mudança...

E pondo-se diante, galhofando:

145 — Ó Amaro, e você a escrever-me que queria retirar-se para a serra,
ir para um convento, passar a vida em penitência...

O padre Amaro encolheu os ombros:

— Que quer você, padre-mestre?... Naqueles primeiros momentos...
Olhe que me custou! Mas tudo passá...

150 — Tudo passa, disse o cónego. E depois duma pausa: — Ah! Mas
Leiria já não é Leiria!

Passearam então um momento em silêncio, numa recordação que
lhes vinha do passado, os *quinos* divertidos da S. Joaneira, as palestras ao
chá, as passeatas ao Morenal, o *Adeus!* e *O descrido* cantados pelo Artur
155 Couceiro e acompanhados pela pobre Amélia, que agora lá dormia, no
cemitério dos Poiais, sob as flores silvestres...

— E que me diz você a estas coisas de França, Amaro? exclamou de
repente o cónego.

160 — Um horror, padre-mestre... O arcebispo, uma súcia de padres fu-
zilados!... Que brincadeira!

— Má brincadeira, rosnou o cónego.

E o padre Amaro:

— E cá pelo nosso canto parece que começam também essas ideias...

140: a dois] a dois

145: — Ó] — Oh

157: estas coisas] estas cousas

E então indignavam-se, falavam dos republicanos, e dos maçons; que os homens novos desacreditavam a Igreja, o clero, os bispos, e faziam sociedades secretas. O cónego queria para os revolucionários a cadeia, Amaro pedia a forca.

— Não fazem senão caluniar-nos, dizia ele, exclamando.

— Caluniam-nos, caluniam-nos, ponderava gravemente o cónego.

Mas arredaram-se, porque vinham da Rua do Alecrim duas senhoras, mãe e filha, segundo parecia.

E a menina, delgada, anémica, pálida, com o corpo curvado, os vestidos tufados por trás, botinas com salto erguido, caminhava balançando-se.

— Cáspite! disse o cónego. Hem! seu padre Amaro?! Que tal!

— Nada! Nada! Já lá vai o tempo, disse Amaro rindo, e enrolava o cigarro.

E chegando-se ao ouvido do cónego, disse-lhe, risonho, malicioso:

— Já não as confesso senão casadas! Chut!

O cónego assim o ouvira. Então indignaram-se contra essa turba de
 165 maçons, de republicanos, de socialistas, gente que quer a destruição de
 tudo o que é respeitável — o clero, a instrução religiosa, a família, o
 exército e a riqueza... Ah! A sociedade estava ameaçada por monstros
 desencadeados! Eram necessárias as antigas repressões, a masmorra e a
 força. Sobretudo inspirar aos homens a fé e o respeito pelo sacerdote.

170 — Aí é que está o mal, disse Amaro, é que nos não respeitam! Não
 fazem senão desacreditar-nos... Destroem no povo a veneração pelo sa-
 cerdócio...

— Caluniam-nos infamemente, disse num tom profundo o cónego.

Então junto deles passaram duas senhoras, uma já de cabelos bran-
 175 cos, o ar muito nobre; a outra, uma criaturinha delgada e pálida, de
 olheiras batidas, os cotovelos agudos colados a uma cinta de esterilidade,
pouff enorme no vestido, cuia forte, tacões de palmo.

— Cáspite! disse o cónego baixo, tocando o cotovelo do colega. Hem,
 seu padre Amaro?... Aquilo é que você queria confessar:

180 — Já lá vai o tempo, padre-mestre, disse o pároco rindo, já as não
 confesso senão casadas!

O cónego abandonou-se um momento a uma grande hilaridade; mas
 retomou o seu ar ponderoso de padre obeso, vendo Amaro tirar profun-
 damente o chapéu a um cavalheiro de bigode grisalho e óculos de ouro,
 185 que entrava na praça, do lado do Loreto, com o charuto cravado nos
 dentes e o guarda-sol debaixo do braço.

Era o senhor conde de Ribamar. Adiantou-se com bonomia para os
 dois sacerdotes; e Amaro, descoberto e perfilado, apresentou «o seu amigo,
 o senhor cónego Dias, da Sé de Leiria». Conversaram um momento da
 190 estação, que já ia quente. Depois o padre Amaro falou dos últimos tele-
 grammas.

— Que diz Vossa Excelência a estas coisas de França, senhor conde?

O estadista agitou as mãos, numa desolação que lhe assombreava a
 face:

195 — Nem me fale nisso, senhor padre Amaro, nem me fale nisso...
 Ver meia dúzia de bandidos destruir Paris... O meu Paris!... Creiam Vossas
 Senhorias que tenho estado doente.

178: — Cáspite!) — Cáspite.

187-8: os dois] os deux

192: estas coisas] estas cousas

193: agitou as mãos,] agitou a mão.

Os dois sacerdotes, com uma expressão consternada, uniram-se à dor do estadista.

200 E então o cónego:

— E qual pensa Vossa Excelência que será o resultado?

O senhor conde de Ribamar, com pausa, em palavras que safam devagar, sobrecarregadas do peso das ideias, disse:

205 — O resultado?... Não é difícil prevê-lo. Quando se tem alguma experiência da História e da Política, o resultado de tudo isto vê-se distintamente. Tão distintamente como os vejo a Vossas Senhorias.

Os dois sacerdotes pendiam dos lábios proféticos do homem de governo.

210 — Sufocada a insurreição — continuou o senhor conde olhando a direito diante de si com o dedo no ar, como seguindo, apontando os futuros históricos que a sua pupila, ajudada pelos óculos de ouro, penetrava — sufocada a insurreição, dentro de três meses temos de novo o império... Se Vossas Senhorias tivessem visto como eu uma recepção nas Tulherias ou no Hotel de Ville, nos tempos do império, haviam de dizer, como eu, que a França é profundamente imperialista e só imperialista... 215 Temos pois Napoleão III: ou talvez ele abdique, e a imperatriz tome a regência na menoridade do príncipe imperial... Eu aconselharia antes, e já o fiz saber, que era esta talvez a solução mais prudente. Como consequência imediata temos o Papa em Roma outra vez senhor do poder 220 temporal... Eu, a falar a verdade, e já o fiz saber, não aprovo uma restauração papal. Mas eu não lhes estou aqui a dizer o que aprovo, ou o que reprovo. Felizmente não sou o dono da Europa... Seria um encargo superior à minha idade e às minhas enfermidades. Estou a dizer o que a minha experiência da Política e da História me aponta como certo... Dizia eu...? Ah! A imperatriz no trono de França, Pio Nono no trono de Roma, 225 aí temos a democracia esmagada entre estas duas forças sublimes, e creiam Vossas Senhorias um homem que conhece a sua Europa e os elementos de que se compõe a sociedade moderna, creiam que depois deste exemplo da Comuna não se torna a ouvir falar de república, nem de questão 230 social, nem de povo, nestes cem anos mais chegados!...

198: Os dois] Os dois

207: Os dois] Os dois

214: dizer.] dizer

219: Roma] Roma.

225: eu...?] eu?...

229: Comuna] Comuna.

— Deus Nosso Senhor o ouça, senhor conde, fez com unção o cónego.

235 Mas Amaro, radiante de se achar ali, numa praça de Lisboa, em conversação íntima com um estadista ilustre, perguntou ainda, pondo nas palavras uma ansiedade de conservador assustado:

— E crê Vossa Excelência que essas ideias de república, de materialismo, se possam espalhar entre nós?

O conde riu: e dizia, caminhando entre os dois padres, até quase junto das grades que cercam a estátua de Luís de Camões:

240 — Não lhes dê isso cuidado, meus senhores, não lhes dê isso cuidado! É possível que haja aí um ou dois esturrados que se queixem, digam tolices sobre a decadência de Portugal, e que estamos num marasmo, e que vamos caindo no embrutecimento, e que isto assim não pode durar dez anos, etc., etc. Baboseiras!...

245 Tinha-se encostado quase às grades da estátua, e tomando uma atitude de confiança:

— A verdade, meus senhores, é que os estrangeiros invejam-nos... E o que vou a dizer não é para lisonjear a Vossas Senhorias: mas enquanto neste país houver sacerdotes respeitáveis como Vossas Senhorias, Portugal há-de manter com dignidade o seu lugar na Europa! Porque a fé, meus senhores, é a base da ordem!

— Sem dúvida, senhor conde, sem dúvida, disseram com força os dois sacerdotes.

255 — Senão, vejam Vossas Senhorias isto! Que paz, que animação, que prosperidade!

E com um grande gesto mostrava-lhes o Largo do Loreto, que àquela hora, num fim de tarde serena, concentrava a vida da cidade. Tipóias vazias rodavam devagar; pares de senhoras passavam, de cuia cheia e tação alto, com os movimentos derreados, a palidez clorótica dum degeneração de raça; nalguma magra pileca, ia trotando algum moço de nome histórico, com a face ainda esverdeada da noitada de vinho; pelos bancos da praça gente estirava-se num torpor de vadiagem; um carro de bois, aos solavancos sobre as suas altas rodas, era como o símbolo de agriculturas atrasadas de séculos; fadistas gingavam, de cigarro nos dentes; algum

238: os dois] os dois

241: ou dois] ou dois

248: vou a dizer] vou dizer

252-3: os dois] os dois

265 burguês enfastiado lia nos cartazes o anúncio de operetas obsoletas; nas
faces enfezadas de operários havia como a personificação das indústrias
moribundas... E todo este mundo decrépito se movia lentamente, sob
um céu lustroso de clima rico, entre garotos apregoando a lotaria e a
batota pública, e rapazitos de voz plangente oferecendo o *Jornal das*
270 *pequenas novidades*: e iam, num vagar madraço, entre o largo onde se
erguiam duas fachadas tristes de igreja, e o renque comprido das casarias
da praça onde brilhavam três tabuletas de casas de penhores, negrejavam
quatro entradas de taberna, e desembocavam, com um tom sujo de esgoto
aberto, as vielas de todo um bairro de prostituição e de crime.

275 — Vejam, ia dizendo o conde: vejam toda esta paz, esta prosperidade,
este contentamento... Meus senhores, não admira realmente que sejamos
a inveja da Europa!

E o homem de Estado, os dois homens de religião, todos três em
linha, junto às grades do monumento, gozavam de cabeça alta esta cer-
280 teza gloriosa da grandeza do seu país, — ali ao pé daquele pedestal, sob
o frio olhar de bronze do velho poeta, erecto e nobre, com os seus lar-
gos ombros de cavaleiro forte, a epopeia sobre o coração, a espada firme,
cercado dos cronistas e dos poetas heróicos da antiga pátria — pátria para
sempre passada, memória quase perdida!

Outubro 1878 — Outubro 1879.

Notas bibliográficas

Eça de Queirós

- 1845 25 de Novembro: nasce na Póvoa de Varzim. 1 de Dezembro: é baptizado em Vila do Conde.
- 1866 Forma-se em Direito e inicia a colaboração na *Gazeta de Portugal* (Lisboa).
- 1867 Director d'*O Distrito de Évora*. Prossegue a colaboração na *Gazeta de Portugal*.
- 1869 Participa com Antero de Quental e Jaime Batalha Reis na criação de Carlos Fradique Mendes. Viagem ao Egipto e à Palestina.
- 1870 Administrador do concelho de Leiria. Publicação d'*O Mistério da Estrada de Sintra* (em co-autoria com Ramalho Ortigão).
- 1871 Início da publicação d'*As Farpas* (em co-autoria com Ramalho Ortigão). Participação nas Conferências do Casino (Junho), com uma intervenção provavelmente intitulada *A Literatura Nova (o Realismo como Nova Expressão da Arte)*.
- 1872 Cônsul de Portugal nas Antilhas espanholas (Cuba).
- 1874 Publica o conto «Singularidades duma Rapariga Loura». Parte para Newcastle (Dezembro).
- 1875 É publicado *O Crime do Padre Amaro* (1.ª versão) na *Revista Ocidental* (Lisboa), em versões portuguesa e espanhola. Inicia a revisão deste romance.
- 1876 Publica a segunda versão d'*O Crime do Padre Amaro* em livro e prepara *O Primo Bazílio*. Reimprime-se, na revista *República das Letras* (São Paulo), parte da 1.ª versão d'*O Crime do Padre Amaro*.
- 1877 Concebe e comunica ao editor o projecto das «Cenas da Vida Real», depois designadas «Cenas da Vida Portuguesa» e «Cenas Portuguesas».
- 1878 Publicação d'*O Primo Bazílio* (1.ª e 2.ª edições). Muda-se para Bristol. Edição clandestina d'*O Crime do Padre Amaro* (2.ª versão), no Rio de Janeiro.
- 1880 Publicação da terceira versão d'*O Crime do Padre Amaro* (2.ª edição em livro) e d'*O Mandarin*.
- 1882-84 Publica-se em Madrid uma versão espanhola, em dois volumes, d'*O Crime do Padre Amaro: El Crimen de un Clérigo e El Padre Amaro. Segunda Parte de El Crimen de un Clérigo*.

Notas biobibliográficas

- 1884 Publicação da 2.ª edição d'*O Mistério da Estrada de Sintra*.
- 1886 Casamento com D. Emília de Castro Pamplona.
- 1887 Publicação d'*A Relíquia*.
- 1888 Publicação d'*Os Maias* e d'*A Correspondência de Fradique Mendes* (*Gazeta de Notícias* e *O Repórter*). Muda-se para Paris.
- 1889 Começa a ser publicada a *Revista de Portugal*. Publicação, nessa revista, de cartas de Fradique Mendes. Publicação da 3.ª edição d'*O Crime do Padre Amaro*.
- 1890-91 Publicação (dois volumes) de *Uma Campanha Alegre*, com a sua colaboração d'*As Farpas*.
- 1892 Termina a *Revista de Portugal*.
- 1897 Início (Novembro) da publicação d'*A Ilustre Casa de Ramires* (*Revista Moderna*).
- 1900 16 de Agosto: morre em Neuilly. Publicação em livro d'*A Correspondência de Fradique Mendes* e d'*A Ilustre Casa de Ramires*.
- 1901 Publicação d'*A Cidade e as Serras*.
- 1902 Publicação de *Contos* (ed. de Luís de Magalhães).
- 1903 Publicação de *Prosas Bárbaras* (ed. de Luís de Magalhães, com uma introdução de Jaime Batalha Reis).
- 1905 Publicação de *Cartas de Inglaterra* e *Ecos de Paris* (ed. de Luís de Magalhães).
- 1907 Publicação de *Cartas Familiares e Bilhetes de Paris* (ed. de Luís de Magalhães).
- 1909 Publicação de *Notas Contemporâneas* (ed. de Luís de Magalhães).
- 1912 Publicação de *Últimas Páginas* (ed. de Luís de Magalhães).
- 1925 Publicação de *Correspondência, Alves & C.ª, O Conde de Abranhos e A Capital* (ed. de José Maria d'Eça de Queirós, filho).
- 1926 Publicação de *O Egipto. Notas de Viagem* (ed. de José Maria d'Eça de Queirós, filho).
- 1929 Publicação de *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas* (ed. de José Maria d'Eça de Queirós, filho).
- 1940 Publicação de *Cartas de Londres* (ed. de Lopes de Oliveira e Câmara Reis).
- 1944 Publicação de *Cartas de Lisboa* (ed. de Lopes de Oliveira e Câmara Reis).

Notas biobibliográficas

- 1966 Publicação de *Folhas Soltas* (ed. de D. Maria de Eça de Queirós).
- 1980 Publicação d' *A Tragédia da Rua das Flores* (edições divergentes).
- 1983 Publicação de *Correspondência* (dois volumes, ed. de Guilherme de Castilho).
- 1989 Publicação de inéditos do espólio de Eça de Queirós: *A Construção da Narrativa Queirosiana. O Espólio de Eça de Queirós* por Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro.
- 1992 Publicação d' *A Capital!* (ed. crítica por Luiz Fagundes Duarte).
- 1993 Publicação d' *O Mandarim* (ed. crítica por Beatriz Berrini).
- 1994 Publicação de *Alves & C.* (ed. crítica por Luiz Fagundes Duarte e Irene Fialho).
- 1995 Publicação de *Textos de Imprensa VI* (da *Revista de Portugal*) (ed. crítica por Maria Helena Santana).

Notas biobibliográficas

Carlos Reis (Angra do Heroísmo, 1950) é professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Publicou, entre outras, as seguintes obras: *Estatuto e Perspectivas do Narrador na Ficção de Eça de Queirós* (1975), *Introdução à Leitura d'Os Maias* (1978), *O Discurso Ideológico do Neo-Realismo Português* (1983), *Dicionário de Narratologia* (1987, com Ana Cristina M. Lopes), *A Construção da Narrativa Queirosiana* (1989, com Maria do Rosário C. Duarte), *As Conferências do Casino* (1991), *Towards a Semiotics of Ideology* (1993), *História Crítica da Literatura Portuguesa. O Romantismo* (1993, com Maria da Natividade Pires), *O Conhecimento da Literatura* (1995) e *Estudos Queirosianos* (1999). Coordena a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós.

Maria do Rosário Cunha Duarte (Coimbra, 1954) é licenciada em Filologia Românica pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde obteve também o grau de mestre, com uma dissertação intitulada *Molduras: Articulações Externas do Texto Queirosiano* (1994). Publicou, em co-autoria com Carlos Reis, a obra *A Construção da Narrativa Queirosiana* (1989). É assistente da Universidade Aberta (delegação de Coimbra) e membro dos conselhos de redação das revistas *Queirosiana* e *Discursos*. Prepara um doutoramento sobre Eça de Queirós.

© 1999 Carlos Reis, Maria do Rosário Cunha e Imprensa Nacional - Casa da Moeda

*Este volume da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós
foi fotocomposto e impresso nas oficinas gráficas
da Imprensa Nacional-Casa da Moeda
numa tiragem de 1000 exemplares*

*Capa de Rêgo + Associados
a partir de um excerto de «Spray» sobre cartolina, de Eduardo Nery
Modulação Luminosa VIII, 1986, 96 x 64 cm
Colecção do Artista
Concepção tipográfica de Vasco Medeiros Rosa*

*Janetiro 2000
Código 292 203 000
Edição 130 000 896
ISBN 972-27-0982-8
Depósito legal 139 088/99*

